



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Farmácia e Odontologia

BIBLIOTECA

ANUÁRIO

da

FACULDADE de FILOSOFIA
CIÊNCIAS e LETRAS

1950

ANUÁRIO

DA

FACULDADE DE FILOSOFIA
CIÊNCIAS E LETRAS

(Universidade de São Paulo)

1950



SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES

1952

APRESENTAÇÃO

Cumprindo determinação do Exmo. Sr. Diretor, Professor Euripedes Simões de Paula, a *Secção de Publicações* tem a satisfação de apresentar o Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, relativo ao ano de 1950.

Idealizado e realizado num plano inteiramente diverso do que foi seguido pela Faculdade, nas publicações congêneres, relativas aos seus primeiros anos de vida, o volume ora publicado procurou atingir um único objetivo: retratar, de maneira simples, porém exata, as atividades da Instituição que, fundada há dezesseis anos apenas, é hoje a segunda, na Universidade de São Paulo (quanto ao número de matrículas), e cujo renome ultrapassou, há muito, as fronteiras do país.

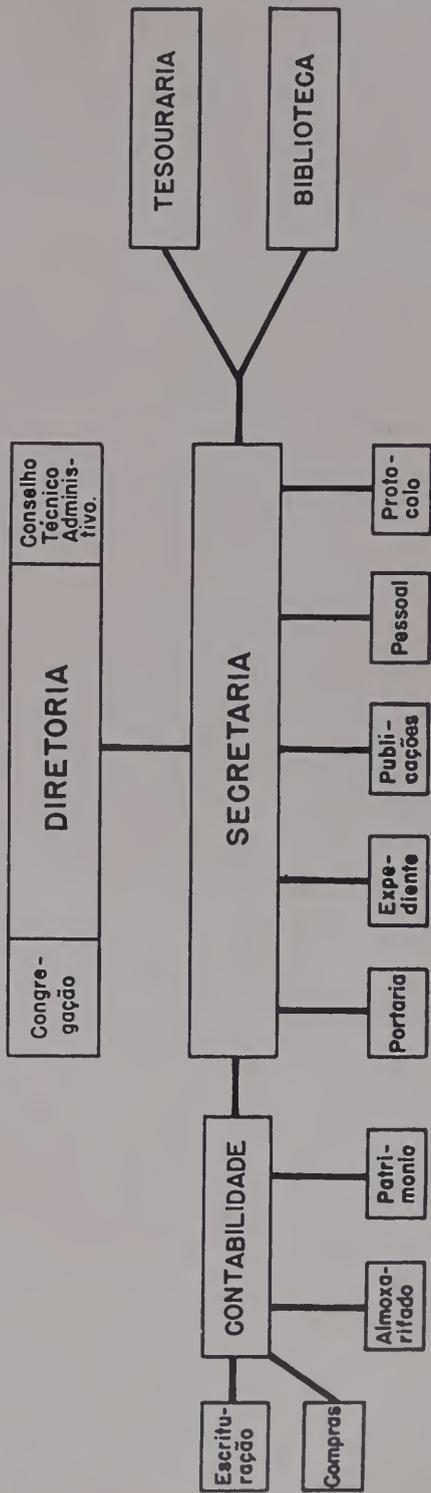
O presente volume refere-se apenas a 1950. Para os anos anteriores, desde 1938 (data da publicação do último Anuário), a *Secção de Publicações* prepara um volume retrospectivo, destinado a preencher êsse claro na história da Faculdade, uma vez que o tempo já transcorrido desde aquêlo ano constitui sério impedimento à realização de um trabalho completo. De agora em diante, a *Secção de Publicações* conta poder, anualmente, editar o Anuário, evitando, tanto quanto estiver ao seu alcance, que se repitam as falhas dos anos anteriores.

A *Secção de Publicações*, criada e organizada pelo Exmo. Sr. Diretor, Prof. Euripedes Simões de Paula, com o objetivo de atender a uma das maiores necessidades da Faculdade, em consequência de seu próprio desenvolvimento, reconhece as dificuldades de um trabalho desta natureza, mas confia na colaboração de todos os Srs. Professôres, e, no que lhe disser respeito, não medirá sacrifícios para que o nome da Faculdade, tão caro a todos os que a ela se acham ligados, se projete, cada vez mais, no cenário cultural de nossa terra.

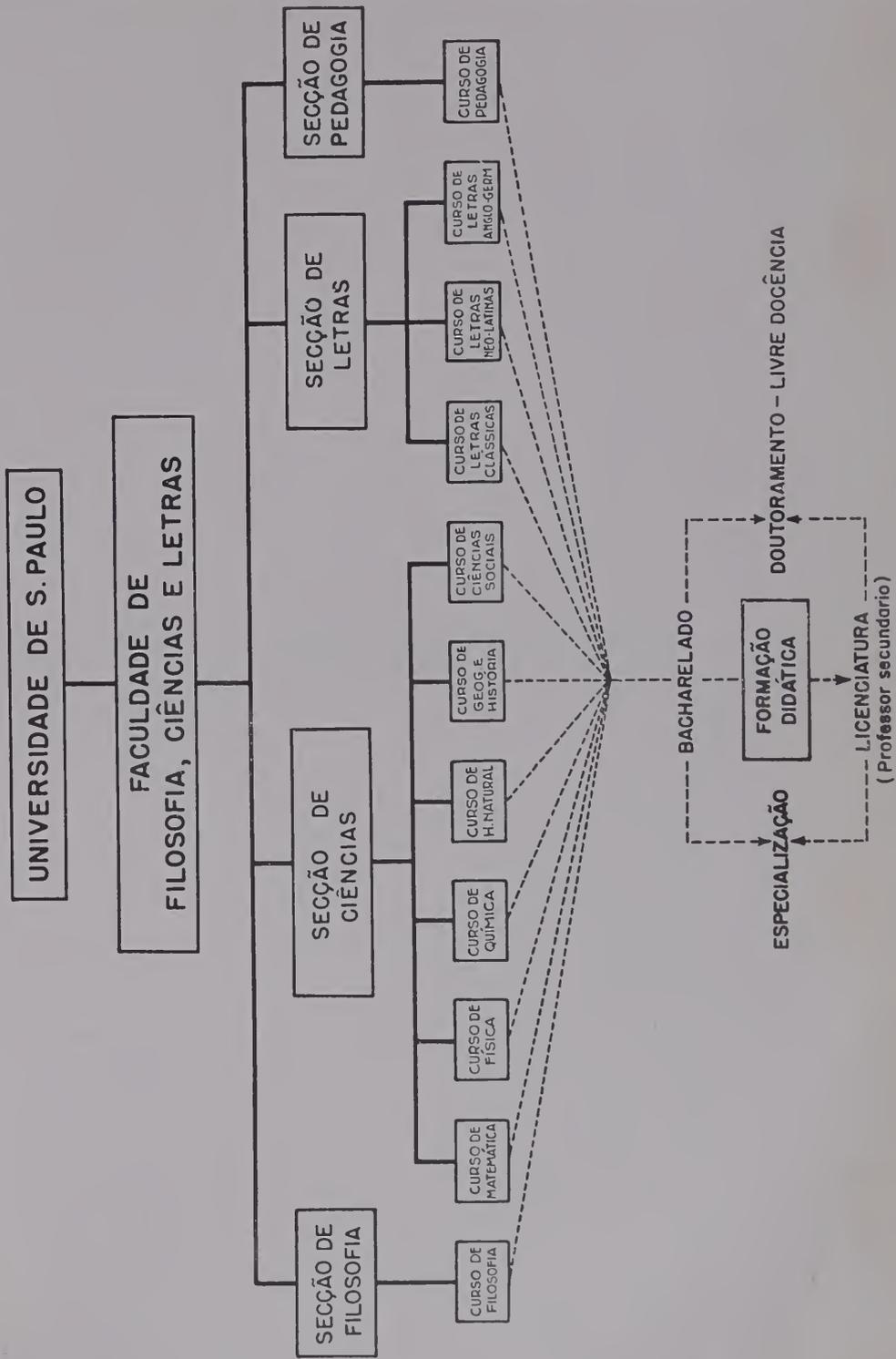
Finalizando, a *Secção de Publicações* sente-se no dever de testemunhar muitos agradecimentos: ao Senhor Diretor, sem cujo apôio, compreensão e colaboração, jamais teria sido possível êste trabalho; aos Senhores Professôres, Assistentes e Auxiliares de Ensino, pelas informações prestadas para a parte mais importante do Anuário — as atividades das Cadeiras e Departamentos — na qual vão transcritos os relatórios enviados; ao Departamento de Cultura da Universidade de São Paulo, pelas informações fornecidas sôbre o trabalho de extensão universitária e intercâmbio cultural; por fim, a tôdas as Secções Administrativas da Faculdade que facilitaram a coleta de dados indispensáveis à elaboração dêste Anuário.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

ADMINISTRAÇÃO:



ORGANIZAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS



I - SECÇÕES E CURSOS

I. SECÇÃO DE FILOSOFIA

Curso de Filosofia

Filosofia (Introdução à Filosofia Geral, Lógica, Ética e Estética)

Psicologia

História da Filosofia

II. SECÇÃO DE CIÊNCIAS

1. Curso de Matemática

Análise Matemática

Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva

Cálculo Vetorial

Complementos de Matemática

Crítica dos Princípios

Física Geral e Experimental

Física Teórica e Matemática

Mecânica Racional e Celeste

Análise Superior

Geometria Superior

2. Curso de Física

Análise Matemática

Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva

Cálculo Vetorial

Física Geral e Experimental

Física Teórica e Matemática

Física Superior

Mecânica Racional e Celeste

3. Curso de Química

Complementos de Matemática

Física Geral e Experimental

Química Geral e Inorgânica

Química Orgânica e Biológica

Química Superior

Química Analítica

Físico-química
Mineralogia

4. Curso de História Natural

Biologia Geral
Zoologia
Botânica
Física Geral e Experimental
Química
Mineralogia e Petrografia
Geologia e Paleontologia
Fisiologia Geral e Animal

5. Curso de Geografia e História

Geografia Física
Geografia Humana
Geografia do Brasil
Antropologia
História da Civilização Antiga e Medieval
História da Civilização Moderna e Contemporânea
História da Civilização Americana
História da Civilização Brasileira
Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani
Elementos de Geologia
Elementos de Cartografia

6. Curso de Ciências Sociais

Complementos de Matemática
Sociologia
Economia Política e História das Doutrinas Econômicas
História da Filosofia
Geografia Humana
Estatística
Psicologia Social
Antropologia
Política
Etnografia
Ética

III. SECÇÃO DE LETRAS

1. Curso de Letras Clássicas

Língua e Literatura Latina
Língua e Literatura Grega

Filologia e Língua Portuguesa
Literatura Portuguesa
Literatura Brasileira
Filologia Românica
Glotologia Clássica
História Greco-Romana

2. Curso de Letras Neolatinas

Língua e Literatura Latina
Filologia e Língua Portuguesa
Literatura Portuguesa
Literatura Brasileira
Filologia Românica
Língua e Literatura Francesa
Língua e Literatura Italiana
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana

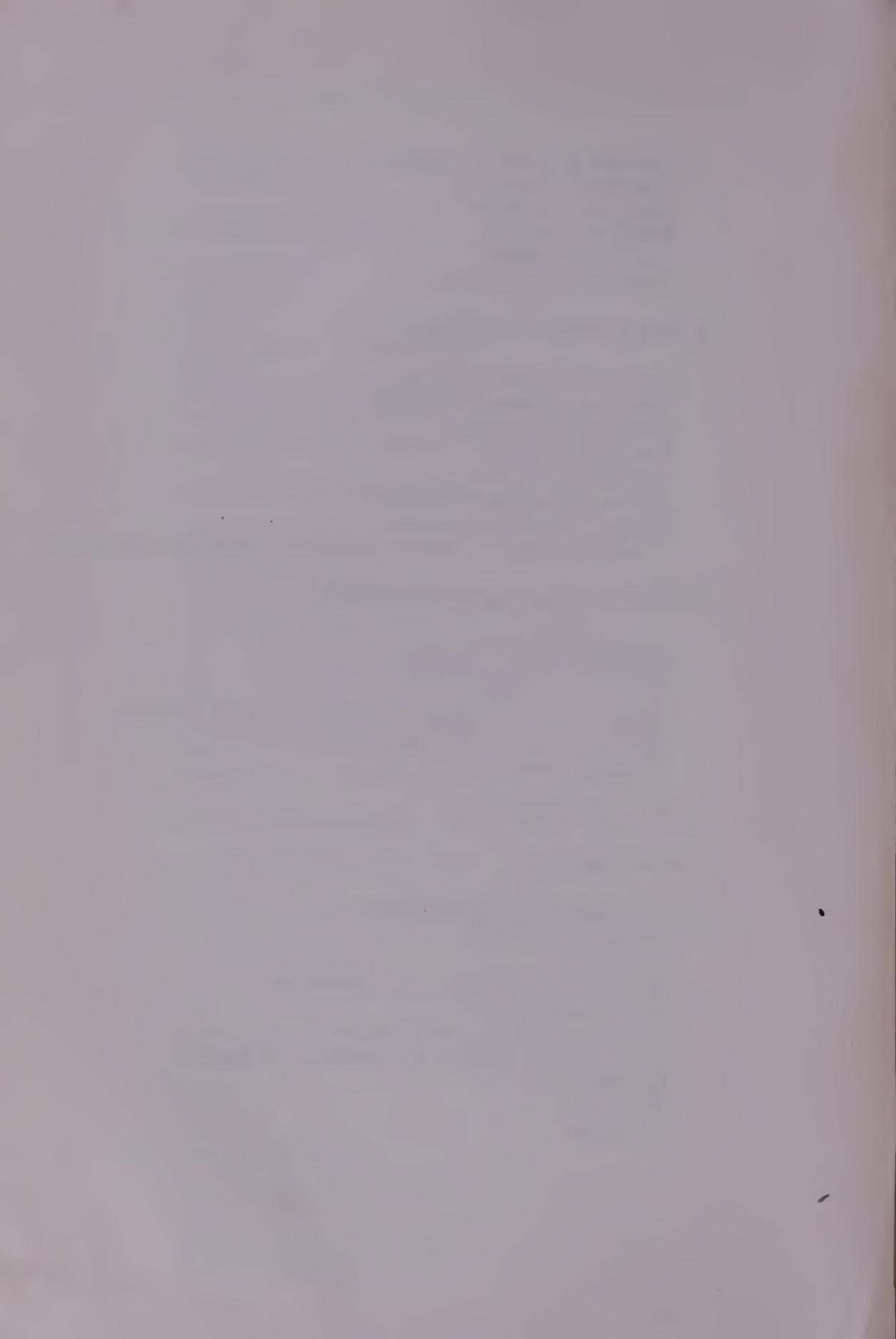
3. Curso de Letras Anglo-Germânicas

Língua e Literatura Latina
Filologia e Língua Portuguesa
Língua e Literatura Alemã
Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana
História da Civilização Medieval
Filologia Germânica

IV. SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Curso de Pedagogia

Complementos de Matemática
História da Filosofia
Sociologia
Fundamentos Biológicos da Educação
Psicologia Educacional
História e Filosofia da Educação
Administração Escolar e Educação Comparada
Higiene Escolar
Estatística
Pedagogia



II - CORPO DOCENTE

PROFESSORES

ABRAHÃO DE MORAES — Licenciado em Ciências Físicas e Matemática — Paulo — Prof. substituto de Mecânica Racional e Mecânica Celeste.

ALFRED BONZON — Licenciado em Letras; Bacharel em Teologia; Diploma de Estudos Superiores de Letras; “Agrége” de Letras — Prof. contratado de Língua e Literatura Francêsa.

ALFREDO ELLIS JUNIOR — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História da Civilização Brasileira.

ALUIZIO DE FARIA COIMBRA — Licenciado em Letras Clássicas; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. contratado de Língua e Literatura Grega.

ANDRÉ DREYFUS — Doutor em Medicina — Prof. catedrático de Biologia Geral.

ANNITA DE CASTILHO E MARCONDES CABRAL — Licenciada em Filosofia e em Ciências Sociais; Mestre em Ciências Sociais; Doutora em Filosofia — Prof. interina de Psicologia.

AROLDO DE AZEVEDO — Licenciado em Geografia e História; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de Geografia do Brasil.

ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História da Civilização Americana.

BENEDITO CASTRUCCI — Licenciado em Ciências Matemáticas; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. interino de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva.

CANDIDO LIMA DA SILVA DIAS — Licenciado em Ciências Matemáticas; Doutor em Ciências — Prof. interino de Geometria Superior.

CHARLES MORAZÉ — Licenciado em Letras; “Agrége” de História — Prof. contratado de Política.

EDISON FARAH — Licenciado em Ciências Matemáticas; Doutor em Ciências — Prof. interino de Análise Superior.

EDUARDO ALCANTARA DE OLIVEIRA — Licenciado em Filosofia e em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Prof. contratado de Estatística (1.^a cadeira).

ÉMILE G. LÉONARD — Doutor em Letras; Prof. da “École des Hautes Études” — Prof. contratado de História da Civilização Moderna e Contemporânea.

EMILIO WILLEMS — Doutor em Filosofia — Prof. contratado de Antropologia.

ERNESTO MARCUS — Doutor em Filosofia — Prof. catedrático de Zoologia.

EURIPEDES SIMÕES DE PAULA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval.

FELIX RAWITSCHER — Doutor em Filosofia — Prof. contratado de Botânica.

FERNANDO DE AZEVEDO — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais; Curso superior de Línguas e Literaturas Clássicas — Prof. catedrático de Sociologia (2.^a cadeira).

FERNANDO FURQUIM DE ALMEIDA — Licenciado em Ciências Matemáticas — Prof. interino de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática.

FIDELINO DE FIGUEIREDO — Diploma de Estudos Superiores de Letras — Prof. contratado de Literatura Portuguêsa.

FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO — Doutor em Direito Canônico — Prof. catedrático de Filologia e Língua Portuguêsa.

GILLES GASTON GRANGER — Licenciado em Filosofia; Diploma de Estudos Superiores de Filosofia; “Agrége” de Filosofia — Prof. contratado de Lógica e Estética.

- HANS STAMMREICH — Doutor em Filosofia — Prof. contratado de Física Superior.
- HEINRICH HAUPTMANN — Doutor em Filosofia — Prof. catedrático de Química Orgânica e Biológica.
- HEINRICH RHEINBOLDT — Doutor em Filosofia — Prof. contratado de Química Geral e Inorgânica e Química Analítica.
- ITALO BETTARELLO — Licenciado em Línguas Estrangeiras — Prof. contratado de Língua e Literatura Italiana.
- JOÃO CRUZ COSTA — Licenciado em Filosofia; Doutor em Filosofia — Prof. interino de Filosofia.
- JOÃO DIAS DA SILVEIRA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Prof. catedrático de Geografia Física.
- JOHN FRANCIS TUOHY — Prof. contratado de Língua e Literatura Inglesa.
- JOSÉ QUERINO RIBEIRO — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Prof. contratado de Administração Escolar e Educação Comparada.
- LIVIO TEIXEIRA — Licenciado em Filosofia; Doutor em Filosofia; Bacharel em Teologia e em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. interino de História da Filosofia.
- LOUIS PAPY — Doutor em Letras; “Agrége” de Geografia — Prof. contratado de Geografia Humana.
- LUIS AMADOR SÁNCHEZ — Bacharel em Direito — Prof. contratado de Língua e Literatura Espanhola.
- MARCELLO DAMY DE SOUZA SANTOS — Licenciado em Ciências Físicas — Prof. contratado de Física Geral e Experimental.
- MARIO DE SOUZA LIMA — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de Literatura Brasileira.
- MARIO SCHENBERG — Licenciado em Ciências Físicas; Engenheiro civil — Prof. catedrático de Mecânica Racional e Mecânica Celeste (em licença).

MILTON DA SILVA RODRIGUES — Engenheiro civil — Prof. catedrático de Estatística (2.^a cadeira).

NOEMY DA SILVEIRA RUDOLFER — Professôra normalista; Diploma de especialização em Psicologia Educacional — Prof. catedrática de Psicologia Educacional.

OMAR CATUNDA — Engenheiro civil — Prof. catedrático de Análise Matemática.

ONOFRE DE ARRUDA PENTEADO JUNIOR — Professor normalista — Prof. catedrático de Didática Geral e Especial.

OSCAR SALA — Licenciado em Física — Prof. contratado de Física Nuclear.

PAUL HUGON — Doutor em Direito — Prof. contratado de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.

PAULO SAWAYA — Doutor em Medicina — Prof. catedrático de Fisiologia Geral e Animal.

PEDRO DE ALMEIDA MOURA — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. contratado de Língua e Literatura Alemã.

PLINIO AYROSA — Engenheiro civil — Prof. catedrático de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani.

ROGER BASTIDE — Licenciado em Filosofia; “Agrége” de Filosofia — Prof. contratado de Sociologia (1.^a cadeira).

ROLDÃO LOPES DE BARROS — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História e Filosofia da Educação.

REYNALDO RAMOS DE SALDANHA DA GAMA — Engenheiro civil — Prof. catedrático de Mineralogia e Petrografia.

SIMÃO MATHIAS — Licenciado em Ciências Químicas; Doutor em Ciências — Prof. contratado de Físico-química.

THEODORO HENRIQUE MAURER JUNIOR — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras; Bacharel em Teologia — Prof. contratado e livre-docente de Filologia Românica.

URBANO CANUTO SOARES — Doutor em Letras — Prof. contratado de Língua e Literatura Latina.

VIKTOR LEINZ — Doutor em Filosofia — Prof. catedrático de Geologia e Paleontologia.

ASSISTENTES

AMELIA AMERICANO DOMINGUES DE CASTRO — Licenciada em Geografia e História; Doutora em Pedagogia — Ass. de Didática Geral e Especial.

ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMÓRA — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras; Livre-docente e Ass. de Literatura Portuguêsa.

ANTONIO BRITO CUNHA — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — Ass. de Biologia Geral.

ANTONIO CANDIDO DE MELLO E SOUZA — Licenciado em Ciências Sociais; Livre-docente de Literatura Brasileira — Ass. de Sociologia (2.^a cadeira).

ARMANDO TONIOLI — Licenciado em Letras Clássicas — Ass. de Língua e Literatura Latina.

ARRIGO L. ANGELINI — Licenciado em Pedagogia — Ass. de Psicologia Educacional.

ARY FRANÇA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Ass. de Geografia Humana.

ASTREA MENNUCCI GIESBRECHT — Licenciada em Química — Ass. de Físico-química.

AYLTHON BRANDÃO JOLY — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Botânica.

CARLOS CORRÊA MASCARO — Licenciado em Ciências Sociais — Ass. de Administração Escolar e Educação Comparada.

CARLOS DRUMOND — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Ass. de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani.

CAROLINA MARTUSCELLI — Licenciada em Pedagogia — Ass. de Psicologia.

CRODOWALDO PAVAN — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Biologia Geral.

DEUSDÁ MAGALHÃES MOTA — Licenciado em Geografia e História — Ass. de História da Civilização Americana.

DINORAH DA SILVEIRA CAMPOS PECORARO — Licenciada em Letras Neolatinas — Ass. de Filologia e Língua Portuguesa.

DIVA DINIZ CORRÊA — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Ass. de Zoologia.

DOMINGOS VALENTE — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Fisiologia Geral e Animal.

EDUARDO D'OLIVEIRA FRANÇA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Ass. de História da Civilização Moderna e Contemporânea.

EGON SCHADEN — Licenciado em Filosofia; Doutor em Ciências — Ass. de Antropologia.

ELINA DE OLIVEIRA SANTOS — Licenciada em Geografia e História — Ass. de Geografia Física.

ELZA FURTADO GOMIDE — Licenciada em Matemática; Doutora em Ciências — Ass. de Análise Matemática.

ENNIO SANDOVAL PEIXOTO — Licenciado em Letras Neolatinas; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Ass. de Língua e Literatura Espanhola.

ERASMO GARCIA MENDES — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Fisiologia Geral e Animal.

ERNESTO GIESBRECHT — Licenciado em Química; Doutor em Ciências — Ass. de Física Geral e Experimental.

FLAVIO AURELIO JOSÉ PUCCI — Licenciado em Ciências Químicas — Ass. de Química Geral e Inorgânica.

FLORESTAN FERNANDES — Licenciado em Ciências Sociais; Mestre em Ciências Sociais — Ass. de Sociologia (2.^a cadeira).

GERALDO DOS SANTOS LIMA FILHO — Licenciado em Matemática — Ass. de Estatística (1.^a cadeira) e de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva.

GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA — Licenciada em Ciências Sociais; Doutora em Ciências — Ass. de Sociologia (1.^a cadeira).

HELIO SCHLITTLER SILVA — Licenciado em Ciências Sociais — Ass. de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.

HYGINO ALIANDRO — Licenciado em Línguas Estrangeiras; Doutor em Letras — Ass. de Língua e Literatura Inglesa.

ISAAC NICOLAU SALUM — Licenciado em Letras Clássicas e em Línguas Estrangeiras; Bacharel em Teologia — Ass. de Filologia Românica.

JAYME TIOMNO — Licenciado em Física; "Master of Arts" — Ass. de Mecânica Racional e Celeste.

JANDYRA FRANÇA BARZAGHI — Licenciada em Ciências Químicas; Doutora em Ciências — Ass. de Química Orgânica e Biológica.

JOÃO BATISTA CASTANHO — Licenciado em Matemática; Doutor em Ciências — Ass. de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática.

JOÃO CUNHA ANDRADE — Licenciado em Filosofia — Ass. de História da Filosofia.

JOSÉ ADERALDO CASTELLO — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras — Ass. de Literatura Brasileira.

JOSÉ FRANCISCO CAMARGO — Licenciado em Filosofia e em Ciências Sociais — Ass. de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.

JOSÉ LAZZARINI JUNIOR — Licenciado em Letras Clássicas — Ass. de Língua e Literatura Grega.

JOSÉ MOACYR VIANNA COUTINHO — Licenciado em História Natural — Ass. de Mineralogia e Petrografia.

JOSÉ RIBEIRO DE ARAUJO FILHO — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Ass. de Geografia do Brasil.

- JOSÉ SEVERO DE CAMARGO PEREIRA** — Licenciado em Pedagogia; Doutor em Pedagogia — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).
- JOSUÉ CAMARGO MENDES** — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências; Livre-docente e Ass. de Geologia e Paleontologia.
- LAERTE RAMOS DE CARVALHO** — Licenciado em Filosofia — Ass. de Filosofia e de História e Filosofia da Educação.
- LINDO FAVA** — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).
- LOURIVAL GOMES MACHADO** — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências; Livre-docente de Política; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Ass. de Política.
- LUCY LACERDA NAZARIO** — Licenciada em Ciências Químicas; Doutora em Ciências — Ass. de Química Orgânica e Biológica.
- LUIZ HENRIQUE JACY MONTEIRO** — Licenciado em Matemática — Ass. de Geometria Superior.
- MADELEINE PERRIER** — Licenciada em Química; Doutora em Ciências — Ass. de Química Geral e Inorgânica.
- MAFALDA P. ZEMELLA** — Licenciada em Geografia e História — Ass. de História da Civilização Brasileira.
- MARCELO DE MOURA CAMPOS** — Licenciado em Química; Doutor em Ciências — Ass. de Química Orgânica e Biológica.
- MARIA DOLORES PEREZ GONZALES** — Licenciada em História Natural; Doutora em Ciências — Ass. de Fisiologia Geral e Animal.
- MARIA JOSÉ DE BARROS FORNARI AGUIRRE** — Licenciada em Pedagogia — Ass. de Psicologia Educacional.
- MARIA JOSÉ GARCIA** — Licenciada em Pedagogia — Ass. de Administração Escolar e Educação Comparada.
- MARIO ALVES GUIMARÃES** — Licenciado em Física; Doutor em Ciências — Ass. de Física Superior.
- MARIO GUIMARÃES FERRI** — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Botânica.

- MARLYSE MEYER — Licenciada em Letras Neolatinas — Ass. de Língua e Literatura Francesa.
- MARTA VANNUCCI — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Ass. de Zoologia.
- MERCEDES RACHID — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Ass. de Botânica.
- MICHEL P. SAWAYA — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Zoologia.
- NAGIB FERES — Licenciado em Ciências Sociais — Ass. de Estatística (1.^a cadeira).
- NATHALIA VOINOFF — Licenciada em Filosofia — Ass. de Psicologia.
- ODETTE LOURENÇÃO — Licenciada em Pedagogia — Ass. de Psicologia Educacional.
- PASCHOAL ERNESTO SENISE — Licenciado em Ciências Químicas; Doutor em Ciências — Ass. de Química Geral e Inorgânica.
- PAULO LEAL FERREIRA — Licenciado em Física — Ass. de Física Teórica e Matemática.
- PAULO SERGIO MAGALHÃES MACEDO — Licenciado em Física — Ass. de Mecânica Racional e Celeste.
- PEDRO MOACYR CAMPOS — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais; Livre-docente e Ass. de História da Civilização Antiga e Medieval.
- RAFAEL GRISI — Licenciado em Filosofia — Ass. de Didática Geral e Especial.
- ROMULO RIBEIRO PIERONI — Licenciado em Ciências Físicas; Doutor em Medicina — Ass. de Física Geral e Experimental.
- ROSINA DE BARROS — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Ass. de Biologia Geral.
- RUY OZORIO DE FREITAS — Licenciado em Geografia e História e em História Natural; Doutor em Ciências — Ass. de Geologia e Paleontologia.

RUY RIBEIRO FRANCO — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Mineralogia e Petrografia.

SETEMBRINO PETRI — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Geologia e Paleontologia.

SYLVIA B. F. DIRICKSON — Licenciada em Letras Anglo-germânicas; Doutora em Letras — Ass. de Língua e Literatura Alemã.

VERA TONETTI — Licenciada em Letras Neolatinas — Ass. de Língua e Literatura Italiana.

WALTER CAMARGO SCHUTZER — Licenciado em Física; Doutor em Ciências — Ass. de Mecânica Racional e Celeste.

WILLIAM GERSON ROLIM DE CAMARGO — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Mineralogia e Petrografia.

ASSISTENTES EFETIVOS DO ANTIGO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, TRANSFERIDOS PARA A FACULDADE

BEATRIZ DE FREITAS WEY — Professôra normalista — Ass. de Psicologia Educacional.

EULALIA ALVES DE SIQUEIRA — Diploma do curso de aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — Ass. de Psicologia Educacional.

JOSEPHINA TALMADGE — Professôra normalista — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).

JUDITH HALLER — Diploma do curso de aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).

MARIA DA CONCEIÇÃO ALMEIDA DIAS BAPTISTA — Professôra normalista — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).

MARIA DA PENHA POMPEU DE TOLEDO — Diploma do curso de aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — Ass. de Psicologia.

NILONTINA GONÇALVES — Professôra normalista — Ass. de Psicologia Educacional.

ZENITH MENDES DA SILVEIRA — Licenciada em Ciências Sociais — Ass. de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.

AUXILIARES DE ENSINO

AIDA COSTA — Licenciada em Letras Clássicas — Aux. de Ens. de Didática Geral e Especial.

ALBERTINO PIASON — Licenciado em Letras Clássicas — Aux. de Ens. de Filologia e Língua Portuguesa.

ALDO JANOTTI — Licenciado em Geografia e História — Aux. de Ens. de História da Civilização Antiga e Medieval.

ANDREA WATAGHIN — Licenciado em Física — Aux. de Ens. de Física Teórica e Matemática.

ANTONIETA BRUNO — Licenciada em História Natural — Aux. de Ens. de Fisiologia Geral e Animal.

ANTONIO ROCHA PENTEADO — Licenciado em Geografia e História — Aux. de Ens. de Geografia do Brasil.

ARISTOTELES ORSINI — Doutor em Medicina; Professor catedrático da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Univ. de São Paulo — Aux. de Ens. de Física Geral e Experimental.

AZIZ NACIB AB' SÁBER — Licenciado em Geografia e História — Aux. de Ens. de Geografia Física.

BERENICE CORRÊA GONÇALVES — Licenciada em Física e em Matemática — Aux. de Ens. de Didática Geral e Especial.

BERTA LANGE DE MORRETES — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Aux. de Ens. de Botânica.

BLANKA WLADISLAW — Licenciada em Química; Doutora em Ciências — Aux. de Ens. de Química Orgânica e Biológica.

EDNA CHAGAS CRUZ — Licenciada em Letras Anglo-germânicas — Aux. de Ens. designada para a Secção de Publicações.

- ELISA DO NASCIMENTO PEREIRA — Licenciada em História Natural — Aux. de Ens. de Biologia Geral.
- GEORGE SCHWACHHEIN — Licenciado em Física — Aux. de Ens. de Física Teórica e Matemática.
- GERALDO DE ALMEIDA VIDAL — Licenciado em Línguas Estrangeiras — Aux. de Ens. de Língua e Literatura Francesa.
- GILDA MARIA REALE — Licenciada em Letras Clássicas — Aux. de Ens. de Língua e Literatura Grega.
- GIOCONDA MUSSOLINI — Licenciada em Ciências Sociais; Mestre em Ciências Sociais — Aux. de Ens. de Antropologia.
- HANS ALBERT MEYER — Curso livre de Física — Aux. de Ens. de Física Teórica e Matemática.
- HILDA PENTEADO DE BARROS — Cursos livres de Letras Clássicas e Línguas Estrangeiras — Aux. de Ens. de Língua e Literatura Grega.
- JOÃO SOUKUP — Cartógrafo — Aux. de Ens. de Geografia Física, encarregado do curso de Cartografia.
- JURN JACOB PHILIPSON — Licenciado em Letras Neolatinas — Aux. de Ens. de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani.
- LINNEU CAMARGO SCHUTZER — Licenciado em Filosofia — Aux. de Ens. de História da Filosofia.
- LUCY RIBEIRO DE MOURA — Licenciada em Letras Neolatinas — Aux. de Ens. de Língua e Literatura Espanhola.
- LUIZ ROBERTO MORAES PITOMBO — Licenciado em Química — Aux. de Ens. de Química Geral e Inorgânica.
- MANOEL CERQUEIRA LEITE — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras; Livre-docente de Literatura Brasileira — Aux. de Ens. designado para a Secção de Publicações.
- MARCO ANTONIO CECCHINI — Licenciado em Química — Aux. de Ens. de Química Geral e Inorgânica.
- MARIA DULCE NOGUEIRA GARCEZ — Licenciada em Filosofia — Aux. de Ens. de Psicologia Educacional.

- MARIA DE LOURDES JOYCE — Licenciada em Geografia e História — Aux. de Ens. de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani.
- MARIA DE LOURDES DE SOUZA RADESCA — Licenciada em Geografia e História — Aux. de Ens. de Geografia Física.
- MARIA DE LOURDES DOS SANTOS MACHADO — Diploma do curso de aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — Aux. de Ens. de Administração Escolar e Educação Comparada.
- MARIA SUZANA DE BARROS ELIEZER — Licenciada em Ciências Sociais — Aux. de Ens. de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.
- MYRIAM ELLIS — Licenciada em Letras Neolatinas — Aux. de Ens. de História da Civilização Brasileira.
- NEWTON FREIRE MAIA — Cirurgião-dentista; Curso livre de Biologia — Aux. de Ens. de Biologia Geral.
- NICE LECOCQ MÜLLER — Licenciada em Geografia e História; Doutora em Ciências — Aux. de Ens. de Geografia Humana.
- PAULA BEIGUELMANN — Licenciada em Ciências Sociais — Aux. de Ens. de Política.
- RAIL GEBARA — Licenciada em História Natural — Aux. de Ens. de Didática Geral e Especial.
- RENATO SILVEIRA MENDES — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Aux. de Ens. de Geografia Humana.
- ROZENDO SAMPAIO GARCIA — Licenciado em Geografia e História — Aux. de Ens. de História da Civilização Americana.
- SEGISMUNDO SPINA — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras — Aux. de Ens. de Literatura Portuguesa.
- SERGIO ESTANISLAU DO AMARAL — Licenciado em História Natural — Aux. de Ens. de Mineralogia e Petrografia.



III - ABERTURA DOS CURSOS

Em sessão solene da Congregação, realizou-se, no dia 15 de março de 1950, a cerimônia da abertura dos Cursos. Nessa mesma ocasião, tomou posse do cargo de Professor Catedrático da XXI Cadeira (Geologia e Paleontologia), o Dr. Viktor Leinz, que foi saudado pelo Prof. Paulo Sawaya. Conforme praxe há muito seguida na Faculdade, coube ao Dr. Viktor Leinz, como Professor Catedrático mais recente, proferir a aula inaugural.

SAUDAÇÃO AO PROFESSOR DR. VIKTOR LEINZ, AO SER RECEBIDO PELA
CONGREGAÇÃO EM SESSÃO SOLENE DE 15-3-1950.

A Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras deliberou que o Professor Viktor Leinz fôsse recebido em sessão solene e o ilustre Diretor desta casa houve por bem indicar-nos para apresentar ao novo colega, em nome de seus pares, as nossas boas vindas. A solenidade festiva que ora presenciamos é excelente sintoma de robustez do corpo que forma, no conjunto, a nossa Faculdade. Quer dizer, a longínqua esperança de quinze anos atrás transformou-se em pujante realidade. Nossa Faculdade de Filosofia, a despeito dos inúmeros óbices que teve de vencer, conseguiu impor-se entre os demais institutos universitários, para o que muito concorreu, sem dúvida, o seu corpo docente, no qual hoje ingressa, em caráter efetivo o Professor Viktor Leinz.

E' costume dizer-se que as cátedras se conquistam, e aqui, entre nós, essa conquista é trabalhosa. A praxe tradicional, herdada das faculdades que mais tarde se reuniram para formar a nossa Universidade, exige para o ingresso à cátedra, concurso de títulos e de provas. Não é conquista fácil, e, no caso do Professor Leinz, foi, como não podia deixar de ser, bem árdua. Aqui, porém, deu-se também o inverso: o Professor Leinz foi conquistado pela Faculdade. A sua reputação de geólogo, de cientista, fêz que a Faculdade o fôsse buscar no Museu Nacional, para continuar entre nós a tradição da Cátedra de Geologia e Paleontologia que, como as demais da Secção de História Natural, se iniciara sob tão auspiciosos augúrios. Como todas as outras dessa Secção, partiu do ponto zero, em 1935, pois todo o seu material era constituído apenas de uma pequena caixa de minerais, a chamada coleção Kranz que, como Professor interino dessa Cadeira, diríamos melhor, de emergência, entregamos ao seu primeiro titular — o Professor Barão Ottorino de Fiore de Crópani — que orientou a Cátedra nos moldes clássicos da Paleontologia. Essa caixa Kranz avultou nas mãos desse Professor que, a despeito das dificulda-

des inerentes às organizações novas, conseguiu dotar a Cadeira de formoso museu, provido de numerosas coleções geológicas e paleontológicas. Veio depois o Professor Luciano Jacques de Moraes, engenheiro de minas, geólogo dos mais ilustres na linha tradicional dos grandes engenheiros de minas brasileiros. Continuou S. Excia. o trabalho do Professor De Fiore e o passou às mãos do joven Professor Kenneth Caster, contratado nos Estados Unidos. S. Excia. manteve o Departamento de Geologia e Paleontologia em constante atividade: enriqueceu as coleções, especialmente a biblioteca; ministrou os cursos especiais; colaborou ativamente em vários setores da vida de nossa Faculdade. Regressando aos Estados Unidos, passou a direção do Departamento ao Professor Viktor Leinz. Foi êste, na realidade, uma conquista da Faculdade. O substancioso currículo do "Doctor Philosophiae Naturalis" de Heidelberg, recomendava-o para o lugar. Ainda na Alemanha, já se havia familiarizado com a América do Sul. As cousas do nosso País não lhe eram de todo estranhas. Nem era — para empregar uma palavra que anda em moda — jejuno em matéria de assuntos brasileiros, pois, especialista na perquirição dos sedimentos oceânicos do Atlântico Sul, estudou as amostras levadas pela expedição "Meteor" que por aqui andou por volta de 1926. Leinz começou a conhecer o Brasil, por assim dizer, "por baixo", examinando o substrato das profundezas do oceano que lhe banha as costas. Dentro em breve haveria de conhecê-lo melhor, ao perscrutar-lhe as profundezas do solo. Na investigação dos sedimentos oceânicos distinguiu-se como cientista sério. Com seus trabalhos adquiriu reputação, o que lhe valeu convite para vir ao Brasil ocupar o cargo de técnico no Departamento Nacional da Produção Mineral. Com seus conhecimentos de geologia e de paleontologia prestou relevantes serviços àquele Departamento. Adquiriu — mais uma conquista do Professor Leinz — posição de relêvo entre os seus colegas. Veio conhecer o nosso País, e a êle se afeiçãoou de tal forma que o adotou como segunda pátria, pois é cidadão brasileiro, desde 1948. Esteve no Rio Grande do Sul supervisionando os trabalhos de mineração do Cobre, do Estanho e do Tungstênio, e ainda conseguiu tempo para tratar dos assuntos carboníferos, de vital importância para o País, na fase aguda da crise dos carburantes, determinada pelo estado de guerra. Em todos êsses trabalhos, Leinz houve-se com tal correção e seriedade, que o seu conceito alcançou nível ímpar entre os responsáveis pela produção mineral entre nós. A recompensa foi a estima e a elevada consideração que grangeou. Alemão de nascimento, tendo vindo ao Brasil a convite do Governo Brasileiro e tendo-se o nosso País declarado em estado de guerra com a Alemanha, Leinz soube corresponder, de forma plena, à confiança nêle depositada. Árduas e ingentes foram as tarefas que se lhe atribuíram, mas como verdadeiro cientista em tôdas elas se houve à altura da confiança que nêle se depositara.

Vaga a Cadeira de Geologia e Paleontologia de nossa Faculdade, seu nome foi apontado por unanimidade para o cargo. Partindo da geologia de laboratório de Heidelberg, onde lhe era dado pensar demoradamente nos grandes problemas geológicos, ao vir para o Brasil, tomou contato com a aplicação dos conhecimentos adquiridos na famosa e centenária Universidade. Aqui veio para pesquisar os sedimentos de petróleo e de carvão, e, de fato, foi essa sua ocupação nos dois primeiros anos de vida entre nós. Naquela época, porém, como ainda agora sucede em muitos setores científicos, o ambiente não comportava especializações, e daí ser êle solicitado por vários setores diferentes. Bem podemos imaginar as dificuldades de Leinz ao sair de um país, como a Alemanha, que atingira um grau tão elevado de especialização em quase todos os ramos da Ciência, onde o número de geólogos era maior que o de todos os nossos cientistas juntos, onde um jovem estudante encontrava campo para dedicar-se, por exemplo, ao estudo dos sedimentos oceânicos de uma região tão distante como a do Atlântico Sul, para vir adaptar-se a ambiente tão diverso do a que se havia habituado. Chegando ao Brasil, encontrou um grupo de engenheiros de minas de valor, afeiçoados à Geologia — uma das ciências de tradição em nossa terra, graças ao núcleo célebre de Ouro Preto. O ambiente de estudo já então não era mais o laboratório bem aparelhado, onde se podia trabalhar com calma e segurança. Um laboratório maior, muito maior, lhe fôra dado: tôda a vasta região brasileira. Bem podemos avaliar, ainda, a diferença entre as suas atividades nas planícies do Sul, onde iria topar com problemas múltiplos, cuja solução se requeria pronta e imediata, muitas vêzes sem os meios adequados à investigação e à pesquisa metódica dos sedimentos petrográficos, por exemplo, dos mares de Toba do Norte da Sumatra, feita no recesso dos laboratórios de Heidelberg. Bem podemos ainda imaginar a sua atividade nas terras, não direi inóspitas, mas, certamente, não muito hospitaleiras das florestas do Amapá, para onde se transferiu a convite do governador do novo território, afim de efetuar o levantamento dos recursos minerais daquela região. Não há dúvida que haveriam de ser bem diversas as condições nas grotas e nos socavões do Amapá, em comparação com os laboratórios da Universidade centenária. Se difíceis foram seus trabalhos, opulenta foi sua experiência. Não obstante a grande diversidade das condições dos encargos que o cumularam, continuou com o mesmo afã a dedicar-se à pesquisa científica, produzindo trabalhos de valor, a enriquecer o seu curriculum. Quando se quiser um exemplo do quanto é ocioso e impertinente estabelecer diferenças entre ciência pura e ciência aplicada, os trabalhos de Leinz poderão ser trazidos a capítulo. A frase lapidar de Houssay merece aqui ser lembrada: “Não há *ciência aplicada*, mas aplicação das ciências. Cultivando as chamadas ciências puras, descobrem-se suas aplicações”. Dentre as consequências da última guerra, diz Frank B. Jewett, da Academia Nacio-

nal de Ciências dos Estados Unidos, notam-se a maior generosidade dos governos em amparar as investigações científicas e o desaparecimento das barreiras que existiam entre os homens de ciência interessados primeiramente na pesquisa fundamental e os mais interessados na ciência aplicada. Para que ambos produzam alguma coisa necessário será o emprêgo de métodos precisos, tão rigorosos para um como outro investigador. E os métodos que Leinz empregou em suas investigações em Heidelberg não foram mais precisos, ou melhor, não foram mais “científicos”, que os adotados na sua geologia de campo. Tão importantes foram os resultados daqueles como os dêstes. A Ciência é uma só, que usa um só método — o científico. Se os resultados obtidos têm imediata aplicação às necessidades da vida diária, ou não encontram pronta aplicação prática, isso é cousa bem diversa.

Pois bem, pelos seus trabalhos e pelas suas qualidades pedagógicas — hoje melhor conhecidas — a nossa Faculdade procurou atrair o jovem pesquisador de Heidelberg. Tendo-se dado bem no país, decidiu galgar à cátedra e não teve dúvidas em submeter-se às provas do concurso. Êste, como os demais que se têm realizado entre nós, apresenta duas características primaciais que o definem até com certa precisão: os títulos e a tese. O tema escolhido e elaborado em consonância com suas tendências peculiares, demonstrou à saciedade a fibra do pesquisador. Mas para alguém se submeter a concurso entre nós, não basta uma série de trabalhos realizados com rigor científico; é indispensável, além disso, que o candidato demonstre ser capaz de efetuar pesquisa original. Os títulos do candidato já eram sobejamente conhecidos. Neste particular peço vênica para pequenino reparo. Felizmente entre nós, o conceito de títulos num concurso cada vez mais se restringe aos trabalhos publicados. As simples indicações de cargos, as posições ocupadas por nomeações de favor, às quais nem sempre é alheia a política partidária, já vão sendo relegadas, felizmente, para segundo plano. A questão é que, segundo as normas do concurso, a banca deve examinar todos os títulos, de certo modo perfunctòriamente, pois, muitas vêzes, o prazo de que dispõe para isso não vai além de 24 horas. E’ natural, pois, que, nessas condições, a comissão se impressione pelo número de páginas escritas. Isso quer dizer que Roentgen, com a página e meia em que descreveu a sua famosa descoberta dos raios X, seria reprovado num concurso entre nós. Felizmente a nossa Faculdade introduziu, no regulamento dos concursos, a obrigatoriedade de um relatório escrito sôbre os títulos, feito pelos examinadores, de sorte que êstes devem ler os trabalhos e sôbre êles dar o seu parecer.

O concurso, com tanto brilho superado pelo Professor Viktor Leinz, já estava, como se vê, definido pelos títulos e pela tese. E aos seus já numerosos títulos pôde êle ajuntar mais um — o de Professor Catedrático.

Lembramos, porém, que o ter ganho uma Cátedra não significa o ápice de uma carreira universitária. O título de Professor Catedrático será de valia se fôr alicerçado por trabalhos de valor, e o Professor, para ser digno do título, só se recomendará pelo que houver produzido no domínio de sua especialidade e pelos discípulos que formar na Escola que passou a chefiar.

Infelizmente, ainda, entre nós, às vêzes, a conquista de uma Cátedra representa o final de uma carreira. A Cadeira na qual o professor se assenta constitui a meta extrema. Estiola-se a sua atividade. O cargo tão árduamente conquistado, passará a ser, então, verdadeira sinecura.

Houve alguém que, tendo vindo de fora, de país estrangeiro, e havendo-se familiarizado com os nossos métodos de promover os Professôres às Cátedras, por meio de concurso de títulos e de provas, em que a bôa memória é, não raro, fator preponderante, afirmou ser o concurso tão penoso, tão cansativo, que nêle o candidato dispende tôdas as fôrças que possui e... se exaure... e não consegue readquiri-las, mesmo depois da posse da Cátedra. Que é difícil, penoso e árduo, todos os que passaram pelo crivo de um concurso, bem o poderão dizer. Mas a causa da improdutividade de uma Cátedra não estará, por certo, no esforço dispendido para conquistá-la. A falsa concepção do título de Professor Catedrático e a superestimação dêste mesmo título, concorrem para a esterilidade das Cátedras. Mesmo nos dias de hoje não faltará quem julgue que os diplomas e os cargos conferem ciência aos seus portadores.

Graças a Deus, vai rareando em nossa Universidade o Professor que apenas publicou um trabalho em tôda a sua vida, isto é, quando se candidatou ao concurso: a tese, e depois, na atividade professoral, se limitou apenas a repetir o que todos podem ler nos tratados e nos compêndios escolares, ou mesmo a nivelar-se às famosas "sebentas". Isso não impede que haja bons repetidores, que transformam suas aulas em verdadeiras conferências, mas que jamais chegam a ser Mestres na lídima expressão do têrmo. Não investigam, não criam, não formam escola. Os discípulos não os acompanham, e, freqüentemente, não os estimam, nem os respeitam, porque um bom compêndio da matéria os substitui com vantagens, por vêzes. Tais Professôres superestimam o título de Professor Catedrático.

As gerações novas, felizmente, são mais exigentes. O Professor vale pelo que produz. Já há um estímulo entre os Catedráticos, estímulo êsse que tem muito de sua origem na competição que trouxe a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras com o seu corpo de Professôres estrangeiros e nacionais, que muito concorreu para renovar a mentalidade então reinante. Já se distinguem os Professôres que, mesmo dentro da cômoda vitaliciedade garantida pela Constituição, se dão ao trabalho da pesquisa e porfiam em fazer escola na sua especialidade. Mesmo com os recursos por vêzes minguados que lhe

são conferidos pela pequenez das verbas disponíveis, conseguem realizar algo de valor que repercute em nosso país e no estrangeiro.

A Universidade de S. Paulo é um centro de cultura que chama a atenção de outros Estados e de outros Países da América do Sul, do Norte e da Europa. Isso se dá devido, não ao número de Professores Catedráticos, mas aos Professores Catedráticos que porfiam em valorizar cada vez mais o título que conquistaram. Já temos pesquisadores que, embora ainda não detentores de uma cátedra, grangearam, pelas suas investigações, renome internacional. Já nos disse Houssay que “uma Universidade que não investigar terá hierarquia subalterna. O professorado que não investigar será de qualidade inferior, como o serão seus alunos e graduados. A experiência mundial demonstra que os melhores profissionais, especialistas e técnicos são discípulos de investigadores em plena atividade”. “Mas investigar — diz-nos o grande fisiólogo de Buenos Aires — não é encontrar infinidade de pequenos fatos desconexos; consiste em chegar a demonstrar com precisão algumas conclusões novas e de caráter geral”.

Elevar, pois, o título de Professor Catedrático será a tarefa de todos nós. E estamos certos de que o Professor Leinz ao volver, agora em definitivo, ao ambiente universitário, formará ao lado dos seus pares da Faculdade de Filosofia, pronto a trabalhar para manter bem alto êsse título que obteve com tanto brilho. Detentor de uma Cadeira tão importante, estamos certos de que cultivará bem vivo o interesse pela pesquisa, e conseguirá formar gerações de geólogos para maior grandeza de nossa Pátria.

O geólogo, como diz S. Excia., pode ser considerado o médico das minas. Estudar-lhes as doenças, fazer o diagnóstico e oferecer os dados ao operador, ao engenheiro de minas, no caso, é sua tarefa precípua. Êstes, entre nós, têm sido também geólogos pelo esforço próprio e não poucos são os que adquiriram renome internacional. Mas ao engenheiro de minas incumbe descobrir o veio, fazer a prospecção, iniciar os trabalhos de desentranhar do seio da terra os minerais que deverão ser trabalhados nos diferentes ramos da indústria. Quando tudo corre bem, o engenheiro de minas poderá prosseguir sozinho e obter bons resultados. Ao surgirem, porém, as anormalidades, os desvios, o que poderíamos chamar “a doença das minas”, intervém o geólogo que, juntamente com o seu companheiro, vai estudar as causas do mal, pôr o problema em equação e procurar resolvê-lo. Daí, a estreita colaboração entre geólogos, paleontólogos e os engenheiros de minas. E para nós, é bastante auspicioso termos em Viktor Leinz um profundo conhecedor das necessidades e das arestas de ambas as profissões. Será S. Excia., estamos certos, o Professor de Geologia e de Paleontologia a seguir a máxima de Einstein. Diz o sábio criador da teoria da relatividade: “A arte principal do professor é despertar a alegria na criação e no conhecimento”. Vem a propósito a encantadora alocução que Einstein dirigiu aos seus discípulos: “Meus

meninos, disse o Mestre, tende em mente que as cousas maravilhosas que aprendeis nas escolas são o trabalho de muitas gerações, produzidas pelo esforço entusiasta e pelo labor infinito em tôdas as regiões do mundo. Tudo isto é pôsto em vossas mãos como uma herança a ser recebida, honrada e acrescida que, um dia, com fidelidade, transmitireis aos vossos discípulos. Assim, nós mortais, alcançaremos a imortalidade nas cousas permanentes que criarmos em comum.

Se tiverdes isto sempre presente ao espírito, achareis uma significação na vida e no trabalho, e adquirireis a atitude correta em relação às outras nações e às outras idades”.

Não temos dúvida de que no Departamento de Geologia e de Paleontologia de nossa Faculdade estas diretrizes não serão olvidadas. Esse Departamento, não temos receio de afirmá-lo, será um grande centro de estudos, que manterá relações bem íntimas com os demais Institutos onde a Geologia é cultivada. E para isso temos a garantia da atividade de Viktor Leinz: o Professor que já conquistou seus alunos, que atraiu as simpatias de seus pares e a quem vamos dar, com efusão de alma, as cordiais boas-vindas, com os melhores augúrios para que seja próspera e galardoada de louros a sua carreira universitária. Que Deus o faça feliz, Professor Leinz!

AULA INAUGURAL DO PROF. DR. VIKTOR LEINZ

Condições Geológicas da Ocorrência de Petróleo no Brasil

O petróleo é um produto orgânico originário de vários processos geológicos remotos. Abordaremos, de modo sucinto, êsses processos gerais, para depois discutir as sedes eventuais de sua formação no passado geológico do Brasil.

A formação de uma jazida de petróleo depende, essencialmente, de 4 condições conjuntas, ausente uma das quais não se gerará petróleo economicamente explorável. São estas as condições: 1) Existência de rocha geradora. 2) Existência de rochas-reservatório e rochas protetoras. 3) Ocorrência de processos migratórios. 4) Existência de estruturas acumuladoras (dobramento, etc.).

As 4 condições são atingidas, em geral, por processos geológicos intimamente correlacionados e contínuos. Para sistematizar a descrição, entretanto, podemos tratá-las em separado.

1) *Rocha geradora*: Admite-se, hoje, quase como certo, que a totalidade do petróleo provém de substâncias — vegetais e animais — principalmente oriundas de *biota* planctônicos. A sua deposição se deu lentamente em épocas geológicas passadas, nas orlas marítimas, em mares fechados e lagunas, juntamente com material inorgânico. Em condições especiais, a matéria orgânica associada à argila, calcário e areia não se oxida, conservando-se dispersa no sedimento incluyente.

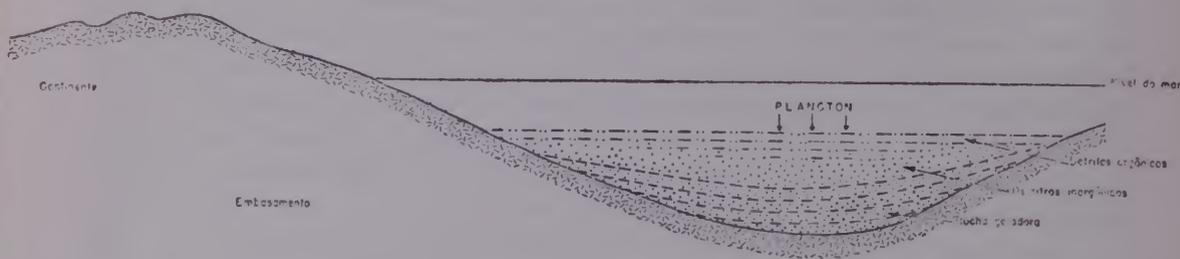


Fig. 1

Em resumo, a rocha-matriz é um sedimento marinho ou intermediário, rico em matéria orgânica. A fig. 1 esquematiza as condições necessárias para a formação de uma rocha-máter. O ambiente é marinho litorâneo, ou o de um mar interior, como o mar Negro. Na Zona superior reina intensa vida planctônica, cujos restos e detritos se sedimentam no fundo. A ausência ou a deficiência de oxigênio no fundo, o que se dá unicamente sob condições especiais, conserva o material orgânico, que é constituído, principalmente, de proteína e substâncias graxosas. Em tal ambiente pobre em oxigênio, a matéria orgânica é protegida da oxidação, como também de uma decomposição bacteriológica intensa. Simultaneamente à chuva de detritos que desce, continuamente, da zona de vida para a região de sepultamento, também se sedimentam detritos inorgânicos tais como: conchas, esqueletos de animais e carapaças de vegetais (diatomáceas), mas também material argilo-arenoso trazido pelos rios do continente. O conjunto constitui um depósito composto de matéria inorgânica e orgânica. Quanto mais tempo perduram as condições citadas, tanto mais espessa se tornará a camada.

2) *Processos migratórios*: A matéria orgânica da rocha geradora deve passar por uma transformação complexa, para que se libertem os hidrocarburetos líquidos (petróleo), por reações químicas e talvez em parte, também, bacteriológicas. O processo inicia-se com o aumento da temperatura e pressão pela superposição de outros sedimentos e é ainda freqüentemente acelerado por movimentos tectônicos de dobramentos da crosta terrestre atingindo a rocha-matriz. Somente assim, forma-se a partir da matéria orgânica o petróleo líquido e, em parte, gases naturais que permanecem ainda altamente dispersos na rocha.

Faz-se mister um processo que leve à acumulação desta substância migradora muito dispersa. Obviamente, é indispensável a exis-

tência de espaço que permita a migração do petróleo da rocha geradora, às vezes, a distâncias consideráveis.

3) *Rocha-reservatório e protetora*: O petróleo depois de formado encontra-se na crosta terrestre não em forma de “rios”, “lagos” e “bolsas”, mas, imiscuido nos interstícios vazios das rochas. É, assim, indispensável a existência de uma rocha rica em poros, que devem ser grandes, numerosos e interconexos. Condições tais ocorrem, geralmente, no caso de sedimento arenoso, areias e seu produto litificado, o *arenito*, em que o volume dos poros representa de 20% até 30% do volume total da rocha. Para estes interstícios migra o petróleo saído da rocha-máter, veiculado por vários agentes tais como: gases também libertados, circulação de água, capilaridade, etc.. Formam-se, assim, camadas com maiores concentrações de *petróleo*. É evidente que a facilidade que conduz o petróleo a ocupar poros de uma rocha-reservatório também facultará a sua marcha inversa, isto é, o seu escoamento, por exemplo, para os poços abertos pelo homem. Pode-se fazer, entretanto, uma ressalva. Para que o petróleo, na sua marcha migratória, não aflore à superfície da terra, onde rapidamente se volatilizaria, deixando apenas produtos pesados, como asfalto, é ainda necessária uma cobertura protetora de rochas impermeáveis que impeçam a sua evasão para a superfície.

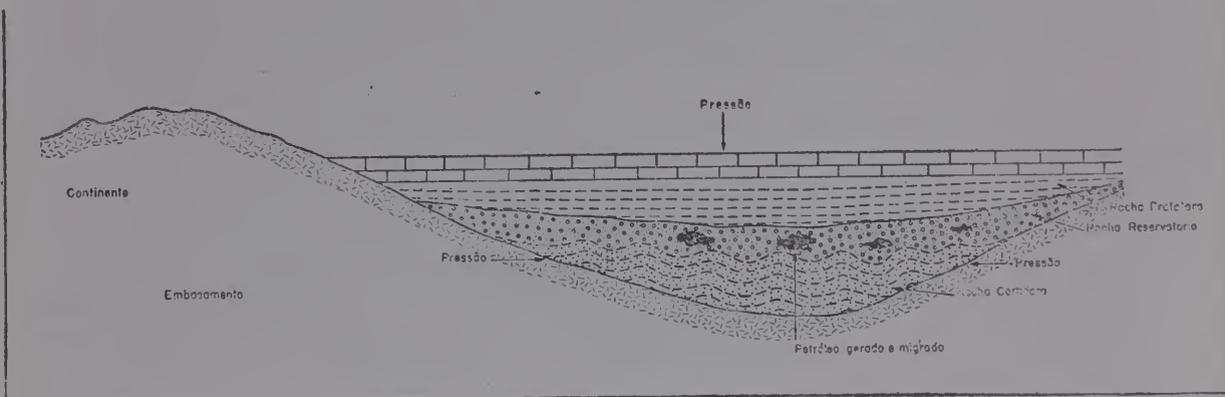


Fig. 2

A fig. 2 exemplifica os conceitos 2 e 3. A rocha geradora acha-se encoberta por depósitos sedimentares sucessivos, gerados no mesmo ambiente do esquema anterior. São, por hipótese, rochas de constituição calcífera mas também arenosas e argilosas.

Sabemos, já, que é indispensável a ocorrência dêstes 2 últimos tipos de rocha, na seqüência acima desenhada. O petróleo gera-se por pressão elevada, acompanhada de elevação de temperatura. O aumento de temperatura realiza-se sempre que uma rocha atinge maiores profundidades. É sabido que na mina de Morro Velho, aos 2.000 metros de profundidade, a temperatura já seria de 60°C, se não conside-

rássemos a refrigeração artificial. O mesmo acontece à rocha geradora. A pressão cresce com o aumento da carga de sedimentos sobrepostos. Assim, quanto maior fôr a espessura dos sedimentos, tanto maior será a possibilidade de a rocha geradora enfrentar um aumento de temperatura e de pressão necessário à liberação do petróleo. Liberta-se, assim, o petróleo como se fôsse distilado em retorta, tendendo a escapar para as regiões de menor pressão, representadas na natureza, pelos interstícios vazios das rochas arenosas; aí, o petróleo em migração encontra alojamento.

Uma camada argilosa e, portanto, impermeável, evita a exudação até a superfície.

Uma outra condição, porém, é ainda necessária.

4) *A existência de estruturas acumuladoras:* Tais estruturas permitem ao petróleo, irregularmente disseminado na rocha-reservatório, acumular-se em certas regiões, formando-se assim concentrações locais. Ocasionam essas estruturas movimentos tectônicos, que inclinam ou dobram camadas petrolíferas originalmente horizontais. Os agentes migratórios, como pressão de gás, pressão orogenética e, principalmente, água, em parte salgada, coadjuvados pela diferença de densidade, conduzem o petróleo para as partes mais altas dessas estruturas.

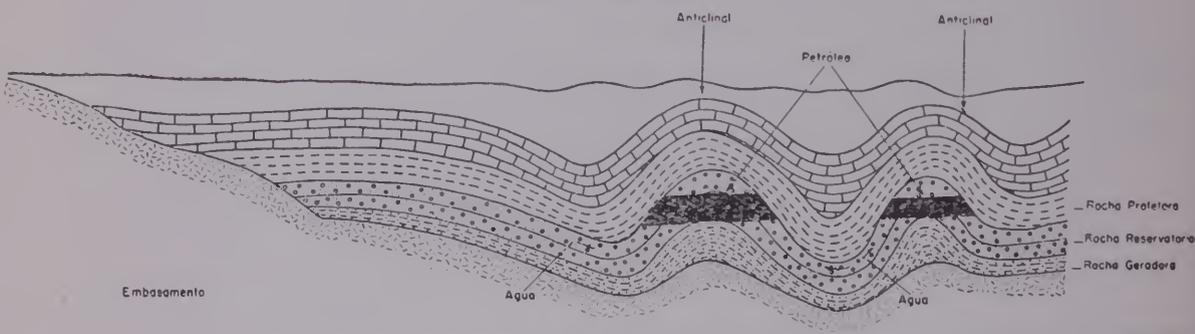


Fig. 3

A fig. 3 ilustra apenas um dos tipos de estrutura, aliás o mais importante dêles — o *anticlinal*. Aqui, as camadas petrolíferas são encurvadas, de tal modo que a parte convexa se volta para a superfície da terra, situando-se o petróleo no tampo e nos flancos das camadas arqueadas. O petróleo é mantido nessa posição favorável, p. ex., pelas águas subterrâneas, subjacentes, sôbre as quais êle “bóia”.

De início, os sedimentos se estratificaram horizontalmente. Movimentos na crosta terrestre, principalmente no sentido tangencial, e idênticos aos que originam os grandes sistemas de montanhas, vieram a amarrotar, dobrar e vergar êstes sedimentos. Por isso, os grandes

campos mundiais de petróleo dos EE.UU., America do Sul, Ásia e Europa situam-se nas vizinhanças dos modernos sistemas de montanhas. Esta circunstância, porém, não exclui a possibilidade de condições adequadas em outras áreas. Mas, sem dúvida, trata-se de regiões privilegiadas.

Mas retornemos ao esquema. O petróleo, irregularmente distribuído, sofre pressão lateral principalmente transmitida pela água subterrânea e tende a evadir-se para o alto; alcança, assim, os pontos mais elevados da camada arenosa, e se não existir a camada protetora, fugirá para a superfície, evaporando-se. Se, porém, ocorrer uma camada impermeável, como supomos no caso, ficará retido. A camada protetora veda a sua ascensão e a água, mais pesada que o petróleo, não lhe permite o escape lateral. Durante a formação do petróleo também se produz, às vezes, gás natural que, igualmente impedido de escoar-se para a superfície, constitui bôlsas semelhantes aprisionadas. No Brasil foi descoberta uma dessas bôlsas em Aratu — perto de Salvador, economicamente explorável.

Frisamos que estas quatro condições devem ser conjuntamente observadas para a existência de uma jazida petrolífera.

Abordaremos agora o caso do Brasil, sem perder de vista a premissa dessas condições indispensáveis. Desejo salientar que o conhecimento geológico de grandes áreas do Brasil é ainda escasso e não vai além do âmbito de largos traços gerais. Devemos assim estar de sobrevivo para enfrentar decepções e, espero também, surpresas favoráveis.

No mapa apresentado (Fig. 4), foram demarcadas grosseiramente as áreas com idênticas possibilidades em relação à ocorrência de petróleo, segundo os conhecimentos atuais. Tomou-se como base um mapa semelhantemente construído por Avelino Ignacio de Oliveira, em 1938, procedendo-se à sua atualização. Não se trata de um mapa geológico comum, que represente as formações geológicas, discriminadas de acôrdo com a sua cronologia, mas de um mapa em que os terrenos geológicos são discriminados sob critério genético.

Área 1 — Abrange quase a metade do território brasileiro. Na sua constituição geológica entram rochas cristalinas, isto é, rochas formadas sob condições de temperatura e pressão elevadas. Mesmo que originalmente pudesse ocorrer alguma rocha geradora, teria sido alterada em era muito remota. Desta região — ou cêrca de 4 milhões de km² de superfície, podemos excluir, com segurança, qualquer possibilidade de petróleo.

Área 2 — Uma vasta região é coberta por sedimentos arenosos de origem exclusivamente terrígena. Estes assentam — tanto quanto sabemos — diretamente sôbre rochas cristalinas e têm espessuras reduzidas. Falta por isso qualquer indício e esperança de uma rocha geradora. Como a fonte normal do petróleo são depósitos ma-

rinhos — e tais rochas faltam na área 2 — podemos afirmar a impossibilidade de existência de petróleo. A área desta zona, sem probabilidade de ocorrência de jazidas de petróleo, estende-se por cerca de 13 milhões de km², perfazendo aproximadamente 14% do território nacional.

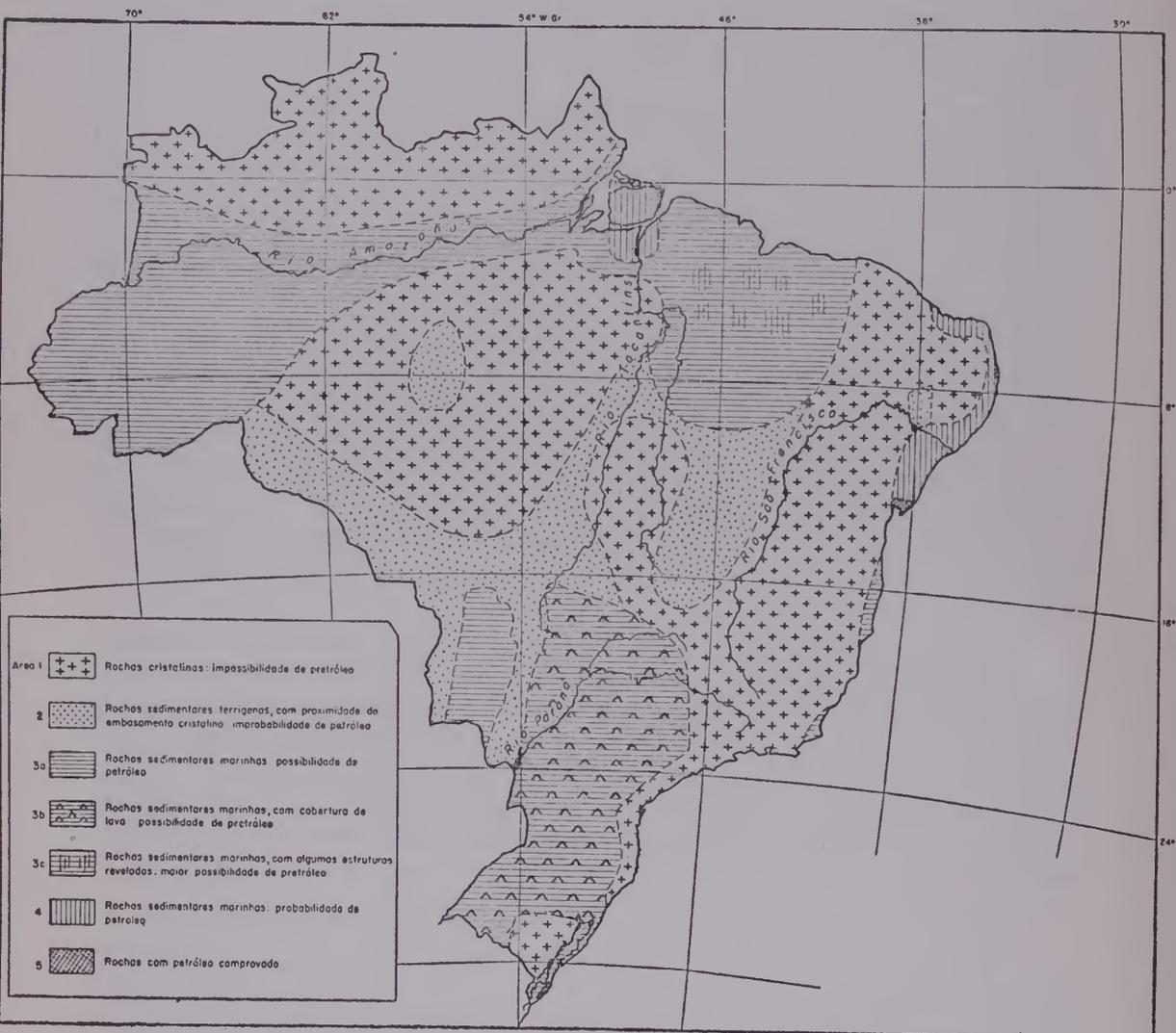


Fig. 4

O território brasileiro restante, isto é, cerca de um terço, é constituído de formações geológicas, as quais poderão possuir, mas não necessariamente, as condições *sine qua non* para a geração de jazidas petrolíferas. Distinguiremos nesta área 3, algumas subdivisões de acordo com o grau do presente conhecimento. A estas sub-áreas são comuns as condições 1 e 2 acima formuladas, sem que se possa por ora afiançar a presença ou a ausência das demais condições.

Sòmente pesquisas geológicas pormenorizadas e dispendiosas confirmarão se esta vasta área ou partes dela podem ser declaradas como promissoras. Quaisquer especulações a respeito são praticamente infrutíferas antes do procedimento de estudos geológicos novos, conscienciosos e demorados.

A sub-área 3a ocupa, principalmente, a bacia amazônica, onde já de há longo tempo se conhecem sedimentos marinhos que poderão conter rochas geradoras. Ocorrem, aí, sedimentos do tipo reservatório. A pesquisa pormenorizada nessa região é dificultada pela ocorrência de depósitos modernos cobrindo as formações subjacentes. Além disso, as condições climáticas, geográficas, etc., são desfavoráveis.

Sabemos apenas que existiram aqui condições para a formação de rocha geradora como também é provável a existência de rochas-reservatório e protetoras. Resta saber se a espessura dos sedimentos superpostos teria sido suficiente para exercer pressões e para elevar a temperatura ao *optimum* exigido para a geração do petróleo. Não é seguro, porém, que essa vasta bacia tenha sido sujeita a movimentos tectônicos capazes de originar estruturas acumuladoras. As circunstâncias podem parecer extremamente simples, mas a localização de tais estruturas é um problema assaz complexo. Quem já viajou por essa região pode imaginar, em parte, as dificuldades.

A sub-área 3b, da qual o Estado de São Paulo faz parte, abrange a bacia do Paraná. Também, aí, há adversidade de fenômenos geológicos que dificultam a investigação geológica das camadas sedimentares. Um vulcanismo gigantesco extravazou lençóis de lava espessos, praticamente sôbre toda a área, ocultando as formações subjacentes e as únicas com possibilidade de petróleo. Só com pesquisas caras e talvez com o emprêgo de métodos ainda a serem criados, será praticável devassar êsse "véu de lava". Em certa época foi essa área pesquisada para petróleo, mas apenas na margem oriental desta bacia, principalmente no Estado de São Paulo. Aí, a espessura dos sedimentos é relativamente pequena e, assim, pouco promissora a expectativa de jazidas de petróleo. Acreditamos que melhores condições possam existir mais para o eixo da bacia, onde, provavelmente, se formaram sedimentos mais espessos e onde poderão existir camadas geradoras que nunca existiram na beira da bacia. Mas, recorde, os lençóis de lava ocultam os sedimentos mais antigos da região, de modo muito eficiente.

A sub-área 3c, que é a mais acessível aos estudos geológicos, situa-se no Piauí-Maranhão. Apresenta sedimentos marinhos, eventuais formações geradoras, e também já revelou estruturas favoráveis. Essa província geológica demonstrou-se, nos últimos anos, assaz promissora.

A província geológica Piauí-Maranhão é um exemplo de deficiência dos nossos conhecimentos básicos da geologia brasileira. Em 1938, Avelino Ignacio de Oliveira considerou-a — por certo baseado

nos conhecimentos da época — como de origem principalmente terrígena, ou desconhecida, e, portanto, de interesse secundário para pesquisas de petróleo. Em 1946 verificou-se não só a ocorrência de sedimentos marinhos importantes (condições 1 e 2), como também já se constatou que esta bacia sofreu certo bacionismo.

Demarcamos ainda no mapa pequenas faixas litorâneas da Baía para o Sul, que possuem, a nosso ver, possibilidades semelhantes.

Na pequena área 4 — em que residem as maiores esperanças, principalmente por ter sido objeto de estudo mais intenso, já foi constatada a coexistência de, no mínimo, 3 das condições básicas. E' a faixa litorânea estreita, que vai da Baía de Todos os Santos até o Rio Grande do Norte. Temos aí, condições geológicas que possibilitam a expectativa das 4 condições exigidas, mas não de modo a prever um "manancial" de petróleo contínuo, e sim, apenas, ocorrências locais de condições mais favoráveis. E' justamente a tarefa do geólogo, em colaboração com o geofísico, desvendar, pelo trabalho demorado, cauteloso e custoso, tais locais encobertos e camuflados na superfície.

Nos dois últimos anos desvendou-se outra fonte de esperança. Trabalhos minuciosos, na embocadura do Amazonas, determinaram uma fossa geológica atingindo até 3.000 metros de profundidade, onde é provável a existência de petróleo. Mas somente sondagens dispendiosas ora em andamento poderão transmutar tal esperança em realidade.

O caso de Marajó é igualmente ilustrativo. Uma região alagadiça, coberta por depósitos muito recentes, não permite qualquer observação direta do *substratum*. Por métodos indiretos (geofísicos), entretanto, conseguiu-se lograr o resultado já referido. Lembro que se necessita usualmente de 3 a 5 anos de estudo, para que da descoberta de uma área promissora se chegue aos estudos finais, que permitam confirmar ou negar a existência de petróleo.

E, finalmente, voltemo-nos para a pequena área 5 ao redor da Baía de Todos os Santos, onde, de fato, foi encontrado petróleo comercialmente interessante. Empreenderam-se aí numerosas perfurações de poços petrolíferos. A reserva comercialmente explorável e pronta para ser explorada é de cerca de 20 milhões de barris ou seja cerca de 3 milhões de m³. Tudo faz crer que, ainda este ano, se não no início do próximo ano, esse petróleo aprisionado no subsolo, seja aproveitado na refinaria em construção, nesses pequenos campos. A produção prevista deve fornecer um produto, satisfazendo, por enquanto, apenas 10% do consumo nacional. Acreditamos, porém, que as áreas hoje somente consideradas como promissoras provarão, dentro em breve, serem também campos petrolíferos. Mesmo na área n.º 3 será possível encontrarem-se regiões onde as 4 exigências sejam preenchidas, mas a determinação desses lugares somente será possível por meio de trabalhos cuidadosos, lentos e caríssimos.

Claro que não se paralisaram as pesquisas geológicas nesse campo. Pelo contrário, intensificaram-se, com o fito de ampliar os conhecimentos e assim tentar a revelação de outras zonas — mais ao norte — próximas às regiões já confirmadamente petrolíferas. E' muito provável que êsses estudos registrem novos campos, ampliando-se as reservas já existentes.

★

Poderia encerrar a aula aqui, mas desejo aproveitar a oportunidade para abordar um assunto de real interêsse para as pesquisas geológicas no Brasil e, especialmente, pesquisas de petróleo.

Lembro que a pesquisa para a localização de jazidas petrolíferas é função essencial do geólogo. São milhares de geólogos que trabalham na geologia do petróleo nos EE. UU., enquanto que aqui no Brasil, são talvez vinte, os que se dedicam a êsse importante problema.

Na grande maioria dos países — e em todos os países com pesquisas adiantadas — os pesquisadores de geologia tanto das instituições oficiais como particulares, provêm das Faculdades de Filosofia e Ciências. No Brasil, por motivos históricos, tais funções são exercidas exclusivamente por engenheiros de minas. Lembramos, porém, que a geologia é uma ciência natural, enquanto que a engenharia de minas requer uma formação específica de engenheiro, na qual a geologia entra apenas como subsídio. Os grandes geólogos brasileiros do passado e de hoje adquiriram o seu cabedal geológico profundo por esforço próprio. Por isso, lembro a conveniência, tanto para as faculdades de ciências quanto para as pesquisas geológicas do Brasil em geral, e em especial do petróleo, de que seja permitido aos alunos das faculdades, com dois anos de especialização em ciências geológicas, após o bacharelado, o acesso oficial às carreiras específicas de geologia já criadas.

IV - ENCERRAMENTO DOS CURSOS

.

No ano letivo de 1950, concluíram o Curso na Faculdade, 8 bacharéis e 129 licenciados.

RELAÇÃO DOS DIPLOMADOS

BACHARÉIS

Curso de Química

Eurico Carvalho Filho
Mario Peña Rocha
Wolfgang Ferdinand Walter

Curso de Geografia e História

Francisco Ambrósio de Miranda

Curso de Ciências Sociais

Glette Alcantara

Curso de Letras Anglo-germânicas

Jairo Bueno
Maria Aparecida Semeghini

Curso de Pedagogia

Maria Aparecida Barbosa

LICENCIADOS

Curso de Filosofia

Dante Moreira Leite
Dinah Rodrigues
Elza dos Santos Lima
Ilza da Cunha Pereira
Ivo Escobar Lima
Paulina Pistrack Nemirovsky
Renato Alberto Teodoro Di Dio

Curso de Matemática

Carlos Benjamin de Lyra
José Barros Neto
Léo Roberto Borges Vieira

Curso de Física

Elly Silva
Jorge Leal Ferreira
José Goldenberg
Roberto Ignazio Maria Guglielmo Forneris

Curso de Química

Aurora Catharina Giora
Haim Jurist
Herbert Cohn
Rebeca Carlota De Angelis

Curso de História Natural

Elza Borges Martins
Flávio Augusto Pereira
Juan Nacur Pereira
Maria de Lourdes Andrade Homem de Montes
Martha Pereira de Castro
Toshico Fujita
Wanda Eugenia Neves

Curso de Geografia e História

Ady Ciocci
Aldo Janotti
Apparecida Salles
Aurora Fernandes Abreu Zaorob
Daisy Nogueira Santos
Elisabeth Maria Montiani
Elza de Abreu
Helena Kohn
José Gori
Maria Luíza Picema
Samoel Alves de Mello
Vera Alice Esteves
Wanda da Motta Silveira
Wanda da Silva Britto
Yvette Judith Riendet

Curso de Ciências Sociais

Adelaide Lisboa
Azis Simão

Duglas Teixeira Monteiro
Edna Beltramini
Iva Borsari
Maria Alice Trani
Michel Haber
Muciano Quintães de Castro
Neusa Amaral
Oliveiros da Silva Ferreira
Szmul Jakub Goldberg
André Fernandes Romera

Curso de Letras Clássicas

Antonio Pimentel de Almeida Castro
Dante Tringalli
Edda Ilza Janotti
Eliana Rosso
Emir Macedo Nogueira
Flávio Traballi Camargo
Francisco Roedas
Maria Helena de Oliveira
Maria Marques Ribeiro
Maria Zilah Pereira Aranha
Mario Franceschini
Ruth Guimarães Botelho
Vando Fiorentini
Vicente Paula Lemos

Curso de Letras Neolatinas

Adolphina Pereira de Campos
Alcidema Franco
Carla Inama
Golda Armel
Haydée Miguel Frayze
Iris Borges Fialho
Izabel de Moraes Oliveira Campos
Ivette Santinho
Laura Amélia Alves Vivona
Laura Prestes
Luiz Geraldo Toledo Machado
Maria Felicia Martino
Maria Thereza Emboaba da Costa
Nelly Corrêa
Szejndla Armel

Curso de Letras Anglo-germânicas

Cyra Lygia Mazza
Eidaldéa Neomisia Magnani Fochi
Erwin Theodor Rosenthal
Heloisa Jardim Moreira
Lais Helena Fernandes Lencastre
Leonore Beatriz Schönmann
Lisette Beatriz Graziani

Maria do Carmo Gregori
Maria Terezinha Croce
Maria Nazareth Gouveia Gallão
Ramon Marba Ruiz Filho
Suzana Cláudia Braga de Souza Kobal
Teresinha Gomes d'Amorim
Yolanda Guimarães Barros

Curso de Pedagogia

Alba Carneiro Vidigal
Amelia Vellini
Angélica Franco
Carmela Fascarelli
Carmen Ferreira Kuchembuck
Dina Salvatori
Dirce Ribeiro de Arruda
Elmira Sanches
Elza de Toledo Fonseca
Enid Castello Martins
Francisca de Medeiros
Francisco de Paula Ferreira
Helena de Arruda Ramos
Hilda de Arruda Toledo
Jandyra Vianna
Lair Fontes Pereira
Lourdes de Carvalho
Lucia Wollet de Mello
Margarida Lisboa Vieira da Cunha
Maria Ferri Soares Veiga
Maria José de Moraes Barros
Maria de Jesus Carreira
Maria Thereza de Barros Santiago
Maria Thereza Welker de Azevedo
Maria Udler
Moysés Brejon
Neuza Andrade Ferreira
Nilce Mejias
Oswaldo de Barros Santos
Ruth Dib Mattar
Ruth Moraes Vasconcellos
Stella Marinho Pompéia
Terezinha de Carvalho Silos
Vera Tallia

A cerimônia de colação de grau realizou-se no Teatro Municipal, a 27 de dezembro, tendo como paraninfo o Prof. Fernando de Azevedo e, como orador da turma, o Licenciando Dante Moreira Leite, do Curso de Filosofia.

DISCURSO DO PARANINFO, PROF. DR. FERNANDO DE AZEVEDO

I

Não há atmosfera intelectual tão impregnada do sentimento de continuidade e de espírito de renovação como esta em que se envolve a

solenidade de hoje, e que, ultrapassando-os, prolonga os mestres nos discípulos e mantém viva a idéia de ligação do passado e do presente, na sucessão ininterrupta de gerações de educadores. Todos aquêles que, no convívio com a mocidade, se habituaram, por fôrça da profissão, a falar-lhe e a escutá-la, não sòmente sofrem o encanto de uma sensibilidade, maleável, fina e acariciante, que nos torna acessíveis às mais ligeiras palpitações de vida, como também experimentam a fôrça dessa corrente de simpatia e de solidariedade que nos impele do respeito profundo do passado à fervorosa aspiração para o progresso do espírito humano. A cada anel que a sociedade forja, nas suas escolas, em tórno dos novos valores, apenas amadurecidos para receber e transmitir a herança cultural de uma civilização, reafirma-se, cada vez mais robusta, a confiança na continuidade de sua existência e de seu desenvolvimento incessante através de gerações.

Mas, se essas tradicionais festas escolares assumem, por isto, o caráter de uma cerimônia ritual, por assim dizer religiosa, com que se alimenta uma fé constante no primado das cousas do espírito e nos fins superiores da vida, traz a solenidade magnífica desta noite um significado particular, verdadeiramente agradável a todos os que empenharam suas fôrças em obter, através da unidade de formação dos mestres, a unidade de espírito nas escolas normais e secundárias do país. Pela complexidade de sua estrutura, pela diversidade de composição de seu corpo docente, pela extensão de suas ramificações, a Faculdade de Filosofia que vcs confere o grau de licenciado, visa, certamente, não estancar nenhuma fonte, levar em conta todos os pontos de vista e despertar o hábito e o gòsto dos horizontes largos. Sem desconhecer, porém, ao contrário encarecendo sempre, dentro de seu papel, a importância crescente da especialização, ela procura desenvolver, pela unidade dos princípios fundamentais e dos métodos de trabalho, como pela consciência cada vez mais viva das conexões dos conhecimentos, o sentido da cultura geral e a compreensão mais nítida de sua necessidade, precisamente para aquêles a quem a sua excelência em alguma dessas especialidades assegura, na vida social, no trabalho científico, no ensino, um papel de direção.

Para essa função primordial de evar, aperfeioar e renovar, de concentrar e difundir a cultura, filosófica, literária e científica, é que se fundou, como parte integrante do sistema universitário, a Faculdade em que terminastes vossos cursos, nas diversas secções de sua vasta e complexa organização. Essa, a missão essencial das Faculdades dêsse tipo, criadas no país, e cuja tarefa se diria reduzir-se, entre nós, à de escolas de nível superior destinadas à formação do magistério secundário. Com ser uma de suas finalidades, não é, como tantas vêzes se tem proclamado, “a única, nem de longe a principal”, a habilitação para o magistério, que tende, sob a pressão de várias circunstâncias, senão a absorver, certamente a dominar as outras funções de suma importância que consistem na crítica, elaboração e criação

de valores espirituais . De fato, incluindo em seu currículo todos os ramos do conhecimento, visa a Faculdade de Filosofia antes de tudo “formar pesquisadores e homens de ciência não só aptos para transmitir a outros a cultura recebida, mas capazes de investigar e de explorar todos êsses domínios do saber humano, conservando e ampliando a herança cultural acumulada através dos séculos”. E’ nela, por isso, que se enxertam, como numa Faculdade-tronco, as demais unidades universitárias, cujas “disciplinas introdutórias, auxiliares ou complementares”, incorporadas em seus respectivos currículos, “pertencem de direito, pelo seu caráter universal, á Faculdade de Filosofia, e nela se devem encontrar completamente autônomas e perfeitamente desenvolvidas”, como ainda recentemente lembrava Paulo Banwarth; é dela que os outros institutos, guardadas as suas finalidades específicas, devem haurir os princípios universais da ciência para os fazer frutificar no campo da aplicação e da especialização profissional; é por ela, entre tôdas as outras escolas superiores, que se elaboram a inter-penetração e a coordenação dos conhecimentos humanos, a unidade de espírito na diversidade dos estudos, a reintegração do saber num tipo de cultura, por cuja influência adquire “essa situação de proeminência”, a que se refere Banwarth, e tende a transformar-se — alma da Universidade — “num foco de irradiação dos princípios da ciência, no centro das pesquisas científicas, na oficina das grandes teorias”, que imprimem rumos novos á civilização.

II

O que defendemos contra as medidas que abaixam o nível dessa cultura, é exatamente uma educação de que resultam a um tempo um acréscimo de fôrça e um afinamento intelectual e moral; é essa cultura que se enriquece e se renova, no seu conceito e no seu conteúdo, com a investigação teórica e com o trabalho de pesquisa e de criação; é essa cultura geral, no sentido verdadeiro e profundo da palavra, que, com a clara consciência das questões essenciais que se põem ao homem e ao cidadão, desenvolve também, naquele que a recebe, a intuição viva das realidades psicológicas e sociais, aptidão ao pensamento abstrato, o interêsse inteligente por tôdas as formas da vida; que lhe dá o hábito de subir sempre do fato, da noção á idéia, a necessidade das vistas de conjunto, como o delicado sentimento das nuances, um juízo crítico sempre alerta, pronto a apanhar os mil aspectos e relações das cousas. Dessas qualidades e de outras que se lhes ligam de perto, pode a própria ciência dispensar-se, entre aquêles que devem, a seu serviço, ser outra cousa que operários? E não é para um povo uma necessidade, pergunta Henri Bernés, possuir, para tôdas as grandes tarefas, elites numerosas de homens assim formados, cujo espírito despertado sôbre todos os interêsses de seu país e de seu tempo, iniciado nas lições do passado, aberto aos exemplos de

fora, possa penetrar de pensamento refletido tôda a vida nacional? Ora, a escola à qual incumbe ministrar ao menino e ao adolescente essa formação-tipo, a um tempo geral e comum, na medida em que lhes permite a natureza, é exatamente a de ensino secundário, para o qual, no exercício de uma de suas funções, vos habilitou a Faculdade de Filosofia, dando-vos a um tempo sólida cultura, literária ou científica, e uma verdadeira preparação profissional.

Mas, a escola secundária, capaz de exercer essa função, na sua plenitude, não é como sabeis e já tendes a experiência, o tipo de escola que encontrareis no país, e sôbre o qual, a despeito da transformação parcial dos métodos de ensino, não passou ainda um sôpro vigoroso de renovação, inspirada no sentido real do humano e mais nitidamente orientada para a cultura do espírito. Aquêles, dentre vós, que pretendem dedicar-se ao magistério secundário e não à pesquisa e às atividades científicas, no domínio dos estudos em que se especializaram, terão, pois, sôbre os ombros uma tarefa difícil e árdua — a de contribuir, cada qual na sua disciplina e todos, pela unidade fundamental de espírito e de métodos, para a renovação do ensino secundário no Brasil. A essência dêsse ensino virá do seu germe, de suas raízes, do ar que respirou, de tôdas as secretas influências de escolas como as Faculdades de Filosofia, mantidas no mais alto nível, de que deve ser o produto vivo, e cujos progressos, por sua vez, embora dependentes sobretudo do trabalho de seus mestres e do impulso dado às atividades criadoras, estão intimamente ligados, pela base, aos do ensino secundário, em seu novo espírito e em suas novas formas.

A escola secundária, em cuja reorganização sois chamados a colaborar, deve ser uma escola integral que eduque sob todos os aspectos; que exija atenção, mas desperte o gôsto do trabalho e da curiosidade intelectual; que desenvolva a aptidão à reflexão e a agilidade do pensamento; que não sacrifique os espíritos um pouco lentos, mas sólidos, e forneça às inteligências brilhantes, para afastá-las da virtuosidade e da retórica, êsses delicados instrumentos de precisão que são a análise, o espírito crítico, a observação e a experiência; que ensine a procurar, descobrir, resolver, ou, em uma palavra, “compreender”, isto é, fazer apanhar com todo o espírito o conhecimento novo — alimento fresco que, incorporado, se torne substância viva; que desperte, enfim, a consciência de que a vida do espírito é tanto mais fecunda quanto disciplinada e comporta mesmo um certo ascetismo, na atividade metódicamente conduzida dos estudos e dos trabalhos de investigação. Para ela deveis transportar, com o culto da língua, o instinto da frase clara, precisa e concisa, da palavra justa e posta em seu lugar, o espírito crítico e experimental, os métodos científicos, os conhecimentos fundamentais e o gôsto da cultura, no seu sentido mais alto, não, portanto, como aceitação passiva de relações já criadas, mas como uma elaboração pessoal de relações originais, ou aceitação de uma escala de valores, que permite a escôlha e

determina o julgamento, no domínio das idéias, das atividades e da conduta humana.

III

Se está longe de corresponder a êsse ideal e dêle cada vez mais parece distanciar-se a escola em que muitos de vós ides trabalhar; se nela o que se depara, bem observadas as cousas, é antes uma instituição em mudança, trabalhada há mais de um século por crises periódicas e à procura de novas diretrizes, as causas mais profundas dessa anomia ligam-se certamente às transformações culturais, sociais e econômicas por que passa o mundo e que, com uma intensidade variável, têm atingido as organizações escolares em todos os países. Tal como nossa civilização, êsse tipo ou grau de ensino é ondulante e vário, imagem de nossa vida social, em suas perplexidades e contradições. Êle revela, na variedade de estruturas e diretrizes que tem tomado, em reformas sucessivas, a fisionomia inquieta e movediça de nosso tempo. Sobreposto ao primário, de que o separa mais uma diferença de grau do que de natureza, faz parte o ensino secundário do ensino geral ou comum que as sociedades atuais se empenham em ministrar a um número cada vez maior e se estende da base até o vestíbulo das Universidades, nos sistemas escolares modernos. Ora, a distinção entre o *ensino geral* e os *ensinos especiais*, de grau médio e superior, tem na realidade um alcance não pedagógico, mas social, pois, enquanto êstes, os ensinos especiais, diferenciam, preparando os indivíduos para os mais diversos meios particulares em que se reparte a sociedade geral, em sua complicada organização, aquêle, o ensino geral, tende a tornar-nos semelhantes, fornecendo a todos (no caso do ensino primário) ou à fração mais dinâmica da população (no caso do ensino secundário) a base de uma cultura geral comum, indispensável à continuidade e à coesão interna do grupo considerado como um todo e, portanto, da nação. A escola geral ou comum é um dos fatores mais poderosos de assimilação; e é por isso que, através de todas as mutações sociais, avulta cada vez mais a importância do papel do ensino secundário que a sociedade organiza e mantém, mais por instinto do que por teorias, na luta incessante contra as causas de diferenciação, e que se destina a alargar e a fortalecer o suporte de cultura geral, necessário, cuja solidez deve ser tanto maior quanto mais forte a pressão exercida pela tendência à especialização em tôdas as suas formas.

Mas, que cultura intelectual e moral incumbe à educação secundária ministrar, em correspondência com sua função social de concorrer para nos tornar semelhantes, em largura e em profundidade, de uma ponta a outra do território e de alto a baixo das classes sociais? Que cultura, quanto ao conceito e ao conteúdo, é a mais apropriada, em nossa época, para que o ginásio possa exercer com eficácia a sua função seletiva ou de peneiramento para as escolas supe-

riores? Como conciliar essa cultura fundamental, que deve ser dada nos ginásios, com a variedade de vocações e a diversidade das necessidades dos grupos sociais, a que pretende servir? Aí está o âmago da questão e a origem da crise que atravessa o ensino secundário. O problema, como se vê, não pode abordar-se somente de um ângulo pedagógico, por exigir um conhecimento da “direção do espírito” e da hierarquia de valores, própria de cada sociedade, de suas condições históricas, de suas instituições e do processo de sua evolução. Quando as instituições de uma organização escolar, na sua estrutura e nos seus fins, coincidem com as preferências ambientes ou as exigências do clima social, moral e cultural, então logram elas uma situação de estabilidade e de eficiência; mas se as valorações ou estimações da época histórica em que vivemos, entram em conflito com a escola ou o “tipo de homem” que nela pretendemos formar, entra em crise a vida escolar, até o seu ajustamento à nova concepção de vida e às novas condições sociais.

Essa equação de coincidência e de repugnância entre o programa escolar e a nossa época, é um dos principais fatores do precário destino das reformas. Já tereis certamente notado, em vossos estudos, a estabilidade e a eficiência admiráveis que por mais de dois séculos, apresentava o ginásio de tipo clássico, eminentemente aristocrático, montado para uma classe e estruturado sobre a base do ensino das línguas e literaturas greco-latinas. Mas não atentastes, por ventura, em que o ginásio clássico correspondia então às necessidades de um clima histórico, de um meio social estável e por assim dizer completo, caracterizado pela unidade de cultura, que era alimentada num fundo comum de tradições religiosas e humanísticas, e que, sob a pressão de várias causas, como o laicismo, o progresso científico, o desenvolvimento das letras modernas e a revolução técnica e industrial, se esgotou a fonte religiosa em que se nutria, e o humanismo se esvaziou de seu conteúdo clássico? O que é certo é que mudou o clima espiritual do mundo e que à antiga unidade de cultura, com uma só imagem da vida, senão comum, predominante, com normas, maneiras de pensar e concepções comuns, sucedeu, abalando e deslocando para a ciência e a técnica o eixo dos sistemas escolares, uma civilização que se caracteriza pela frequência de contatos e pela interpenetração e fusão de culturas diversas, e em que o mundo se apresenta despedaçado em uma pluralidade de fragmentos e em processo de desintegração, e dois blocos se erguem, da confusão e do caos, para se oporem, como num campo de batalha, com o antagonismo violento de seus interesses, suas concepções e doutrinas.

IV

Por tôda parte, mais ou menos intensamente, são êsses fatores que dificultam e retardam a solução do problema de reorganização

do ensino secundário, profundamente abalada, senão comprometida pela quebra de unidade de cultura, pela variedade de concepções de vida, coexistentes e em conflito, pelas mudanças de conceito e conteúdo de cultura e pelos extraordinários progressos das ciências que disputam às letras, clássicas e modernas, a preeminência no currículo das disciplinas. Se toda reforma de ensino deve levar em conta o sistema social e cultural em que vai inserir-se, é fora de dúvida que, num meio social e econômico em transformação e sacudido por correntes de pensamento e de cultura tão diversas senão opostas, são quase insuperáveis as dificuldades que se levantam às tentativas de reorganização capaz de atender à diversidade de necessidades dos grupos sociais e à variedade profunda de suas tendências e ideologias. Ou ela atende às exigências da tradição, com o predomínio do latim e do ensino literário e clássico, e é imediatamente torpedeada pelos renovadores, dispostos a qualificá-la de reação obscurantista, ou corresponde às reivindicações do espírito moderno, científico, que lhe impõe sua norma e seu caráter, e erguem-se em péso as forças conservadoras e reacionárias, para a impugnam, martelando-a até lhe romperem a unidade a poder de transigências e concessões à ordem tradicional. O Estado, que tem um papel assimilador por excelência e continua sempre, com todo o seu poder e o seu instinto, sem poder agir de outro modo, sua obra tenaz de assimilação, já não tem forças nem meios para homogenizar essas instituições empuxadas em direções diversas. Certamente, quando assume a forma totalitária, numa ditadura de direita ou esquerda, como se viu na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini ou na Rússia atual e nos países satélites, êle corta pelo conflito e põe termo à discussão, sacudindo, sobre as cabeças dos vencidos, a poeira de todas as ideologias contrárias, e impondo, de alto a baixo, uma política educacional, segundo a concepção de vida e as idéias econômicas e sociais que informam, inspirando-a, toda a política geral. Mas, além de ser feita a unificação à custa da liberdade que se suprime, para afastar tudo o que prejudica a vida comum, o que então se instaura, não é uma unidade orgânica, que se realizou por amadurecimento e vem de baixo para cima, mas a unidade mecânica, artificial, que se impõe pela força, e para cuja ruptura bastaria, como tem bastado, ruir por terra o arcabouço político do Estado. Procurando a unidade ou a síntese, o que se instala é a uniformidade; e, se “a união implica diferenças, — permiti-me servir-me das palavras de J. Torres Bodet — a uniformidade as anula e, anulando-as, destrói de certo modo o próprio conceito de unidade”. A harmonia é o contrário da monotonia; e não quereríamos encorajar um processo artificial, sem raízes na realidade local, e que, em lugar de facilitar um crescimento, determinaria uma standardização. Porque acredito num mundo unido, recuso-me a um mundo uniforme.

Numa “atmosfera de liberdade”, que é a que ainda respiramos, êsse trabalho de disciplina e coordenação para atingir a unidade cul-

tural, cuja necessidade se destaca da própria tendência à especialização e à atomização, não se realiza senão lentamente, pela interpenetração das duas culturas e pela penetração do espírito e dos métodos científicos no ensino inteiro e em todos os domínios do conhecimento. A aplicação do método científico a todos os estudos desde o das ciências humanas até o das letras; o progresso da ciência que se tornou um “método de conhecimento e de pesquisa”, e já faz parte integrante de nossa vida e dos nossos pensamentos, e o triunfo, afinal, do espírito científico, é que poderão “assegurar a unidade de nosso ensino de cultura, sacudido desde um século, entre a cultura tradicional das humanidades clássicas e a cultura nova das ciências”. Embora sejam inúmeros e os mais diversos os caminhos que conduzirão a essa “unidade na diversidade” e muitas as instituições sociais que colaboram, consciente ou inconscientemente, em reduzir, senão em dissolver essas diferenças ou oposições radicais entre culturas diversas, é certo que as Faculdades de Filosofia constituem um dos centros poderosos, em que, ao mesmo tempo que se favorecem e se estimulam as especializações — filosófica, literária e científica — as disciplinas mais diversas vêm moer as suas oposições, mutuando influências e estabelecendo entre si, no domínio do ensino e da pesquisa, as pontes de ligação com que se comunicam umas com as outras. Não é, porém, “estendendo sobre a mesa de dissecação os *disjecta membra*, os membros esparsos ou os fragmentos de cultura, que se chega a ressuscitar o organismo”, mas mostrando, no ensino e pela pesquisa, as influências mútuas que exerceram umas sobre as outras, a evolução de conjunto que dominou tôdas as evoluções especiais, as conexões íntimas entre as partes em que se decompõe pedagogicamente todo o conhecimento humano e os laços essenciais que no campo da especulação filosófica, do trabalho científico ou do labor literário, ligam as disciplinas mais diversas para constituírem com elas um “conjunto orgânico dotado de unidade”, sob a pressão e inspiração de uma mesma concepção de vida e de cultura. Não será possível reestruturar o ensino secundário, de maneira durável e à base de uma cultura geral ou comum, sem se concentrar nesses focos universitários, para se irradiar por tôdas as demais instituições escolares, o esforço criador e unificador, que tende a “reduzir a multiplicidade desconcertante de conhecimentos à bela unidade de uma idéia de conjunto e explicar a extrema diversidade das culturas especiais por um mesmo princípio, subjacente a tôda a cultura superior”, renovada segundo o mesmo espírito e pelos mesmos métodos.

V

Mas, se estas dificuldades, decorrentes das transformações de uma civilização de base científica e industrial, envolvem e encrespam, onde quer que ela seja colocada, a questão do ensino secundário; se a fei-

ção que releva imprimir a essa espécie de institutos, à procura de uma nova forma de equilíbrio, levanta por tôda parte problemas intimamente ligados às modificações de estrutura social e à evolução da cultura e, portanto, a uma nova concepção de vida e ao novo humanismo que dela forçosamente tem de resultar; não são menores nem menos ativas as forças de desagregação, peculiares ao nosso meio social, econômico e político, que atuam entre nós, solapando, nos seus próprios fundamentos, as instituições do ensino secundário. O que as vem arrastando a uma decadência, visível a todos os olhos, e já tantas vêzes proclamada, em todos os tons; o que fêz descer rapidamente êsses estudos a um grau de desmoralização indescriptível, não é somente nem sobretudo a crise resultante do conjunto dêsses fatos morfológicos e ideológicos que residem à base das transformações do ensino secundário, cuja força equilibrante — a do humanismo clássico, se enfraqueceu e cujo eixo tende a deslocar-se das letras para as ciências, mas as circunstâncias particulares de que se rodeou, entre nós, êsse tipo de ensino, e os erros inveterados da política de educação, na esfera nacional como no campo de ação dos Estados. Entre aquelas circunstâncias, talvez a mais importante e a de conseqüências mais graves, destaca-se o extraordinário crescimento numérico das escolas secundárias, o qual, se, por um lado, trouxe a extensão a um número cada vez maior dos benefícios da instrução secundária, ainda que deficiente e incompleta, por outro lado, concorreu para rebaixar a qualidade e o nível dêsse tipo de ensino. Montado ainda até 1930 para uma classe e segundo uma organização arcaica, o ensino secundário que até essa época se ministrava em cinco ginásios estaduais, em S. Paulo, passou a ser dado, em 1933, com a reforma das escolas normais, promovida por minha iniciativa, em mais de 30 novos institutos e hoje, em cêrca de 170, dos quais 71 com colégios, segundo os dados oficiais. E' fácil compreender que êsse notável movimento quantitativo das escolas secundárias, em menos de 20 anos, não se podia processar, como não se processou, sem um rebaixamento correspondente de nível e sem o agravamento desconcertante de todos os problemas relativos à sua organização, como o de edifícios e instalações, de bibliotecas e laboratórios, e de seleção e recrutamento de professores.

A questão da organização escolar deslocou-se para o último plano em face dêsse desenvolvimento quantitativo e da sedução que a espíritos primários representava a idéia de simplificação do problema pela multiplicação de ginásios. Dêsse modo, cuidaram os governos (se é que cuidaram de outra cousa que fazer política) remover um obstáculo à democratização da cultura e do ensino; mas o que realmente fizeram, multiplicando os ginásios e distribuindo-os, quase sempre, segundo critérios políticos, foi suscitar uma questão ameaçadora que há de tragar a instituição, se a política partidária, com suas interferências, primeiro não o devorar. O apêlo ao número suplantou as exi-

gências da qualidade; a improvisação tomou o lugar à seriedade e à solidez, e, criando, por decreto, ginásios por tôda parte, dispensou-se o govêrno da penosa tarefa de organizá-los. Diante dos clamores que se erguiam de todos os lados, dos pais que se acotovelavam, sem a fortuna de vê-las abertas, às portas das poucas escolas secundárias então existentes, pedindo educação para seus filhos, imagino que dêles se tenham apiedado os governos e resolvido a pôr mãos à obra e entrar em ação. Mas, com ser a organização da educação pública o mais hercúleo dos feitos a que se pode entregar um govêrno, que fêz êle, entre nós, para levantá-la sôbre bases sólidas e reerguê-la à altura das necessidades da nação? Que prodígio maquinaram para essa situação lamentável, a que se degradou o ensino, os taumaturgos das medidas salvadoras? Que invenção reservavam para alargarem o campo de educação que se mostraram incapazes de organizar? A idéia que tinha a sedução de tôdas as idéias simplistas e primárias — a improvisação e a simplificação, que reduziram o ensino secundário, como já haviam reduzido o primário, a um simulacro e a uma impostura. Pois, se é difícil e caro conceder-se o que os pais reclamavam e reclamam para seus filhos — uma educação secundária completa, ministrada por professôres selecionados a rigor, em edifícios amplos e arejados, devidamente equipados de bibliotecas, laboratórios e museus, com campos para jogos e auditórios para as atividades artísticas e culturais, a que possam dedicar-se os estudantes num dia letivo completo — aí estava ao alcance da mão que tivesse entre os dedos uma pena, a medida platônica, simples dilatária de uma obra que se impõe, o ginásio ou o colégio, inaugurado com fanfarras, mas sem prédios, sem instalações, sem o corpo docente de que carece e sem todo êsse conjunto de meios indispensáveis para operarem a transformação, em uma casa de estudos e de educação integral, de uma casa de ensino improvisado e deficiente, dado às presas, por professôres fatigados, sem meios e sem estímulos.

VI

Foi para êsse grande mal, de raízes já profundas, que ainda recentemente apontou Anísio Teixeira, num discurso magistral, em que o qualifica de paliativo e de panacéia, quando antes se poderia nêle reconhecer o mais reprodutivo e o mais ramificado dos cancrios escolares. Atacando desde 25 anos a educação primária, por onde se alastrou, e que, submetida ao regime de turnos sucessivos, “se reduziu não só aos três anos escolares, mas aos três anos de meios-dias, ou seja ano e meio, e até no grande São Paulo, aos três anos de terços de dia, o que equivale realmente a um ano de vida escolar”, invadiu, depois de liquidar essa escola, como observa o ilustre educador, “os arraiais do ensino secundário e superior e estendeu pelo país uma rede de ginásios e Universidades, cuja falta de padrões e de

seriedade atingiria as raias do ridículo se não vivêssemos em uma época tão crítica e tão trágica que os nossos olhos, cheios de apreensões e de susto, já não têm vigor para o riso e para a sátira". Na escola primária, como na secundária, "o resultado foi, por um lado, a quase destruição da instituição, por outro, a redução dos efeitos à pura alfabetização improvisada e sob vários aspectos contraproducente (e, acrescentamos, à instrução secundária apressada e superficial), de que estamos a colhêr nos adultos de hoje, exatamente os que começaram a sofrer os processos simplificadores da escola, a seara da confusão e da demagogia". Não podia haver, de fato, estratégia mais ilusório, sofisma mais descomposto para iludir a questão, em vez de resolvê-la. E depois de tudo isto, quando a escola, entre nós, já não educa, mas somente ensina (quando ensina); se não dispõe dos meios à altura das dificuldades crescentes de sua função; se é apenas um lugar de passagem, para crianças e adolescentes, um corpo mecânico sem nenhuma animação vital, sem nenhuma consciência de suas funções, sem nenhuma influência, senão a do atrofiamento, sobre as gerações jovens, como esperar que ela venha a ser a formadora de uma nova ordem, que contribua para a sobrevivência do regime e das instituições democráticas, e seja um instrumento poderoso de transformação da vida nacional? E' sobre a escola, clama Anísio Teixeira (e é preciso que êsse clamor não seja uma voz que brade no deserto): "é sobre a escola que o ceticismo nacional assesta os seus tiros tão certos e eficazes. O brasileiro não acredita que a escola eduque. E não acredita porque a escola que possuiu, até hoje, efetivamente não educou".

Mas para que o povo brasileiro volte a acreditar nas escolas e na sua alta e profunda missão educativa e se reanimem as esperanças de todos no papel que lhes cabe na obra imensa da reorganização nacional, seria preciso que começássemos, segundo os votos do educador, a reconstruir as escolas. Por onde, porém, como e quando se poderia principiar êsse esforço reconstrutor, se falta às elites políticas uma "consciência educacional"; se na elaboração das leis, na promoção das reformas, na confecção dos orçamentos, não cessa de revelar-se, na maneira de encarar tais problemas, a mesma inconsciência, agravada dia a dia, que se acusa na interferência constante e perturbadora da política partidária nos negócios da educação? Não bastaria senão correr os olhos pelas centenas de decretos, decretos-leis e leis que se formularam sob a pressão de circunstâncias várias e ao sabor de interesses de momento, e dos quais muito poucos escapariam a uma análise severa, para se reconhecer a displicência, a audácia e a ignorância com que, nas mais elevadas esferas, se tratam êsses problemas entre os mais graves e os mais urgentes da vida nacional. Quando não é pela ação improvisadora da incompetência, que mutila, estrofia e desorganiza, que estabelece a confusão e a anarquia, é pelo sistema do "pilatismo", com que nos apressamos a lavar as

mãos, afastando de nós a corresponsabilidade nos erros, nas precipitações e nos desmandos, é pela política de braços cruzados, é pela inércia que a política partidária ou estende as garras ou deixa de dar remédio à desgraçada situação dêsse e de outros gêneros de estudos no país, na esperança de que basta existirem professôres para sobreviver a educação e de que seus ombros fortes foram armados para agüentar o pêso crescente dessas ruínas. Pois não foi para as calendas gregas que se removeu o projeto de lei de bases e diretrizes da educação nacional, a mais grave e necessária de tôdas as reformas, aquela de que dependem tôdas as outras, suspensas há quatro anos, na longa espera da lei complementar da Constituição? Diante dêsse delírio de improvisação, em uns momentos, e dêsse estado de entorpecimento, em outros, seria inútil invocar a sábia observação de Ruy Barbosa, formulada há mais de meio século, e tantas vêzes afirmada e reafirmada antes e depois dêle, por outras palavras, de que, nessa questão — a da educação nacional, “estão envolvidas as mais altas conveniências, as mais imperiosas necessidades e os mais sagrados direitos nacionais”, e é êsse, um problema “que desafia pelas suas dificuldades as competências dos parlamentos mais ilustrados, que pela sua vastidão pode absorver a atividade de legislaturas inteiras e que não cede em grandeza a nenhuma outra e sobreexcede em atualidade a tôdas as questões agitadas entre nós”,

Não é da educação popular e da cultura científica, não é “dêsse berço — nas justas expressões de Ruy — que saem as nações grandes e senhoras de si, o poder e a riqueza, a fôrça e a liberdade, a inteligência e a soberania, a vitória nas lides da indústria e nos campos de batalha, a segurança na paz e o triunfo na guerra”? Não se tem reconhecido e proclamado, por mil bôcas e pela pena das mais proeminentes autoridades, que não ha emprêgo de capital reprodutivo como o que se investe nos serviços de educação, de todos os tipos e graus, nem operações financeiras que se comparem na imensidade dos benefícios aos que assegura o reembôlso generoso com a instrução popular e a elevação da cultura científica? Pois então, se assim é, que se apertem os cordões da bôlsa e se regateiem os recursos reclamados pelas necessidades prementes da educação nacional, para construções de prédios, bibliotecas e laboratórios, doações de bôlsas de estudo, salários de magistério, quando se gastam centenas de milhões em obras suntuárias, no parasitismo político e administrativo e em campanhas eleitorais. Não vejo indícios, não digo de se formar a convicção, mas de se despertar, nas classes dirigentes, a compreensão de que “não se pode fazer educação barata como não se pode fazer guerra barata”, e de que, se com as escolas, “é a nossa defesa que estamos construindo, o seu preço nunca será demasiado caro, pois não ha preço para a sobrevivência”. Se, porém, encararmos a questão pelo lado da tendência à intervenção constante da política nesses assuntos, não é menos impressionante e desolador o aspecto sob que se apresentam,

entre nós, as relações entre o Estado e a educação. Os governos que não raramente se desmedem em gastos de tóda ordem, que tocam às raias da prodigalidade e às vêzes do esbanjamento, e se recolhem, com estranha timidez, a uma política de economia até à avareza, quando se trata da educação, que fazem ou têm feito no setor da educação secundária? Criam ginásios e colégios, para atender a diretórios políticos, onde não ha condições indispensáveis à sua fundação; albergam escolas em casarões sem ar e sem luz; represam as fôrças renovadoras; instauram o regime da injustiça e a predileção pelas mediocridades; improvisam professôres e freqüentemente atalham a entrada aos mais capazes; negam-lhes os meios de vida e de estudos; obrigam-nos, pelo baixo salário, a peregrinar, de escola em escola, num delírio deambulatório; e multiplicam os focos de infecção com leis desastradas, medidas contraditórias e um proteccionismo político sem freios, a serviço de pessoas, de grupos ou partidos.

VII

Essa questão, de importância capital para o país, não seria possível examiná-la sem a disposição de entrar com franqueza por essas zonas de “pensamento perigoso”, a que se refere Louis Wirth, dos temas que levam o “sinal de perigo” ou sinal fechado, “aquêles que a sociedade ou os elementos que a dirigem, consideram tão vitais e, por conseguinte, tão sagrados, que não toleram sejam profanados com a discussão”. O humanismo clássico e o neo-humanismo, a preeminência das ciências sôbre as letras, nas sociedades atuais, a reorganização do ensino secundário, cuja estrutura tradicional já aluiu, arrebatada pela torrente renovadora, o problema das relações entre o Estado e a educação, constituem, de fato, neste setor, outras tantas zonas de cultura, onde se espalharam as minas da reação, que boiam, ao sabor das correntes, e, com seu alto poder explosivo, ameaçam ou põem a pique os patrulheiros que se lançam ao mar largo da livre discussão das idéias e dos problemas que levanta uma sociedade em transformação. Não podieis esperar de mim, pelo muito que me conheceis, que eu recuasse, cauteloso ou atemorizado, diante dos perigos da travessia por êsses mares, que só nos parecem calmos, quando não nos aventuramos por êles. Mas tenho certeza de que essas palavras de compreensão, de coragem e de fé, que vos devia, não cairão como sementes em terreno estéril. Na Faculdade de que agora vos afastais, como alunos, para honrá-la no magistério secundário, ou voltar a ela um dia, na qualidade de assistentes e mestres, aprendestes a investigar livremente e com espírito objetivo e aceitar as conclusões a que vos levem a análise dos fatos e a reflexão sôbre êles e os problemas que suscitam por tóda parte. Se o de que precisamos, é de um *change of heart*, uma nova atitude, uma nova disposição, uma nova coragem para responder ao desafio de novas condições, creio que vos foi real-

mente útil à formação intelectual e moral a passagem por essa Faculdade, que é a matriz em que se gera a vida e se elabora a forma das Universidades, e que, pelas suas origens modestas, como por suas altas ambições, se assemelha ao apuizeiro — essa árvore estranha, característica da Amazônia, que deita suas raízes de cima para baixo, formando troncos gigantescos, e que, começando parasitária, acaba vivendo por conta própria, com tôda a fôrça e esplendor de sua vitalidade vegetal.

Convocando-me para assistir à coroação de vosso curso escolar, quisesseis dar-me mais uma prova, entre tantas e tão cativantes, de vossa generosa simpatia pelo professor e da solidariedade moral nas minhas ásperas lutas, em defesa da autonomia de nossa Faculdade e pelos progressos da Universidade de S. Paulo. Não sei, no entanto, se vos ocorreu, quando me elegestes para vos acompanhar nesta solenidade, que, exatamente neste ano, se completaram, em minha carreira profissional, trinta de serviços ao Estado e ao meu país, nos domínios da cultura, da ciência e da educação nacional. Na festa de hoje, dir-se-ia confundirem-se os dois crepúsculos, o da manhã, em que brilham, entre gorgeios e estremecimentos de vida, as primeiras claridades de um dia radioso, abrindo-se para a mocidade, atraída para a ação e carregada de esperanças, e o da tarde, em que, no claro-escuro do céu, já disputado pelas sombras melancólicas que, “quanto vai sendo mais tarde, tanto vão sendo maiores”, se prenuncia a noite fechada, com suas belas, longas mãos de cera correndo-me sôbre os cabelos brancos; os albcres de uma carreira que apenas se inaugura e para a qual a vossa juventude caminha de frente alta, com um brilho nos olhos e um sorriso nos lábios, e a luz fria e velada de uma outra que se encerra e em que tudo, na paisagem, aparece sem contornos definidos e já se derramam, na atmosfera translúcida, as harmonias divinas; a hora fugitiva, mas plena e sonora, que mal se percebe quando passa, das definições francas, das impaciências generosas e das convicções ardentes, e a que soa, com um bater rítmico e monótono, martelado nos longos silêncios de uma sombria solidão, a hora do recolhimento, da meditação e da paz, das perguntas sem respostas. . . Mas, nessa fusão de luzes, de côres e de sombras, que se misturam no encontro dos dois crepúsculos, o matutino e o vespertino, o espetáculo desta noite desperta-me, para meu confôrto, e vossa presença sanciona, com tôda a energia, graça e frescura de vossa mocidade, a imagem que não é a do caos, mas, ao contrário — para aquêle que a compreende — a de um conjunto harmonioso de ritmo e de beleza, na sucessão ininterrupta das gerações, a da criação incessante que sempre começa e jamais acaba, e da qual participamos todos, de tôdas as idades, pela amplitude da compreensão da eternidade das cousas, nas suas oscilações infinitas.

Embora já não venha do alto, como um raio meridiano de sol, mas da fímbria indistinta do horizonte, na hora do crepúsculo, não é de saudade nem de ceticismo a mensagem que vos trago, mas a da

crença inabalável nos valôres espirituais, no poder da inteligência e da vontade, a da confirmação nos meus ideais e de fé nas novas gerações donde sairão as elites de amanhã e a que os mestres de hoje, em cujas mãos não se apagou, antes se reavivou, o facho recolhido das gerações anteriores, já se preparam para entregar os destinos da educação e da vida nacional. Vós sabeis que, em matéria de instrução pública, segundo já nos ensinava Jules Ferry, “nada há feito, enquanto alguma coisa resta que fazer”, e que, se nós nos julgamos quase sempre pelo que pensamos ser capazes de realizar, os outros não nos julgam senão pelo que, de fato, realizamos. Certamente, de dificuldades e tropeços estarão eriçados os caminhos, e não faltarão às iniciativas renovadoras, oposições tenazes e encarniçadas. Mas o que, como já se observou, todo o mundo aceita sem resistência e logo no primeiro instante, é quase sempre supérfluo ou ultrapassado, e jamais se fêz alguma coisa de grande ou de útil, senão vencendo oposições, em cuja origem se atropelam os hábitos antigos, os interêsses contrariados, o espírito de rotina, a preguiça de pensar e de se renovar, e a incompreensão do presente. Não é com o diletantismo, feito de ironia, de desdém e de aridez do coração, nem com a incapacidade de se elevar a idéias nobres e generosas, que se ganham os grandes combates, cuja vitória final costuma sorrir aos afirmativos e sinceros, aos que tenham personalidade e, para fortalecê-la, uma convicção ardente, e são, por isso, os únicos capazes de revolver o mundo das artes e das ciências, o da política e da educação. E’ essa flama que lhes vivifica o pensamento e lhes empresta uma forma original, como o sol doura e amadurece, no fruto, a promessa e a segurança da renovação, na continuidade das espécies. Conta-se que Santayana, professor de Estética em Harvard, enquanto dissertava em classe, observou que lhe entravam, pelas janelas, as claridades de uma manhã radiosa, e que as árvores do parque começavam a reverdecer, e, voltando-se para os discípulos, lhes disse: “Parece-me que aqui estamos, vós e eu, perdendo tempo: onde está a beleza, em tôda a sua força natural, é no jardim sob êsse magnífico sol de primavera”. E deu a aula por terminada, abandonando seus cursos. Se o que revela o gesto estranho e inesperado é, antes de tudo, o individualismo rebelde do grande professor de Filosofia, em que se descobre, através de sua educação saxônia, a permanência do espanhol, êle nos lembra que a escola, em que por certo não malbaratastes o tempo, se completa e se alarga sempre pelo contato direto com a vida que vos espera, com suas promessas e ilusões, com suas surpresas e amarguras, mas que sinceramente desejamos se abra para vós, como o jardim esplêndido que, das janelas, viu o mestre, iluminado por um sol de primavera.

DISCURSO DO ORADOR, LIC. DANTE MOREIRA LEITE

Buscamos nos que hoje se licenciam pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, os traços co-

muns que nos unem e, provàvelmente, nos marcarão para a vida particular e a profissional.

Pois se é verdade que nos especializamos em disciplinas diferentes, não é menos verdade que em tôdas elas deve haver um mesmo espírito e uma só inspiração, capazes de sobrepujar essas diferenças e unir a todos nós sob o mesmo signo.

O primeiro traço, comum a todos, é a nossa experiência de vida: despertamos para a existência mais ou menos no mesmo momento e vivemos quase sempre as mesmas inquietudes, as mesmas esperanças e os mesmos desenganos.

E se quiséssemos definir o jovem de nossa época, provàvelmente o definiríamos pela ausência de finalidade distante, que faz com que os homens se apeguem às tarefas imediatas e nem sempre as mais significativas, ou mais necessárias. E' que, se todos sentimos a inutilidade dos velhos caminhos, já agora incapazes de nos atrair e incapazes de satisfazer às necessidades e aspirações humanas, sentimos também que ainda não encontramos o novo caminho por onde seguir e por onde levar conosco os nossos alunos e os mais jovens que nós.

Vivemos mergulhados na contradição do mundo contemporâneo, cada vez mais próximos os homens uns dos outros e, apesar disso, cada vez mais distantes, incapazes de compreensão e amor, como se nos aproximássemos apenas para lutar e nos desentender. E o mais trágico nessa contradição, não é certamente a luta. Que, dizia Miguel de Unamuno, também lutamos por amor, para imprimir no nosso adversário alguma coisa de nós mesmos. O trágico está em que os homens lutam não por amor a uma coisa e ódio a outra, por convicções ou sentimentos próprios, mas por coisas que desconhecemos, por motivos que desconhecemos e sem nenhum objetivo e sem nenhuma esperança.

Daí a necessidade — salientada tão claramente pelo psicólogo Kurt Rizler — de distinguir entre informação e propaganda: pois, ao que tudo indica, não lemos nem ouvimos informações dadas para o julgamento do povo, mas temos simplesmente a propaganda, voluntária ou involuntária, que arrasta os homens para um lado ou para outro, ao acaso dos temores fundados ou infundados, ou dos interesses legítimos ou ilegítimos dos dirigentes políticos dos diversos povos.

A conseqüência dessa ordem de coisas é que passamos a lutar por palavras cujo verdadeiro sentido ninguem será capaz de nos explicar; passamos a lutar por falsos ideais e falsas aspirações.

Certamente, êsse fenomeno não é inédito na sociedade ocidental. Mas, no mundo contemporâneo, as intercomunicações e interdependências são de tal extensão, que parece não restar ao homem uma só parcela de sua vida que não dependa dos mais longínquos conflitos e de lutas a que, na realidade, estamos alheios.

A êsse fenômeno não escapamos nós, os brasileiros.

A verdade é que, com demasiada freqüência, os brasileiros nos temos esquecido de nós mesmos e pretendemos, a todo custo, viver a vida alheia, como se fôsse nossa missão oscilar de um lado para outro na vida política, na vida social e na intelectual, ao acaso dos últimos acontecimentos que se desenrolam no estrangeiro.

As condições em que nascemos, os próprios rumos dados por Portugal à nossa vida de colônia, certamente nos predispunham a êsse distanciamento de nós mesmos.

Surgimos num instante crítico dentro da Europa do século XVI. E' o momento em que se desmorona o universo medieval, construído e hierarquizado dentro de uma concepção do homem que se vai tornar insustentável a partir, principalmente, do conhecimento dos índios americanos.

Deixemos de lado o problema teológico enfrentado pelos homens do século XVI, como também o problema filosófico que vai aparecer em Montaigne e repontar depois em Descartes. O que importa agora é lembrar que fomos vistos como curiosidade, como o exótico que se vinha encontrar do outro lado do Atlântico. Disso derivou o vezo brasileiro de ver o próprio país como algo estranho que se deve exibir ao estrangeiro, embora os nossos intelectuais tenham procurado se distinguir dêsse estranho...

Mas, além dêsse fato — que nos levaria a ver o Brasil com olhos de estrangeiros — dois outros motivos se encarregariam de nos impedir de ver a vida nacional: em primeiro lugar, a organização de nossa economia, depois a forma de vida intelectual que tivemos.

A nossa economia foi tôda ela baseada na exportação, na produção para a Europa: produção de açúcar, produção de café, produção de borracha. Essa dependência de nossa economia dos mercados externos fêz com que acabássemos por depender quase que exclusivamente das oscilações dêsse mercado e nos esquecêssemos de nossas condições de vida. Donde encontrarmos num país que foi de exclusiva produção agrícola, a insuficiência dos produtos de subsistência.

Por outro lado, decorrendo em parte dessas condições econômicas, mas filiado também a motivos ideológicos de Portugal, vamos encontrar o desenvolvimento anômalo de nossa vida intelectual. Basta lembrar a proibição, durante séculos, de uma imprensa brasileira.

Além disso, recebemos uma educação essencialmente teológica, sem dúvida a mais capaz de nos afastar de nossos problemas.

A Independência e o Império não modificaram basicamente êsse panorama; nem o Romantismo foi capaz de modificar o nosso tipo de pensamento. Continuamos essencialmente os mesmos: teólogos ou demonólogos, fomos apenas retóricos, oradores, incapazes de ver o Brasil, incapazes de estudá-lo, incapazes de administrá-lo, incapazes de compreender as necessidades do povo.

A cultura representou para nós um ornamento e nunca uma transformação na maneira de agir ou pensar. E' que não estudávamos para resolver problemas de vida, mas para aparentar uma riqueza de conteúdo que não tínhamos.

Apenas a partir do comêço do século, com Euclides da Cunha, com Monteiro Lobato, a nossa literatura — e a literatura é quase que a única atividade intelectual do Brasil — se vai voltar para o interior brasileiro e esquecer de imitar os modelos europeus.

E' a partir dêsse momento que começamos a olhar para nós mesmos, não com olhos de turistas que vinham tirar borboletas dos trópicos, mas com a carne sentindo-se integrada na paisagem e no homem abandonado.

Dois movimentos cristalizariam essa nova maneira de entender a significação da cultura brasileira: a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, o Movimento do Recife, logo depois. A Semana de Arte Moderna inspirada por Mario de Andrade, o Movimento do Recife, por Gilberto Freyre. Aí se marca a definitiva volta de direção que a cultura brasileira vem realizando.

E a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras representou, num certo sentido, a completação dêsses movimentos.

Em primeiro lugar, a superação daqueles dois polos opostos que tinham dirigido, sem se completar, a vida intelectual brasileira: o beletismo e a técnica.

Realmente, o que marca a vida intelectual do Brasil, é a oposição violenta entre êsses dois tipos de atividade, sem que um ou outro se fundamentem na pesquisa. E foi porque esta Faculdade quebrou tão violentamente os quadros da atividade habitual dos brasileiros, que temos sido tão mal compreendidos.

Parece absurdo ao homem público como ao simples cidadão, que a verdadeira atividade intelectual derive da pesquisa e não brote espontâneamente do cérebro ou do coração de jovens inteligentes. Temos compreendido a inteligência como ato milagroso, capaz de superar anos de pesquisa metódica e não se pode admitir a utilidade de tal pesquisa.

O mesmo acontece com a profissão que a maioria dos licenciados adota: o professorado. Pois também se julga que para ensinar determinado assunto, não é, de maneira alguma, necessário estudá-lo antes. Ainda, por outro lado, não se compreendeu a importância decisiva que tem a formação de escola secundária, mesmo para os que vão seguir uma carreira liberal. Tem-se firmado a idéia da especialização, como se esta não supusesse, antes, um preparo geral, sem o que, longe de preparar um homem ou uma mulher as nossas escolas estarão fabricando técnicos incapazes de ser verdadeiros cidadãos. O resultado dessa estreita concepção do ensino como preparação para uma carreira, abandonando a educação como preparação para a vida,

é que os nossos alunos saem da escola exatamente como entraram para ela. Além de um pequeno preparo técnico, não se nota um progresso, por pequeno que seja, no desenvolvimento da capacidade de pensar as situações concretas da existência; não se nota em que êsses alunos são superiores aos que não tiveram possibilidades de preparo escolar. Em outras palavras, o estudo, nesse caso, foi perfeitamente inútil.

E' certo, por outro lado, que êsse problema educacional não é apenas brasileiro: antes, parece derivar das mesmas condições da educação que, poder-se-ia talvez dizer, não é atual, no sentido de que não prepara o jovem para a vida que êle vai viver.

Mas, no Brasil, êsse distanciamento entre educação e vida se acentua, porque se pretende transmitir, através da educação, uma cultura que não é a nossa, respondendo a condições e problemas que não são brasileiros.

Encontrando pela frente um ambiente de educação que se baseia no formalismo e na memória, é natural que os licenciados encontrem pela frente uma hostilidade nem sempre disfarçável, da parte dos que têm nas mãos a administração escolar. Mas não só dos administradores, como também da parte de nossos auto-didatas, incapazes de compreender a necessidade da disciplina escolar.

Em primeiro lugar, seriam essas condições nacionais que determinariam a incompreensão de que, professôres e alunos desta Faculdade, nos vemos cercados. Apesar disso, compreendemos hoje que nossa missão não é abandonar a luta, mas é, antes de tudo, um trabalho quase de catequese, procurando aprender e ensinar. Buscar, não aparentar uma cultura inútil e vazia, mas fazer, no Brasil, uma cultura que derive de nós e dos problemas brasileiros.

Mas, além dessas condições particulares que pertencem talvez aos povos da América, que em vão buscaram imitar seus mestres europeus, outras condições da cultura ocidental se imprimem sôbre nós. Somos hoje levados a pensar, mais uma vez, na utilidade ou inutilidade da cultura para solucionar a vida humana.

E' então que nos vem à lembrança aquela frase de Cícero, retomada depois por Montaigne e Rousseau: "a sabedoria não prepara para a vida, mas para a morte". Pois, quando chegamos a aprender, é já o momento em que não mais temos a vida pela frente e sim a morte.

O homem moderno como que aceitou êsse desafio, e tentou construir uma ciência que permitisse prever os acontecimentos, para que as gerações seguintes não precisassem repetir as experiências já realizadas. Não é outro, realmente, o sentido dessa ciência que se inicia no Renascimento.

Mas, decorridos tantos séculos de experiências e cultura, o homem está como o aprendiz de feiticeiro, incapaz de dominar as for-

ças que êle próprio despertou. Os homens perguntam a si mesmos se todo êsse esforço foi produtivo e se se realizou algum progresso, não apenas técnico, mas também moral, e se o homem de hoje é mais feliz que aquêle que o antecedeu na História.

Seja qual fôr a resposta a essa pergunta, a verdade é que não temos outra maneira de resolver as questões que se nos apresentam. E a história do pensamento humano nos mostra que apenas a ciência é capaz de transformar os fenômenos desfavoráveis em acontecimentos favoráveis aos homens.

E acreditamos que apenas o conhecimento é capaz de melhorar o homem. Mas, para que isso seja verdade, é necessário que não seja apenas um conhecimento técnico, mas sim uma educação no sentido de aprendizado e prática de uma melhoria constante.

A tarefa que compete à nossa geração é a de trabalhar por essa educação dos jovens brasileiros, inculcando nêles o amor ao trabalho e à pesquisa, para a construção de uma pátria melhor e de um mundo mais justo.

Somos herdeiros de uma geração que precisou realizar dois trabalhos difíceis e ingratos no panorama cultural do Brasil: destruir as concepções erradas que tinham feito o nosso país arrastar-se na vida social e política, e traçar os rumos de uma mentalidade diferente.

Na verdade, o intelectual brasileiro tinha sido, até o princípio do século, o boêmio, o desocupado, o improvisador que levaria Afrânio Peixoto a escrever que “a literatura é o sorriso da sociedade”. Poder-se-ia acrescentar que era o sorriso de poucos homens da sociedade para esconder as lágrimas de muitos outros.

A geração que nos antecedeu preferiu não continuar sorrindo, mas chorar com os outros e sofrer com êles. Principalmente, fazer da vida intelectual não um passatempo ou um luxo, mas um trabalho e uma função social.

Essa geração está hoje no ápice de sua jornada, trabalhando e oferecendo o produto de um longo e tantas vêzes mal compreendido esforço. E poucos a representarão tão bem quanto o paraninfo dos licenciandos de 1950, o Professor Fernando de Azevedo. Lembra-mo-nos agora das palavras de Humberto de Campos a respeito de um dos seus primeiros livros: dizia Humberto que o Professor Fernando de Azevedo era uma exceção dentro da cultura brasileira, pois, ao contrário dos intelectuais da época, não era um improvisador, mas um trabalhador do espírito. Foi isto em 1924. De então até agora, cheio da vida e do entusiasmo, que parecem ser nêles os mais relevantes característicos, Fernando de Azevedo vem-se renovando a cada dia e novamente surpreendendo os estudiosos brasileiros.

Com efeito, é como humanista que inicia sua vida intelectual, estudando principalmente os poetas latinos. Já por volta de 1930, o encontramos como um dos líderes da renovação educacional do Bra-

sil, introduzindo novos ideais e novos métodos de ensino. E não pára aí sua atividade. Publica logo após seu primeiro livro de Sociologia, seguido desse esplêndido trabalho de erudição e inteligência que é "Sociologia Educacional".

O humanista, o educador, o sociólogo, se harmonizam na figura inconfundível de professor que é Fernando de Azevedo. Escolhendo-o como paraninfo, quisemos colocá-lo como um dos símbolos para a nossa geração, que hoje inicia sua jornada de trabalho e ensino.

Queremos lembrar agora duas figuras de grandes professôres que a nossa turma homenageia: Heinrich Rheinboldt e Francisco da Silveira Bueno. Pelo seu trabalho constante, nas cadeiras que ocupam — o Professor Rheinboldt como químico, o Professor Silveira Bueno como filólogo — conquistaram a admiração de todos os seus alunos. E são êsses alunos que hoje rendem a êles a sua homenagem e a sua gratidão.

E hoje é dia de partir. Sabemos, agora, que não temos o direito de parar ou voltar; os exemplos que devemos seguir são os de trabalho e luta, ainda que sem a compreensão ou o estímulo. Sabemos, também, que a solução dos problemas nacionais jamais virá por um homem predestinado ou um milagroso acontecimento, mas terá que ser buscada e encontrada por nós. Hoje, vamos deixar os lugares que o nosso amcr povoou de poesia, onde descobrimos o encanto e, às vêzes, o desencanto das coisas e dos homens. Onde pusemos nossa esperança e nosso afeto, onde deixamos também um pouco de nós mesmos. Mas é hora de partir e vamos cumprir o nosso dever, construir a nossa vida e o nosso destino.

V - MOVIMENTO ESCOLAR

CONCURSO DE HABILITAÇÃO

INSCRITOS

Curso	Masc.	Fem.	Total
Filosofia	23	9	32
Matemática	20	10	30
Física	29	5	34
Química	17	11	28
História Natural	9	17	26
Geografia e História	16	28	44
Ciências Sociais	3	8	11
Letras Clássicas	16	10	26
Letras Neolatinas	13	42	55
Letras Anglo-germânicas	13	38	51
Pedagogia	12	39	51
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
TOTAL	171	217	388

APROVADOS

Filosofia	15	6	21
Matemática	6	2	8
Física	12	2	14
Química	6	4	10
História Natural	4	14	18
Geografia e História	6	21	27
Ciências Sociais	2	3	5
Letras Clássicas	10	8	18
Letras Neolatinas	4	14	18
Letras Anglo-germânicas	7	24	31
Pedagogia	8	31	39
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
TOTAL	80	129	209

ALUNOS MATRICULADOS

O número de matrículas da Faculdade, no ano de 1950, elevou-se a 855, assim distribuído pelos diversos cursos:

Filosofia:

1.º ano:	Masc.	21	Fem.	6	Total:	27
2.º ano:		8		7		15
3.º ano:		4		2		6
4.º ano e especialização:		6		4		10
Especialização:		22		1		23
	Total	<u>61</u>		<u>20</u>		<u>81</u>

Matemática:

1.º ano:		10		2		12
2.º ano:		10		1		11
3.º ano:		1		—		1
4.º ano e especialização:		6		—		6
Especialização:		1		—		1
		<u>28</u>		<u>3</u>		<u>31</u>

Física:

1.º ano:		16		3		19
2.º ano:		12		2		14
3.º ano:		7		—		7
4.º ano e especialização:		4		—		4
Especialização:		—		—		—
		<u>39</u>		<u>5</u>		<u>44</u>

Química:

1.º ano:		7		4		11
2.º ano:		7		8		15
3.º ano:		7		9		16
4.º ano e especialização:		4		3		7
Especialização:		1		—		1
		<u>26</u>		<u>24</u>		<u>50</u>

História Natural:

	Masc.		Fem.		Total
1.º ano:	10		18		28
2.º ano:	5		7		12
3.º ano:	2		3		5
4.º ano e especialização:	3		4		7
Especialização:	3		2		5
		<hr/>		<hr/>	
Total	23		34		57

Geografia e História:

1.º ano:	13		28		41
2.º ano:	6		26		32
3.º ano:	3		13		16
4.º ano e especialização:	7		10		17
Especialização:	5		11		16
		<hr/>		<hr/>	
	34		88		122

Ciências Sociais:

1.º ano:	9		3		12
2.º ano:	8		7		15
3.º ano:	4		2		6
4.º ano e especialização:	1		4		5
Especialização:	—		—		—
		<hr/>		<hr/>	
	22		16		38

Letras Clássicas:

1.º ano:	12		11		23
2.º ano:	13		7		20
3.º ano:	5		5		10
4.º ano e especialização:	9		7		16
Especialização:	1		5		6
		<hr/>		<hr/>	
	40		35		75

Letras Neolatinas:

1.º ano:	5		19		24
2.º ano:	6		26		32
3.º ano:	2		37		39
4.º ano e especialização:	2		15		17
Especialização:	2		4		6
		<hr/>		<hr/>	
	17		101		118

Letras Anglo-germânicas:

1.º ano:	Masc.	9	Fem.	25	Total	34
2.º ano:		3		28		31
3.º ano:		2		14		16
4.º ano e especialização:		3		15		18
Especialização:		—		6		6
	Total	<u>17</u>		<u>88</u>		<u>105</u>

Pedagogia:

1.º ano:		8		33		41
2.º ano:		4		19		23
3.º ano:		1		9		10
4.º ano e especialização:		3		18		21
Especialização:		—		10		10
		<u>16</u>		<u>89</u>		<u>105</u>

Portadores de diplomas do antigo Instituto de Educação:

3.º ano:		—		4		4
4.º ano:		2		14		16
		<u>2</u>		<u>18</u>		<u>20</u>

Portadores do Certificado de Cambridge, matriculados com autorização especial:

		1		8		9
--	--	---	--	---	--	---

Total geral:	Masc.	326	Fem.	529	Total	855
---------------------	--------------	------------	-------------	------------	--------------	------------

COMISSIONAMENTOS

Nos têrmos da lei 504, de 10 de novembro de 1949, foram comissionados no ano de 1950, junto a esta Faculdade, para cursarem a Secção de Pedagogia, os seguintes professôres primários:

- 1) Edson Freire — Escola Masculina de Maresias (São Sebastião) — Ato de 25-9-50.
- 2) Eneida Pimentel da Silveira — Grupo Escolar de Rapôsa (Registro) — Ato de 25-9-50.
- 3) Lucia Wollet de Mello — Grupo Escolar Oscar Thompson (Capital) — Ato de 12-9-50.
- 4) Maria Helena Prestes Barra — Grupo Escolar Oscar Thompson (Capital) — Ato de 30-5-50.
- 5) Maria Thereza de Barros Santiago — Escola Primária do Instituto Caetano de Campos — (Capital) — Ato de 30-5-50.
- 6) Nioma Pires Gavião — Grupo Escolar de Capão Bonito — Ato de 12-9-50.
- 7) Noemia de Godoy Bueno — Grupo Escolar Campos Sales — Capital — Ato 18-4-50.

**VI - CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO
E CONGREGAÇÃO**

Ao iniciar-se o ano de 1950, o Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade compunha-se dos seguintes professores: Aroldo de Azevedo, Eurípedes Simões de Paula, Fernando de Azevedo, Paulo Sawaya, Plínio Marques da Silva Ayrosa e Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama.

No segundo semestre, em virtude da nomeação do Prof. Eurípedes Simões de Paula para o cargo de diretor da Faculdade, do pedido de exoneração do Prof. Plínio Marques da Silva Ayrosa e do afastamento do Prof. Reynaldo Saldanha da Gama, atualmente comissionado junto à Escola Superior de Guerra, o Conselho Técnico-Administrativo passou a ser constituído da seguinte forma: Profs. Alfredo Ellis Junior, Viktor Leinz e Francisco da Silveira Bueno, os quais, juntamente com os Profs. Aroldo de Azevedo, Fernando de Azevedo e Paulo Sawaya passaram a constituir êsse órgão de tanta importância na Faculdade.

Durante o ano, realizaram-se 24 reuniões do Conselho, nas quais foram abordados problemas de ordem didática e administrativa.

A Congregação, cujas atribuições estão fixadas pelo Regulamento da Faculdade e pelos Estatutos da Universidade, compõe-se dos professores catedráticos, contratados e interinos, de um representante dos livres-docentes e, a partir de 1950, de um dos assistentes, também. Em 1950, eleitos pelos seus pares, representaram os livres-docentes o Prof. Antonio Candido de Mello e Souza até outubro, e daí em diante o Prof. Antônio Augusto Soares Amóra. A representação dos assistentes, que pela primeira vez se efetuou, esteve a cargo do Prof. Eduardo d'Oliveira França.

Durante o ano, realizaram-se 13 sessões ordinárias e extraordinárias, além das sessões especiais de concurso para livre-docência e para cátedra, e de mais cinco sessões solenes, a saber: a de abertura do ano letivo, na qual foi empossado o Prof. Viktor Leinz no cargo de professor catedrático da Cadeira de Geologia e Paleontologia, e a quem coube proferir a aula inaugural; a de posse do novo diretor; a que se realizou, especialmente, para a recepção aos antigos alunos da Faculdade, reunidos em congresso, no mês de julho; a realizada por ocasião do encerramento desse mesmo congresso, e na qual prestou a Faculdade significativa homenagem à memória de Armando de Sales Oliveira e Theodoro Augusto Ramos, respectivamente, fundador e primeiro diretor da Instituição; e, finalmente, a de colação de grau, realizada a 27 de dezembro. As sessões especiais de concurso realizaram-se nos termos da lei n.º 851, de 7 de outubro de 1949, e para elas contou a Faculdade com a colaboração de diversos professores de outros ins-

titutos universitários e de figuras representativas do mundo cultural paulista, especialmente convidados.

Além dos diversos atos e resoluções, que são devidamente considerados nos diferentes itens dêste Anuário, cumpre acentuar, como medidas de caráter mais geral, as que se referem à organização e regulamentação dos cursos noturnos previstos na Constituição Estadual; aos cursos de férias, para professôres do ensino secundário e normal, organizados pela Faculdade em colaboração com a Reitoria e a Secretaria da Educação; e as que se referem aos esforços tendentes a solucionar o problema da prática de ensino para os alunos do quarto ano.

Na última sessão ordinária dêste ano, por proposta do Professor Heinrich Hauptmann, a Congregação testemunhou seus agradecimentos aos Professôres Theodureto de Arruda Souto, Paulo Guimarães Fonseca, e aos seus assistentes, pela colaboração prestada ao Departamento de Química, ministrando cursos de especialização aos alunos dêsse Departamento.

CURSOS NOTURNOS

Dando cumprimento à lei n.º 622, de 4 de janeiro de 1950, que regulamenta o disposto no artigo 23 das Disposições Transitórias da Constituição Estadual, a Congregação da Faculdade, em sessão de 6 de maio de 1950, aprovou o Regimento dos Cursos Noturnos previstos para o ano letivo de 1951, que abaixo se transcreve:

REGIMENTO DOS CURSOS NOTURNOS

Dos cursos

Art. 1. Os cursos noturnos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, criados pela lei n. 622 de 4 de janeiro de 1950, reger-se-ão pelos decretos 12.511, de 21 de janeiro de 1942 e pelo decreto-lei 9.092, de 26 de março de 1946, que regulamentam os cursos da Faculdade.

Do corpo docente e técnico

Art. 2. O pessoal docente, técnico e administrativo que exerce funções nos cursos diurnos será, sempre que possível, aproveitado nos cursos noturnos, a juízo do responsável pela Cadeira e aprovação do C.T.A..

Art. 3. Os titulares das diversas Cadeiras serão responsáveis pelo ensino das respectivas matérias nos cursos noturnos.

Art. 4. Haverá nos cursos noturnos tantos professôres quantos forem necessários para a sua realização.

Art. 5. Poderão ser escolhidos para os cursos noturnos, além dos titulares das Cadeiras, os seguintes professôres: a) os primeiros assistentes que forem livres-docentes; b) os livres-docentes que não estiverem no exercício de funções didáticas; c) os primeiros-assistentes.

Art. 6. Se para determinada cadeira a ser lecionada nos cursos noturnos não se encontrar professor dentre os indicados no artigo anterior, o C.T.A., ouvido o titular da Cadeira, procederá ao exame de títulos dos candidatos que se apresentarem para a regência desse curso.

Parágrafo único. Para efeito do disposto neste artigo, consideram-se títulos: os títulos universitários, os trabalhos publicados e os cargos conquistados mediante concursos, todos concernentes à disciplina em questão.

Art. 7. Nos casos do art. anterior e seu parágrafo único, servirão os professôres em regime de contrato, pelo prazo de um ano, e com vencimentos não superiores aos dos titulares.

Art. 8. No caso de o professor não ser o titular da Cadeira, ser-lhe-á permitido o uso da biblioteca, dos aparelhos, dos instrumentos e do material necessário aos cursos, mediante autorização expressa do titular ou responsável da Cadeira e aprovação do C.T.A..

§ 1. O professor dos cursos noturnos será o responsável pelo uso do material (livros, aparelhos, etc.) mencionado neste artigo.

§ 2. Os alunos e o pessoal docente e técnico, que se utilizarem do material mencionado neste artigo, serão responsáveis pela conservação do mesmo perante o titular da Cadeira respectiva.

§ 3. No caso de extravio ou deterioração do material indicado neste artigo e utilizado nos cursos noturnos, serão os professôres responsabilizados, devendo pagar as respectivas indenizações que poderão ser descontadas em fôlha, totalmente ou em partes, a juízo do C.T.A..

Art. 9. Aos alunos regulares (art. 47, § 1 do decr. 12.511) é facultada a matrícula em uma ou mais Cadeiras, obedecida a ordem de dependência estabelecida, a juízo dos professôres dos diversos Cursos desta Faculdade e aprovação pelo C.T.A..

Art. 10. Para os cursos que têm aulas práticas, é livre a frequência às aulas teóricas, ficando impedido de se apresentar ao exame final o aluno que não tiver executado pelo menos dois terços dos exercícios práticos da Cadeira.

Parágrafo único. Êstes exercícios serão especificados em caderne-ta especial e cada um rubricado pelo professor.

Art. 11. O período de aulas dos cursos noturnos terá início às 19 horas.

Art. 12. O número de vagas de cada curso será determinado, anualmente, até 31 de dezembro, pelo C.T.A., ouvidos os titulares das respectivas cátedras.

Art. 13. A inscrição para o concurso de habilitação efetuar-se-á de 2 a 20 de janeiro, realizando-se as provas na ocasião indicada pelo C.T.A..

Art. 14. Na época oportuna o C.T.A. providenciará a nomeação dos professôres, de conformidade com o disposto no art. 5.

Art. 15. O regime didático a que serão submetidos os alunos dos cursos noturnos será o mesmo dos cursos diurnos.

Art. 16. O horário das aulas dos diferentes cursos será organizado pelos professôres e aprovado pelo C.T.A., obedecendo ao disposto no art. 11.

Art. 17. Os cursos de especialização de que trata o decreto 9.092, art. 15, serão regulamentados em cada caso especial pelo C.T.A., ouvido o respectivo professor, de conformidade com o número de alunos inscritos.

Art. 18. A freqüência do pessoal administrativo e técnico será aferida pela marcação do ponto.

Art. 19. Enquanto forem lecionadas nos cursos noturnos, cada uma das atuais Cadeiras (art. 24 do decr. 12.511) contará com mais um assistente ou com maior número, na base de um para vinte alunos inscritos nas Cadeiras de laboratório ou que tenham aulas práticas.

Art. 20. Os professôres das Cadeiras que comportam laboratório disporão de auxiliares para o ensino prático da matéria, na proporção de um auxiliar para cada vinte alunos inscritos.

Art. 21. Para os cargos administrativos serão aproveitados, sempre que possível, os funcionários dos cursos diurnos, a juízo do C.T.A..

Art. 22. A concessão de diplomas, nos termos do art. 64 do decr. 12511, dependerá da apresentação, pelo candidato, dos certificados de aprovação em cada uma das Cadeiras dos respectivos cursos ordinários.

Dotação orçamentária

Art. 23. Na proposta orçamentária da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras deverá constar uma verba especial para atender às despesas dos cursos noturnos.

§ 1. A dotação para os cursos noturnos da Faculdade não poderá ser inferior a 35% do que lhe é destinado para o curso normal diurno, quando tôdas as suas séries estiverem em funcionamento.

§ 2. A distribuição da dotação será feita pelo C.T.A. e aprovada pelo Conselho Universitário.

§ 3. O pessoal administrativo necessário ao funcionamento dos cursos noturnos será contratado por proposta do C.T.A..

§ 4. O porteiro, serventes, técnicos e auxiliares de ensino e outros funcionários efetivos ou contratados da Faculdade, poderão ser aproveitados para os trabalhos dos cursos noturnos, cabendo-lhes a gratificação adicional de 50% sôbre o padrão de vencimentos do cargo ou função, desde que o tempo de trabalho noturno não exceda os 2/3 do trabalho diurno, caso em que serão pagos na base de 2/3.

Art. 24. As gratificações e os vencimentos do corpo docente, para os cursos noturnos, serão fixados em lei.

Art. 25. Serão aplicadas aos cursos noturnos, no que couberem, as normas previstas no Regulamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Art. 26. A Congregação da Faculdade terá, em relação aos cursos noturnos, as mesmas atribuições e prerrogativas que para os cursos diurnos.

CURSOS DE FÉRIAS

HISTÓRICO DO ASSUNTO, DE 1947 A 1950

I — Os cursos de férias nasceram da necessidade, por todos reconhecida, de trazer ao convívio da Faculdade, nos períodos de férias escolares, não só seus antigos alunos, como também todos os professores do ensino secundário e normal que demonstrassem interêsse pelo aprimoramento da cultura. Convém dizer que, durante muito tempo, realizaram, diversos Departamentos da Faculdade, cursos de férias, sem caráter oficial, apenas com objetivo cultural, a êles acorrendo, principalmente, antigos alunos.

A primeira tentativa de reconhecimento dos cursos de férias foi feita em julho de 1947, quando foram realizados, a título de experiência, alguns cursos de letras e de ciências, patrocinados pelo então recém-criado Departamento de Cultura da Reitoria. Expediu o Departamento os respectivos certificados à vista do relatório apresentado pela Faculdade de Filosofia e pela Escola Politécnica, que se incumbiu da disciplina de Matemática.

Experiência mais ampla foi a que se fez em fins de 1947, desta vez mediante acôrdo com a Reitoria da Universidade e com a Secre-

taria da Educação, visando um curso em três etapas, aproveitando-se os meses de férias de janeiro e julho de 1948 e janeiro de 1949. A esta iniciativa procurou a Faculdade de Filosofia corresponder tanto quanto lhe era possível para um trabalho em período de férias: foram solicitados os programas de tôdas as cadeiras dos currículos ginásial, colegial e normal, compulsados tendo-se em vista a duração do curso (3 meses), e com a exigência de exames sôbre a matéria ministrada, bem como a de freqüência obrigatória. Do acôrdo constava, expressamente, que os concursos para ingresso no magistério secundário e normal só seriam abertos após o término dos cursos, bem como o compromisso, por parte da Secretaria da Educação, de não fazer nomeação interina alguma sem chamada prévia pelo órgão oficial e assegurando-se preferência a licenciados.

Sob os melhores auspícios, iniciaram-se os cursos em janeiro de 1948. O Professor Antônio Augusto Soares Amóra proferiu a aula inaugural. Inscreveram-se mais de 600 professôres, funcionando os cursos durante todo o mês de janeiro e o de julho de 1948, com um número de aulas bastante variável, em função dos próprios programas elaborados. Cadeiras houve, como a de Geografia, por exemplo, que ministraram aulas diárias e ainda com trabalhos de seminário e excursão; as Cadeiras de laboratório ministraram aulas práticas, conforme consta do relatório pormenorizado, que foi encaminhado à Reitoria da Universidade.

Ao aproximar-se a época da realização da terceira etapa do curso, janeiro de 1949, algumas circunstâncias determinaram o desintereêsse por parte da Faculdade: em primeiro lugar, a determinação, por parte da Secretaria da Educação, da realização dos concursos de ingresso, quando do acôrdo ficara bem claro que tais concursos só se realizariam após o término do último período do curso; em segundo lugar, a expedição por parte da Reitoria, de atestados provisórios referentes ao Curso de Férias, atestados êstes a que foi dado um valor excessivo (dois pontos, quando o diploma de licenciado valia quatro), apesar de constar dos mesmos a seguinte nota: "O certificado definitivo de aproveitamento será conferido após a realização do terceiro ciclo dos cursos de férias, mediante o resultado das provas finais". Cumpre esclarecer, que diante dos têrmos do ato n.º 49 de 22 de outubro de 1948, regulamentando o concurso de ingresso, a Reitoria só poderia ter tomado a atitude acima indicada, isto é, conceder aos que assistiram ao primeiro e segundo ciclos já realizados, atestados provisórios de freqüência. O valor em pontos dos mesmos foi arbitrado pela Secretaria da Educação, independentemente de qualquer ingerência ou consulta prévia à Universidade de São Paulo.

Consultados os órgãos diretores da Faculdade — Conselho Técnico-Administrativo e Congregação — sôbre a conveniência de novos cursos de férias em 1949, opinaram ambos pela negativa, a não ser que ficassem bem claramente ressalvados os interêsses da Faculdade,

isto é: elaboração dos programas pela própria Faculdade, frequência obrigatória e exame no fim dos cursos.

II — Tendo em vista o que foi estabelecido pelos professôres presentes ao I Congresso dos Antigos Alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, realizado em julho do corrente ano, referente à necessidade de a Faculdade de Filosofia organizar os cursos de férias para professôres secundários e normais, procurou o Prof. Dr. Antônio Soares Amóra, Diretor Geral do Departamento de Cultura da Reitoria da Universidade de São Paulo, o Secretário da Educação, para os entendimentos cabíveis.

Como, também, já era pensamento do Secretário da Educação, a realização, pela Faculdade de Filosofia, dos cursos de férias do próximo verão, segundo o que foi exposto acima, designou Sua Excelência o snr. Prof. Elisiário Rodrigues de Souza, Diretor do Serviço de Expansão Cultural, Intercâmbio e Divulgação, do Departamento de Educação, para, com a Reitoria da Universidade, combinar as medidas preliminares à efetivação dos referidos cursos.

Após os entendimentos necessários entre a Reitoria da Universidade, a Faculdade de Filosofia e a Secretaria da Educação, ficou asentado que os cursos de férias seriam realizados nas seguintes bases, aprovadas pela Congregação da Faculdade, em sessão de 14 de dezembro de 1950:

1) a escolha de matérias, a organização dos planos de ensino e de estudos, a duração dos cursos, bem como a indicação dos professôres, a cujo cargo ficarão êsses cursos, são da estrita competência da Faculdade de Filosofia;

2) os entendimentos com a Reitoria da Universidade e o Secretário da Educação, caberá ao Diretor da Faculdade realizá-los, depois de consulta ao Conselho Técnico-Administrativo, e, no segundo caso (a saber, com o Secretário da Educação), com a expressa autorização do Senhor Reitor da Universidade;

3) concluidos e levados a bom têrmo êsses entendimentos, competirá ao Diretor da Faculdade anunciá-los, por meio de editais e de notícias divulgadas pela imprensa e pelo rádio e abrir as inscrições;

4) os professôres incumbidos de dar êsses cursos, nas matérias de suas especialidades, deverão receber, por aula, uma gratificação nunca inferior a Cr.\$200,00 (duzentos cruzeiros), que correrão pela verba posta pela Reitoria da Universidade à disposição da Faculdade, para êsse fim especial;

5) o certificado de aprovação nesses cursos será expedido à vista do relatório escrito de cada um dos professôres, no qual se declare, expressamente, o número de aulas a que compareceu cada um dos candidatos inscritos, e, após aprovação em exames em que tenham obtido nota nunca inferior a 7 (sete);

6) às Cadeiras que comportam trabalhos de laboratório e necessitam de excursões serão concedidas verbas especiais para os trabalhos dessa natureza;

7) aos que forem julgados mais interessados em fazer cursos normais ou de especialização (neste caso, quando se tratar de licenciandos), e mais capazes de os realizarem, com proveito, poderá ser concedido o comissionamento, sem prejuízo de vencimentos, para seguir êsses cursos, pelo tempo que durarem, nos termos do Regulamento da Faculdade;

8) êsses cursos serão realizados nas férias de verão ou de inverno, quando assim o entenderem o Conselho Técnico-Administrativo e a Congregação da Faculdade de Filosofia, e com a organização, duração e exigências que forem estabelecidas.

O PROBLEMA DA PRÁTICA DE ENSINO

Tendo a Assembléia Legislativa do Estado solicitado que a Faculdade se pronunciasse sôbre o projeto de lei n.º 754/1950, de autoria do deputado Rubens do Amaral, sôbre a criação de um Instituto Pedagógico, anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o Conselho Técnico-Administrativo, em sessão de 3 de agosto de 1950, aprovou longo e fundamentado parecer do Prof. Fernando de Azevedo, concluindo pela inoportunidade do projeto em aprêço.

Em diversas sessões a Congregação da Faculdade debateu o assunto, tendo tomado parte ativa na discussão do problema, além do Prof. Fernando de Azevedo, os Profs. José Querino Ribeiro, Onofre de Arruda Penteadó Junior, Milton da Silva Rodrigues, Annita de Castilho e Marcondes Cabral, Paulo Sawaya, Ernesto Marcus, Heinrich Hauptmann, Heinrich Rheinboldt, Viktor Leinz, Simão Mathias e André Dreyfus. Para o estudo definitivo do assunto foi designada, em sessão de 11 de setembro, uma comissão constituída pelos Profs. Onofre de Arruda Penteadó Junior, José Querino Ribeiro, Fernando de Azevedo, Milton da Silva Rodrigues e Annita de Castilho e Marcondes Cabral. O relatório desta comissão, que deveria ser devidamente apreciado pela Congregação, foi substituído por uma proposta do Prof. Odilon Araujo Grellet, em sessão de 14 de dezembro de 1950, visando à anexação do Colégio Estadual Presidente Roosevelt à Faculdade de Filosofia, com o fim de servir de escola de aplicação. Para êsse fim, uma comissão formada pelos Profs. Milton da Silva Rodrigues, Odilon Araujo Grellet e Onofre de Arruda Penteadó Junior, redigiu um ante-projeto de lei, que foi encaminhado à Assembléia Legislativa do Estado, em 20 de dezembro de 1950.

COMISSÃO DE BIBLIOTECA

Em virtude de resolução do Conselho Técnico-Administrativo, aprovada em sessão de 16 de janeiro de 1950, foram designados os

Profs. Paulo Sawaya, Milton da Silva Rodrigues e Eurípedes Simões de Paula para, juntamente com o Secretário e o Bibliotecário-chefe, constituírem a “Comissão de Biblioteca”. Não podendo, por motivo de força maior, aceitar a indicação, foi o Prof. Milton da Silva Rodrigues substituído nessa Comissão pelo Prof. Plínio Marques da Silva Ayrosa. Assim também, com a nomeação do Prof. Simões de Paula para a diretoria da Faculdade, foi designado para substituí-lo o Prof. Aroldo de Azevedo.

De acôrdo com a citada resolução do Conselho Técnico-Administrativo, são as seguintes as atribuições da “Comissão de Biblioteca”:

a) estudar a situação da Biblioteca central e sugerir à Diretoria as medidas indispensáveis para que a mesma seja organizada e posta em funcionamento regular durante o ano de 1950;

b) solicitar aos departamentos que já têm suas bibliotecas organizadas, cópias do fichário de seus livros e separatas, segundo o modelo a ser fornecido pela comissão;

c) entrar em entendimento com os professores de Departamentos ou Cadeiras dotadas das chamadas bibliotecas departamentais ainda não fichadas, de modo a poder organizá-las dentro do período letivo próximo;

d) requisitar a verba necessária à aquisição de livros para a Biblioteca central.

O primeiro trabalho levado a efeito pela Comissão foi a organização, na Biblioteca central, do fichário das bibliotecas departamentais. Desnecessário insistir no interesse dum trabalho dessa natureza, tendo-se em conta, principalmente, a separação dos cursos da Faculdade, localizados em edifícios diferentes e, muitas vêzes, distantes. Para êsse trabalho, já em sua fase final, foi solicitada a colaboração dos Professores.

Como medida de ordem geral, visando sistematizar os futuros trabalhos, a Comissão resolveu aprovar a seguinte resolução, ratificada pelo Conselho Técnico-Administrativo, em sessão de 11 de dezembro de 1950:

“Dentro das atribuições que lhe foram conferidas pelo Sr. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com aprovação do C.T.A., em data de 16 de janeiro de 1950, a Comissão resolve:

1) tôdas as deliberações serão tomadas por maioria de votos dos membros da Comissão;

2) quando estas deliberações se referirem a bibliotecas departamentais, serão ouvidos os responsáveis pelas respectivas Cadeiras ou Departamentos;

3) das deliberações aprovadas pela Comissão caberá recurso ao Diretor, que o submeterá ao C.T.A.”

VII - CONCURSOS



ANTECEDENTES

A regulamentação dos concursos para provimento dos cargos de professor catedrático e para livre-docência da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foi, como um capítulo de seu Regimento Interno, baixada pelo decreto-lei 13.426, de 23 de junho de 1943. Nos termos desse dispositivo legal, foram abertas as inscrições aos concursos para provimento efetivo das Cadeiras de Geografia Física e Filosofia, encerrando-se o prazo regimental aos 3 de março de 1950. Inscreveram-se, para o concurso de Geografia Física, os Srs. João Dias da Silveira e José Setzer, e para o de Filosofia, os Srs. João Cruz Costa, Vicente Ferreira da Silva Filho, Renato Cirell Czerna, José Oswald de Souza Andrade, Luís Washington Vita e Heraldo Barbuy. As inscrições destes dois últimos candidatos foram aceitas condicionalmente, visto não possuírem diploma universitário e terem-se prevalecido, para o ato de inscrição, do regime de exceção aberto pelo parágrafo segundo do artigo 13 do Regimento de Concurso.

Em virtude de não possuir a Congregação da Faculdade dois terços de professôres efetivos, tôdas as suas atribuições, no referente a concursos, cabiam ao Conselho Universitário, o qual, nessas condições, funcionava como Congregação da Faculdade. Todos os concursos, até 1950, foram realizados dentro dessas normas e assim, também, deveriam ter sido os que estavam marcados para êsse ano. Cumpre notar, entretanto, que a lei 851, de 7 de outubro de 1949, dispondo sôbre a constituição das congregações dos institutos universitários de ensino superior, alterou fundamentalmente a situação vigente, determinando que as congregações com menos de dois terços de professôres efetivos (justamente como a desta Faculdade) fôssem completadas com professôres universitários de estabelecimentos congêneres ou pessoas de notório saber, com atividade e obras publicadas no domínio da especialidade da cadeira em concurso, e assegurando, dessa maneira, a sua autonomia para fins de concurso (*).

(*) É o seguinte o enunciado da lei 851, de 7 de outubro de 1949:

Art. 1.º — A Congregação de Institutos de Ensino Superior de Universidades, que tiver menos de dois terços de professôres catedráticos, indicará, para completar êsse número, professôres catedráticos efetivos de estabelecimentos congêneres, oficiais ou reconhecidos, de preferência entre os que lecionem a mesma matéria, ou afim, de cadeira posta

Todavia, embora já em plena vigência da lei 851, entendeu o Conselho Técnico-Administrativo, diante de dúvidas surgidas na sua interpretação, que, tal como nos concursos anteriores, fôsem as inscrições submetidas ao Conselho Universitário e funcionasse êste como Congregação da Faculdade. Assim, aos 6 de março de 1950, foram os processos de inscrição encaminhados à Reitoria para “as providências que se fizerem necessárias para o cumprimento do disposto no artigo 22 daquele decreto (13.426), que determina a convocação da Congregação (no caso desta Faculdade, o Conselho Universitário) para, no quarto dia útil imediato ao da terminação do prazo das inscrições, pronunciar-se sôbre a habilitação dos candidatos e escôlha de dois membros, e respectivos suplentes, para a comissão examinadora” (ofício 717).

Na mesma data (pelo ofício 718), consultava-se a Reitoria sôbre a legitimidade das duas inscrições condicionais:

“Em tempo hábil, de acôrdo com editais publicados e nos têrmos do decreto-lei 13.426, de 23-6-1943, requereram inscrição ao referido concurso (de Filosofia) os Srs. Luís Washington Vita e Heraldo Barbuy, os quais, deixando de atender à exigência do artigo 13 do citado decreto-lei, referente à apresentação de diploma de curso superior, invocaram em seu abono o parágrafo 2.º do mesmo artigo, que diz, textualmente: “Quando a matéria em concurso fôr lecionada apenas nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, ficarão os candidatos isentos da exigência de apresentar diploma de escola superior em cujo curso se contenha tal matéria, até que a lei federal disponha sôbre o assunto”.

Nessas condições, e considerando que um dos candidatos — o Sr. Heraldo Barbuy, invocou, ainda, precedentes já havidos nesta mesma Faculdade, determinei a inscrição condicional dos requerentes, até que possa o egrégio Conselho Universitário manifestar-se sôbre o assunto”.

Em sessão de 17 de março, o Conselho Universitário tomou as resoluções que lhe cabiam em casos dessa natureza: aceitou as inscri-

em concurso, ou profissionais de notório saber com atividade ou obras publicadas, pertinentes à mesma disciplina.

Parágrafo único — Os componentes da Congregação, escolhidos na forma dêste artigo, participarão, com direito de voto, das sessões da Congregação, concernentes ao concurso e submeter-se-á à aprovação desta o parecer da comissão julgadora.

Art. 2.º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1949, 128.º da Independência e 61.º da República.

EURICO G. DUTRA
Clemente Mariani

ções, inclusive as condicionais, estas, à vista do alegado pelos requerentes, e escolheu para representá-lo nas comissões examinadoras os Profs. Aroldo de Azevedo e Viktor Leinz, para o concurso de Geografia Física, e Alexandre Corrêa e Arthur Versiani Velloso, para o de Filosofia. Comunicadas estas resoluções à Faculdade, pelo ofício SG/163, de 30 do mesmo mês, foram efetivadas as duas inscrições condicionais, conforme consta do livro competente, III, pp. 76 e 76 verso.

Logo após a reunião do Conselho Universitário em 20 de março, o Conselho Técnico-Administrativo, nos termos do art. 25 do Regulamento de Concurso, escolheu os membros que deveriam integrar as respectivas comissões examinadoras: para o concurso de Geografia Física, os Profs. Victor Ribêiro Leuzinger, Francis Ruellan e José Veríssimo da Costa Pereira e, como suplente, o Prof. Octavio Barbosa; para o de Filosofia, os Profs. Hermes Lima, Ivan Lins e Orlando M. de Carvalho e, como suplentes, os Profs. Carlos de Campos, Sílvio Rabelo e Alceu de Amoroso Lima.

Contra a resolução do Conselho Universitário aceitando as duas inscrições condicionais, protestou a Congregação da Faculdade, reunida em 31 de março. Resultado dêste movimento, foi enviado recurso ao Ministro da Educação e ao Conselho Nacional de Educação.

RECURSO DA CONGREGAÇÃO SÔBRE O CONCURSO DE FILOSOFIA

Ao Exmo. Snr. Dr.
DD. Ministro da Educação e Saúde Pública.

Exmo. Snr. Ministro da Educação:

A Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em sua sessão ordinária de 31 de março do corrente ano, resolveu, por unanimidade de votos, recorrer ao Conselho Nacional de Educação, que V. Excia. preside, como Ministro de Estado dos Negócios da Educação e Saúde, contra a decisão do Conselho Universitário desta Universidade, o qual autorizou, contra a lei e os superiores interesses do ensino e da carreira de professor universitário, a inscrição de dois candidatos ao concurso para o provimento da Cadeira de Filosofia, apesar de não apresentarem diploma de curso superior e não ter, um dêles, sequer o curso secundário.

Encerradas no prazo legal as inscrições ao concurso de títulos e provas para o provimento efetivo da referida Cadeira, o Conselho Técnico-Administrativo desta Faculdade, ouvido pelo Sr. Diretor, foi de parecer que as inscrições de dois candidatos, os srs. Heraldo Barbuy e Luís Washington Vita, não podiam ser aceitas senão condicionalmente pelo sr. Diretor, e que ao Conselho Universitário cabia resol-

ver, em face da lei, e dissipar as graves dúvidas que se levantaram sobre a legitimidade dessas inscrições. Fôsse da competência do Conselho Técnico-Administrativo ou da Congregação desta Faculdade, como se deduz do seu pronunciamento unânime sobre a matéria, e essas inscrições teriam sido rejeitadas, por não atenderem às exigências legais. Mas, como o Conselho Universitário, em casos de concurso, funciona como Congregação e a êle compete, em consequência, julgar a idoneidade moral dos candidatos e a legitimidade das inscrições, escolher dois membros da Comissão Examinadora e aprovar o veredictum ou o julgamento final dessa Comissão, foi submetida à apreciação do Conselho Universitário a questão relativa à legitimidade, por nós contestada, das inscrições dos dois referidos candidatos.

O Conselho Universitário, em conformidade com o parecer da Comissão de Ensino e Regimentos, entendeu, porém, aprovar essas inscrições e tê-las, portanto, como legítimas. Contra os pareceres do representante da Congregação da Faculdade de Filosofia, nesse Conselho, e do Diretor desta Faculdade que reconheceram os precedentes e a boa fé dos dois candidatos, que se inscreveram, baseados no pressuposto falso de serem legítimas as suas inscrições, mas que contestaram francamente a fundamentação jurídica do parecer da Comissão de Ensino e Regimentos, resolveu o Conselho Universitário dar por boas as aludidas inscrições, reincidindo no êrro que havia cometido em relação a concursos análogos, nesta Faculdade, para os quais foram admitidos candidatos que não atendiam às exigências legais referentes ao diploma de curso superior, em instituto universitário. O que certamente, quando se discutiu a matéria, abalou a opinião de muitos, inclinando-a a favor dessas inscrições, foi, na sessão do Conselho Universitário, não só o reconhecimento da existência de precedentes (como se um êrro justificasse outro) e, portanto, da boa fé dos candidatos, como também a afirmação avançada pelo sr. Reitor, advogado e professor de direito, de que, se passasse em julgado que o Conselho Universitário havia errado na interpretação da lei, os concursos já realizados há mais de quatro anos seriam nulos de direito!

Ora, como é notório, — e espanta que a afirmação em contrário tenha sido feita por um ilustre advogado e professor da Faculdade de Direito, como é o Exmo. Sr. Reitor da Universidade de São Paulo, — há um prazo legal para a interposição de recursos de nulidade ou referentes à apreciação dos candidatos pela Comissão Julgadora. Uma vez decorrido êsse prazo, sem que tenha sido interposto qualquer recurso por algum dos interessados, o concurso, ainda que viciado na sua origem ou em qualquer momento, desde as inscrições até o julgamento final, é tido e havido como definitivamente aprovado, não cabendo, portanto, recurso algum depois de expirado o prazo que a lei estabeleceu. A afirmação, porém, partindo de tão alto, não deixou de impressionar e provocar o receio de que, se o Conselho, então, em face do novo caso concreto, que era chamado a julgar, reconhecesse o êrro

em que incorrera, em outros casos, e negasse sua aprovação às referidas inscrições, os outros concursos realizados anteriormente seriam nulos de direito e os candidatos, classificados em primeiro lugar, nomeados e já no exercício de seus cargos há mais de quatro anos, teriam ameaçada, e ficariam em perigo de perder a sua própria situação. E' contra essa decisão, tomada precipitadamente pelo Conselho Universitário, que a Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo resolveu interpor, por intermédio de V. Excia., Sr. Ministro da Educação e Saúde, um recurso ao Conselho Nacional de Educação, pelas razões que passa a expor a V. Excia. e àquele Conselho, na segurança de que se levanta na defesa da lei e dos mais altos interesses da carreira profissional do professor e do ensino universitário.

De fato, Exmo. Sr. Ministro, entre as exigências estabelecidas no art. 84 dos Estatutos da Universidade de São Paulo, aprovados pelo decreto-lei federal n.º 39, de 3 de setembro de 1934, para a inscrição ao concurso de professor catedrático, em não importa que instituto universitário, figura a de apresentar o candidato "diploma profissional ou científico de instituto oficialmente reconhecido, onde se ministre ensino da disciplina a cujo concurso se propõe". Nessa disposição legal, expressamente formulada de maneira a não deixar margem a interpretações equívocas, se incluem duas exigências que é de toda a conveniência distinguir e sublinhar: 1) a de que o candidato seja portador de diploma profissional ou científico de instituto oficialmente reconhecido; 2) a de que esse diploma tenha sido obtido em instituto "onde se ministre o ensino da disciplina a cujo concurso se propõe". Em nenhum dos institutos que integram a Universidade de São Paulo, deixou de ser cumprido, em qualquer época, o art. 84 dos Estatutos da Universidade, que estabelece como uma das condições essenciais e indispensáveis, para a inscrição ao concurso de professor catedrático, "o diploma profissional ou científico de instituto oficialmente reconhecido". A única exceção que se abriu, no tocante ao sábio dispositivo legal, e até certo ponto se poderia compreender quando se achava ainda a Faculdade de Filosofia em fase de organização, foi neste instituto universitário, já depois de se terem bacharelado e licenciado numerosos alunos em todas as seções. Foi por essa ocasião que o Conselho Universitário pela primeira vez entendeu dispensar candidatos a concurso nesta Faculdade, como por exemplo no de Literatura Brasileira, da exigência legal estabelecida no n.º 1 do art. 84 dos referidos Estatutos.

Êsses Estatutos, aliás, não fizeram mais do que repetir a disposição contida no decreto-lei 19.851, de 11 de abril de 1931, que constituiu, por muito tempo, a lei fundamental das universidades brasileiras. Tão salutar pareceu essa disposição aos fundadores da Universidade de São Paulo e à comissão incumbida de lhe redigir os estatutos, que não só foi incorporada à lei básica da Universidade, como,

daí por diante, foi rigorosamente cumprida, em todos os seus institutos, com a única exceção infeliz e desastrosa, a que acima nos referimos e que se quer agora repetir, com grave desrespeito à lei e não menos grave ameaça aos superiores interesses da Faculdade de Filosofia. Mas tendo sido adotada e seguida invariavelmente, na Universidade de São Paulo, a norma fixada nos Estatutos das Universidades brasileiras (decreto 19.851, de 11 de abril de 1931) e nos da Universidade de São Paulo (decreto-lei federal n.º 39, de 3 de setembro de 1934), como explicar, Exmo. Snr. Ministro, que o Conselho Universitário, depois de ter postergado, já uma vez, essa disposição relativa a inscrições para concurso de professor catedrático, volta agora, com espanto de todos, a insistir sobre a posição que tomou em face de concursos anteriores? Em que lei se terá escudado êsse Conselho para dispensar, com sua alta autoridade, do cumprimento de uma disposição que não foi revogada e vinha sendo posta em prática, em todos os institutos, sem objeções e com aprovação geral?

O Conselho Universitário, para tomar tão estranha e grave resolução, apoiou-se no regimento de concurso da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, aprovado pelo decreto estadual n.º 13.426, de 23 de junho de 1943. E' evidente, Sr. Ministro e Srs. Conselheiros, que um regimento interno, um *capítulo de um regimento interno*, não podia prevalecer sobre disposições expressas da lei estatutária, a cujos princípios e normas deveria subordinar-se. Não se trata, como vêm V. Excias., nem sequer do Regulamento da Faculdade de Filosofia, mas de uma parte do seu regimento interno para provimento dos cargos de professor catedrático. Houvesse, pois, nesse regimento, disposições contrárias às que se fixaram nos Estatutos da Universidade, e estas não podiam, de forma alguma, ser invocadas contra o que a lei federal e os Estatutos da Universidade consagraram. Mas a verdade é que, se lermos atentamente o referido regimento, não encontramos qualquer dispositivo que contrarie as normas fixadas nos Estatutos para as inscrições em concurso de professor catedrático. Tôda a questão que se levantou, levando o Conselho Universitário a tomar precipitadamente uma resolução, que se obstina a manter, liga-se a uma errada interpretação dada pela Comissão de Ensino e Regimentos a texto regimental relativo a concursos. Senão vejamos:

No art. 13 do referido Regimento, se manteve, quase nos mesmos termos, a disposição dos Estatutos da Universidade de São Paulo. Eis o art. 13, na sua íntegra: "Poderá concorrer ao cargo de professor catedrático da cadeira em concurso, todo brasileiro, nato ou naturalizado, diplomado por institutos de ensino superior da Universidade de São Paulo ou de outros estabelecimentos superiores oficiais ou oficialmente reconhecidos pelo Governo Federal, em curso de que faça parte a disciplina da cadeira em concurso ou disciplinas afins". O texto regimental do art. 13 é de uma tal clareza que chega até à redundância e não admite dúvidas e interpretações. Onde surgiram estas —

e foi por aí que claudicou o Conselho Universitário — foi no parágrafo 2.º, que está redigido por esta forma: “Quando a matéria da cadeira em concurso fôr lecionada apenas nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, ficarão os candidatos isentos da exigência de apresentar *diploma de escola superior em cujo curso se contenha tal matéria*, até que a lei federal disponha sôbre o assunto”. E’ o caso, exatamente, do próximo concurso para a cadeira de Filosofia, que só existe no currículo da Faculdade de Filosofia, como uma de suas mais importantes secções. Mas, de que exigências dispensou o candidato o parágrafo 2.º do art. 13 do Regimento? Da exigência de diploma de ensino superior? Certamente que não. Bastará ler-se com cuidado o texto do regimento para não resvalar para tão absurda interpretação. Não é de “diploma de escola superior”, mas “diploma de escola superior em cujo curso se contenha tal matéria”, que o regimento dispensa ou isenta o candidato. Uma vez que a matéria em concurso não é ensinada senão nas Faculdades de Filosofia — e sômente nestes casos especiais — o regimento da Faculdade de Filosofia, num espírito liberal, mas saltando sôbre os Estatutos, que são mais rigorosos, porque exigem para a inscrição do candidato, “diploma profissional ou científico de instituto oficialmente reconhecido onde se ministre ensino da matéria a cujo concurso se propõe”, exige do candidato apenas o diploma de escola superior ou universitário, dispensando-os de apresentar “diploma de escola superior *em cujo curso se contenha tal matéria*”.

Já vêem, Sr. Ministro e Srs. Conselheiros, que não procede a interpretação dada pelo Conselho Universitário ao Regimento da Faculdade, e em que se apoiou para dispensar candidatos de diploma de escola superior, para se inscreverem em concurso de qualquer matéria. Mas, se nos permitem V. Excias., além de ilegal, a resolução do Conselho Universitário, da qual a Congregação da Faculdade de Filosofia interpõe o presente recurso ao supremo Conselho Nacional de Educação, ela criaria uma situação irregular, e mais do que anormal, verdadeiramente disparatada, entre candidatos que, por esta forma, seriam favorecidos com excessiva generosidade, pela dispensa de quaisquer títulos universitários, e os candidatos licenciados por Faculdades de Filosofia e, particularmente, por esta Faculdade, em que já se instituiu, com incalculáveis vantagens para o ensino superior, neste instituto, a carreira do professor universitário. Enquanto, de um lado, segundo a errada interpretação que prevaleceu no Conselho Universitário, se dispensam candidatos de qualquer diploma de escola superior e de quaisquer cursos de formação e especialização na matéria e quaisquer provas de terem exercido, ainda que por semanas, o magistério da disciplina — as leis e os regulamentos que regem a Faculdade de Filosofia exigem para o acesso à cadeira universitária: 1) bacharelado, licenciatura e cursos de especialização, na matéria ou na secção de que faça parte (no caso, secção de Filosofia); 2) doutoramento,

mediante defesa de tese e provas subsidiárias, perante comissão examinadora equivalente à que julga concursos para catedráticos; 3) livre-docência com os mesmos rigores com que se realizam as provas de doutoramento, e, por último, 4) concurso de títulos e provas para o provimento da cadeira. O contraste entre, de um lado, as liberalidades do Conselho Universitário para candidatos sem diploma de escola superior, sem obras de valor notório, sem títulos e sem carreira científica e profissional, na especialidade em concurso, e, de outro, os rigores da lei e dos regulamentos que criam a carreira do professor universitário, impossível de se completar em menos de 15 anos de estudos, trabalhos, pesquisas e provas sucessivas, é tão marcado que faz saltar aos olhos com uma evidência agressiva, tudo o que envolve de desrespeito à lei, na sua letra e no seu espírito, de ofensa aos interesses do ensino superior e de grave injustiça, a resolução do colendo Conselho Universitário, contra a qual protesta e da qual a Congregação desta Faculdade apresenta a V. Excias., Sr. Ministro e Srs. Conselheiros, o presente recurso, certa de que lhe dará provimento, em última instância, o Conselho Nacional de Educação.

Pela Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo,

- aa) Francisco da Silveira Bueno
 Fernando de Azevedo
 A. C. de Mello e Souza (repr. dos livres-docentes)
 Edison Farah
 Alfredo Ellis Junior
 Eduardo Alcantara de Oliveira
 Benedito Castrucci
 J. Querino Ribeiro
 Theodoro Henrique Maurer Junior
 Fernando Furquim de Almeida
 E. Simões de Paula
 Candido Lima da Silva Dias
 Livio Teixeira
 Milton da Silva Rodrigues
 Italo Bettarello
 João Dias da Silveira
 Roldão Lopes de Barros
 Aroldo de Azevedo
 Simão Mathias
 Viktor Leinz
 Marcelo Damy de Souza Santos

Aluisio de Faria Coimbra
Omar Catunda
Pedro de Almeida Moura
Ernesto Marcus
Onofre A. Penteado Jr.
Plinio Ayrosa

“Deixo de assinar por ser candidato neste concurso”.

João Cruz Costa

PARECER DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SÔBRE O CONCURSO DE FILOSOFIA

Em sessão de 26 de maio, o Conselho Nacional de Educação aprovou, por unanimidade de votos, o seguinte parecer do Prof. Cesário de Andrade, favorável ao provimento do recurso da Congregação:

“A Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo recorre ao sr. Ministro da Educação e Saúde do ato do Conselho Universitário, que autorizou a inscrição de dois candidatos ao concurso para provimento da Cadeira da Filosofia, apesar de não apresentarem ambos diploma de curso superior, e de não ter, um dêles, sequer, curso secundário.

Alega a douta Congregação recorrente que o ato do Conselho Universitário infringiu a lei federal e os estatutos da própria Universidade de São Paulo, porquanto ambos dispõem, taxativamente, que se exigirá dos candidatos prova de possuírem diploma de curso superior onde se ministre o ensino da disciplina, a cujo concurso se propõem.

Diz ainda a douta Congregação que o dito Conselho, ao tomar tal decisão, baseou-se no regimento de concurso da Faculdade de Filosofia, aprovado pelo decreto estadual n.º 13.426, de 23 de junho de 1943, o qual não podia prevalecer sôbre disposições expressas da lei estatutária.

A resolução tomada pelo Conselho prende-se, alega a recorrente, a uma errada interpretação dada pela Comissão de Estatutos e Regimentos ao texto relativo a concursos.

O artigo em lide é o de n.º 13, que está assim redigido:

“Poderá concorrer ao cargo de professor catedrático da cadeira em concurso, todo brasileiro nato ou naturalizado, diplomado por institutos de ensino superior da Universidade de São Paulo ou de outros estabelecimentos superiores oficiais ou oficialmente reconhecidos

pelo Governo Federal, em curso de que faça parte a disciplina da cadeira em concurso ou disciplinas afins.

Parágrafo 2.º — Quando a matéria da cadeira em concurso fôr lecionada apenas nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, ficarão os candidatos isentos da exigência de apresentar diploma de escola superior, em cujo curso se contenha tal matéria, até que a lei federal disponha sôbre o assunto”.

Argumenta a parte recorrente que, em face dêsse dispositivo, não seria possível a dispensa concedida, porquanto o que no § 2.º citado se autoriza, não é a dispensa de diploma de escola superior, mas sim, do diploma de escola, em cujo curso se contenha tal matéria.

Conseqüentemente, se os candidatos não possuírem diploma do curso superior, não podem obter inscrição ao concurso naquela Faculdade.

A Comissão de Legislação, examinando o recurso “sub-judice”, verificou que, realmente, tratando da inscrição aos concursos, o decreto-lei n.º 19.851, de 11 de abril de 1931, estabelece, no seu artigo 51, inciso I, o seguinte:

“Apresentar diploma profissional ou científico de instituto onde se ministre ensino da disciplina a cujo concurso se propõe, além de outros títulos complementares referidos nos regulamentos de cada instituto”.

Em plena concordância com a lei geral, o artigo 84 dos Estatutos da Universidade de S. Paulo, aprovados pelo decreto-lei n.º 39, de 3 de setembro de 1934, prescrevem a obrigatoriedade de o candidato apresentar:

“Diploma profissional ou científico de instituto oficialmente reconhecido, onde se ministre ensino da disciplina a cujo concurso se propõe”.

Em face dêsse dispositivo de lei, expresso de maneira clara e taxativa, parece, com efeito, que não é legal qualquer interpretação permissiva à dispensa da exigência de diploma de curso superior, onde se ministre ensino da disciplina em concurso.

Evidentemente, se regimentos internos há elaborados de maneira a permitirem interpretação diversa da consentida no texto da lei federal, dando margem a que esta não seja cumprida no seu verdadeiro sentido, não podem êles vigorar nos estabelecimentos federais oficializados.

E’ claro que os regimentos internos devem subordinar-se à lei geral, jamais entrando em conflito com ela, uma vez que isso importaria em manifesto desrespeito à ordem jurídica.

No caso em apreciação, o que se passa, exatamente, é o prevailecimento de dispositivo regimental sôbre disposição taxativa de lei estatutária da Universidade, e da lei federal, a qual não contém, mes-

mo nas disposições transitórias, qualquer dispensa do diploma de curso superior, em casos tais.

Poder-se-ia justificar, não por falta de complementação da lei federal, mas pelo império das circunstâncias, a dispensa do diploma de curso superior do qual conste obrigatoriamente a disciplina em concurso, no caso especial em que determinada disciplina integre curso de criação relativamente recente, como ocorre com as Faculdades de Filosofia, em relação á cadeira de Filosofia.

Isto mesmo em boa lógica não seria admissível, atualmente, pois que há mais de um decênio numerosas Faculdades dêste gênero têm funcionado regularmente, já tendo diplomado dezenas ou talvez centenas de alunos.

O não cumprimento da referida exigência legal viria contrariar de frente uma das finalidades que se tiveram em vista com a criação daqueles institutos de ensino, além de poder dar ensejo à nulidade do concurso.

Também não vale o precedente que se invoca, com valor de coisa julgada, para se admitir uma situação criada em desabono da lei, porquanto “quod ab-initio non valet, in tractu temporis non convalescit”.

Finalmente, quanto à competência do Conselho Universitário, para funcionar como Congregação, faz-se necessário esclarecer qual a data em que se verificou a decisão objeto do presente recurso, porquanto a partir da publicação da lei n.º 851, de 7 de outubro de 1949, ficou implicitamente revogado o artigo 1.º do decreto n.º 271, de 1938, que dava ao referido órgão aquela atribuição.

À vista do exposto, e para que o Conselho Nacional de Educação possa opinar definitivamente no caso em apreciação, a Comissão de Legislação é de

PARECER que deve ser ouvido o Conselho Universitário sôbre a matéria em recurso”.

★

Nesse ínterim, e enquanto se aguardava o pronunciamento do Conselho Nacional de Educação, sôbre a legitimidade das inscrições condicionais, levantou-se novamente no Conselho Técnico-Administrativo (sessão de 19 de maio) o problema da aplicação e extensão da lei 851, do que resultou o ofício 1151, de 23 do mesmo mês, solicitando “fôsem tornadas sem efeito as providências já tomadas pelo Conselho Universitário com referência aos concursos”, para que fôsem aplicados os dispositivos da lei 851. E’ de interêsse a transcrição do referido ofício:

“Ao ser publicada a lei n.º 851, de 7 de outubro de 1949, sôbre a constituição das congregações nos institutos universitários, e submetida a mesma à apreciação da Congregação desta Faculdade, entendeu

êste órgão que, em vista da nova lei, podia considerar-se completo para todos os efeitos, inclusive os de concurso, devendo tal interpretação ser submetida à apreciação dessa Reitoria, o que foi feito.

Tendo sido encerradas, a 3 de março do corrente ano, as inscrições aos concursos para provimento das Cadeiras de Filosofia e Geografia Física desta Faculdade, e não tendo recebido resposta a consulta acima aludida, encaminhamos, de acôrdo com as normas vigentes anteriormente à lei 851 (Decreto 13.426, de 23-6-1943), os respectivos processos para apreciação pelo egrégio Conselho Universitário que, na devida ocasião, se manifestou sôbre os mesmos, escolhendo, ainda, os nomes que, como representantes da Congregação, deveriam participar das respectivas bancas examinadoras.

Entretanto, em sessão do Conselho Técnico-Administrativo, realizada a 19 do corrente, foi o assunto novamente objeto de consideração, entendendo êste órgão que, estando em vigor a lei 851, de 7-10-1949, todos os concursos dessa data em diante deverão reger-se por êsse novo dispositivo legal e, bem assim, também os de Filosofia e Geografia Física desta Faculdade, cujos processos foram, a pedido desta Diretoria, submetidos à apreciação do Conselho Universitário, e isso a fim de evitar que, uma vez realizadas as provas, possa qualquer candidato argüir de ilegal a forma pela qual se processou o concurso e promover a sua anulação.

Nessas condições, e ainda com o objetivo de salvaguardar de qualquer possibilidade de anulação os concursos de Filosofia e Geografia Física, resolveu o Conselho Técnico-Administrativo que esta Diretoria se dirigisse a essa Reitoria, solicitando fôsem tornadas sem efeito as providências já tomadas com referência aos referidos concursos e que, como consequência, fôsem aplicados, nos casos em aprêço, os dispositivos da nova lei, muito embora convidando-se professôres catedráticos de outros Institutos para completar a "Congregação".

O Conselho Universitário, em sessão de 25 de outubro, reconsiderou a questão, aprovando importante parecer da Comissão de Legislação e Recursos, concluindo pela anulação das resoluções anteriormente tomadas, com relação aos concursos em causa, e reconhecendo que, em face da lei 851, à Congregação da Faculdade e não mais ao Conselho Universitário competia deliberar sôbre o assunto. Mais ainda: tornou sem efeito o parágrafo segundo do artigo 13 do Regimento de Concurso, por ser contrário não só ao artigo 84 dos Estatutos da Universidade de São Paulo, como ao artigo 51 dos Estatutos das Universidades Brasileiras (decreto-lei 19.851, de 11-4-1931). E' o seguinte o parecer aprovado pelo Conselho Universitário, em face do qual se alterou fundamentalmente o rumo que vinham tomando os processos dos concursos para provimento das Cadeiras de Filosofia e Geografia Física:

RESOLUÇÃO DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO SÔBRE OS CONCURSOS DE FILOSOFIA E GEOGRAFIA FÍSICA

1. HISTÓRICO

1. Aos 6 de março do corrente, o Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello, DD. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, consultou o E. Conselho Universitário sôbre a *legitimidade da inscrição condicional* de candidatos ao concurso de Filosofia daquela Faculdade.

2. Alegava que os candidatos srs. Luís Washington Vita e Heraldo Barbuy não atendiam às exigências do “Regimento de concurso”, decreto 13.426 de 23 de junho de 1943, apesar de terem invocado o § 2 do art. 13 do mesmo decreto.

3. Os citados candidatos não apresentavam diploma de escola superior, do que se julgavam dispensados pelo referido dispositivo do art. 13, § 2.

4. Na mesma data, 6 de março de 1950, o sr. Diretor comunicava ao Magnífico Reitor, por ofício, que se achavam inscritos, no concurso de Filosofia os srs. João Cruz Costa, Vicente Ferreira da Silva Filho, Renato Cirell Czerna, Luís Washington Vita, José Oswald de Souza Andrade e Heraldo Barbuy. Em outro ofício comunicava, também, terem-se inscrito os srs. José Setzer e João Dias da Silveira, ao concurso de Geografia Física.

Textualmente em ambos:

“Nestas condições, solicito de Vossa Magnificência as providências que se fizerem necessárias para o cumprimento do disposto no art. 22 daquele decreto, que determina a convocação da Congregação (no caso desta Faculdade, o Conselho Universitário), para, no quarto dia útil imediato ao da terminação do prazo de inscrição, pronunciar-se sôbre a habilitação dos candidatos e escolha de dois membros, e respectivos suplentes, para a comissão examinadora”.

5. Reunido o Conselho Universitário em sessão, aos 17 de março do corrente, aprovou a inscrição de todos os candidatos, embora dois dêles sem diploma profissional, fazendo-o, porém, à vista dos precedentes e do disposto no art. 13, § 2 do Regimento de Concurso da Faculdade.

6. Na mesma sessão, 17 de março de 1950, deliberou também o Conselho Universitário aceitar as inscrições dos srs. José Setzer e João Dias da Silveira, para a Cadeira de Geografia Física da mesma Faculdade.

7. Nessa mesma sessão ainda, o Conselho Universitário escolheu os nomes dos membros representantes da Congregação da Faculdade, nas respectivas comissões julgadoras dêsses concursos.

8. Aos 23 de maio de 1950, solicitou a Diretoria da Faculdade à Reitoria que *fôssem tornadas sem efeito as providências já tomadas com referência aos referidos concursos*, para que fôssem aplicados os dispositivos da lei federal 851, de 7 de outubro de 1949, sôbre a composição das Congregações.

9. Na sessão de 30 de maio de 1950, por proposta do Diretor da Faculdade, o Conselho Universitário resolveu consultar o Ministro da Educação sôbre a extensão da expressão — sessões da Congregação “concernentes ao concurso” e suspender os concursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, aguardando a resposta esclarecedora. E esta ainda não chegou.

10. A Comissão de Legislação e Recursos em 14 de julho corrente tomou conhecimento do parecer do Conselho Nacional de Educação, transformado em diligência em 26 de maio de 1950, da lavra do ilustre relator Conselheiro Dr. Cesário Coimbra de Andrade, que conclui “que deve ser ouvido o Conselho Universitário sôbre a matéria do recurso” interposto pela Congregação da Faculdade de Filosofia de S. Paulo.

Aos 2 de maio fôra remetida à Reitoria para os “devidos fins” uma cópia assinada do Recurso ao Conselho Nacional de Educação, de autoria da ilustre Congregação, contra a decisão do Conselho referente às inscrições dos Srs. Luís W. Vita e Heraldo Barbuy; a êsse processo foi anexado o pedido de informação do Conselho Nacional de Educação.

2. RESOLUÇÃO

11. Após rigoroso estudo da matéria, apreciada no conjunto e em detalhes, presente a legislação vigente, resolve a Comissão de Legislação e Recursos, *preliminarmente* propor ao E. Conselho Universitário, que, dentro das suas atribuições “torne sem efeito as deliberações já tomadas por êste Conselho referentes aos concursos de Geografia Física e Filosofia da Faculdade, para que os órgãos da Administração da Faculdade possam decidir sôbre êles em consonância com o decreto-lei federal 19.851 de 11 de abril de 1931, Estatutos das Universidades Brasileiras e a lei federal 851, de 7 de outubro de 1949, que dá composição às congregações de Institutos Superiores de Universidades”.

3. FUNDAMENTOS

12. O Conselho Universitário *não era o órgão competente* para “deliberar sôbre a realização de concursos e opinar sôbre seus resultados” (Art. 76, b, dos Estatutos da Universidade de S. Paulo), pois, desde 7 de outubro de 1949, vigora a lei federal n.º 851, que determina no seu

“Art. 1 — A Congregação de Institutos de Ensino Superior de Universidades, que tiver menos de dois terços de professores catedráticos, indicará, para completar êsse número, professores catedráticos efetivos de estabelecimentos congêneres, oficiais ou reconhecidos, de preferência entre os que lecionem a mesma matéria, ou afim, da cadeira posta em concurso, ou profissionais de notório saber com atividade ou obras publicadas, pertinentes à mesma disciplina”.

Esta lei, mais rigorosa que a lei federal 444, de 4 de junho de 1947, determina a obrigatoriedade de membros estranhos à Congregação, em qualquer caso, acompanharem e votarem o parecer como manda aquela, apenas para as Congregações com menos de metade de seus membros (lei 444, de 4-6-1937, art. 1, § 2).

Revogou o decreto-lei 271 de 12 de fevereiro de 1938, tornado extensivo à Universidade de S. Paulo pelo decreto lei 746, de 28 de setembro de 1938, que obrigava os pareceres das comissões julgadoras de concursos, quando as Congregações de Institutos Universitários não disponham de dois terços de membros efetivos, serem submetidos ao Conselho Universitário.

Permite, apenas, já na sua regulamentação, decreto federal 27.242 de 8 de outubro de 1949:

“Art. 3. — O parecer da Comissão Julgadora será submetido à aprovação do Conselho Universitário, quando já iniciado ou concluído perante êste o julgamento”.

Ora, os editais para os concursos acima referidos determinaram o dia 3 de março de 1950 como término do prazo de inscrições, *já em plena vigência do decreto 851 de 7 de outubro de 1949.*

A Congregação da Faculdade não atinge, ainda, na sua composição, sequer a metade de membros efetivos. Deverá ser completada, nos termos da lei 851, para acompanhar e deliberar sobre os referidos concursos. Está exatamente no caso previsto.

Não cabia então ao Conselho Universitário as resoluções tomadas nas sessões de 17 de março: aceitar inscrições de candidatos, apreciar sua idoneidade moral e escolher membros para as comissões julgadoras.

13. Aos que, porventura, quiserem examinar a lei 851 em face do art. 170 da Constituição federal:

“A União organizará o sistema federal de ensino e o dos territórios.

§ único — O sistema federal de ensino terá caráter supletivo, estendendo-se a todo o país nos estritos limites das deficiências locais”;

ponderaríamos que o sistema de ensino ainda não foi organizado nem pela União nem pelos Estados como se determina no

“Art. 171 — Os Estados e o Distrito Federal organizarão os seus sistemas de ensino”.

E a própria lei 851, que não foi promulgada como parte desse plano de ensino, mesmo que o fôsse teria caráter supletivo no momento presente, pois a lei fundamental 19.851, Constituição das Universidades Brasileiras, emanada de um governo provisório, válida para os Estados, não cogita da hipótese em aprêço, transitória, mas válida para as Congregações que ainda não dispõem de metade de seus membros.

Esta lei 851 tem, além da função de revogar disposições que lhe são contrárias, o efeito de determinar a composição das Congregações e suas atribuições para casos de concurso em Institutos de Ensino Superior como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, que não dispõem de número suficiente de membros efetivos. Está absolutamente dentro do imperativo constitucional; dispõe sobre a exigência do art. 167, VI, de se proverem os cargos do magistério superior pelo concurso de títulos e provas.

14. Fôsse competente o Conselho Universitário para deliberar sobre inscrições, etc., como o fez na sessão de 17 de março de 1950 para os concursos de Geografia Física e Filosofia da Faculdade não podia, *em face da lei*, homologar as inscrições aceitas em caráter condicional pela Diretoria, nem considerar preenchidos pelos candidatos os requisitos que a lei exige.

Cabe expressamente ao Diretor examinar os documentos apresentados pelos candidatos e decidir.

Dúvidas houve sobre a aplicação e valor do art. 13 do decr. 13.426, de 23 de junho de 1943, que aprovou o “Regimento de concursos”, e estas foram presentes ao Conselho que delas conheceu em sessão de 17 de março e decidiu.

A decisão do Conselho fundou-se no parecer da então Comissão de Legislação e Recursos, que assim conclui:

“Alega-se a existência de precedentes já havidos na mesma Faculdade. Não tendo sido o assunto regulado pela lei federal, de que tenhamos conhecimento, e, sendo a cadeira de Filosofia peculiar das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, julgamos que, em face do disposto no referido § 2 do art. 13 do decr. 13.426, podem ser aceitas as inscrições dos candidatos Luís W. Vita e Heraldo Barbuy”.

15. Examinou esta comissão o decreto estadual 13.426, de 23-6-1943, e focalizou em particular o art. 13 e seus parágrafos, quando

elaborou o parecer que lhe cumpria no processo 4.937-50, em que a Congregação da Faculdade solicitava e propunha modificações no referido Art. 13 em questão.

Sustentou, aí, nos números 1 e 2, as teses seguintes:

1. O Decreto-lei estadual 12.511, de 21-1-1942, *Regulamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* foi expedido, em obediência à resolução n. 1974 de 1941 do Departamento Administrativo do Estado de S. Paulo, assinado pelo Sr. Interventor Federal no Estado e referendado pelos seus Secretários. Obedece às exigências e formalidades de então, discriminadas no decreto-lei federal 1202 de 8 de abril de 1939, que no seu artigo 6, n. IV fixava a *competência* especial do sr. Interventor Federal para “elaborar os decretos-leis e sancioná-los depois de aprovados pelo Departamento Administrativo” e mandava em seu

“Art. 32 — Terão sua vigência condicionada à aprovação do Presidente da República os decretos-leis que dispuserem, no todo ou em parte, sobre: VII — escolas de grau secundário e superior e regulamentação, no todo ou em parte, do ensino em qualquer grau”.

Sobre a matéria diz êsse regulamento no seu art. 38, § único:

“Os concursos para catedrático realizar-se-ão na forma a ser disposta pelo Regulamento da Faculdade”.

E... nada mais, apesar dos Estatutos da Universidade de S. Paulo determinarem no seu

“Art. 85 — Cada Instituto discriminará, em regulamento, os títulos que devem ser apresentados pelos candidatos a concurso”.

2. Assim, as exigências fixadas no art. 13 do decr. 13.426 de 23-6-943, que aprovou o “regimento de concurso para provimento dos cargos de professor catedrático e livre-docente” não vigoram.

De fato,

a) Êsse “regimento”, expedido pelo Sr. Interventor Federal foi autorizado por outro artigo da mesma *Lei* federal 1202, isto é, pelo

“Art. 7 — São atribuições do Interventor ou Governador: I. Expedir decretos, regulamentos, instruções e demais atos necessários ao cumprimento das leis e à administração do Estado”.

E' apenas um *decreto* e não um decreto-lei.

b) O mérito do

“Art. 13 — Poderá concorrer ao cargo de professor catedrático da cadeira em concurso, todo brasileiro nato ou naturalizado

diplomado por institutos de ensino superior da Universidade de São Paulo ou de outros estabelecimentos superiores oficiais ou oficialmente reconhecidos pelo Governo Federal, em curso de que faça parte a disciplina da cadeira em concurso ou disciplinas afins.

§ 1. Também poderão concorrer os portadores de diploma universitário que possuam obras de indiscutível valor, versando a matéria da cadeira a cujo concurso se propõem.

§ 2. Quando a matéria da cadeira em concurso for lecionada apenas nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, ficarão os candidatos isentos da exigência de apresentar diploma de escola superior em cujo curso se contenha tal matéria, até que a lei federal disponha sôbre o assunto”

ultrapassa os limites de um “regimento”. Introduce dispositivo regulamentar, condicionando ao art. 32, VII da lei federal 1202, matéria não discriminada no Regulamento e sujeita então à aprovação do presidente da Republica e dispõe em contrário aos Estatutos da Universidade de S. Paulo, que exige no seu

“Art. 84 — Para a inscrição ao concurso de professor catedrático, o candidato terá que atender a tôdas as exigências instituídas no regulamento do instituto universitário, *mas em qualquer caso, deverá*

1. apresentar diploma profissional ou científico de instituto oficialmente reconhecido, onde se ministre o ensino da disciplina cujo concurso se propõe”.

Esta exigência estatutária da Universidade de São Paulo está em consonância com o art. 51 dos Estatutos das Universidades Brasileiras, decreto-lei 19.851, de 11 de abril de 1931.

16. Os precedentes fundam-se em pareceres e decisões anteriores do Conselho Nacional de Educação, órgão consultivo do Sr. Ministro da Educação, cujos fundamentos escapam à nossa apreciação, mas que não podem contrariar os dispositivos da lei vigente.

De S. Excia. o sr. Conselheiro Cesário de Andrade os conceitos sôbre a matéria:

“Também não vale o precedente que se invoca, com valor de coisa julgada para se admitir uma situação criada em desabono da lei, porque *quod ab initio non valet, in tractu temporis non conualescit*”.

4. CONCLUSÃO

Do exposto conclui a Comissão de Legislação e Recursos pela proposta de *Resolução*, que apresenta ao E. Conselho Universitário, sem

prejuízo de demais medidas que se fizerem necessárias, fundada sempre no alto propósito de bem servir à Universidade.

São Paulo, 20 de agosto de 1950.

aa) *J. O. Monteiro de Camargo*
Braz de Souza Arruda
Edgard Radesca

Tomando conhecimento dessa resolução do Conselho Universitário, o Diretor da Faculdade determinou o cancelamento das inscrições de todos os candidatos que não satisfaziam às exigências do artigo 84 dos Estatutos da Universidade de São Paulo, do que resultou ficarem asseguradas apenas as inscrições dos Srs. João Dias da Silveira, para o concurso de Geografia Física, e João Cruz Costa, para o de Filosofia, únicos, dentre os candidatos inscritos, rigorosamente enquadrados nas exigências legais, isto é, possuidores de diploma universitário de curso de que consta a matéria em concurso.

Reunida em 28 de outubro, a Congregação da Faculdade iniciou a nova fase dos concursos: aprovou o ato da Diretoria cancelando as inscrições dos candidatos que não satisfaziam às exigências legais; aprovou as inscrições dos Srs. João Dias da Silveira e João Cruz Costa; escolheu os seus representantes na comissão julgadora e indicou, na forma da lei 851, os nomes que deveriam completá-la.

Para a comissão julgadora do concurso de Geografia Física, foram escolhidos os Profs. Aroldo de Azevedo e Viktor Leinz e, como suplentes, os Profs. Plínio Ayrosa e Eurípedes Simões de Paula; para o de Filosofia, os Profs. Fernando de Azevedo e Roldão Lopes de Barros e, como suplentes, os Profs. Leonardo van Acker e Noemy Silveira Rudolfer.

Para completar a congregação, nas sessões especiais de concurso, foram indicados os seguintes nomes:

Filosofia — Aderbal Tolosa, Antônio de Almeida Júnior, Basileu Garcia, Flamínio Favero, Leonardo van Acker, Lívio Teixeira, Mário Mazagão, Noé de Azevedo, Pacheco e Silva, Paulino Longo, Raul Briquet, Sérgio Buarque de Holanda e Vicente Ráo; *suplentes*: Alípio Correia Neto, Antônio de Almeida Prado, Antônio Cesarino Júnior, Antônio Sampaio Dória, Ernesto Leme, Fonseca Teles, José de Castro Nery, Miguel Reale e Telêmaco van Langendock.

Geografia Física — A. P. Canabrava, Alípio Leme de Oliveira, Caio Prado Júnior, Carlos Borges Schmidt, Carlos Vanzolini, Dirceu Lino de Matos, Eduardo Augusto Salgado, Fernando Flávio Marques de Almeida, Henrique Jorge Guedes, Luís Gonzaga Lenz, Nice Lecocq Müller, Otávio Barbosa e Plínio de Lima; *suplentes*: Antônio de Paula

Assis, Antônio Rocha Penteado, Ari França, Félix Rawitscher, Heinrich Rheinboldt, Hilton Federici, Joaquim Alfredo Fonseca, José Ribeiro de Araújo Filho, Luís Cintra do Prado, Samuel B. Pessoa e Zeferino Vaz.

Quanto às atribuições da congregação especial a que se refere a lei 851, de 7 de outubro de 1949, manifestou-se o Conselho Nacional de Educação, em longo e fundamentado parecer, respondendo à consulta desta Faculdade, encaminhada àquele órgão, por intermédio do Conselho Universitário, logo após a publicação da referida lei (ofício 1671, de 27 de outubro de 1949).

E' o seguinte o parecer aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, em sessão de 29 de outubro de 1950:

PARECER DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SÔBRE A LEI N.º 851

PARECER N.º 314 — COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO

ASSUNTO: Consulta do Conselho Universitário da Universidade de S. Paulo sôbre a aplicação da Lei n. 851, de 7-10-1949.

Processo N.º 52.770/50

1. O magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, tendo em vista a proposta aprovada pelo Conselho Universitário daquela entidade, consultou o Ministério da Educação sôbre se

“a lei n. 851 deve ser entendida como obrigando a completar os dois terços da Congregação para tôdas as fases do concurso, ou se, apenas, para a fase de realização das provas do concurso e julgamento do parecer da Comissão”.

2. O Conselho, formulando a consulta, adiantou logo o seu ponto de vista, que é o seguinte:

“As pessoas convocadas para completar as congregações dos institutos de ensino superior das Universidades, que não possuem dois terços de professôres catedráticos, devem participar, com direito de voto, apenas das sessões da Congregação relativas a provas do concurso e julgamento do parecer da Comissão Julgadora, e não daquelas anteriores ao mesmo, que cuidam da publicação de editais, inscrição de candidatos, constituição de bancas examinadoras, etc.”.

Fundou-se o Conselho, para chegar a essa conclusão, nos seguintes argumentos:

a) se os convocados fôsem obrigados a comparecer a tôdas as sessões da Congregação, teriam de permanecer muito tempo à dis-

posição dos institutos, ou estariam sujeitos a constantes viagens, caso não residissem no mesmo local da realização do concurso pois entre a abertura dêste e o seu encerramento decorre longo período;

- b) o Estatuto da Universidade de São Paulo (par. único do art. 84 do Decreto Federal n. 39, de 1934) não considera como sessão da Congregação, referente a concurso, aquela que trata da inscrição de candidatos, sendo êste o seu texto: “A Congregação, antes de iniciado o concurso, apreciará, em votação secreta, as provas de idoneidade moral dos candidatos, só admitindo a inscrição quando aceita por maioria de votos;”
- c) parece absurdo entender-se que a Lei n. 851 obrigue uma congregação a ter dois terços de professôres catedráticos para poder escolher, entre os seus pares, dois examinadores, quando, em razão de outros dispositivos legais, assegurou-se ao Conselho Técnico-Administrativo, constituído de cinco ou seis membros apenas, o direito de indicar três pessoas estranhas à Congregação, para integrarem bancas de concurso.

3. A Lei n. 851, sôbre que versa a consulta, assim preceitua:

“Art. 1.º — A Congregação de institutos de ensino superior de Universidades, que tiver menos de dois terços de professôres catedráticos, indicará, para completar êsse número, professôres catedráticos efetivos de estabelecimentos congêneres, oficiais ou reconhecidos, de preferência entre os que lecionam a mesma matéria, ou afim, da cadeira posta em concurso, ou profissionais de notório saber com atividade ou obras publicadas, pertinentes à mesma disciplina”.

Êsse o teor do dispositivo que autoriza os institutos universitários, desfalcados nas respectivas congregações, a completar o *quorum* das mesmas, necessário para a realização de concursos.

Em seguida, num parágrafo único dessa regra, prescreveu a mesma lei:

“Os componentes da congregação, escolhidos na forma dêste artigo, *participarão, com direito de voto, das sessões da congregação, concernentes ao concurso*, e submeter-se-á à aprovação desta o parecer da Comissão Julgadora”.

A dúvida está em saber-se o que é que o legislador entende por *SESSÕES DA CONGREGAÇÃO, CONCERNENTES AO CONCURSO*: isto é, se aí se compreendem também as sessões realizadas para a prática dos atos preliminares do concurso ou se apenas se abrange, nas expressões legais, a fase de realização das provas até a aprovação do parecer da Comissão Julgadora.

A lei deixou, pela imprecisão dos seus termos, o campo aberto para a variedade das interpretações, em matéria em que, pela sua relevância, se fazia necessário fixar, com segurança, a sua verdadeira significação e o seu alcance exato. E o Poder Executivo, que regulamentou êsse diploma legal, expedindo para isso o Decreto n.º 27.292, de 8 de outubro de 1949, limitou-se, nesse particular, a reproduzir, integralmente, o texto da lei, sem esclarecê-lo ou sem determinar-lhe o sentido.

E' mister, pois, para dar-se a inteligência do preceito acima transcrito, recorrer à investigação histórica do mesmo e apreciá-lo à luz da interpretação lógica.

4. A lei orgânica do ensino superior (Decreto n. 19.851, de 1931) não contém regra sôbre o modo de integrar as congregações quando da realização de concursos. Mas, no par. 2.º do art. 54, estabeleceu que o parecer da Comissão examinadora, a que se refere êsse dispositivo, deverá ser submetido à congregação, que todavia só o poderá rejeitar *POR DOIS TERÇOS DOS VOTOS DE TODOS OS SEUS MEMBROS*, quando unânime ou reunir quatro assinaturas concordes, e por maioria absoluta, quando o parecer estiver apenas assinado por três dos membros da Comissão Julgadora.

Daí decorre a necessidade de que a Congregação de qualquer instituto, onde se realize concurso para o provimento de cátedra, se constitua de pelo menos dois terços dos seus membros, *quorum especial* indispensável para a rejeição do parecer da Comissão, na hipótese de ser unânime ou de ser subscrito por quatro dos examinadores.

Leis posteriores dispuseram sôbre o modo de completar-se o *quorum*, quando as congregações não dispusessem de catedráticos em número bastante para isso. A primeira delas é a Lei n. 444, de 4 de junho de 1937, que, no art. 1.º, firmou esta regra:

“A Congregação dos institutos de ensino superior, que contar menos de dois terços de professôres catedráticos, indicará, para cumprir as disposições do Decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931, art. 54, par. 2.º, e art. 57, professôres catedráticos de institutos congêneres, oficiais ou equiparados, escolhidos de preferência entre os que lecionem a mesma cadeira submetida a concurso, em número suficiente para que preencham os dois terços exigidos”.

Êsse dispositivo deixa ver pela referência aos dois citados artigos do Decreto n. 19.851, que a convocação de professôres de institutos congêneres se faria principalmente para completar os dois terços exigidos para a votação do parecer da comissão julgadora, no caso de provimento por concurso, bem assim, no de provimento por transferência de catedrático de outro instituto (artigo 57).

Mas, no par. 1.º do art. 1.º dêsse diploma legal, se preceituou, usando-se também de expressões vagas, que os professôres indicados

para preencher o *quorum* participariam, com direito de voto das sessões da Congregação relativas a concurso para professor catedrático. E, no par. 2.º dêsse mesmo art. 1.º, da Lei n. 444, regulando o caso de serem os professôres catedráticos em número *inferior à metade dos membros da Congregação*, manda incorporar a esta, por ato do Ministro da Educação, professôres catedráticos de institutos congêneres, os quais serão “designados para *acompanhar o concurso e votar o parecer da comissão examinadora*”. Em verdade, porém, aí se cogita de hipótese especial — a redução do número de catedráticos a menos de metade, o que impediria a congregação de deliberar regularmente, pois não poderia fazê-lo, em boa norma, com um número tão escasso de professôres. Êsse preceito tem alcance diverso do que se contém no corpo do artigo e visou corrigir situação diferente.

5. Vieram, sôbre o assunto, novos diplomas legais, que antecederam a Lei n. 851. São êles, em ordem cronológica:

- o D. L. n. 271, de 12 de fevereiro de 1938;
- o D. L. n. 746, de 28 de setembro de 1938;
- o D. L. n. 2.779, de 12 de novembro de 1940;
- o D. L. n. 2.924, de 30 de dezembro de 1940.

O Decreto-lei n. 271, agora revogado pela Lei n. 851, mandou que o parecer das Comissões Julgadoras dos concursos, nos estabelecimentos de ensino superior da Universidade do Brasil, cujas congregações não dispusessem de professôres catedráticos efetivos em número de dois terços de sua totalidade, fôsse submetido à aprovação do Conselho Universitário; e o D. L. n.º 746, estendeu essa norma às universidades equiparadas.

O que aí se dispôs não traz maior subsídio à interpretação da Lei n. 851, porquanto, nesses diplomas, o intuito do legislador foi sobretudo o de resguardar o *quorum especial de dois terços* para a aprovação do parecer. Tanto assim que só regulam êles a fase do concurso referente à votação do parecer da Comissão Julgadora, submetendo-o, na hipótese prevista, à decisão do Conselho Universitário.

Quanto ao D. L. n. 2.779, regulou a integração das congregações dos estabelecimentos isolados do ensino superior, que não dispusessem de dois terços de membros, modificando parcialmente a Lei n. 444.

As alterações introduzidas, porém, não afetam a questão que estamos apreciando, pois o art. 1.º determina que a Congregação indique professôres catedráticos de estabelecimentos congêneres, ou profissionais de notório saber, *para o fim de compor o mínimo legal* para os atos relativos ao provimento de cátedras vagas. E o art. 3.º acrescenta, em redação que suscita as mesmas dúvidas, que os professôres convocados participarão, com direito de voto, das sessões da Congregação *relativas ao processo de concurso*.

O D. L. n. 2.924, que também referimos acima, mandou apenas aplicar aos institutos de ensino secundário o disposto no D. L. n. 2.779.

Deve-se registrar ainda a existência da Lei n. 683, de 26 de abril de 1949, a qual se limitou a introduzir, no D. L. n. 2.779, um parágrafo único, subordinado ao art. 1.º, regulando a competência para fazer a indicação ali prevista, quando a Congregação do instituto dispuser de menos de um *terço* de catedráticos efetivos.

6. A investigação, que acabamos de fazer, nos mostra, embora através das obscuridades da legislação sobre a matéria, que o Conselho Universitário da Universidade de São Paulo deu interpretação correta e adequada à Lei n. 851.

O que mais preocupou o legislador, atento às normas do Decreto n. 19.851, de 1931, foi a formação do *quorum* especial para a votação do parecer da comissão julgadora, que representa a fase decisiva e mais importante do concurso. Através dos diversos diplomas legais verifica-se que a atenção do legislador se fixou de preferência nesse ponto, de modo a assegurar que o parecer seja votado por uma congregação integrada pelo menos por dois *terços* dos seus membros; e, assim, as providências legais visaram, certamente, suprir as vagas da congregação, para assegurar esse *quorum*.

7. Todavia, a interpretação lógica dos preceitos legais mencionados, aliada mesmo à sua letra, leva à conclusão de que não bastaria, para a regularidade do pronunciamento da congregação nos atos do concurso, que ela se compusesse dos *dois terços*, prescritos apenas para a sessão de aprovação do parecer da Comissão Julgadora, embora seja esta a sua atribuição principal. O legislador usa do plural, quando se refere a “sessões da congregação concernentes ao concurso” (parágrafo único do art. 1.º da Lei n. 851); e assim já o fazia a legislação anterior, (Lei n. 444, parágrafo 1.º, do art. 1.º; Lei n. 2.779, art. 3.º). Destarte, a exigência daquele *quorum* deve entender-se como feita para todos os atos do concurso, desde que se iniciem as provas.

Essa conclusão tanto mais se impõe quanto é certo que os membros da congregação, como tem entendido o Conselho (Parecer n. 295/47), devem estar presentes à realização das provas, pelo menos oral e a de defesa de tese, e à leitura da prova escrita, para se habilitarem a julgar com segurança e autoridade o parecer da Comissão. A Congregação não poderia formar juízo exato sobre o relatório, se não assistisse a essas provas.

Aliás, durante o concurso, a congregação pode ser chamada a deliberar sobre se as provas práticas deverão ser públicas (Lei n. 444, par. 1.º), ou não, ou para dirimir outras dúvidas suscitadas, segundo acentuou o citado parecer n. 295/47; e será necessário que o faça com o *quorum* legal.

8. Assim, a Comissão de Legislação, manifestando-se sôbre a consulta em análise, é de

PARECER que a Lei n.º 851, de 7 de outubro de 1949, deve ser entendida como obrigando a completar os dois terços da congregação para o funcionamento desta durante a fase de realização das provas do concurso, até a aprovação do parecer da Comissão Julgadora, não sendo, porém, de exigir êsse *quorum* nos atos anteriores ao início das provas.

Sala das sessões, em 29 de setembro de 1950.

(ass.) *J. Martins Rodrigues*, relator.

O concurso para a Cadeira de Filosofia não pôde ser realizado, visto terem alguns dos candidatos, cujas inscrições foram canceladas, recorrido ao Conselho Universitário. Quanto ao de Geografia Física, tendo o Sr. José Setzer solicitado, antes, o cancelamento de sua inscrição, foi realizado entre 28 de novembro e 6 de dezembro, para o candidato João Dias da Silveira.

CONCURSO DE GEOGRAFIA FÍSICA

Entre 28 de novembro e 6 de dezembro de 1950, processaram-se os trabalhos de concurso para provimento da cátedra de *Geografia Física*. Foi candidato o prof. Dr. *João Dias da Silveira*, que já vinha ocupando em caráter interino aquela Cadeira.

A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Dr. *Aroldo de Azevedo*, catedrático de Geografia do Brasil, e Prof. Dr. *Viktor Leinz*, catedrático de Geologia e Paleontologia, ambos escolhidos pela Congregação da Faculdade; Prof. Dr. *Francis Ruellan*, da Universidade de Paris, que vem trabalhando há alguns anos junto ao Conselho Nacional de Geografia e à Faculdade Nacional de Filosofia; Prof. *José Veríssimo da Costa Pereira*, então na presidência da Associação dos Geógrafos Brasileiros, professor do Colégio Dom Pedro II e técnico do Conselho Nacional de Geografia; e Prof. Dr. *Octavio Barbosa*, catedrático de Geologia e Mineralogia da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo — os três últimos escolhidos pelo Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Filosofia.

Após a instalação dos trabalhos e o julgamento dos títulos do candidato, tiveram lugar as provas do concurso.

A PROVA ESCRITA. — No dia 2 de dezembro, às 8 horas da manhã, teve início a prova escrita, que se prolongou até às 14 horas.

Ao candidato foi dada a conhecer, então, a seguinte relação de pontos:

1. Princípios da erosão fluvial. Níveis de base e evolução dos perfis de equilíbrio.
2. Ciclo de erosão normal e análise dos relevos policíclicos.
3. O relêvo calcáreo e o problema da caracterização do ciclo kárstico.
4. Plataformas estruturais e relêvo de "cuestas".
5. Evolução do relêvo nas zonas de falhas.
6. Evolução das formas de relêvo nas zonas dobradas.
7. Ciclo árido e tipos de desertos.
8. Evolução dos litorais.
9. Costas de "fjords" e costas de "rias".
10. Características do relêvo vulcânico.
11. Depressões periféricas.
12. O chamado relêvo apalacheano.
13. Circulação das águas no Atlântico, particularmente em sua porção meridional.
14. Regimes fluviais.
15. As massas de ar e sua importância na formação dos tipos de tempo.
16. Características e relações do clima "sudanês" com a vegetação da África Ocidental.
17. A carta climática do globo e suas relações com a distribuição das paisagens geográficas.
18. A floresta equatorial: características e domínio geográfico.
19. Condições da vegetação nas áreas sub-tropicais e estudo da vegetação mediterrânea.
20. Paisagens vegetais e vida animal nas regiões frias.

Dada nova numeração a êstes pontos, em conformidade com o que preceitua o Regulamento, teve lugar imediatamente o sorteio, cabendo ao candidato escrever sôbre o seguinte tema: *Condições da vegetação nas áreas sub-tropicais e estudo da vegetação mediterrânea.*

A PROVA PRÁTICA. — Com antecedência de 48 horas, foi comunicada ao candidato a seguinte relação de pontos para a prova prática:

1. Interpretação de uma carta regional do Estado de São Paulo.
2. Interpretação de uma carta regional do Estado de Minas Gerais.

3. Interpretação de uma carta regional da França.
4. Interpretação de uma carta regional dos Estados Unidos da América.

Deliberou, ainda, a Banca Examinadora que, correspondendo a cada um dos pontos acima, seriam escolhidas cinco cartas, dentre as quais seria sorteada a destinada à interpretação.

Às 14 horas e meia do dia 4 de dezembro teve lugar o sorteio do ponto, que foi o de n.º 2 — *Interpretação de uma carta regional do Estado de Minas Gerais*, processando-se imediatamente ao sorteio da carta a ser interpretada, que foi a correspondente à folha de *Santa Bárbara*.

O candidato teve cinco horas para levar a efeito o seu trabalho interpretativo; e ao terminar, apresentou o seu relatório e respondeu às perguntas que lhe foram feitas pelos membros da Banca.

A DEFESA DE TESE. — Às 13 horas e meia do dia 5 de dezembro iniciaram-se, em sessão pública, sob a presidência do prof. Dr. E. Simões de Paula, Diretor da Faculdade, os trabalhos referentes à defesa da tese, intitulada *Baixadas Litorâneas Quentes e Úmidas* (Vista geral, o Panorama Brasileiro e a Ribeira de Iguape), apresentada pelo candidato. Durante mais de cinco horas, num ambiente altamente cultural e dentro de um espírito de colaboração construtiva, argüidores e argüido debateram os mais diversos temas ligados ao assunto focalizado pelo Prof. Dias da Silveira em sua tese, que é constituída de 228 pp., fartamente ilustradas.

A PROVA DIDÁTICA E O ENCERRAMENTO DO CONCURSO. — Às 20 horas do dia 5 de dezembro, teve lugar o sorteio do ponto destinado à prova didática. Eis a relação elaborada pela Comissão Examinadora:

1. Níveis de base e evolução dos perfís de equilíbrio.
2. Ciclo normal de erosão fluvial.
3. Ciclo kárstico.
4. Relêvo de "cuestas".
5. Evolução do relêvo nas zonas de falhas.
6. Relêvo do tipo Jura.
7. Ciclo árido.
8. Relêvo glaciário de tipo "alpino".
9. Paisagem morâinica.
10. O vulcanismo como agente de formação do relêvo.
11. O relêvo apalacheano e sua evolução.
12. Evolução do relêvo de estrutura discordante: epigenia e formas fósseis.
13. O relêvo submarino e noções sobre sedimentos marinhos.

14. Circulação das águas no Atlântico, particularmente em sua porção meridional.
15. Evolução das bacias lacustres.
16. Regimes fluviais nas regiões quentes com estações seca e úmida.
17. As massas de ar e sua importância na formação dos tipos de tempo.
18. O clima "alpino".
19. Clima e vegetação do tipo "sudanês".
20. A tundra e seu quadro natural.

O ponto sorteado pelo candidato foi o de n.º 5 — *Evolução do relêvo nas zonas de falhas.*

Às 20 horas do dia 6, em sessão pública, sob a presidência do Diretor da Faculdade, realizou-se a prova didática.

A seguir, teve lugar a leitura da prova escrita e, imediatamente depois, foram tornadas públicas as notas atribuídas por todos os membros da Banca Examinadora, verificando-se que o prof. João Dias da Silveira fôra, por unanimidade, indicado para o provimento efetivo da cátedra de Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Tal "veredictum" foi, a seguir, submetido ao julgamento da Congregação, que o aprovou também pela unanimidade dos professores presentes. Em 30 de dezembro do ano próximo findo, o Govêrno do Estado homologou tal decisão, passando o Prof. João Dias da Silveira a fazer parte, agora em caráter efetivo, do corpo docente da Faculdade.

★

A tese apresentada pelo Dr. João Dias da Silveira é um estudo monográfico da Baixada do Ribeira de Iguape, precedida de uma vista geral sôbre as baixadas litorâneas, bem como de uma apreciação geral sôbre os exemplos brasileiros dêsse tipo de litoral. Nesta parte geral, depois de consideradas as planícies de baixas latitudes e as baixadas litorâneas quentes e úmidas, chegou às seguintes conclusões:

"Concluindo nossas observações sôbre as baixadas quentes e úmidas, comparando-as em suas linhas possíveis e meditando sôbre seus problemas, ficamos convictos, pelos dados apresentados e relacionados, do êrro existente nos trabalhos que fazem afirmações gerais sôbre essas áreas.

Salvo um ou outro fator, incapaz de definir sòzinho a paisagem, as condições físicas, biológicas e mesmo humanas, na hora atual, variam muito e dêsse modo a diversidade das paisagens se impõe. Acre-

ditamos que, para sério trabalho geográfico sôbre as terras intertropicais, estamos ainda, no mundo todo, em fase de análise.

Este fato, de grande importância, não tem sido levado em conta por numerosos geógrafos; daí trabalhos gerais sôbre essas terras, por nós considerados extemporâneos e algumas vêzes prejudiciais, pois ao lado de erros, consagram princípios falsos, generalizações sem base em pesquisas regionais suficientes. Daí passarmos de noções exageradamente carregadas de entusiasmos sôbre as riquezas e fertilidade das terras de baixa latitude, frutos de ilusões recebidas em quadros regionais, para o pessimismo acentuado, consequência de teorias com pouco ou sem nenhum apóio no estudo de dados rigorosamente controlados.

A nosso ver, sôbre área tão extensa, só podemos afirmar, por enquanto, a diversidade de aspecto como aliás sói acontecer em tôda a superfície da terra. Ainda não contam os geógrafos com os dados, só pesquisáveis por outros especialistas, necessários para a Geografia Comparada nestas latitudes.

Queremos aqui ressaltar também o papel humano na transformação dos quadros. Pouco ou nada ajustado às condições naturais, o trabalho do homem funciona como uniformizador das paisagens.

Quando os grupos vivem apoiados em atividades apenas de subsistência, o baixo padrão de vida e o desgaste da natureza, com cuja recomposição não se preocupam, permitem-lhes resistir, embora seu trabalho, por desajustado, forneça o mínimo necessário, muito inferior, sem dúvida, ao esforço empregue. Daí o seu nomadismo na exploração, as pequenas possibilidades de progresso cultural e mesmo numérico.

Quando a atividade visa o comércio exterior, são, ainda, o baixo padrão de vida oferecido aos que trabalham e o pequeno valor dado às terras, os elementos em que se fundamenta o preço dos produtos. Só assim êsses produtos podem, quando podem, ser negociáveis.

O quadro natural precisa ser observado com cuidado, e técnicas novas devem ser procuradas, para ser possível o progresso dos litorais úmidos e quentes, numa evolução que, atendendo ao aumento da população, seja também capaz de levantar as condições de vida do homem ligado a ela. E' indispensável não nos iludirmos com "progressos" incapazes de levantar o padrão de vida da população".

Na segunda parte, relativa ao "Panorama Brasileiro", depois de apreciar rapidamente as paisagens litorâneas amazônica, nordestina e oriental, assim concluiu:

"Neste rápido esbôço das paisagens que podemos distinguir no litoral brasileiro, não pensamos realizar trabalho profundo de classificação, nem mesmo descrição. Sabemos não nos ser possível efetuar tal empreendimento, pois nos falta o elemento essencial, ou seja, a pesquisa demorada e cuidadosa sôbre numerosas regiões. Nossas descrições, simples panoramas, pretendem apenas chamar a atenção para êsse campo tão rico em ensinamentos quanto pobre em estudo, ape-

sar de alguns esforços realmente conscienciosos que atingem faces dos problemas ou trechos da costa. Para ir além, os geógrafos, em atividade conjugada, precisam produzir monografias tão profundas quanto numerosas. O litoral é reserva importante do patrimônio nacional e, por isso mesmo, merece ser estudado com carinho”.

A maior parte da tese, contudo, versa sôbre a Baixada do Ribeira de Iguape. Transcrevem-se, a seguir, as suas conclusões:

“De nossos estudos resulta ser a Baixada do Ribeira perfeitamente classificável como região quente e úmida, muito embora sua localização seja pouco ao sul do trópico de Capricórnio. Características térmicas semelhantes às suas, encontram-se em locais dentro da faixa tropical e em igual altitude (Santos, Rio de Janeiro e Campos). Seu regime de chuva faz parte da família de similares de variações mensais, na qual entram Santos, Angra dos Reis, Itapanhaú, etc.. Não há, pois, dificuldade para considerar a Baixada do Ribeira dentro do grupo de planícies costeiras do Brasil, consideradas, em geral, como tropicais.

Estudando as condições e variações climáticas dentro da área, surgem quadros particulares. Isto é, evidentemente, normal, não se aceitando, como não aceitamos, a monotonia climática dentro dos trópicos.

A possibilidade de caracterizar um quadro genérico para a Baixada do Ribeira não exclui a existência de paisagens específicas, resultantes de acomodações variadas entre os elementos físicos e biológicos. Essas acomodações mais se diferenciam em função dos tratamentos desiguais, a que o homem submete o todo.

Em conjunto, a Baixada forma ambiente com características desconhecidas dos colonos europeus, e o homem branco, apossando-se dela, não tem ainda técnicas ajustadas às suas condições materiais. Os estragos e os fracassos, que envolvem a história de estabelecimentos e de explorações, resultam principalmente dessa falta de conhecimentos e experiências a respeito do quadro e de elementos materiais para o explorar racionalmente. Existe ali, como, aliás, em numerosas outras paisagens semelhantes, um choque profundo entre a natureza e as técnicas impróprias usadas pelo homem. Isso leva a rendimento de produção muito inferior ao esforço. Cria o desânimo, o baixo padrão de vida, a tendência ao conformismo pernicioso ou provoca a emigração. As populações que permanecem, diante do resultado de seu trabalho, só se interessam pela exploração dos melhores bocados oferecidos e, como as terras não resistem por muito tempo às técnicas inadequadas, vigora a agricultura itinerante, misturada com a exploração vegetal. A necessidade de mudar os campos de trabalho acarreta o isolamento dos habitantes e a posse de áreas enormes, absolutamente em desacôrdo com o rendimento, pois só pequenas superfícies dessas propriedades são postas em funcionamento.

O homem desajustado e sem recursos não pode, por si só, reagir, pois, ao lado dessas condições, existe a crença em métodos tra-

dicionais, que só conduziram a fracassos. A população, em geral inculta, não compreende a necessidade de modificações no seu modo de agir, nem mesmo tem elementos técnicos e materiais para essas modificações.

Se isso tudo significa muito para o homem atualmente ocupante da região, inegavelmente é ainda mais perigoso para a natureza e para o futuro da zona. Sob a exploração desordenada, áreas imensas são devastadas e os quadros naturais se empobrecem rapidamente. Os solos perdem sua fertilidade, as plantas mais úteis desaparecem e a reação natural se torna menor e mais lenta em seus efeitos.

Os fatos atuais só podem levar a estado de desgaste, cada vez mais acentuado. Isso muito dificultará a permanência dos descendentes dos atuais ocupantes, sem haver queda sempre crescente no modo de viver. Só podemos esperar, se continuar a situação atual, o empobrecimento das paisagens e dos homens, seus habitantes.

Sem embargo, existem provas das possibilidades de melhoria. Os elementos naturais existentes, embora não formem um conjunto ideal, são suficientes para se pensar em exploração racional, capaz de garantir elevação no padrão de vida, com densidades demográficas bem mais elevadas. Sem nos abalancharmos a cálculos, lembramos a situação de paisagens semelhantes, onde, em áreas equivalentes, vivem milhões de homens. Não desejando, evidentemente, a situação desagradável do delta do Tonkin ou das áreas úmidas da planície Indo-gangética, ponderamos a possibilidade de a Ribeira abrigar um dia população bem mais numerosa, em melhores condições de vida e com atividade útil ao país.

Cumprido, no entanto, não deixar a imaginação dominar o pensamento. Os habitantes atuais, sem recursos e apegados a princípios tradicionais, desconhecendo as características da natureza que os cerca, não têm elementos para a reação. O melhor aproveitamento das planícies agora estudadas é obra destinada aos dirigentes do Estado e da Federação.

O futuro da Baixada do Ribeira, dentro de novos aspectos, apresenta importantes problemas a serem, preliminarmente, resolvidos.

As articulações com o interior permitem o estabelecimento de área econômica autônoma, mas, se essa solução nos parece a racional, reconhecemos ser possível, por meio de bem estudadas redes de comunicação, desenvolver ali área de abastecimento do planalto, particularmente das regiões da capital e de suas vizinhanças. Cumpre resolver essa preliminar sobre o destino da região, para então pensarmos nas ligações a serem estabelecidas.

Todavia, desejada para a Ribeira situação autônoma ou tributária, sua recuperação pedirá longo e cuidadoso trabalho de experiências científicas.

O domínio sobre as águas fluviais, regularizando suas enchentes, transformando-as em elementos úteis, se impõe e exige o trabalho do

engenheiro-hidrógrafo. O conhecimento dos elementos vegetais e animais, visando aproveitamento de espécies úteis, mas quase desconhecidas, e o combate às nocivas, só pode ser feito com a colaboração do naturalista, do médico, do higienista. Ainda com o auxílio do agrônomo é necessário chegar à interpretação exata da natureza, em sua composição e em suas variações. Discernidas assim as possibilidades reais e não artificiais da Baixada, surgirão os problemas da colonização racional: escôlha dos colonos, modos de seu estabelecimento, etc.. Eis aí o campo para o economista, para o educador, para o sociólogo.

Nossa impressão preliminar, nesse campo, nos indica a necessidade da escôlha de pequenas áreas para início do trabalho. Povoando-as densamente, para não se perderem os esforços por escassez de braços, serão colhidas as experiências e corrigidas as imperfeições do plano. O povoamento disperso trará, sempre, as dificuldades nas comunicações e assistência, bem como agravará a manutenção do domínio sôbre o quadro natural.

Duas críticas sofrerão logo nossas idéias, a saber: trata-se de plano para qualquer região e não específico para a Ribeira e, por muito dispendioso, é inexequível.

Quanto à primeira objeção, respondemos ser de fato plano geral, pois gerais são os desconhecimentos sôbre as terras intertropicais. A aplicação de plano geral depende por outro lado das características da região. Ora, em nossa exposição, procuramos, como geógrafo, mostrar essas características. Aí parou nossa contribuição. Ao administrador compete a adaptação do plano, segundo os objetivos visados. Nosso esfôrço no estudo da região e nossa exposição sôbre plano geral despertou a convicção em que nos encontramos, ou seja, a necessidade de meditação científica e técnica sôbre nossos problemas, atitude, infelizmente, rara entre nós.

Nossa conclusão visa evidenciar esta norma: precisamos estudar a nossa terra em nossa terra, nossa natureza, observando "in loco"; é urgente a criação de técnicas aplicáveis às nossas paisagens. Planos de aproveitamento, sem estudos da base natural, são mui sujeitos a desastres.

Quanto a ser dispendiosa a emprêsa, diremos simplesmente que não conseguimos compreender como, nos quadros da cultura científica moderna, pode um país rico em áreas a colonizar, permanecer sem organismos perfeitamente aparelhados para dar solução a essas pesquisas fundamentais para o sucesso do povoamento. Quantos fracassos poderiam ter sido evitados, quantos núcleos não se teriam perdido e quanto patrimônio teríamos poupado se tôda expansão tivesse sido feita tendo em consideração os elementos fornecidos pelas ciências especializadas. Insistimos: a humanidade anda à procura de terras e as áreas entre os trópicos as possuem. E' urgente o estudo sistemático dêsses tratos de terrenos para ser possível seu aproveitamento.

Por tôda parte, mesmo fora do Brasil, pensa-se atualmente em valorizar, pela colonização, áreas imensas como a planície amazônica. Que saibamos, não repousa em boa lógica usar, sem experiência, imediatamente, todo o material disponível. A prudência e o bom senso aconselham partir do mais simples e menor para o mais complexo e grande. Por que não usar nossas pequenas planícies litorâneas, capazes de resolver alguns problemas da superpopulação européia, como base de estudo, para, levantando-as, valorizando-as, colher experiências para emprêsas maiores? Nessas planícies, dadas suas características, sua proximidade de centros de consumo e de socorro, temos todos os elementos de sucesso à mão e nelas poderemos acumular, sem perigo, muitos conhecimentos, resolver muitas dúvidas.

As planícies da Baixada do Ribeira, pela variedade de seus aspectos, permitindo por isso mesmo o estabelecimento de correlação entre gêneros de vida, pelas facilidades de comunicação através do mar, de seus canais e rios, por sua articulação, relativamente boa com grande porção do planalto, é indicada para tentativa de valorização.

Dirão existir a possibilidade de melhores condições serem encontradas em outros trechos do litoral, se estudos forem feitos. Não negamos essa possibilidade, tão somente desejamos que se façam tais estudos para esclarecimento da questão, pois dêles só virá o progresso de nossa ciência e grande oportunidade para a Geografia colaborar na solução de um dos maiores problemas da humanidade: — encontrar terras para explorar.

Creemos, em nossos estudos, não ter perdido a meta proposta na apresentação deste trabalho: realização em harmonia com a posição atual da Geografia que procura aliar os anseios da curiosidade científica com as imperiosas necessidades da sociedade, quando busca o conhecimento das paisagens e procura colaborar para o bem estar do homem”.

CONCURSOS PARA LIVRE-DOCÊNCIA

Os concursos para livre-docência regem-se pelo mesmo dispositivo legal que regulamenta os concursos para a cátedra, processando-se as provas da mesma maneira. Portanto, em 1950, os concursos para livre-docência ficaram na dependência de todos os trâmites legais de que dependeram os concursos de Geografia Física e de Filosofia.

De acôrdo com resolução do Conselho Técnico-Administrativo, as inscrições para os concursos de livre-docência são abertas em duas épocas por ano: na segunda quinzena de março e na segunda quinzena de agosto. Na primeira época de 1950, inscreveram-se os Drs. Pedro Moacir Campos, para a Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval, e Josué Camargo Mendes, para a de Geologia e

Paleontologia. Todavia, e em virtude dos trâmites legais já referidos, só em novembro puderam as provas ser realizadas.

Para o concurso de História da Civilização Antiga e Medieval, foi escolhida a seguinte comissão julgadora: Prof. Alfredo Ellis Júnior, indicado pela Congregação; Profs. Eremildo Luís Viana, Fritz Pinkuss e G. D. Leoni, indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo. Para o de Geologia e Paleontologia: Prof. Reinaldo Saldanha da Gama, indicado pela Congregação; Profs. Otávio Barbosa, Matias G. de Oliveira Roxo e Moacir Amaral Lisboa, indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo. Como membros natos, na forma do art. 111 do Regimento de Concurso, os respectivos professores catedráticos: Prof. Eurípedes Simões de Paula, de História da Civilização Antiga e Medieval, e Prof. Viktor Leinz, de Geologia e Paleontologia.

Para completar a Congregação, nas sessões especiais destes concursos, foram indicados os seguintes professores — *História Antiga e Medieval*: A. P. Canabrava, Afonso de Escagnolle Taunay, Antônio Cesarino Júnior, Aureliano Leite, Caio Prado Júnior, Eduardo d'Oliveira França, Ernesto Leme, Fidelino de Figueiredo, Francisco Isoldi, Fritz Ackermann, J. F. de Almeida Prado, D. João Mehlmann, João Pedro Leite Cordeiro, Murilo Mendes, Odilon Araujo Grellet, Plínio Correia de Oliveira, Roger Bastide, Raul de Andrada e Silva e Tomás Oscar Marcondes de Sousa. *Geologia e Paleontologia* — Nas provas deste concurso, funcionou a mesma congregação escolhida para o concurso de Geografia Física.

CONCURSO PARA LIVRE-DOCÊNCIA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL

As provas deste concurso tiveram início no dia 25 de novembro, com a comissão julgadora já mencionada, sob a presidência do Prof. Eurípedes Simões de Paula. Nesse mesmo dia, enquanto a comissão procedia ao exame dos títulos do candidato, realizou este a prova escrita, tendo sido sorteado o ponto "O movimento urbano na Idade Média". Na tarde do dia 27, realizou-se, em sessão pública e solene, a defesa da tese apresentada pelo candidato, sobre o tema: "A idealização de Roma e sua aceitação pelos cristãos". Finalmente, no dia 29, também em sessão pública e solene, realizou-se a prova didática, para a qual foi, com a antecedência regulamentar de 24 horas, sorteado o seguinte ponto: "A conquista e a organização do Oriente por Alexandre". Terminada a prova didática, o candidato procedeu à leitura da prova escrita, passando a comissão, logo em seguida, ao julgamento final do concurso. O parecer da comissão julgadora, aprovando o único candidato inscrito — Dr. Pedro Moacir Campos — e indicando-o à livre-docência da Cadeira de História da Civilização An-

tiga e Medieval, foi aprovado pela Congregação especial, nos termos da lei 851, de 7 de outubro de 1949.

A tese apresentada pelo Dr. Pedro Moacir Campos — “A idealização de Roma e sua aceitação pelos cristãos” — abordou os seguintes tópicos: as correntes de prognósticos referentes à cidade de Roma no início da época de Augusto; Roma como corporificação do mal na literatura sibilina e apocalíptica; Roma como entidade do bem na época de Augusto; Roma perante os estóicos e os cristãos; e Roma e os autores cristãos do século IV.

Principia a tese por fixar a importância da idealização de Roma e de seu papel na História para o Império Romano; tal idealização surgira aos contemporâneos de Augusto como um problema moral, cuja solução se tornava ainda mais necessária em virtude da existência de maldições lançadas sobre a cidade e de uma série de prognósticos relativos à proximidade e irrevogabilidade de sua queda e destruição.

Já aí se defrontavam duas tendências opostas: uma, considerando Roma como tendo realizado o que de melhor pudesse ser feito em favor dos homens, e procurando atribuir à urbe um caráter de eternidade, para o bem do mundo; outra, a judia, partindo de princípios completamente opostos, consciente da importância decisiva de Israel na História, encarava a cidade como um obstáculo à efetivação da felicidade do “povo eleito”, e viu-a, portanto, como representante de uma fase do desenvolvimento da humanidade, fase de exacerbação das potências do Mal, mas que haveria de passar, a fim de que os destinos judeus pudessem encontrar uma plena realização. A sibilística e a apocalíptica, de um lado, Vergílio e seus contemporâneos de outro, encarnavam bem dois tipos diversos de idealização de Roma: como personificação do Mal, transitória, votada à expiação de seus pecados, dos crimes cometidos contra o povo de Jeová, destinada a ser destruída “com nafta, asfalto, enxofre e muito fogo” e a transformar-se num pó “queimando por toda a Eternidade”; e depois, como propiciadora da renovação da Idade de Ouro, cidade que muito mal fizera — é certo — mas que surgia regenerada pelo valor incalculável do benefício prestado ao mundo, pela restauração da paz e da prosperidade há muito perdidas. Para a primeira, Roma era encarada de um ponto de vista particular a um povo, e como uma entidade passageira; já a segunda via-o num plano universal, merecedora da perenidade. É fato que tanto os judeus como os pagãos que se lhes opunham mereciam ser chamados universalistas, mas em sentidos completamente diversos: o universalismo israelita era o que se verificava pela penetração dos judeus em todo o mundo, sem que eles deixassem de ser judeus; mesmo porque a superioridade de um “povo eleito” jamais poderia dar margem a um modo de agir que não resultasse na intensificação do sentimento nacional e particularista, exacerbado pelo conflito permanente com o anti-semitismo greco-romano. Assim, o uni-

versalismo judeu alcançaria o seu objetivo pela vitória sôbre os impuros e pela submissão do mundo ao povo do Senhor. O universalismo greco-romano, ao contrário, tendia à unificação de tôdas as nações, à consideração dos homens como entes ligados entre si por um laço de origem divina, que devia conduzir cada vez mais ao cosmopolitismo, à união e à compreensão universais. E' clara a diferença, e parece ser também evidente que Roma, pela sua obra, impedia o preenchimento das aspirações judaicas e facilitava, na medida das possibilidades, a satisfação do sonho greco-romano. Basta que se comparem os textos israelitas com as obras de filósofos greco-romanos, mormente estóicos, para que se verifique a verdade desta asserção.

Do próprio Judaísmo, entretanto, surgiu o Cristianismo, que apresentava uma série de afinidades com a referida filosofia, que deveria caminhar para um sentido universalista semelhante e que, portanto, seria levado a considerar Roma de maneira mais próxima do ponto de vista pagão do que do judeu. E' claro que, a princípio, isto não era provável, desde que a nova religião brotava do Judaísmo anti-romano. Mas, pouco a pouco, chegou-se a São Paulo e, daí por diante, afirmou-se progressivamente o universalismo cristão, que determinaria tanto o afastamento do Judaísmo como a aproximação com a filosofia cínico-estóica. Tal processo pode ser melhor observado quando se segue a marcha dos sentimentos expressos pela maioria dos autores cristãos em relação à cidade de Roma. Adaptando a urbe ao quadro da religião, os cristãos foram-lhe atribuindo uma função cada vez mais importante no seu próprio triunfo, chegando, por fim, a um ponto de vista que muito se assemelha ao que se viu na época de Augusto: uma nova era, muito superior à anterior, fôra inaugurada, e isto devia-se, em grande parte, ao papel providencial desempenhado pela cidade de Roma. Partira-se, assim, do "Apocalipse" de São João e chegara-se às poesias de Prudêncio, não deixando de ser significativo que um autor decididamente contrário a Roma, o poeta Comodiano, tenha sido repellido pela Igreja e colocado no "Index Librorum Prohibitorum" atribuído ao papa Gelásio; o mesmo sucedeu a Arnóbio, que fôra levado a invectivar a cidade ao mover seus ataques ao paganismo.

Roma, que corporificara o que de melhor pudesse existir sôbre a terra para os pagãos, passava a ser também um importante instrumento de instauração da era cristã, que não poderia ser superada por qualquer outra, no plano terreno. E' claro que tal concordância só se explica porque a obra realizada pela urbe correspondera, em certa medida, tanto às aspirações da filosofia greco-romana, como às dos cristãos, surgindo sempre sob um aspecto de universalismo mais amplo possível. Pagãos primeiramente, e cristãos depois, ligaram-se a Roma e opuseram-se aos particularistas judeus, famosos pelos anátemas lançados à cidade.

A Idade Média manteve e acentuou êstes traços. Não importava que Roma decaísse materialmente, que sua população ficasse reduzida à cifra de 20.000 habitantes, e que as ruínas evidenciassem a perda do brilho dos áureos tempos; tudo isto nada significava, porque acima da Roma concreta, surgira a urbe idealizada, espiritualizada, a “Roma nobilis” dos peregrinos, a sede da Cristandade, a “caput mundi”, que podia servir a Dante até mesmo para designar o próprio Paraíso.

Ligando duas fases da História, superior às catástrofes políticas, às crises econômicas, à confusão social, impunha-se assim esta Roma ideal, símbolo de um momento em que predominara no mundo a aspiração de algo melhor, de cosmopolita e de universal, que se superpusesse aos particularismos, às rivalidades, ao ódio e demais pequenezas humanas.

CONCURSO PARA LIVRE-DOCÊNCIA DE GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

As provas dêste concurso iniciaram-se no dia 27 de novembro, com a comissão julgadora já mencionada, e com a participação do Prof. Aroldo de Azevedo, suplente convocado em virtude da impossibilidade de comparecimento do Prof. Reynaldo Saldanha da Gama. Ao Prof. Aroldo de Azevedo coube a presidência dos trabalhos, nos termos do artigo 35 do Regimento de Concurso. No dia 28, realizou-se a prova escrita, tendo sido sorteado o ponto n.º 6, subdividido em duas partes: a) O devoniano na bacia do Paraná; b) formação dos caustobiólitos. No dia 29 foi realizada a prova prática e no dia 30, em sessão pública e solene, a defesa da tese apresentada, sobre o tema: “Estratigrafia e malacofauna da formação Corumbataí”. Finalmente, dia 1 de dezembro, também em sessão pública e solene, realizou-se a prova didática, para a qual foi sorteado, com a antecedência regulamentar de 24 horas, o seguinte ponto: “Epirogênese e eustasia”. Após a prova didática, procedeu o candidato à leitura da prova escrita, passando a comissão, logo em seguida, ao julgamento final do concurso. O parecer da comissão julgadora, aprovando o único candidato inscrito — Dr. Josué Camargo Mendes — e indicando-o para a livre-docência da Cátedra de Geologia e Paleontologia, foi aprovado pela Congregação especial, nos termos da lei 851, de 7 de outubro de 1949.

A tese apresentada para êste concurso versou sobre a estratigrafia e malacofauna da formação Corumbataí, termo superior da série Passa Dois, do Estado de São Paulo, na sua região-tipo, o vale do rio do mesmo nome.

A paleontologia e a estratigrafia dessa formação não haviam sido ainda versadas pormenorizadamente na região em aprêço. Von Hue-
ne (1927) fornecera uma pequena nota estratigráfica; Cowper Reed

(1932) descrevera lamelibrânquios fósseis, dos quais uma única forma tinha sido previamente descrita por Holdhaus (1918). Duas fôlhas topográficas 1:100.000, publicadas pela antiga Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, discriminaram a geologia das regiões de Rio Claro (1908) e de Piracicaba (1942), a primeira, apenas em parte. Referências gerais sôbre a geologia encontram-se em trabalhos de caráter extensivo, como os de Morais Rêgo (1930, 1936), Washburne (1930), Oppenheim (1934) e outros. A estrutura fôra discutida por Washburne (1930) e Oppenheim e Malamphy (1936), no tocante à parte meridional do vale.

As pesquisas do autor da tese iniciaram-se em 1942, interessando, primeiramente, a porção setentrional do vale; parte dos elementos acha-se já divulgada em alguns trabalhos (1944, 1945, 1946), um dos quais em co-autoria com Sergio Mezzalira.

A formação Corumbataí consta, regionalmente, sobretudo de silicitos, com a freqüente apresentação de folhelhos avermelhados ou roxos e, subordinadamente, de arenitos, calcários e argilitos. O cômputo da altimetria dos afloramentos das camadas fossilíferas-guias forneceu, na parte setentrional do vale, um mergulho da ordem de 4,5m. por quilômetro, W-NW. Na parte meridional do vale, a estrutura é mais complexa, não tendo o autor logrado a amarração do horizonte fossilífero mais baixo do norte do vale ao tôpo da formação Irati. Um horizonte fossilífero ocorrente em Piracicaba, de verossímil posição próxima à base da formação, não pôde também ser satisfatoriamente situado. Tendo-se em vista o mergulho médio estimado, a maior secção estudada no norte do vale representa cêrca de 100 metros de espessura (Batovi-Camaquã), conquanto algumas sondagens a oeste houvessem acusado espessuras de até 192 ms., no município de São Pedro.

O contacto da formação Corumbataí com a formação Irati, subjacente, é aparentemente concordante; ocorre, porém, uma patente discordância entre aquela e a formação Botucatu, sobrejacente, a superfície de contacto sendo irregular.

Os *biota* fósseis constam de lamelibrânquios, escamas e dentes de peixe, filópodes, ostrácodes e restos de vegetais. Dos últimos, conhecem-se fragmentos de tronco de *Lycopodiopsis Derbyi*, troncos de dadoxilóides e restos de "Walchia". O estado geral de conservação dos moluscos é satisfatório, permitindo freqüentemente a observação dos caracteres internos. Pela maior parte, correspondem a substituições (silicificação).

Aparecem os lamelibrânquios em vários níveis (5 ou 6 conhecidos), dos quais o mais inferior é o que aflora nas proximidades da foz do Corumbataí, em Piracicaba, e que se designa como Zona com *Barbosaia angulata* e *Holdhausiella almeidai*. Os níveis designados como Zona com *Pinzonella illusa* e *Plesiocyprinella carinata* e Zona com

Pinzonella neotropica e *Jacquesia brasiliensis* são os que apresentam maior variedade de formas.

Uma análise páleo-ecológica fornece evidência de que o ambiente de sedimentação não corresponde ao de um meio marinho normal, faltando braquiópodes, corais, etc., não só na região como por toda a extensão conhecida por série Passa Dois. Os supostos restos de cefalópodes, anfineuros, escafópodes e radiolários registrados alhures são muito insatisfatórios quanto à conservação e provavelmente correspondem a outros animais distintos. Trata-se, aparentemente, de um ambiente continental, que regionalmente parece ter-se regido por condições calmas de deposição.

A correlação das secções regionais com outras do Estado de São Paulo ou do Paraná e Santa Catarina, constitui um problema relativamente complexo, devido ao estado ainda precário do conhecimento da estratigrafia e paleontologia. O confronto da malacofauna estudada nesta tese com a da camada Teresina, do Paraná, sugere, porém, a sua correlação. Não se constataram elementos faunísticos da camada Serrinha. Referem-se, no capítulo da correlação, outros pontos de interesse, incluindo-se na discussão as malacofaunas continentais da América do Sul e da África Meridional.

A idade da série Passa Dois, de que constitui parte integrante a formação Corumbataí, fôra considerada permiana até 1927, quando Du Toit referiu a sua parte superior ao Triássico, em virtude de uma diagnose paleontológica de Cowper Reed (1928). O próprio autor desta tese fêz ver, em 1944, que conchas atribuídas por Reed aos gêneros eo-mesozóicos *Myophoriopsis* e *Pachycardia* correspondiam a formas distintas, propondo-lhes os novos gêneros *Jacquesia* e *Pinzonellopis*. No ano seguinte, aventou a possibilidade de que a porção supra-Irati da série Passa Dois fôsse realmente permiana e não triássica superior. Uma análise posterior da paleoflora dessas camadas corroborou aquela suposição. Em 1949, o A., estudando a malacofauna da formação Corumbataí, na região de Anhembi, juntou mais um gênero, *Leinzia*, à série de gêneros novos iniciada com *Plesiocyprinella* de Holdhaus (1918), e continuada por Reed (1932), Cox (1934) e últimamente Mendes (1944, 1949). Não obstante o número de gêneros novos previamente estabelecidos, que forneciam à malacofauna da série Passa Dois um elevado grau de endemismo, continuava de pé o problema da ocorrência de gêneros que pudessem vinculá-la a fáunulas exóticas. O presente trabalho, por isso, não se restringiu ao estudo da malacofauna regional, atendo-se, também, à revisão geral do material já descrito da bacia do Paraná (Sul do Brasil, Uruguai e Paraguai). Parece ter logrado demonstrar que a malacofauna da série Passa Dois tem, efetivamente, caráter indígena, em virtude do que a estimacão cronológica passa a depender de outros elementos bióticos, associados, sendo os restos vegetais, no caso, os mais indicados para a solução do problema. O conhecimento paleobotânico

da série Passa Dois é ainda precário, embora as opiniões e as determinações de Renault, White e Zeiller endossem a sua referência ao Permiano em que já fôra colocada, em parte. (Passa Dois, no sentido original de White).

O suposto hiato intra-Passa Dois, que Du Toit evocara baseado nas identificações paleontológicas de Cowper Reed (1928) já não se justifica, pelo menos em bioestratigrafia.

Esta tese altera em vários pontos os resultados atingidos antes pelo próprio Autor e por outros, tanto no campo da estratigrafia, como no da paleontologia.

A lista dos lamelibrânquios descritos na tese é a seguinte: *Barbosaia angulata* Mendes, gen. et sp. n., *Casterella gratiosa* Mendes, gen. et sp. n., *Cowperesia anceps* Reed, gen. n., *Coxesia mezzalirai* Mendes, gen. et sp. n., *Ferrazia cardinalis* Reed, *Holdhausiella almeidai* Mendes, gen. et sp. n., *Holdhausiella elongata* Holdhaus, *Jacquesia brasiliensis* Reed, *Naiadopsis lamellosus* Mendes, gen. et sp. n., *Pinzonella illusa* Reed, gen. emend., *Pinzonella neotropica* Reed, *Plesiocyprinella carinata* Holdhaus, *Roxoa corumbataiensis* Mendes, gen. et sp. n., *Roxoa intricans* Mendes, *Terraia equilatera* Mendes, sp. n..

VIII - DOUTORAMENTOS

O doutoramento, oficialmente instituído em 1942, constitui como que um complemento dos estudos realizados na Faculdade, a ele sendo obrigados apenas os assistentes. Entretanto, numerosos são os licenciados e bacharéis que, de livre vontade, se têm submetido às provas necessárias à obtenção do grau de *Doutor* em Filosofia, em Ciências, em Letras ou em Pedagogia. Até 1950, 81 licenciados ou bacharéis já se doutoraram, mediante a defesa de teses inéditas, versando quase sempre assuntos do mais alto interesse e quase tôdas depois publicadas pela própria Faculdade. Durante o ano letivo de 1950, realizaram-se 15 doutoramentos, em cujas comissões examinadoras a Faculdade contou, como desde o início, aliás, com a colaboração de professores de outros institutos universitários, bem como de pessoas de notório saber nos domínios de suas especialidades.

Na relação aqui publicada, figuram, além dos títulos das teses apresentadas e da composição das comissões examinadoras, os resumos das teses, transcritos, o mais das vezes, das próprias súmulas que os candidatos são obrigados a entregar por ocasião das provas.

AYLTHON BRANDÃO JOLY

Data: 12-4-1950.

Tese: "Estudo fitogeográfico dos campos do Butantã".

Comissão examinadora: Profs. Felix Rawitscher, Karl Silberschmidt, Joaquim Franco de Toledo, Viktor Leinz e Ernesto Marcus.

Este trabalho é uma contribuição para o conhecimento da composição florística de campos, brejos e baixadas na região de S. Paulo. O A. reúne na Introdução os dados mais importantes para a Ecologia, isto é, dados históricos, geográficos, climatológicos e geológicos da região. Na segunda parte são apresentadas extensas listas da vegetação dos campos, dos brejos, das baixadas, dos limites com matas, das ruderais e das principais plantas cultivadas nos terrenos da futura Cidade Universitária. Algumas das plantas, dentre as mais características e interessantes são figuradas em desenhos originais. Na terceira parte são comparados floristicamente os vários habitats estu-

dados, dando-se especial ênfase aos gêneros mais característicos. E' feita menção nesta parte a grande número de plantas provindas de outras regiões fitogeográficas, especialmente de *Napaea* e *Oreas*, que aqui são encontradas em seus limites norte e sul, respectivamente. A quarta parte trata de dar, pela primeira vez, a distinção botânica entre um "campo cerrado", tendo sido tomado por base o de Lagoa Santa, descrito por Warming, com os campos estudados. Salienta-se e estuda-se a importância do fogo como selecionador.

MARIO ALVES GUIMARÃES

Data: 26-5-1950.

Tese: "Sôbre um método estatístico de estudos de alguns problemas relacionados com os contadores de Geiger-Mueller".

Comissão examinadora: Profs. Hans Stammreich, Marcelo Damy de Souza Santos, Abrahão de Moraes, Oscar Sala e Paulo Ribeiro de Arruda.

De modo geral, êste trabalho é apresentado em duas partes: a primeira considera problemas teóricos e a segunda trata de uma experiência realizada com contadores de Geiger-Mueller. Inicialmente são considerados dois problemas fundamentais, aparentemente independentes e, em seguida, procura-se determinar em que condições o segundo desses problemas pode reduzir-se ao primeiro. No segundo capítulo, propõe-se um método que constitui a parte principal da presente tese. Com êste método, pode-se ver como uma distribuição de segmentos iguais, não sobrepostos, pode ser estudada como pontos distribuídos em um segmento de reta. Em um terceiro capítulo, o método proposto é utilizado em diversas aplicações, tais como: a) o problema do contador de Geiger-Mueller considerado isoladamente; b) a influência da sensibilidade dos amplificadores; c) as perdas devidas aos sistemas registradores. No último capítulo é apresentado um estudo crítico dos resultados obtidos por vários autores, quando analisados pelo método proposto e, também, verifica-se a possibilidade de generalização da lei de Poisson. Na segunda parte, procura-se mostrar como os problemas teóricos estudados podem ser aplicados a uma experiência realizada com contadores de Geiger-Mueller. Interpretando os resultados experimentais, estabelece-se novo método para medida das descargas múltiplas em um contador de Geiger-Mueller.

JOSÉ RIBEIRO DE ARAUJO FILHO

Data: 6-6-1950.

Tese: "A baixada do Rio Itanhaém".

Comissão examinadora: Profs. Aroldo de Azevedo, João Dias da Silveira, Ary França, Alfredo Ellis Júnior e José Veríssimo da Costa Pereira.

O A. estuda neste trabalho um dos trechos do litoral sul de São Paulo — a baixada do rio Itanhaém. Desenvolve o tema através dos seguintes capítulos: I. A baixada do rio Itanhaém e seu quadro natural; II. Povoamento e população; III. A "vila" de Itanhaém; IV. A economia regional, chegando às seguintes conclusões:

1) A baixada do Itanhaém é uma porção das inúmeras baixadas tropicais que compõem grande parte do litoral brasileiro; além disso, faz ela parte da região paulista que, apesar de ser a mais antiga do ponto de vista do povoamento, ainda está à espera de que se colonize. É' que alguns fatores naturais, particularmente o clima e os solos, aliados a inúmeros fatores de ordem humana, impediram que as várias zonas do nosso litoral fôsem para a frente, acompanhando o progresso das demais terras paulistas. Sòmente quando o homem soube fazer-se prevalecer, reagindo com energia contra aqueles fatores naturais, foi que alguns trechos da nossa costa se transformaram, aparecendo, então, uma paisagem nitidamente humanizada (casos das ilhas de S. Vicente e de Sto. Amaro, esta última parcialmente apenas).

2) Ora, a Baixada do Itanhaém está então no grupo das demais baixadas paulistas, até o momento dominadas pelo meio físico. O homem, por enquanto, pouco ou nada fêz para que ela se distinguisse das suas congêneres, apresentando aspectos de uma humanização bem adiantada. Se a população adventícia, representada pelo bananeiro e pelo veranista, trouxe o seu quinhão para uma melhoria local, esta melhoria não passou ainda de uma fase de experiência, desde que lembremos o estado em que ainda se encontra a maior parte da população nativa representada pelo personagem-tipo da região, o *caçara*.

3) Sem haver uma conjugação de esforços dos três fatores humanos que até agora têm agido separadamente em Itanhaém — o poder público, o veranista e o bananeiro — a região jamais poderá ir para a frente, pois a sua população nativa não tem capacidade para assimilar, por si própria, o pouco que cada um daqueles três fatores lhe trouxe de bom, até o momento.

4) A pequena cidade de Itanhaém é um exemplo daquela fase de experiência, já pelo seu aspecto de um núcleo urbano que mal

sai de uma modorra vinda do tempo colonial, já pelo nenhum papel que representa como centro de uma região possuidora de uma riqueza de alta importância para o Estado.

5) Sob a direção dos poderes públicos, se possível, mas obrigatoriamente com sua aquiescência e ajuda, deve-se o quanto antes, iniciar um trabalho de recuperação (de verdadeira ocupação seria o têmo) do litoral, através de uma reação enérgica, onde se encadeassem todos os setores de uma racionalização do trabalho: da construção de vias de comunicações ao saneamento; da instrução e alimentação do caçara, ao seu preparo técnico para a pesca ou para a lavoura; da ocupação de fato da terra, com seu aproveitamento intensivo, a uma produção organizada e de interêsse econômico.

HYGINO ALIANDRO

Data: 9-6-1950.

Tese: "John Donne no movimento literário metafísico".

Comissão examinadora: Profs. Geoffrey Wile, Pedro de Almeida Moura, Leonard S. Downes, Émile G. Léonard e Fidelino de Figueiredo.

Em face de John Donne (1573-1631), poeta complexo e ainda mal estudado, procurou o A. pôr em evidência os seguintes temas: a) a sua biografia, nos fatos elucidativos da sua obra; b) os aspectos gerais dessa obra, quer em prosa, quer em verso; c) o movimento metafísico seiscentista, onde particularmente focaliza Donne, seus principais discípulos e Shakespeare; d) as imagens, os conceitos e as atitudes mais caracterizadoras da poesia de Donne.

Na pormenorizada biografia destacam-se, principalmente, os seguintes fatos elucidativos da obra donneana: a) segundo afirmação de Donne, a Jonson, as canções, as elegias e as principais sátiras já se encontram escritas antes dos 25 anos; nos poemas desta fase notam-se abundantes metáforas de cunho jurídico, o que demonstra a influência do Direito sôbre o espírito do poeta; b) de 1601 a 1615 a poesia e a vida de Donne são uma adulação inteligente a patronos reais ou prováveis; c) os fatos determinantes da conversão de Donne, de católico para anglicano, e a conseqüente ordenação como pastor, conversão esta de grande importância porque sugeriu ao próprio poeta a divisão de sua vida em duas partes, a secular ou a de Jack Donne e a religiosa ou a do Dr. Donne; mesmo condizendo com a distinção apontada pelo poeta, esta divisão não revela a realidade, pois Donne permanece o mesmo homem nestas diferentes fases, tendo-se operado em seu espírito apenas uma transmutação do objeto de seus

desejos; d) de 1616 a 1630 escreveu os famosos sermões e os poemas sacros, vindo a falecer em 1631.

Ao estudar a obra de Donne, examina as fases literárias da vida do poeta, com base nos textos e na biografia, sugerindo para as mesmas o seguinte quadro-tentativa:

1. ^a fase (± 1593-1601)	{ a) poeta b) prosador	{ 1. Canções e sonetos 2. Sátiras e elegias 3. Epigramas 4. Pastorais
2. ^a fase (± 1601-1614)	{ a) prosador austero b) epistológrafo c) poeta artificial	
3. ^a fase (± 1615-1631)	{ a) pregador sacro b) poeta divino	

Apoiando-se na correspondência do poeta, estabelece os elos psicológicos entre a vida de Donne e suas obras. As obras em prosa, o pregador e as cartas são sucessivamente apresentadas antes de uma visão de conjunto da poesia donneana, pois o que realmente interessa à tese é o poeta. Em “Paradoxes and Problems” e “Ignatius his Conclave” ou “His Inthronisation in a late Election in Hell”, destaca o prosador satírico e violento que na segunda obra citada se mostra contrário aos jesuitas. No “Pseudo-Martir” salienta o controversista, concluindo, contrariamente ao título, tratar a obra do ponto de vista político e jurídico, da luta entre a autoridade civil e a eclesiástica. “Bia-thanatos”, um estudo a respeito do suicídio, a que alguns críticos dão importância autobiográfica, seria melhor interpretado como uma justificação da idéia do suicídio, interpretação esta apoiada em cartas de Donne que revelam o pensamento da morte e permitem fixar a época em que a obra foi escrita.

Apesar do valor dessas obras e do grande e profundo conhecimento nelas revelado, a fama do autor, como prosador, repousa nos sermões. Após breve notícia sobre o pregador, o epistológrafo é apresentado através de uma de suas próprias cartas, em que faz o elogio da correspondência. São conhecidas cerca de 160 cartas. Enviadas a amigos e patronos, escritas com a finalidade de atingir a posteridade, revelam não só a personalidade brilhante e insolente de Donne, como também sua sabedoria e erudição. As cartas são utilizadas e interpretadas através de toda a tese.

A visão de conjunto da poesia donneana segue de perto o critério cronológico de composição dos gêneros literários pelo poeta. Este critério, que aparece adotado nas duas primeiras edições (1633-1635) da obra poética de Donne, é o seguinte: Canções e Sonetos, Epigramas, Elegias, Epitalâmios, Sátiras, Cartas a Diversas Pessoas, Elegias Funerárias, O Progresso da Alma e Poemas Divinos.

Três divisões são estabelecidas para a poesia de Donne: a) amorosa; b) metafísica; c) satírica.

“Canções e Sonetos” e as elegias exemplificam a poesia amorosa, bastante realista. Do estudo dos pormenores desses poemas resultou uma tentativa de classificação das “Canções e Sonetos” segundo o critério de três aspectos nelas notado: 1.º) cinismo e insolência apaixonada, isento de lamentações petrarquianas; 2.º) desesperança e adoração, típicas do petrarquismo platônico da época; artificialismo; 3.º) menos artificialismo do que no segundo aspecto, mais pureza do que no primeiro, sinceridade, lealdade e alegria do amor correspondido.

Os poemas satíricos e metafísicos constituem a maior parte da obra poética de Donne e inúmeros deles são examinados nos seus pormenores. As cartas versificadas e as elegias funerárias, que caracterizam os anos centrais da existência do poeta, refletem um período artificial. Para provar esta conclusão, muitas delas são, também, estudadas nos seus pormenores.

Juntamente com o exame dos aspectos característicos dos poemas, ocorre um exame dos temas. “The First Anniversary” e “The Second Anniversary”, elegias funerárias que fazem parte de dois poemas longos, “The Anatomy of the World” e “Of the Progress of the Soul”, são examinadas minuciosamente do ponto de vista do tema: a contemplação do tempo e da morte. Os poemas sacros “On the Annunciation and Passion falling upon one day”, “The Litany”, “La Corona” e “Holy Sonnets” são citados e comentados de um ponto de vista psicológico; nêles o objeto da afeição do poeta mundano encontra-se transmutado.

Uma análise acurada dos poemas de Donne pôs em relêvo: a) os seus extremos poéticos: lírico-amoroso, ora cínico, ora satírico, quase sempre irônico; satírico; místico, aqui aparecendo também o cunho irônico; b) seu rompimento com a tradição petrarquiana na forma e no tom suave convencional de expressão; sua necessidade de expressão pessoal e viril dá novo impulso à poesia inglesa; c) a transformação que se passava em seu espírito quanto ao objeto da afeição; d) gosto por temas repetidos e preferência por determinadas palavras aplicadas a certas qualidades de pessoas definidas. Um estudo comparado desses temas e dessas palavras ocorrentes em textos diversos, permitiu relacionar os poemas e descobrir a quem se destinavam, ou quem é a inspiradora dos versos.

A situação de Donne no movimento literário metafísico foi desenvolvida em 37 páginas, abrangendo os seguintes tópicos: a) definição do movimento; b) Shakespeare metafísico; c) as imagens e os conceitos na poesia isabelina; Donne e Shakespeare como poetas metafísicos; d) as imagens e os conceitos de Donne; e) Poemas divinos.

No desenvolvimento dêstes tópicos salientam-se:

a) 1. A poesia metafísica é a poesia da agudeza (*wit*), considerada não só como percepção aguda das analogias, mas também como viva convicção do fato de que a atitude clara para com uma dada situação não é a única possível. Escrevendo seus poemas sobre assuntos incomuns, teriam forçosamente os poetas metafísicos de torná-los repletos de imagens, mas imagens incomuns, portanto difíceis. Usam paradoxos, símiles, hipérboles e metáforas, numa palavra “conceitos” esquisitos. Realizam o equilíbrio perfeito entre o intelecto e a emoção. 2. Os conceitos de Donne comparados aos de seus discípulos G. Herbert, Richard Grashaw, Robert Herrick, Thomas Carew e Henry Vaughan.

b) 1. Aproximação entre o desenvolvimento do estilo de Shakespeare e o de Donne. 2. A crescente complexidade do estilo shakespereano revela o mesmo exercício mental que os metafísicos tanto se compraziam em obrigar os leitores a praticar. 3. Os conceitos de Shakespeare em “As you like it”, “Twelfth Night” e nos “Sonnets”. Os conceitos de Shakespeare profundamente engenhosos; os de Donne repletos de erudição.

c) 1. Os processos de imaginação poética. 2. Shakespeare e Donne, poetas metafísicos, através de uma comparação entre as características diferenciadoras de suas imagens e conceitos.

d) 1. O caráter essencialmente funcional das metáforas e conceitos nos poemas metafísicos. 2. A aplicação do vasto conhecimento de Donne na poesia pode ter sido espontânea. As argumentações, as comparações na poesia como produto da emoção e da erudição do poeta. 3. A metáfora ligada à agudeza do intelecto (*wit*); os vários tipos de agudeza servindo para exprimir: a) precisão, b) concentração, c) cunho irônico. 4. Enumeração dos diferentes cunhos irônicos revelados pelas imagens e conceitos das “Canções e sonetos”.

e) 1. O cunho irônico incompatível com a poesia religiosa. 2. A agudeza e o cunho irônico aparecem nos poemas mais solenes de Donne. 3. Os sonetos X e XIV examinados dêste ponto de vista. 4. A união místico-metafísica; equilíbrio entre intelecto e emoção. 5. Diferença entre a mística inglesa, a espanhola e a portuguesa.

Terminado o acurado estudo e a avaliação da obra poética de Donne, insiste o A. nos pontos de vista apresentados no prefácio e no decorrer da tese: 1) originalidade impressionante do poeta; 2) seu rompimento com a tradição petrarquiana em fundo e forma, dan-

do origem à lírica metafísica; 3) Petrarca ainda aparece na poesia *donneana*, especialmente quando dedicada a uma dama, mas sempre alterado; 4) foi o primeiro satírico de inspiração clássica; 5) os sermões e a poesia são as partes mais importantes da obra *donneana*; dentro da escola metafísica seiscentista destacam-se pela inspiração e pela riqueza e novidade das imagens e dos conceitos; 6) os conceitos e as imagens de Donne distinguem-se pela erudição; 7) há na poesia *donneana* as seguintes notas: precisão, concentração, ironia; 8) a nota de ironia aparece sob os mais variados aspectos e atitudes; 9) nos poemas líricos observa-se uma tendência para a unidade das seguintes atitudes: cinismo artificial com laivos de ternura, contemplação do tempo e da morte, unificação destas atitudes e clímax no poema "The Extase"; 10) a nota dominante dos poemas líricos, a ironia, salienta-se nos poemas divinos, quase com a mesma intensidade; 11) por meio do cunho irônico no jôgo das imagens, dos conceitos, das metáforas, dos paradoxos, das hipérboles, das antíteses, Donne procura atingir o enobrecimento e excede a todos os discípulos pela inteligência conceptualista e sinceridade da emoção.

SILVIA BARBOSA FERRAZ DIRICKSON

Data: 15-6-1950.

Tese: "A lenda de Tristão e Isolda, suas várias transformações através do tempo e do espaço e a versão de Gottfried von Strassburg".

Comissão examinadora: Profs. Pedro de Almeida Moura, Geoffrey Wile, E. Simões de Paula, Fritz Ackermann e Antonio Candido de Mello e Souza.

Este trabalho diz respeito a um dos mais representativos poetas da Alemanha medieval: Gottfried von Strassburg. O seu poema "Tristão e Isolda" é uma obra-prima e, apesar de inacabado, ainda assim, a fina flor da epopéia palaciana. Não apenas pelo profundo valor estético da obra, pelo ardor apaixonado e a incomparável musicalidade de seus versos; nem mesmo pela sua importância como um dos derradeiros marcos e, talvez, o mais perfeito, na história evolutiva da lenda, mas, principalmente, pela pintura dos movimentos de alma em que são retratados, com geniais tonalidades, todo fracasso ou triunfo das paixões humanas, numa atmosfera que oscila entre a realidade e o sonho. E é justamente nesse dom de saber contrapor à realidade da vida um mundo ideal, feito de ilusões de fantasia e de símbolos,

mantendo a ambos em perfeito equilíbrio, que reside a atração mágica e o valor imperecível da obra de Gottfried von Strassburg. Grande mestre da forma, senhor de maravilhosa arte poética onde se refletem, uma após outra, as gradações mais sutis da emotividade, numa linguagem plena de colorido, transbordante de melodia, encobrendo com estranha fascinação as passagens mais problemáticas do assunto, Gottfried von Strassburg é um autor que marca um instante novo e decisivo para a literatura alemã.

Jogando perigosamente com elementos religiosos, êste “humanista medieval”, como bem define Ranke, representa a primeira influência realmente solapadora do ideal de “vida bela”, glorificado e exaltado nos primeiros romances da cavalaria. Êste ideal, que aliava harmônicamente um fator estético a um fator ético, dissolve-se. A busca do belo, será, daqui por diante, feita independentemente da busca da virtude.

A obra de Gottfried é, pois:

a) A ruptura com o velho mundo da “*stolze ritterschaft*”, orgulho de Wolfram von Eschenbach no seu “*Parzival*” e “*Titurel*”. Apologia da vida elegante e das côrtes faustosas onde imperam os mais requintados hábitos e costumes, é a vitória da “*schöne sitte*”, da moderna “*zuht*” sôbre as antigas, sólidas concepções germânicas de “*ere*” e “*triuwe*”.

b) Do comêço ao fim, é o poema que mais caracteristicamente reflete aquela doce nostalgia da visão clássica da beleza, aquela busca ansiosa das altas manifestações do mundo antigo, que despertara na alma européia, com o renascimento cultural e artístico da França no século XII.

c) Tendo como modêlo o anglo-normando Thomas, sem nada de realmente novo a acrescentar aos episódios tradicionais, sem introduzir alterações de monta na marcha dos acontecimentos, mas inflamado pelo ideal de beleza da antiguidade clássica, Gottfried conduz a ação da velha epopéia celta para um plano de extrema perfeição e harmonia, a salvo de qualquer preocupação ética.

d) Não é, porém, nesta ausência de preocupação ética que se revela o talento de Gottfried. Thomas já desprezara a conhecida série de desculpas que tanto Oberg como Bérout insistiam em apresentar para o modo de agir das personagens. Da lírica provençal, aos delicados “*lais*” de Marie de France e aos romances de Chrétien de Troyes, tôda a literatura da época é farta no discutir a incompatibilidade do amor e matrimônio. A “*Minnekultur*”, com seu código especial de leis e preceitos domina completamente o campo das produ-

ções poéticas. Gottfried resolve apenas com maior finura e perspicácia problemas psicológicos já anteriormente solucionados por Thomas.

e) O que é original na obra de Gottfried e de suma importância para a apreciação justa de sua arte é a frequência e a intensidade de seus elogios à astúcia.

Porque somente agora, após atravessar vários períodos histórico-culturais, após sofrer inúmeras transformações impostas pelo tempo, o plano geral da lenda de Tristão e Isolda atinge unidade decisiva. Focalizando todos os caminhos, todos os recursos da inteligência na personalidade de seus heróis, fazendo da astúcia um elo sutil de episódio em episódio, Gottfried realiza o perfeito encadeamento lógico das aventuras e conduz a técnica de Thomas à desejada meta.

Este importantíssimo papel que a astúcia e a inteligência desempenham no poema de Tristão e Isolda de Gottfried von Strassburg foi o objetivo máximo desta tese. Inicia-a uma introdução onde foram examinadas as várias fases evolutivas por que passou a lenda, de acordo com os três elementos fundamentais da sua elaboração, a saber: a) os temas básicos da composição épica, navegação e fuga para a floresta; b) os centros em que a ação épica tem lugar, mar e floresta; c) o conflito psicológico que determina a ação épica.

A A. tenta mostrar como estes três elementos fundamentais sofreram passo a passo as mais sensíveis modificações, à medida que fatores sociais, culturais e históricos imprimiram novos rumos à lenda. Passa, depois, a explanar com as devidas minúcias os textos que dizem respeito à tese própria dita, para, finalmente, concluir o seguinte:

Enquanto Wolfram von Eschenbach olha saudoso para o passado e as glórias da cavalaria, lutando no seu "Parzival" sob impulso da mística austeridade, por um contacto mais íntimo, mais sincero e mais natural entre o homem e o Deus; enquanto Walther von der Vogelweide louva o presente, sua terra, seu povo, censurando a política da época e atacando corajosamente o concorrente do império, Gottfried von Strassburg, com a França e a Itália na vanguarda literária da Europa, é o arauto do futuro para a Alemanha do século XIII. Seu ideal artístico, o ritmo leve e ágil da narrativa, a perfeição da rima e da métrica se irmanizam e marcham juntos pela estrada recém-aberta de uma nova época. Do mesmo modo, a maturidade do raciocínio, seu entusiasmo pagão e a apologia do "Herrenmenschentum" deixam entrever na linha ascendente do século, a renascença do gênio prometéico, o homem desafiando a divindade pela sua exagerada confiança em si mesmo. E em prol dessa afirmação, falam, antes de mais nada, as modificações que o poeta, recorrendo à força da astúcia, introduziu no poema.

GILDA DE MELLO E SOUZA

Data: 20-6-1950.

Tese: “A moda no século XIX”.

Comissão examinadora: Profs. Roger Bastide, Fernando de Azevedo, Sergio Milliet, Alfredo Ellis Júnior e João Cruz Costa.

Neste trabalho — em que o conceito de moda é tomado na sua acepção mais restrita de seqüência de transformações periódicas dos estilos de vestimenta, de caráter mais ou menos coercitivo — foi propósito da A. mostrar como um fenômeno aparentemente inconseqüente, ao mesmo tempo, os princípios fundamentais da estética, certos impulsos profundos do indivíduo e o aspecto geral da sociedade donde brota e para a qual se dirige.

Mas se de um lado a moda é uma arte e pode, por conseguinte, ser encarada nas relações que mantém com as artes maiores, como a pintura e a escultura, ou as artes menores do ritmo, como da dança, por outro lado, o fato de estar profundamente comprometida pelas injunções sociais dificulta a sua compreensão como fenômeno estético autônomo. Daí a razão de, após ter aceito as suas características estéticas, ter a A. desviado o ângulo de visão, procurando encará-la, unicamente, sob o seu aspecto sociológico.

Como fenômeno social, a moda mantém uma ligação muito estreita com a estrutura da sociedade:

1 — ACENTUA A DIVISÃO SEXUAL.

A nítida oposição entre a indumentária masculina — despojada — e a indumentária feminina — elaborada — que se manifesta nos três campos principais da vestimenta (forma, côr e tecido), estabelece, no século XIX, um verdadeiro dimorfismo sexual. Esta oposição ressalta não só do exame da prancha de modas, como da análise dos quadros e desenhos do período e da atitude diversa dos romancistas ao se referirem às roupas dos dois sexos. A renúncia masculina ao ornamento faz-se paralelamente à crescente importância das profissões liberais, relacionando-se, portanto, às profundas transformações de visão do mundo e ao novo conceito de virilidade, introduzido pela burguesia. A moda masculina desenvolve e aceita apenas aqueles elementos definidores da nova atitude, os símbolos de dignidade, barbas, bengala, cartola, colarinho duro, côres sombrias etc.. Na nova ordem que surge cria-se uma nova especialização das funções; e a ostentação do *status* através da vestimenta equivalente antes nos dois sexos, tende a restringir-se à mulher. Assim, a roupa feminina passa a

ser expoente de um ócio e de um luxo não mais individual, mas da unidade básica a que a mulher está sujeita — o lar.

2 — LIGA-SE, PARTICULARMENTE, AO GRUPO FEMININO.

Enquanto o grupo masculino se apoia em valôres de ação e realização, o grupo feminino, ainda sem autonomia econômica, no século XIX, é obrigado a utilizar-se, na competição social, quase apenas do ornamento. A moda adquire uma importância decisiva na conquista do marido (numa época em que o casamento é, por assim dizer, a única possibilidade de aquisição de *status*); na canalização das energias sexuais (pois satisfaz a um tempo o impulso erótico — a oferta, e o controle social — o pudor); enfim, na afirmação da personalidade, dando vasão, através das flutuações periódicas, à necessidade de mudança, de distinção, de prestígio, etc.. E' a única realização feminina — além do casamento e dos filhos — que não recebe da sociedade a sanção do ridículo.

3 — O RITMO DAS MUDANÇAS ENCONTRA-SE ÍNTIMAMENTE LIGADO À DIVISÃO SEXUAL.

A moda possui uma nítida função erótica, e a variação dos estilos de vestimenta representa um hábil artifício de que lança mão uma sociedade enfastiada, que necessita cada vez mais de excitantes artificiais, para conservar sempre aceso o apetite sexual. A mudança constante de estilos, fazendo variar a forma feminina do dia para a noite, de estação para estação, exibindo a cada momento uma zona diversa do corpo, ao mesmo tempo que acentua a tensão entre os sexos, alivia os recalques, derivados de uma moral rigorosa.

4 — O RITMO DAS MUDANÇAS ENCONTRA-SE ÍNTIMAMENTE LIGADO À DIVISÃO EM CLASSES.

Numa sociedade em que as relações sociais estão sujeitas a freqüentes mudanças no tempo e no espaço, em que predomina uma grande variedade de critérios de julgamento, em que as demarcações sociais não são intransponíveis, a vestimenta se transforma num dos mais poderosos elementos de integração e de diferenciação. Como a moda simboliza o nível de seu portador, êste tende a exhibir, através da inconveniência dos estilos de vestimenta — anquinhas, caudas, grandes mangas, colarinhos duros — a sua posição de classe privilegiada (classe ociosa). Desta forma, a moda, em vez de refletir, opõe-se às transformações da sociedade, dificultando a confusão das classes, facilitadas pela aproximação dos grandes centros urbanos. Contudo, como as demarcações sociais não são intransponíveis e as classes inferiores imitam as superiores a elas se confundindo pela aparência ex-

terna, as elites vêm-se obrigadas a lançar mão de novas formas de distinção, que de novo as definam como grupo. Apoiam-se, então, em elementos que, ligados à tradição, são mais difíceis de imitar: a elegância e as maneiras. A rapidez do ritmo das mudanças, acentuada pela indústria dos costureiros, desvia ainda uma vez o eixo da moda para o plano econômico, onde a competição permanece, até os nossos dias.

5 — A FESTA OFERECE UMA OPORTUNIDADE ESPECIAL À VISÃO DA MODA.

A festa é um momento agudo na competição, quer ela se estabeleça entre os indivíduos, os grupos ou as classes. Ora, a moda é um instrumento eficiente de luta e nada esclarece melhor o seu sentido que a função que desempenha na festa. Quando as barreiras que separam os sexos se enfraquecem, temporariamente, através da licença da festa, a vestimenta atinge, como em nenhuma outra ocasião social, uma importância considerável. O dimorfismo entre os dois sexos não só acentua — a mulher exagerando mais que na vida cotidiana — as características sexuais, como o próprio julgamento da beleza física confunde-se com a avaliação dos trajes. Na competição que se trava na festa, a moda favorece a seleção sexual.

Mas a festa atenua igualmente as barreiras entre as classes, confundindo-as provisoriamente. Esta união, no entanto, tem por consequência menos anular as distâncias, favorecendo quaisquer ascensões, do que selecionar os mais aptos, os mais capazes, para com eles recompor os seus quadros, estabelecendo novamente a separação. A adequação perfeita do indivíduo com estilos de vestimenta e as maneiras da classe dominante é um dos elementos principais nesta escolha. Na competição que se trava na festa a moda favorece a ascensão social.

JOSÉ SEVERO DE CAMARGO PEREIRA

Data: 13-9-1950.

Tese: “Sobre alguns problemas das interpolações parabólicas pelo método dos mínimos quadrados”.

Comissão examinadora: Profs. Milton da Silva Rodrigues, Wilfred L. Stevens, Abrahão de Moraes, Fernando Furquim de Almeida e Omar Catunda.

Deixa de figurar aqui o resumo desta tese, pela dificuldade de transcrição dos sinais matemáticos empregados.

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Data: 7-10-1950.

Tese: "A introdução do romantismo no Brasil".

Comissão examinadora: Profs. Mário de Souza Lima, Fidelino de Figueiredo, Alfredo Ellis Junior, Antônio Soares Amóra e Antonio Candido de Mello e Souza.

E' o seguinte o sumário desta tese:

1.^a parte — A INTRODUÇÃO DO ROMANTISMO NO BRASIL.

Considerações preliminares: o caráter histórico da tese; algumas de suas deficiências: a dificuldade de consultar certos documentos.

Causas da introdução do romantismo no Brasil: opiniões de Sílvio Romero, José Veríssimo e Ronald de Carvalho, principalmente sobre os poetas pré-românticos brasileiros; as idéias de Paul Hazard exposta no trabalho ORIGENS DO ROMANTISMO NO BRASIL. Como sistematizamos o assunto.

Causas históricas: As reformas culturais de D. João VI. O sentimento anti-lusitano.

Causas literárias: a) O pré-romantismo brasileiro: poetas — Frei Francisco de S. Carlos, Pe. Antônio Pereira de Souza Caldas, José Bonifácio de Andrada e Silva e Domingos Borges de Barros — análise e crítica de suas obras; a imprensa periódica no Brasil (1^o quartel do século XIX) — sua importância histórica e literária; Frei Francisco de Monte Alverne; crítica às idéias de Paul Hazard sobre o pré-romantismo brasileiro. b) Sugestões de estrangeiros a propósito da literatura brasileira: Ferdinand Denis e o RESUMO DE HISTÓRIA LITERÁRIA DE PORTUGAL, SEGUIDO DE RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DO BRASIL; Almeida Garrett e o BOSQUEJO DA HISTÓRIA DA POESIA E LÍNGUA PORTUGUÊSA. c) A Revista da Sociedade Filomática: a Sociedade Filomática e seus principais sócios, notadamente J. S. Queiroga; a Revista — seu conteúdo. d) A Niterói — revista brasiliense — seu conteúdo.

A definição do romantismo no Brasil: o período de 1808 a 1836, caracterizado pela transição histórica e literária do colonialismo para a autonomia política, econômica e cultural; o momento de definição do romantismo no Brasil (1836-1846): os SUSPIROS POÉTICOS E SAUDADES; o Rio de Janeiro, centro de definição do romantismo no Brasil; a revista *Minerva brasiliense*. O poeta Maciel Mon-

teiro. Os PRIMEIRO CANTOS de Gonçalves Dias e sua consagração pela crítica de Portugal e do Brasil.

2.^a parte — ANTOLOGIA DE POETAS PRÉ-ROMÂNTICOS.

1. *Frei Francisco de S. Carlos*: notícia biográfica; obras publicadas; análise e seleção do poema A ASSUNÇÃO. 2. *Pe. Antônio Pereira de Souza Caldas*: notícia biográfica; obras publicadas; análise e seleção das OBRAS POÉTICAS (2 vs.). 3. *José Bonifácio de Andrada e Silva*: notícia biográfica; obras publicadas; análise e seleção das POESIAS AVULSAS. 4. *Domingos Borges de Barros*: notícia biográfica; obras publicadas; análise e seleção das POESIAS OFERECIDAS ÀS SENHORAS BRASILEIRAS (2 tomos), seguidas de parte do poema OS TÚMULOS (1.^o canto).

AMÉLIA AMERICANO DOMINGUES DE CASTRO

Data: 14-10-1950.

Tese: “Princípios do método no ensino da História”.

Comissão examinadora: Profs. Onofre de Arruda Penteado Júnior, E. Simões de Paula, Émile G. Léonard, Noemy S. Rudolfer e D. Beda Kruse.

Como Assistente de Didática Geral e Especial, e dirigindo o estágio e prática de ensino dos alunos do curso de Geografia e História, teve a A. ocasião de sentir a falta de trabalhos que estudassem a didática da história à luz, tanto da natureza dessa matéria, como dos princípios psico-pedagógicos gerais. Assim, pois, tentou estudar êsses dois aspectos do assunto para, numa terceira parte, aplicá-los aos processos didáticos cabíveis no ensino da matéria. Concluiu, finalmente, não por traçar normas rígidas para o trabalho didático, mas por reunir os princípios básicos que devem, a seu ver, nortear o método de ensino da história.

SUMÁRIO

1.^a parte — A NATUREZA DA MATÉRIA.

Capítulo I — *Objeto da História*. Estuda os diversos sentidos da palavra; a ampliação do ponto de vista histórico; as relações entre a História e o tempo, o passado e a evolução.

Capítulo II — *As relações causais na História.* Estuda o problema da ciência e da causalidade, a posição de diversos pensadores e historiadores sobre o assunto; a História perante o conceito de ciência; as chamadas “leis” históricas; a causalidade na História.

Capítulo III — *O método histórico.* As diversas fases do trabalho de pesquisa e elaboração da História.

Capítulo IV — *Valor da História.* Justificação do lugar da História no conjunto dos conhecimentos humanos. Importância direta do conhecimento do passado para o presente: iluminar o presente, trazer-nos à noção de integração no conjunto da humanidade. A consciência histórica trazendo uma atitude ativa, um estímulo para a ação. A História e as outras ciências.

2.^a parte — AS DIRETRIZES PSICO-PEDAGÓGICAS.

Capítulo I — *O método no ensino da História.* O método pedagógico geral, segundo John Wynne e os princípios informativos do método que dêle podemos extrair (as exigências sociais presentes, a interação entre indivíduo e meio, a concepção dinâmica da experiência). Princípios complementares: a teoria do interesse e a da experiência. As relações entre o método e a matéria e a harmonização da tríade matéria, fins e educando, por meio de processos de ensino adequado.

Capítulo II — *Objetivos do ensino da História no curso secundário.* Os ideais educativos de uma democracia resumidos como sendo: a) desenvolvimento pleno das possibilidades de cada indivíduo; b) integração de cada um no meio social do qual se deve tornar membro ativo. Papel dos conhecimentos informativos dentro dessa tendência. As finalidades do ensino secundário no Brasil. Os objetivos do ensino da História, dentro das finalidades gerais do ensino secundário.

Capítulo III — *Importância da consideração prévia da personalidade do educando; papel da motivação na escola (a atenção ao potencial psíquico do indivíduo e criação de novos motivos de ação).* O interesse do adolescente pela História, vista através das características intelectuais e emocionais daquele.

3.^a parte — OS PROCESSOS DIDÁTICOS.

Capítulo I — *Organização psicológica da matéria.* A matéria do ponto de vista do especialista e do aluno. A diferente finalidade da organização lógica e da psicologia da matéria. Como organizar psicologicamente a matéria: as raízes reais da História, as analogias entre o presente e o passado, as comparações, o vocabulário, a experiência direta.

Capítulo II — *A exposição do assunto*. Planejamento das atividades didáticas. Seleção da matéria e critérios a adotar. Processos de apresentação da matéria (preleção, “unidades” de ensino, problemas e projetos, discussões, estudo dirigido, manuais, textos). O processo analítico-sintético, que exige introdução, análise, conclusão e verificação.

Capítulo III — *A direção da aprendizagem*. Papel do professor na moderna concepção da aprendizagem. Elementos auxiliares do ensino da História: leituras, interrogatórios e exercícios.

Capítulo IV — *Seleção e uso do material de ensino*. Bibliografia, representação geográfica, material ilustrativo, material de construção e modelagem, coleções e museus, material de experiência direta, mobiliário escolar.

Capítulo V — *A verificação da aprendizagem*. Os resultados que devem ser obtidos do ensino da História; quais dentre eles podem ser medidos. As finalidades da verificação. Processos de verificação: orais, escritos, testes. Planos de verificação.

CONCLUSÃO. A concepção da História apresentada harmoniza-se tanto com as finalidades do ensino de segundo grau, como com os interesses e capacidades do educando nessa fase escolar. Princípios do método no ensino da História que merecem mais atenta consideração.

SEGISMUNDO SPINA

Data: 28-10-1950.

Tese: “Fenômenos formais da poesia primitiva”.

Comissão examinadora: Profs. Fidelino de Figueiredo, Mario de Souza Lima, Alfred Bonzon, João Cruz Costa e Theodoro Henrique Maurer Junior.

No primeiro plano do trabalho — uma discussão da teoria marxista de Karl Bücher e Wallaschek sobre o ritmo; do canto interjeccional de Charles Letourneau; da origem mágica da poesia, de Jules Combarieu. A existência de uma forma de poesia improvisada ao lado da poesia mágica destrói a tese de Combarieu, que confunde a gênese da poesia com seus meios de realização.

Tentativa de uma classificação do canto primitivo: a) *mágico* — nas formas de encantação; b) *mimético* — de imitação dos totems; c) *social* — dos ritos de passagem; d) *ctônico* — das divindades primárias; e) *social-agonal* — da competição, das cerimônias

rituais festivas. Os *Cantos de Ofício* (o himaios, o ailinos, o iulos, a celeuma, etc.).

No segundo plano o A. estuda os seguintes fenômenos poéticos formais: a *repetição*, suas modalidades; o *refrão*, o *paralelismo*, a *rima*, a *aliteração*, a *assonância*; a superioridade do ritmo sobre a palavra; a arquitetura poemática.

A *Repetição*, elemento embrionário da poesia, é determinada por fatores de origem psicológica (sublimação de estados emotivos intensos, de imagens-fôrça); de origem religiosa (a eficácia das fórmulas de encantação); de ordem musical (que muitas vêzes exige repetição de imagens anestéticas); por circunstâncias de ordem coreográfica (o caso das *cossantes* galaico-portuguêsas). A repetição determina o paralelismo estrófico. Aplicação dos pontos de vista ao caso do lirismo ibérico: há, dentre as paralelísticas, algumas que refletem seguramente uma realidade folclórica, não só formal como temática. Esta lírica peninsular não pode ser o resultado de cantilenas que sofreram processos de interpolação trópica, como pretende Rodrigues Lapa. (O A. acha insustentável uma demonstração textual dessa tese). Na poesia trovadoresca o paralelismo estrófico teria determinado um paralelismo dialético: o processo discursivo do tema seria um resultado da tautologia estrófica. A poesia culta aproveitou os recursos formais da poesia folclórica, operando uma mudança no valor estético dos mesmos processos.

Refrão: classificação do estribilho e negação da tese que não admite a existência de refrãos independentes semânticamente da estrofe.

O canto interjeccional como o período primário da superioridade do ritmo sobre o texto. Os *melismas aleluiáticos*, os *jipios* do canto jondo, os *neumas* da poesia folclórica como resultado das exigências da melodia musical. As licenças poéticas foram na origem alterações determinadas pela melodia do canto.

A *Rima*, conhecida e desprezada dos poetas latinos, triunfa na poesia romântica. A dificuldade em determinar se a rima foi um processo consciente na poesia dos povos naturais. A rima invade o pensamento gnômico como recurso mnemônico. A *rima leonina* e a estrutura rítmica e rimática dos provérbios.

A *Estrofação*: o conceito clássico de verso e a formulação de um conceito de verso na poesia contemporânea. A morfologia poemática está ligada à sensibilidade de um povo, à especialidade rítmica da língua, à magia (numerologia mística), ao capricho dos compositores e a certos tipos de raciocínio. A *fiinda* das cantigas galego-portuguêsas corresponde a uma exigência da sensibilidade ibérica. Estudo sistemático das alterações fonéticas determinadas no texto poético pelas exigências da melodia musical.

O “Cursus” e a “Clausula” da prosa latina medieval, e da oratória em geral, uma sobrevivência da supremacia dos valores melódicos sobre o conteúdo.

MARCELLO MOURA CAMPOS

Data: 4-11-1950.

Tese: “Mercaptais, Mercaptóis e Enoltioéteres”.

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Hauptmann, Heinrich Rheinboldt, Simão Mathias, Paulo Guimarães da Fonseca e Klaus Neisser.

Estuda-se a reação entre diversas mercaptanas mono e bivalentes e três cetonas cíclicas simples: Ciclohexanona, Mentona e Cânfora. As duas primeiras reagem com ambos os tipos de tióis, ao passo que a cânfora forma mercaptóis somente com os bivalentes. Esta falta de reatividade perfeitamente análoga à encontrada nos cetogrupos, em posição 7 e 12 do esqueleto esteroidico, explica-se pela existência de um impedimento estérico, que influencia fortemente a reação do tipo SN2 intramolecular mas relativamente pouco a intermolecular.

O estudo da reação do etil-tioenoletor da colesteno com benzilmercaptana, que conforme as condições conduz ao benziltioenoletor ou dibenzilmercaptol da mesma, conduz à pesquisa do comportamento de mercaptais do benzaldeido, quando em presença de tióis. Descobre-se uma nova reação análoga à reacetilização, durante a qual há uma troca dos alquilmercapto-radicaís do mercaptal pelos da mercaptana. Esta substituição se dá com rendimentos especialmente bons, quando conduz a mercaptais cíclicos que de outro lado não reagem com tióis. Prova-se a formação de mercaptais mistos e obtêm-se fortes indícios de que se trata de uma reação de equilíbrio.

ELZA FURTADO GOMIDE

Data: 27-11-1950.

Tese: “Sobre o teorema de Artin-Weil”.

Comissão examinadora: Profs. Omar Catunda, Fernando Furquim de Almeida, Edison Farah, Benedito Castrucci e João Augusto Breves Filho.

Deixa de figurar aqui o resumo desta tese, pela dificuldade de transcrição dos símbolos matemáticos empregados.

JOÃO BATISTA CASTANHO

Data: 30-11-1950.

Tese: “Sobre o teorema de Pascal na Geometria Hiperbólica”.

Comissão examinadora: Profs. Fernando Furquim de Almeida, Omar Catunda, Benedito Castrucci, Abrahão de Moraes e João Augusto Breves Filho.

Afirma Hilbert que toda a Geometria Hiperbólica é consequência do “Cálculo dos Extremos”, por ele introduzido, sem o uso do postulado da continuidade. Liebmann e Gerretsen, entre outros, após as necessárias pesquisas, chegaram, cada um de per si, à conclusão de que era verdadeira a afirmativa, muito embora, segundo Gerretsen, os trabalhos de Liebmann não tenham sido coroados de êxito, porquanto, em lugar decisivo, se utilizara Liebmann do axioma da continuidade. Aliás, já Fr. Schur pusera em dúvida a afirmação de Hilbert. Para Gerretsen, porém, era infundado o ceticismo de Schur, pois que, efetivamente, toda a Geometria de Lobatschewsky pode ser construída, tendo como base exclusiva, os postulados dos quatro primeiros grupos: o da pertinência, o da congruência, o da ordem e o das paralelas.

O A. propôs-se, também, construir a Geometria Hiperbólica, a partir daqueles quatro grupos de postulados. Em uma primeira etapa, conseguiu a demonstração — por processos elementares, por meio de uma como que Geometria Analítica, no plano hiperbólico — a demonstração do teorema de Pascal, o qual é enunciado em sua forma clássica, e que constitui, no fundo, a tese apresentada.

Os postulados dos três primeiros grupos a que o A. se refere, juntamente com as consequências deles advindas, constituem o que se convencionou chamar de Geometria Plana Absoluta. Neste trabalho, que é dividido em sete capítulos, o A. admite essa Geometria, com exceção da parte referente a movimentos.

No primeiro capítulo, intitulado “Extremos de uma reta”, são dadas as definições de semi-retas paralelas e o postulado das paralelas, sob a forma que lhes deu Gerretsen: existência e unicidade da semi-reta paralela a uma semi-reta dada, por um ponto dado, fora da reta-suporte, e unicidade da reta que passa por dois extremos. A enunciação desse postulado, porém, é precedida dos teoremas que se referem à conservação do paralelismo ao longo de uma reta, à reciprocidade e à transitividade do paralelismo. As demonstrações dos teoremas I.02 e I.07 não diferem, em substância, das que se encontram nos livros de Gino Fano e David Hilbert, respectivamente.

No capítulo II, o A. estuda os movimentos, que são definidos como particulares correspondências biunívocas entre os pontos de um plano, figurando, então, as simetrias (em relação a uma reta) como

particulares movimentos. E' de notar-se que tôdas as proposições dessa parte pertencem à Geometria Plana Absoluta, com exceção dos teoremas II.23 e II.24, os quais, aliás, já constituem aplicação da teoria dos movimentos, e pertencem à Geometria Hiperbólica. As demonstrações dos teoremas II.24 e II.21, respectivamente, encontram-se em Y. Why Tschen e Hilbert.

No capítulo III, iniciado com as operações de adição e multiplicação dos extremos, o A. mostra que o conjunto dos extremos constitui um corpo ordenado. Já no capítulo IV mostra-se que a cada movimento no plano se pode associar uma transformação linear, fracionária, dos extremos. Ambos êsses capítulos não são mais do que uma tradução livre de parte do trabalho de Gerretsen.

No capítulo V o A. estabelece as relações que devem existir entre os extremos das retas, a fim de que elas sejam secantes, paralelas ou não secantes, e estabelece uma condição necessária e suficiente, analiticamente, para que duas retas tenham uma perpendicular comum.

No capítulo VI, o A. mostra, essencialmente, que é condição necessária e suficiente, para que três retas pertençam a um ponto (próprio, impróprio ou ideal), que o produto e a semi-soma dos extremos de cada uma satisfaçam a uma equação linear, cujos coeficientes são elementos daquele corpo. Finalmente, vem o último capítulo que consta, precisamente, da demonstração analítica, ou como diria Gino Fano, "algebrizada" do teorema de Pascal.

WALTER DE CAMARGO SCHUTZER

Data: 14-12-1950.

Tese: "Singularidades da matriz S e causalidade".

Comissão examinadora: Profs. Abrahão de Moraes, Candido Lima da Silva Dias, Oscar Sala, Marcello Damy de Souza Santos e José Leite Lopes.

No presente trabalho o A. procura discutir a relação entre as singularidades da matriz S e os estados estacionários de sistemas fechados, bem como estados meta-estáveis de sistemas radioativos. Também associa a distribuição destas singularidades ao princípio de causalidade. Dada a dificuldade de acesso aos trabalhos originais referentes à teoria da matriz S, o A. precedeu a exposição do que é novo, de resultados estabelecidos por outros.

No capítulo I, procurou reproduzir as considerações que levaram Heisenberg a selecionar, entre os conceitos da mecânica quântica atual, os que, segundo êle, serão mantidos numa teoria futura. No capítulo II mostrou como alguns dêsses conceitos podem ser repre-

sentados pela matriz S . O terceiro capítulo contém algumas propriedades dessa matriz necessárias à discussão apresentada no último, que se refere ao objetivo principal do trabalho.

EDISON FARAH

Data: 30-12-1950.

Tese: “Sôbre a medida de Lebesgue”.

Comissão examinadora: Profs. Omar Catunda, Fernando Furquim de Almeida, Candido Lima da Silva Dias, Milton da Silva Rodrigues e Benedito Castrucci.

Deixa de figurar aqui o resumo desta tese, pela dificuldade de transcrição dos símbolos matemáticos empregados.

**IX - ELEIÇÃO E POSSE DO DIRETOR E VICE-
DIRETOR**

Em virtude do término do mandato do Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello, que desde 1947 vinha exercendo o cargo de diretor da Faculdade, a Congregação, em sessão de 13 de junho de 1950, procedeu à eleição do novo diretor. Eleitos os Drs. Eurípedes Simões de Paula e Fernando de Azevedo, respectivamente professores catedráticos de História da Civilização Antiga e Medieval, e de Sociologia, a escolha do Sr. Governador do Estado recaiu na pessoa do Dr. Eurípedes Simões de Paula.

Em sessão de 28 do mesmo mês, realizou-se a eleição para o cargo de vice-diretor, até essa data ocupado pelo Dr. Eurípedes Simões de Paula. Foram eleitos os Drs. Paulo Sawaya, professor catedrático de Fisiologia Geral e Animal, e Milton da Silva Rodrigues, catedrático de Estatística. Tendo a escolha do Sr. Governador recaído sobre o Dr. Paulo Sawaya, foi o mesmo nomeado por decreto de 18 de julho de 1950.

O Dr. Eurípedes Simões de Paula, nomeado por decreto de 20 de junho, tomou posse do seu cargo em sessão pública e solene, realizada em 26 do mesmo mês.

Tomaram assento à mesa, o representante do Magnífico Reitor, Professor Dr. Antonio Carlos Cardoso, Diretor da Escola Politécnica, especialmente convidado para a cerimônia, o Professor Dr. André Dreyfus, que presidiu à sessão de posse, na qualidade de decano da Faculdade, o antigo diretor e o diretor eleito.

Em nome da Congregação, o Prof. Dr. André Dreyfus proferiu a seguinte oração:

DISCURSO DO PROF. DR. ANDRÉ DREYFUS

Professor Eurípedes Simões de Paula
Exmo. Snr. Ex-Diretor, Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello
Exmo. Snr. Diretor da Escola Politécnica

Os gregos que, ao que parece, não eram completamente tolos, fizeram do destino o deus supremo, ao qual os outros, ainda que fôsem Saturno ou Júpiter, se haviam de dobrar. Foi o destino que determinou que a presidência desta sessão coubesse àquele que, em primeiro lugar, teve a oportunidade de fazer o seu concurso para esta Faculdade. Quero assinalar, porém, que, desta vez, o destino não agiu com fatalidade, mas com felicidade, pois nada me podia ser mais agradável que presidir à sessão de posse do Professor Eurípedes Simões de Paula, nosso Diretor.

Assume V. Excia. hoje o cargo talvez mais espinhoso de quantos lhe têm cabido. Bem sei que de outras responsabilidades V. Excia. se tem desempenhado brilhantemente, já à testa de seus alunos, já de seus soldados, já realizando investigações de sua especialidade. Hoje, porém, se trata de assumir a direção da Faculdade, certamente a mais complexa de quantas integram nossa Universidade. Nela se encontram professôres de várias categorias, de várias nacionalidades, lecionando as mais diferentes especialidades, que vão desde Filosofia até Línguas vivas, desde História até Ciências Naturais. Além disto, estamos diante de uma Faculdade que conta apenas 16 anos e na qual há muito que retocar e muito que aperfeiçoar. Bem sei que o Diretor é considerado apenas o poder executivo, mas isto não lhe tira o direito e mesmo o dever de se interessar pelos problemas legislativos e econômicos, sem os quais a Faculdade não poderá progredir. Uma Faculdade controlada, de um lado, pelas leis federais do ensino, uniformes para todo o território nacional, onde vamos encontrar desde culturas análogas às da pedra lascada, até as formas mais adiantadas do progresso, pois nem nos faltam laboratórios de Física Nuclear, televisão e assaltos de gangsters fantasiados de guardas-civis, e, por outro lado, dependendo de orçamentos estaduais que, infelizmente, não nos oferecem as possibilidades que desejaríamos, são essas algumas das dificuldades que certamente V. Excia. saberá resolver. Os maiores problemas, porém, dependem de nós professôres. O capítulo dos professôres não é assunto para um dia de festa como o de hoje. Lembrarei apenas que, como já disse, temos professôres catedráticos, contratados e interinos, brasileiros e estrangeiros, e além disso, todos êles com um corpo de assistentes por vêzes numeroso. As questões, que são, justamente, levantadas por todo êsse pessoal, já conseguiram, não direi dar cabo, mas aleijar pelo menos um dos seus predecessores. Confiamos todos que a mocidade e a saúde do nosso novo Diretor saberão enfrentar com galhardia tais dificuldades. A tarefa do professor é não sòmente dar aulas mas, principalmente, formar discípulos, aos quais incumbe prosseguir na obra que se está criando. A cada professor cabe o dever de formar uma escola e é por essa razão que, muito sábiamente, contamos no nosso corpo docente com ilustres mestres que vieram do estrangeiro trazer-nos a prática que nos falta. Ora, todos nós sabemos como é melindrosa a escôlha de um professor estrangeiro que muitas vêzes vem para uma terra cuja língua e hábitos lhe são desconhecidos. Finalmente há o problema do recrutamento dos alunos, que é a questão mais angustiante de quantas nossa Escola tem que resolver. Se êsse recrutamento já é difícil na Europa e nos Estados Unidos onde a densidade da população e as dificuldades da solução da vida material são muito maiores do que entre nós, imaginemos a que agudeza não chega num país jovem, pouco povoado e com grandes possibilidades de sucesso material. E' preciso uma certa dose de otimismo para esperar que, nessas condições, rapa-

zes e moças inteligentes se dediquem, por exemplo, à filosofia ou às línguas anglo-germânicas, que exigem estudos prolongados e difíceis. Por outro lado, a falta de especialistas faz com que os poucos que existem sejam solicitados para campos mais ou menos afastados do seu domínio próprio e com vantagens econômicas apreciáveis. Isso, sem falar em facilidades de todo gênero, que são encontradas na Europa e nos Estados Unidos, e representadas por congressos, conferências, seminários que quase não existem entre nós. No entanto, apesar de tudo, temos tido ótimos alunos, quer seja por vocação, curiosidade, desejo de aventura ou por ignorância das fracas possibilidades econômicas postas à sua disposição e que honrariam qualquer universidade.

Não me cabe dar conselhos, mas peço permissão para lembrar que a única prática que me parece recomendável para quem tem, como V. Excia., a firme intenção de fazer progredir a escola, é dar a quem realmente trabalha todos os recursos que puderem ser utilizados. Quanto aos outros, se é que existem, V. Excia. resolverá. V. Excia. sabe que, em geral, quem trabalha não tem tempo a perder em antessalas e ante-câmaras dos poderosos.

Há, ainda, para complicar o quadro, a grave questão de se a Faculdade deve dar mais importância às letras ou às ciências. Não quero entrar agora nessa discussão que já tem consumido toneladas de tinta. Lembraria modestamente que não me parece indicado adotarmos hoje normas que puderam ser muito úteis em séculos passados. A êsse propósito, seja-me permitido lembrar como Eddington começa um de seus capítulos sobre a natureza do tempo. Diz êle mais ou menos o seguinte: sempre imaginei que seria muito interessante assistirmos a uma discussão, sobre a essência da natureza do tempo, entre um cientista encarregado de medi-lo e um filósofo especializado no assunto, por exemplo, o Snr. Bergson. Depois de uma longa e nem sempre clara discussão, o filósofo levaria a vantagem pelo menos em palavras. Finda a discussão, o Snr. Bergson sairia correndo para tomar o trem, que partiria na hora marcada pelo astrônomo. Essa pequena historietta me parece conter uma conclusão suficientemente clara para que me abstenha de falar mais longamente sobre ela. Direi apenas que se a atitude do iogue é condenável, por ser passivamente contemplativa, a do comissário não o é menos, pelo seu aspecto grosseiramente revolucionário. Eis porque em nossa Faculdade cultivamos por igual todos os ramos do conhecimento. Isto nos leva ao eterno problema do ensino secundário que à Faculdade cabe resolver. E se é verdade que já fizemos muito, como é atestado por recentes concursos, enquanto as leis federais que regem a matéria forem as obsoletas ordenações que são, obrigando todos os alunos ao primado do aprendizado do latim em detrimento do das ciências, tratando o problema como se estivéssemos no século XIII, não poderemos resolver. Não falando das nomeações de aventureiros, preterindo a dos licenciados. Finalmente seja-me permitido referir à mais

grave situação já enfrentada pela ciência experimental, desde que ela foi fundada por Galileu, na Renascença.

Senhor Diretor — vivemos numa época em que, em nome da verdade científica, um govêrno decreta que certa concepção, aliás sabidamente errada, é a verdade, e que aquêles que pesquisam e ensinam de acôrdo com as normas das ciências experimentais sejam demitidos de seus cargos, fechados os laboratórios e institutos que dirigiam e, segundo tudo indica, vítimas de perseguição pessoal. Poderíamos, diante de tal monstruosidade, adotar uma atitude indiferente porque, afinal de contas, como dizia o nosso grande Machado, o Cruzeiro está bastante alto para não se preocupar com o sorriso e as lágrimas do sol. Quanto a mim, parece-me que os homens de ciência do mundo inteiro devem, em nome mesmo da fé científica, protestar enêrgicamente contra êsse atentado ao mais elementar direito da expressão do pensamento e da pesquisa.

Senhor Diretor — não será muito róseo o quadro que acabo de esboçar. Isso, para quem possui os amplos recursos que todos lhe reconhecemos, nada representa. Estou certo de interpretar o sentimento unânime da Congregação, ao desejar-lhe os melhores votos de felicidade durante sua gestão.

★

A seguir, transmitindo o cargo ao seu sucessor, o Prof. Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello pronunciou uma breve saudação.

Agradecendo a investidura no cargo de Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula expressou-se nos seguintes têrmos:

DISCURSO DO PROF. DR. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

Venho, hoje, cumprindo um dever que me é caro, agradecer aos senhores professôres a indicação e a escôlha do meu nome para o cargo de diretor desta nossa Faculdade. Desejo aproveitar a oportunidade que se me oferece neste momento para vos afirmar, ainda uma vez, senhores professôres, que nunca desejei assumir as graves e difíceis responsabilidades do cargo em que ora sou investido. Se não desejei o lugar para o qual a vossa benevolência me conduziu, quero afirmar, também, desde já, que não é do meu feitio recusar responsabilidades por mais pesadas e espinhosas que sejam, desde que elas tenham por finalidade a defesa e os direitos da nossa Escola. Bem sei que assumo a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo num momento de crise e não desconheço, tão pouco, que me esperam complicados e difíceis problemas para resolver. Ouso esperar, porém, que poderei contar com o vosso

apôio, com o mesmo decidido apôio que me destes por ocasião da recente eleição, assim como com a boa vontade do Conselho Universitário e do Magnífico Reitor. O mesmo espero do Govêrno do Estado que, por certo, não desconhece o importante papel que representa, na paisagem cultural de nosso país, a mais antiga dentre as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do Brasil.

Ex-aluno desta Escola, ligado a ela desde os seus primeiros dias, tenho — como sabeis — consagrado todo o meu tempo e esforço ao ensino da História da Civilização Antiga e Medieval nesta Faculdade, interrompendo a minha modesta vida de estudo e de trabalho, nesta Casa, apenas durante o tempo que tive a honra de servir nas Fôrças Armadas da Nação, na luta que o nosso país e o mundo civilizado travaram contra a prepotência dos regimes totalitários. De volta da Itália, dos campos de batalha, nos quais a Fôrça Expedicionária Brasileira procurou honrar o nome e as tradições de altivez e de solidariedade humana da nossa terra, voltei novamente para a companhia dos meus queridos livros de História e dos meus caros estudantes. Após o meu concurso para a cátedra que tenho a honra de reger nesta Casa, nada mais pedi nem pretendi. O meu desejo maior era e é estudar e ajudar, na medida das minhas fôrças, as jovens gerações de estudantes que vêm à Faculdade, sequiosas de conhecimentos, à procura de nosso exemplo, movidos sempre por êsse idealismo sadio que é peculiar aos moços. Para êles é que fundei — auxiliado por vários colegas e amigos — a “Revista de História”, destinada a orientá-los, quando, como licenciados, assumirem as cátedras do ensino secundário e normal que, por direito, lhes cabe.

Vós, porém, tivestes a bondade de lembrar o meu nome para a direção da nossa Escola. Aceitei a vossa gentileza e ousou lembrar-vos, uma vez ainda, que é, seguro na vossa confiança e no vosso apôio, que eu conto levar a bom têrmo a tarefa de que me incumbistes. Estou sempre pronto a servir os altos interêsses da nossa Faculdade e os da cultura nacional, de que ela é uma das mais importantes garantias. Mas, para isso, necessito do vosso aviso e conselho, do vosso inteiro apôio e da vossa desinteressada confiança. Creio que não será demais lembrar que os homens passam, que as pequenas rugas o tempo as apaga e que, aqui, a cada um de nós incumbe fazer o pequeno sacrifício, das suas paixões que, por vêzes, se excitam na luta, pelo bem que todos nós devemos querer à nossa Escola. A nossa tarefa é bela e grande. Todos nós sabemos que aqui se alicerça um dos mais importantes pilares da grandeza da nossa Pátria: a pesquisa pura e desinteressada, que sempre é de grande utilidade para a manutenção e sobrevivência da nossa coietividade.

Agora, como é de praxe, esboçarei o que pretendo levar a efeito durante a minha gestão. Com a aquisição dos novos prédios da Faculdade e a organização de seus serviços administrativos — pontos altos da profícua administração do meu amigo e predecessor Prof.

Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello — creio que é chegada a ocasião de aprimorar alguns setores da Faculdade, que estão a pedir maior desenvolvimento. Além de manter e procurar ampliar, dentro das possibilidades orçamentárias, o que já está organizado, penso em racionalizar mais os serviços da Secretaria e do Expediente, assim como instalar definitiva e eficientemente a Biblioteca Central, dotando-a de pessoal e material, para que possa desempenhar cabalmente o seu papel precípuo, ou seja, servir aos nossos estudantes.

Penso reservar, dentro das verbas orçamentárias do próximo ano, o suficiente para instalar, ainda que modestamente, o nosso Salão Nobre e montar aí um palco que permitirá aos nossos estudantes reviver o Teatro Universitário, que já existiu na nossa Escola e que atualmente desapareceu. As nossas festas escolares poderão aí também ser efetuadas, sem necessidade de obtermos por empréstimo locais estranhos, que nada representam para a nossa vida escolar.

Pretendo, também, com o auxílio dos senhores professôres, elaborar o nosso Regimento Interno, que tanta falta nos tem feito e rejuvenescer o nosso Regulamento (Decreto 12.511, de 21 de janeiro de 1942), que nos prestou bons serviços, mas já está obsoleto em várias partes, principalmente na organização dos diversos currículos de ensino da Faculdade.

Aproveito, também, a ocasião para apelar para os nossos assistentes que já se doutoraram, no sentido de que, assim que ultimarem suas teses, se inscrevam para o concurso de livre-docência, criando, dest'arte, uma tradição de carreira universitária, tão necessária para uma Faculdade jovem como a nossa. E, se a Congregação me autorizar, pretendo abrir concurso para as cátedras que, por suas instalações e realizações, possam ser providas definitivamente, sem que, com isso, dispensemos a colaboração dos professôres estrangeiros que tão úteis serviços têm prestado à Faculdade e que serão ainda indispensáveis por muitos anos. Sômente assim, conseguiremos completar o número suficiente de professôres catedráticos para a obtenção da completa autonomia da nossa Escola, dentro do regime estabelecido em lei, para o govêrno da Universidade de São Paulo.

Êsses são os principais pontos do programa que pretendo realizar. Outros problemas, e bem espinhosos, aparecerão e terão de ser resolvidos. Por isso, conto com a boa vontade de todos, dos senhores professôres, assistentes, auxiliares de ensino, técnicos; conto com a boa vontade e eficiência dos senhores funcionários administrativos, desde o seu chefe, o senhor secretário, até o mais humilde dos serventes. Conto principalmente com os senhores alunos, pois a Faculdade existe para êles, é uma Escola e não uma mera repartição pública. Apelo para todos que me auxiliem a manter a Faculdade completamente afastada das controvérsias religiosas e políticas. Bem sei, devemos interessar-nos pelos problemas nacionais, mas nada deve ser feito para pertur-

bar o clima cultural necessário à Faculdade, para que continue a preencher as suas finalidades:

- a) preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica;
- b) preparar candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior;
- c) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem o objeto do seu ensino”.

Êsse é o nosso dever! Êle deve ser cumprido!

★

Com a palavra, o representante dos alunos da Faculdade, Sr. Tristão da Fonseca Filho, dirige ao novo diretor uma breve saudação.

DISCURSO DO SNR. TRISTÃO DA FONSECA FILHO, REPRESENTANTE
DOS ALUNOS

A vida da nossa Faculdade de Filosofia tem sido caracterizada pelo mais veemente combate a uma Faculdade, de que se tem notícia dentro da Universidade de São Paulo. De todos os lados nós somos atacados, quer pelo Legislativo, na organização de concursos, nas tentativas de efetivação de interinos no magistério secundário e normal, quer pelo Executivo, mandando projetos, também desta ordem, para o Legislativo, bem como colocando na Reitoria elementos que têm primado pelo combate a esta Faculdade, como, por exemplo, o atual Magnífico Reitor.

Está presente perante tôdas as pessoas que têm acompanhado a vida desta Faculdade, o combate diuturno que sofremos. E quando não fôra, bastaria lembrar o caso do concurso de Filosofia, que ora a Congregação desta Faculdade e os alunos venceram brilhantemente no Conselho Nacional de Educação. Foi uma verdadeira prova de fogo, porque a Faculdade de Filosofia tem tido esta característica em tôda a sua vida — uma Faculdade absolutamente incompreendida, uma Faculdade combatida.

Num momento como êste, em que nós arrostamos problemas da máxima gravidade, no momento em que, no Congresso Nacional, se discute a lei de diretrizes e bases da educação nacional, é para nós, alunos, profundamente grato ver assumir a direção desta casa um professor da envergadura do Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula. Em todos os cargos, em tôdas as posições que tem ocupado na sua vida, sempre tem-se distinguido pela sua honestidade, pela sua capacidade, pela sua dedicação.

Snr. Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula: os alunos da Faculdade de Filosofia solicitam de V. Excia. a honra de contar, juntamente com os trinta e nove votos com que a Congregação o honrou, também o voto dos alunos para a gestão da Diretoria desta Casa, porque nós temos a certeza de que V. Excia. não negará o seu passado, e continuará desempenhando com a honestidade e com o brilho que tem caracterizado tôdas as suas atividades, também a sua gestão nesta Casa. Nós esperamos, nós temos a certeza, que problemas como o das instalações do Departamento de Física serão por V. Excia. resolvidos a contento. Nós temos a certeza de que o problema da biblioteca será resolvido por V. Excia., porquanto já vai para quase um ano que os alunos não dispõem desta biblioteca. Reafirmo mais uma vez a honra que teríamos nós, os alunos, de ver o nosso nome incluído entre aquêles que elegeram V. Excia. para a direção desta Casa, porque temos a certeza de que durante êsses três anos os problemas que mais têm assoberbado a vida desta Faculdade serão por V. Excia. resolvidos.

X - SESSÕES COMEMORATIVAS E HOMENAGENS



Em sessão realizada a 21 de dezembro de 1949, o Conselho Técnico-Administrativo aprovou a colocação de uma placa de bronze na entrada do edifício principal, em homenagem aos Drs. Armando de Salles Oliveira e Theodoro Augusto Ramos, respectivamente fundador e primeiro diretor da Faculdade. A Congregação, em sessão de 29 do mesmo mês, ratificou essa resolução do Conselho, ficando a placa com os seguintes dizeres: "Homenagem da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo ao seu fundador Dr. Armando de Salles Oliveira e ao seu primeiro diretor, Dr. Theodoro Augusto Ramos".

A realização do I Congresso de Ex-Alunos da Faculdade, na primeira semana de julho de 1950, pareceu à Congregação excelente oportunidade para a cerimônia com que se pretendia homenagear aquelas ilustres figuras, tão ligadas à Instituição. Assim, em solenidade levada a efeito no dia 8 de julho, foi inaugurada a placa, falando em nome da Congregação o Prof. Dr. Milton da Silva Rodrigues e, em nome dos ex-alunos, por designação expressa da mesa do Congresso então reunido, o Prof. Dr. João Cruz Costa.

HOMENAGEM A ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA E THEODORO AUGUSTO RAMOS

DISCURSO DO PROF. DR. MILTON DA SILVA RODRIGUES

Estranhas e adversas foram as circunstâncias que cercaram as origens da educação superior, no Brasil. Colônia de que a Metrópole só se lembrava para sugar-lhe, até ao esgotamento, as mais aparentes riquezas naturais, não teve o seu povo o privilégio de educar-se em suas próprias escolas, poucas e mal organizadas. Instituições que alcançassem o nível universitário, só tivemos, naquela época, as de natureza religiosa, tais como os colégios de Olinda e da Baía. Por melhores que fôsem seus lentes e boas suas intenções, é certo, porém, que, nelas, o ensino tinha de assumir um caráter predominantemente literário e conservador. As ciências, elas próprias, eram praticamente esquecidas, como, por outro lado, não se cuidava de desenvolver no aluno êsse espírito de curiosidade crítica que leva à constante renovação da cultura. Assim é que os poucos brasileiros que conseguiram uma cultura superior mais sólida foram os que a buscaram em universidades européias, especialmente portuguesas. A tal ponto, enquanto isso, a vida brasileira se distanciou dos valôres puramente intelectuais, que pessoas

como José Bonifácio de Andrada e Silva, tipo perfeito do sábio universitário, até hoje é, entre nós, mais conhecido pelas suas atitudes políticas que por seus dotes culturais.

Mas, se até meados do século XVIII, a situação foi tal como a esquematizamos, pior se tornou ela, em seguida. Expulsos os jesuitas, fechadas suas escolas, onde quando mais não fôsse, se conservavam acesos os ideais da cultura humanística, durante muitos e longos anos nada se pôs em seu lugar. Impossível, por outro lado, era para o nosso povo, educar-se por iniciativa pessoal e através da leitura, pois que os livros importados eram excepcionais e que, sob o mesmo ministro em que se fecharam nossas raras escolas, mandava-se quebrar o único prelo existente no País. Isto tudo numa época em que colônias espanholas e inglesas possuíam já diversas universidades, algumas das quais, desde sua origem bem orientadas, comparam-se hoje às melhores do mundo.

Foi a emancipação trazida ao Brasil com o reinado de D. João VI o que permitiu a implantação entre nós das primeiras instituições de ensino superior. No entanto, ainda nesse ponto, não tivemos sorte. Com efeito: dominava, então, por virtude tanto de conveniências políticas como de pontos de vista doutrinários, a tendência a despojar o ensino superior dos seus objetivos de cultura geral e desinteressada, para reduzi-lo ao de preparo meramente profissional. Por outro lado, faltava às academias então fundadas a ligação íntima que só lhes poderia proporcionar a reunião em uma universidade verdadeira.

Poderão dizer que, pela mesma época, o século XIX, também na França as universidades haviam desaparecido, fragmentadas na autonomia de suas várias instituições, que só voltaram a unificar-se em fins do mesmo século. O caso, porém, é que lá já existia uma sólida e milenar tradição de cultura e existiam, o que não se dava aqui, as faculdades de ciências, de letras, a Escola Normal Superior, o Colégio de França, onde se continuou, como antes da Revolução, que dispersara as universidades, a cultivar a ciência como um valor em si, cuidando mais em criá-la do que em divulgá-la.

Está visto, também, que sem faculdades de ciências e letras, não era possível ao Brasil, como o era à Europa, possuir um ensino secundário capaz de realizar os objetivos que a êle competem de formador dos hábitos de trabalho intelectual e do senso crítico. Assim, aquela falha iria repercutir na própria cultura profissional superior, construída sem bases num ensino médio formativo. Fala-se muito, hoje em dia, nos perigos da extrema especialização; parece-me, no entanto, que, paradoxalmente, a êles estivemos muito mais expostos no passado, em que tôda a nossa cultura era bastante superficial, do que o estaremos no futuro, com o desenvolvimento simultâneo do nosso ensino superior e da nossa educação secundária.

Não foram poucos os homens esclarecidos que, de há muito, perceberam e denunciaram aquelas falhas, reclamando o seu indispensável

e único remédio: a criação de faculdades de ciências e letras. Diversos foram os que prepararam o seu advento, como vários os que, mais tarde, contribuíram com o melhor dos seus esforços para a consolidação e o engrandecimento da obra realizada. Parece, no entanto, que a História, ou pelo menos a nossa, não se faz senão a poder de concomitâncias eventuais de fatos e de idéias, que criam, em determinado e fugaz momento, a atmosfera afinal propícia para que uma concepção se transforme em realização. Poucos, infelizmente, são os predestinados que possuem o descortino para compreender que um tal momento chegou e a fôrça de convicção que gera a coragem para enfrentar os problemas práticos que êle inevitavelmente suscita.

Armando de Sales Oliveira foi, indubitavelmente, um desses homens do destino, cuja fé oq para milagres. A êle devemos o seguro golpe de leme que, num instante, endireitou a nossa rota para a meta certa. Entre os que mais de perto o auxiliaram, reponta, como um símbolo, a pessoa de Teodoro Augusto Ramos, que pôs a funcionar o que Sales Oliveira havia criado.

Estamos hoje reunidos para reverenciar a memória e proclamar o merecimento desses dois preclaros brasileiros, que provaram saber como bem servir a sua Pátria. Não nos contentamos, porém, com uma homenagem por palavras que o vento leva. Simbolizamos a eternidade que lhe quisemos dar, na matéria desse bronze, resistente e singelo como o coração reverente dos que o mandaram colocar. Que êle sirva, por intermináveis anos, de memento silencioso a nos lembrar constantemente os deveres que temos a cumprir, a fim de que a obra principiada não o tenha sido em vão.

★

Aqui, o Prof. Dr. Milton da Silva Rodrigues terminou o seu discurso, e, logo após, o Diretor da Faculdade convidou o Dr. Julio de Mesquita Filho a que descobrisse a placa de bronze.

Em seguida, pelos antigos alunos da Faculdade, proferiu o Prof. Dr. João Cruz Costa, a seguinte oração:

DISCURSO DO PROF. DR. JOÃO CRUZ COSTA

Os licenciados, ora reunidos no I Congresso de Ex-alunos desta Escola que Armando de Sales Oliveira criou — muita honra fazem a um dos mais antigos alunos desta casa, escolhendo-o para representá-los na justa homenagem que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras presta hoje à memória de dois grandes homens cujos nomes estão intimamente ligados à história de nossa Faculdade.

Tardia embora, a homenagem de hoje, na sua simplicidade, vem dar expressão à constante, profunda e sincera aspiração de todos aquê-

les que passaram pelos bancos desta Escola, ou de todos os que souberam compreender o alto sentido e o largo alcance da obra de que um foi o criador, e o outro, o primeiro executor. Ambos são credores da veneração e do respeito de quantos freqüentaram ou venham a freqüentar a nossa Faculdade. E' que ambos souberam confiar na juventude de sua terra. Ricos de inteligência, cheios de fé nos destinos de nosso povo, Armando de Sales Oliveira e Teodoro Ramos souberam avaliar as qualidades e a capacidade de nossa mocidade, criando, para ela, esta escola que, na paisagem da história de nossa terra, representa uma fase nova: aquela que deve corresponder a uma renovação dos quadros da inteligência nacional.

Os dois homens aos quais hoje, professôres, ex-alunos e alunos desta Escola prestam o devido preito de saudade e de reverência, souberam perceber, no momento mesmo em que entrava a declinar o predomínio de uma elite de amadores dispersivos e diletantes, o sentido que êste novo centro de estudos poderia ter para a constituição de uma nova cultura nacional, mais sólida e mais precisa. Ainda há dias, quando da sessão solene com que a Congregação desta Escola recebeu os seus ex-alunos, dizia o nosso mestre, Prof. Fernando de Azevedo, que "os mil e quinhentos alunos que dêste centro de irradiação de cultura se dispersaram por todos os quadrantes do Estado, como mensageiros da boa-nova, constituem já a prova decisiva (...) de que a idéia da criação desta escola não podia ter sido mais feliz e oportuna nem corresponder tão rigorosamente a uma necessidade da cultura no país". No entanto, Armando de Sales Oliveira e Teodoro Ramos tiveram — assim como os seus companheiros — de lutar, destemerosos e confiantes, contra a hostilidade, a indiferença e até a malquerença que a mediocridade manifesta sempre que se defronta com alguma coisa que ultrapassa a medida microscópica de sua inteligência... Confiantes, lançaram-se à árdua e importante tarefa da criação desta Escola, porque sabiam que seria daqui que haveria de partir o movimento de renovação da cultura nacional.

E' a êsses dois grandes espíritos que prestamos hoje a nossa homenagem. Por desgraça, ambos desapareceram rapidamente do cenário da vida nacional. Teodoro Ramos apenas teve tempo para cumprir a difícil e honrosa missão de escolher e de trazer para o nosso País, os nossos mestres estrangeiros. Pouco tempo se manteria na direção da nossa Escola, pois, logo, em novembro de 1935, a morte o arrebatava.

Bem conheceis, todos, a vida de Armando de Sales Oliveira. Não será nesta solenidade — tôda ela feita de reverência à sua memória — que iremos tristemente recordar, todo o cortejo de amarguras e de misérias a que foi submetido nos últimos anos de sua vida. Neste momento, o que cumpre lembrar é a altivez e o desassombro de suas atitudes e a inabalável fé que sempre demonstrou, até o fim, no porvir e no destino de liberdade de seu povo!

Homens assim, capazes de altivez, de amor à liberdade e de confiança no seu povo, merecem ter os seus nomes gravados nas portadas das escolas!

★

Em sessão de 20 de maio de 1948, aprovou o Conselho Técnico-Administrativo uma sugestão do Prof. Dr. Plínio Ayrosa no sentido de ser iniciada na Faculdade uma galeria de retratos de seus diretores. Assim, em 25 de agosto de 1950, foi ela inaugurada com o retrato do Prof. Theodoro Augusto Ramos, Diretor da Faculdade em 1934. Em nome da Congregação, falou o Prof. Dr. Paulo Sawaya.

DISCURSO DO PROF. DR. PAULO SAWAYA

A Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras presta hoje significativa homenagem à memória do Prof. Dr. Theodoro Augusto Ramos.

Primeiro diretor desta casa, no curto espaço de alguns meses, deixou traços indeléveis de sua passagem, a qual traduz, a nosso ver, um momento histórico da vida universitária de S. Paulo e quiçá do Brasil.

Relata o Dr. Cristiano Altenfelder Silva, então Secretário da Educação, "que Theodoro Ramos, na Europa, teve entendimentos com o governo da França, da Itália e da Alemanha, em virtude dos quais pôde o Governo de S. Paulo contratar, em magníficas condições, eminentes professôres, algumas das maiores notabilidades dos diversos ramos do ensino".

Avaliar a repercussão profunda dos resultados da viagem de Theodoro Ramos à Europa é tarefa para os futuros historiadores do ensino superior no Brasil.

A vinda de professôres estrangeiros veio alterar profundamente as diretrizes do nosso ensino universitário. Professôres de outros países já tinham sido contratados para S. Paulo, para a Escola Politécnica, para a Faculdade de Medicina, etc., mas, naquela época, não havia ainda ambiente universitário pròpriamente dito.

O trabalho de Theodoro Ramos foi o de trazer professôres também estrangeiros, que aqui chegaram para ministrar o ensino numa Universidade então em plena fase formativa. A diferença é sutil, mas sensível.

Quando examinamos o panorama histórico do Brasil, vemos que o ápice da curva ascensional dos grandes acontecimentos resultou de uma reunião de valôres a assinalar passagens bastante expressivas da vida do país. Fundamenta essa curva como que uma soma de boas

les que passaram pelos bancos desta Escola, ou de todos os que souberam compreender o alto sentido e o largo alcance da obra de que um foi o criador, e o outro, o primeiro executor. Ambos são credores da veneração e do respeito de quantos freqüentaram ou venham a freqüentar a nossa Faculdade. E' que ambos souberam confiar na juventude de sua terra. Ricos de inteligência, cheios de fé nos destinos de nosso povo, Armando de Sales Oliveira e Teodoro Ramos souberam avaliar as qualidades e a capacidade de nossa mocidade, criando, para ela, esta escola que, na paisagem da história de nossa terra, representa uma fase nova: aquela que deve corresponder a uma renovação dos quadros da inteligência nacional.

Os dois homens aos quais hoje, professôres, ex-alunos e alunos desta Escola prestam o devido preito de saudade e de reverência, souberam perceber, no momento mesmo em que entrava a declinar o predomínio de uma elite de amadores dispersivos e diletantes, o sentido que êste novo centro de estudos poderia ter para a constituição de uma nova cultura nacional, mais sólida e mais precisa. Ainda há dias, quando da sessão solene com que a Congregação desta Escola recebeu os seus ex-alunos, dizia o nosso mestre, Prof. Fernando de Azevedo, que "os mil e quinhentos alunos que dêste centro de irradiação de cultura se dispersaram por todos os quadrantes do Estado, como mensageiros da boa-nova, constituem já a prova decisiva (...) de que a idéia da criação desta escola não podia ter sido mais feliz e oportuna nem corresponder tão rigorosamente a uma necessidade da cultura no país". No entanto, Armando de Sales Oliveira e Teodoro Ramos tiveram — assim como os seus companheiros — de lutar, destemerosos e confiantes, contra a hostilidade, a indiferença e até a malquerença que a mediocridade manifesta sempre que se defronta com alguma coisa que ultrapassa a medida microscópica de sua inteligência... Confiantes, lançaram-se à árdua e importante tarefa da criação desta Escola, porque sabiam que seria daqui que haveria de partir o movimento de renovação da cultura nacional.

E' a êsses dois grandes espíritos que prestamos hoje a nossa homenagem. Por desgraça, âmbos desapareceram rapidamente do cenário da vida nacional. Teodoro Ramos apenas teve tempo para cumprir a difícil e honrosa missão de escolher e de trazer para o nosso País, os nossos mestres estrangeiros. Pouco tempo se manteria na direção da nossa Escola, pois, logo, em novembro de 1935, a morte o arrebatava.

Bem conheceis, todos, a vida de Armando de Sales Oliveira. Não será nesta solenidade — tôda ela feita de reverência à sua memória — que iremos tristemente recordar, todo o cortejo de amarguras e de misérias a que foi submetido nos últimos anos de sua vida. Neste momento, o que cumpre relembrar é a altivez e o desassombro de suas atitudes e a inabalável fé que sempre demonstrou, até o fim, no porvir e no destino de liberdade de seu povo!

Homens assim, capazes de altivez, de amor à liberdade e de confiança no seu povo, merecem ter os seus nomes gravados nas portadas das escolas!

★

Em sessão de 20 de maio de 1948, aprovou o Conselho Técnico-Administrativo uma sugestão do Prof. Dr. Plínio Ayrosa no sentido de ser iniciada na Faculdade uma galeria de retratos de seus diretores. Assim, em 25 de agosto de 1950, foi ela inaugurada com o retrato do Prof. Theodoro Augusto Ramos, Diretor da Faculdade em 1934. Em nome da Congregação, falou o Prof. Dr. Paulo Sawaya.

DISCURSO DO PROF. DR. PAULO SAWAYA

A Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras presta hoje significativa homenagem à memória do Prof. Dr. Theodoro Augusto Ramos.

Primeiro diretor desta casa, no curto espaço de alguns meses, deixou traços indeléveis de sua passagem, a qual traduz, a nosso ver, um momento histórico da vida universitária de S. Paulo e quiçá do Brasil.

Relata o Dr. Cristiano Altenfelder Silva, então Secretário da Educação, "que Theodoro Ramos, na Europa, teve entendimentos com o governo da França, da Itália e da Alemanha, em virtude dos quais pôde o Governo de S. Paulo contratar, em magníficas condições, eminentes professores, algumas das maiores notabilidades dos diversos ramos do ensino".

Avaliar a repercussão profunda dos resultados da viagem de Theodoro Ramos à Europa é tarefa para os futuros historiadores do ensino superior no Brasil.

A vinda de professores estrangeiros veio alterar profundamente as diretrizes do nosso ensino universitário. Professores de outros países já tinham sido contratados para S. Paulo, para a Escola Politécnica, para a Faculdade de Medicina, etc., mas, naquela época, não havia ainda ambiente universitário propriamente dito.

O trabalho de Theodoro Ramos foi o de trazer professores também estrangeiros, que aqui chegaram para ministrar o ensino numa Universidade então em plena fase formativa. A diferença é sutil, mas sensível.

Quando examinamos o panorama histórico do Brasil, vemos que o ápice da curva ascensional dos grandes acontecimentos resultou de uma reunião de valores a assinalar passagens bastante expressivas da vida do país. Fundamenta essa curva como que uma soma de boas

qualidades, que se associaram para marcar acontecimentos de extraordinária importância.

A viagem de Theodoro Ramos à Europa decorreu do fato de se encontrar à frente dos destinos de S. Paulo o grande Armando de Salles Oliveira, fundador da nossa Universidade. Aliaram-se, assim, a clarividência extraordinária do eminente estadista que chefiava o Governo de S. Paulo e o espírito realmente universitário de Theodoro Ramos, professor da Escola Politécnica, dos mais eminentes pelo saber, pela admirável pedagogia, pela extensão de seus conhecimentos. Figura de asceta, votava-se inteiramente ao estudo e ao ensino, realizando antes que a Universidade existisse, o que a Universidade realmente espera dos seus docentes.

Em outros momentos da história do país, em vez de uma soma de altos valores, ao contrário, topamos com uma adição de mediocridades. Isto é permitido talvez pela Providência para realçar mais aquelas outras fases como a em que se desenvolveu o governo de Armando de Salles Oliveira. Foi esta fase realmente produtiva, caracterizada pelas realizações de grande mérito, entre as quais a criação da Universidade de São Paulo ocupa o primeiro plano. E para levar avante a grande empreitada, o sábio estadista soube escolher Theodoro Ramos que ocupava posição ímpar entre os seus pares.

Foi êle o indicado para trazer da Europa os mestres que aqui vieram cooperar no desenvolvimento de nossa Universidade. O futuro dir-nos-á quão profundamente influiu esta arrojada iniciativa nas diretrizes do nosso ensino superior. Já se colhem frutos sazonados desta árvore que contou no início com o desvelado carinho de Theodoro Ramos.

A homenagem que agora se presta à memória do primeiro Diretor desta casa, deverá fixar, para todos nós e para os que nos sucederem, êsse momento da história de nossa jovem Universidade, como preito de gratidão a um dos seus mais ilustres fundadores.

auto-
vistor

CENTENÁRIO DO SENADOR ALFREDO ELLIS

Em solenidade realizada em 25 de março de 1950, teve a Faculdade o ensejo de comemorar o centenário do nascimento do Senador Alfredo Ellis, tendo sido orador oficial o Prof. Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello.

O Senador Alfredo Ellis, nascido em São Paulo aos 19 de março de 1850 e falecido no Rio de Janeiro em 1925, foi uma das figuras mais representativas da Primeira República. Teve destacada atuação na fase da propaganda republicana e na abolição da escravatura, militando ativamente na política, desde a implantação do novo regime, como deputado de 1890 a 1902, e como senador de 1902 até o seu falecimento em 1925. Participou da Assembléia Constituinte de 1891, que elaborou a Carta Magna da República. Como representante de São Paulo, no Senado Federal, lutou arduamente por uma série de problemas de interesse vital para o seu Estado; entre outros, a encampação da São Paulo Railway, a defesa e valorização do café, a campanha das docas de Santos. Ainda no cenário político, teve destacada atuação na campanha civilista, ao lado de Ruy Barbosa.

O Senador Alfredo Ellis teve em seu filho — o Professor Alfredo Ellis Junior, titular da Cadeira de História da Civilização Brasileira — o seu melhor biógrafo. O trabalho, que lhe foi consagrado por ocasião do transcurso do centenário de seu nascimento — gentilmente oferecido à Faculdade, que o incluiu na série de seus Boletins — representa valiosa contribuição para a história social, econômica e política do período republicano.

CONFERÊNCIA DO PROF. DR. ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO

Senhoras e Senhores:

Sejam as minhas primeiras palavras para agradecer aos alunos do Departamento de Geografia e História, que tão gentilmente me convidaram para falar hoje, a fim de, comemorando feitos do Senador Alfredo Ellis, homenagear seu ilustre filho, o Prof. Alfredo Ellis Junior.

E' que, tais são os laços de amizade, estima e gratidão que me ligam a Alfredo Ellis Junior que, se fôsse possível, eu mesmo reivindicaria esta distinção, não obstante reconheça, sem falsa modéstia, que outros colegas do Departamento melhor se poderiam desincumbir desta tarefa, que é uma insigne honra. Honra que me desvanece, já pela es-

côlha, partindo de meus alunos, já pela oportunidade, excepcional para mim, de públicamente associar-me à homenagem que se presta a um dos mais distintos e dignos professores desta Faculdade.

Meus Senhores:

“As idéias são sempre relativas ao meio em que surgem. Os princípios mais científicos, as verdades mais inconcussas, conforme nos demonstra a História, não são aceitas senão com o correr dos tempos, porque têm de lutar com as tradições, preconceitos, hábitos, interesses e até paixões.

Para que um pensamento novo predomine, para que uma idéia nova se concretize e se traduza em fatos, é mister que tenha a força necessária para subjugar a vontade, vencer tôdas as dificuldades, e impor-se, clara e eficientemente, ao raciocínio dos homens, quebrando os velhos moldes e apagando a antiga rotina.

E' por essa razão que é tão lento e demorado o progresso, tão vagarosa a marcha evolutiva da civilização!

Lenta e vagarosa é a marcha da civilização, porém, ela é firme e segura. Firme e segura, porque nos marcos milenários da eterna estrada que a humanidade percorre através dos séculos, em busca da perfectibilidade, vai lenta e pacientemente escrevendo e assinalando, parcela por parcela, a integração dêsse ideal que se chama — Liberdade. Porque, todo o progresso é uma fração de liberdade conquistada; e assim, como na Física é um princípio axiomático que a matéria é indestrutível, podendo mudar de forma, de atributos, de propriedades, sem jamais perder um só átomo; assim também, na ordem moral, a *liberdade* pode, por momentos, ser detida, pode mesmo aparentemente, ser suplantada, mas só por momentos; porque, fazendo explosão, supera todos os obstáculos, quebra todos os laços e há de, infalivelmente, ressurgir mais pura, mais completa e mais triunfante, demonstrando que ela é também indestrutível”.

Estas palavras, que acabo de ler, que são um hino à liberdade, foram proferidas pelo Senador Alfredo Ellis, em 1892, quando propugnava pela criação de uma alfândega na cidade de São Paulo.

Esse sentimento de liberdade, que é apanágio do paulista, o ilustre homem de Estado o tinha no mais alto grau, e foi a mola que impulsionou tôdas as campanhas parlamentares em que se envolveu. E não é só. Essa ânsia de liberdade, que haurira durante sua estada nos Estados Unidos, desenvolveu, estimulou e fêz crescer o senso de regionalismo, que sempre o caracterizou, e que medrou e medra ainda entre nós outros.

Realmente, a centralização excessiva durante o Império, e os golpes sucessivos na autonomia política e econômica de São Paulo durante a República, fêz eclodir e fortalecer-se no povo paulista o sentimento regionalista, que o fêz bastar-se a si mesmo e incutiu-lhe o orgulho do auto-suficiente. Nunca a “Liberdade” foi tão desejada, ontem e hoje;

porém *Liberdade* para *dirigir*, *Liberdade* para *conduzir*, pois que São Paulo é e sempre foi, economicamente, “a locomotiva puxando os vinte vagões vazios”, na frase lapidar do baiano ilustre que foi Arthur Neiva.

Esse sentimento regional, que muitos chamam de “bairrismo paulista”, tem sido fomentado precisamente pelos governos da União, tais são as injustiças cometidas contra São Paulo que, sendo dos Estados que mais contribuem para o erário nacional, é o menos aquinhoado nos favores distribuídos; e, mais do que isso, por uma espécie de sadismo, muitas vezes prejudicado intencionalmente nos seus interesses, nesses interesses que são exatamente os interesses do Brasil. Paradoxalmente, é como quem, possuindo entre suas galinhas uma que pusesse “ovos de ouro”, tudo fizesse para diminuir-lhe a vitalidade e a disposição para produzir.

O interessante é que, devendo o progresso político e econômico paulista instigar os demais Estados da Federação à imitação, pois que São Paulo realiza e sempre realizou um esforço sôbre-humano em favor do País, pelo contrário, encontra e encontrou sempre hostilidades abertas contra si. Essas hostilidades, que existem até hoje, não se circunscrevem aos menos informados e à massa ignara dos outros Estados, que ouvem falar do progresso paulista que, segundo eles, seria argamassado à custa das demais unidades da Federação, quando, justamente o contrário é que se dá. Não. Até figuras da elite, obrigadas, por dever de ofício, a não desconhecer o papel e a importância de São Paulo, deixam-se empolgar por esse sentimento negativo, investindo São Paulo. Exemplo disso vamos encontrar recentemente em um dos livros do historiador e sociólogo pernambucano Gilberto Freyre — tão admirado e estimado em São Paulo — “Uma interpretação do Brasil”, publicado em 1945, onde afirma êle ser “São Paulo apenas uma massa de prédios, indústrias, bancos e povo, a maior parte dessas conquistas obtidas por favores da União”.

São essas injustiças que cada vez mais acendem e entretêm o espírito regionalista que, diga-se de passagem, não é monopólio de São Paulo, embora aqui se justifique e mesmo se imponha. Para justificá-lo bastaria lembrar o tratamento dispensado a São Paulo e a seus homens públicos, logo depois da Revolução de 1930, que redundaria na famosa epopéia de 1932, em que todo o povo se levantou, como um só homem, quer os da baixa ou da alta classe, paulistas de nascimento, filhos de outros Estados e até estrangeiros. De que o Senador Alfredo Ellis estava certo em seu regionalismo, que defendeu à *outrance*, e não só êle como todo o povo paulista, vamos encontrar a prova no estudo recente — “São Paulo na Federação” — do jovem oficial da marinha norte-americana, Thomas W. Palmer Junior, que recentemente esteve entre nós, e que assim se exprime:

“Se alguma lição houver a se tirar da história de São Paulo, dentro da União, essa fatalmente será a do quadro que a mesma apresenta, ou seja, o problema de governar uma nação em que as dispari-

dades regionais são tremendas, pesando o desequilíbrio mais acentuado de uma delas. A região rica impõe: “Deixe-me”, com o que não concorda o governo do País, ainda mais quando essa mesma região além de bastar-se a si própria, é *contribuinte vital* para o tesouro da União.

Assim, o Brasil é um exemplo, por excelência, de uma federação onde a política flexível do governo se impõe, a fim de serem adaptadas, mutuamente, as diferentes regiões econômicas de seu vasto território. Se tal política não fôr seguida, desentendimentos acêrca de assuntos políticos e econômicos aparecerão sempre entre os Estados mais adiantados e o Governo Federal”.

Como vêem, êsse é um testemunho imparcial de um estrangeiro, que aqui esteve compulsando nossos arquivos, e investigando e perquirindo, sem nenhum outro interêsse que o de expor a verdade.

Realmente, a tese defendida por Palmer é verdadeira, pois que, por êsse e outros motivos, sempre houve desentendimentos, em parte políticos, em parte econômicos, entre São Paulo e a União. Problemas sôbre a autonomia estadual, como os da intervenção federal, reformas constitucionais ou fôrça pública dos Estados; controvérsias no campo econômico, girando em volta da tributação federal, valorização do café, construção e administração de estradas de ferro, política imigratória etc., sempre encontraram os paulistas em oposição ao Governo Federal.

Pois bem. Êsses problemas todos, política imigratória, estradas de ferro, fôrça pública, valorização do café, intervenção federal e outros — focos que foram de desentendimentos entre São Paulo e a União — sempre encontraram no gigante que foi o Senador Alfredo Ellis, o seu mais acérrimo defensor, batendo-se pela autonomia de São Paulo em todos os campos, sempre sóbrio e elegante, porém intimorato e agressivo, tôdas as vêzes que isso se fazia necessário. Nunca se arreceou em tomar partido quando se tratava de defender o bem e o interêsse de São Paulo; atacando, por vêzes violentamente, de viseira esguida, como o fêz contra o Presidente Nilo Peçanha e seus ministros, invectivando-os corajosamente, pois que se tratava de preservar os foros e o brio de São Paulo.

Senhores:

Não vamos aqui traçar a biografia do insigne parlamentar e, menos ainda, esmiuçar a sua vida pública. Isto já foi exaustivamente tratado por seu filho, o Prof. Alfredo Ellis Junior, em seu livro — “Um parlamentar paulista da República” — e brilhantemente exaltado na oração pronunciada ainda não faz muito tempo por Da. Miriam Ellis Austregésilo.

Vamos, pois, apenas nos deter e examinar perfunctôriamente algumas de suas ações; ressaltar e acentuar algumas de suas atitudes; focalizar ângulos marcantes de uma ou outra de suas campanhas parlamentares.

Afirmamos atrás, que o Senador Ellis sempre se bateu pela autonomia ampla de São Paulo, refletindo o anseio geral do povo paulista. Êste desejava assegurar-se de autonomia econômica, em primeiro lugar, mas, igualmente exigia a isenção de interferência política do govêrno, em sua vida, a fim de poder levar avante o progresso que rapidamente colocaria o Estado como líder do país.

Mas, autonomia econômica pressupõe ordem interna e defesa das instituições. Logo após a República, o Govêrno central não estava em condições de propiciar, em todo o território, eficiente e efetiva asseguaração da ordem interna. A idéia da criação de milícias estaduais surgiu.

Mas, ninguém se bateu tanto pela criação dessa milícia em São Paulo, e por seu armamento eficiente, do que o Senador Alfredo Ellis. Vamos encontrá-lo, sob o govêrno de Bernardino de Campos, interpelando-o e forçando-o a solicitar da União autorização para adquirir fuzis e clavinotes, o que foi feito, tendo, aliás, êsse armamento importado, servido ao próprio Govêrno Federal para debelar a revolta de 1893.

Assim, já por fôrça persuasiva, já diretamente agindo junto aos governos o Senador conseguiu ver vitorioso o seu ponto de vista, tanto que foi São Paulo o único Estado que organizou fôrça militar eficiente, tendo conseguido até uma missão militar da França, para instruir a sua Fôrça Pública.

★

Também, papel saliente coube ao Senador Alfredo Ellis na solução do grande problema da valorização do café. Em derredor de 1908, a crise do café em São Paulo era devida em grande parte à existência de inimigos no estrangeiro, na forma de banqueiros internacionais. São Paulo contraíra um empréstimo em Londres, mas, embora fôsse capaz de saldá-lo, necessitava do apôio e o endôssô do govêrno da União, para que seus títulos pudessem ser cotados oficialmente. Tal empréstimo era combatido por vários representantes do Legislativo Federal, notadamente pelos Senadores Barata Ribeiro e Severino Vieira, que atacavam São Paulo, afirmando que êste solicitara tal operação de crédito para sanar, por meios artificiais, a sua prodigalidade e imprevidência.

Foi aí que o Senador Alfredo Ellis agigantou-se e sobrelevou-se a si mesmo. Acusou a União de desinterêsse por São Paulo. Êste nada mais desejava senão o endôssô para um empréstimo de 15 milhões de esterlinos. Aos que criticavam São Paulo por não limitar a produção de café, respondia que sempre era melhor cultivar o mais possível e armazenar o excesso, visto que o consumo mundial crescia e que as reservas armazenadas supririam as futuras procuras. Finalmente, advertia o Senado de que, se o Estado fôsse à bancarrota, em

virtude da crise do café, a economia de todo o País iria ser severamente atingida.

Por fim, a operação foi realizada aliviando o Estado de São Paulo da crise medonha que o asfixiava. Muito para isso contribuiu o Senador Alfredo Ellis que, quando o increpavam no Senado de que tal empréstimo seria a ruína de São Paulo e do Brasil, respondia sobranceiramente: “Senhores, o Estado de São Paulo, berço de nossa independência, jamais será a sepultura da honra brasileira”.

★

Acabamos de falar na sobranceria do Senador Alfredo Ellis. Esta era um traço marcante de sua personalidade, quando se tratava de preservar o brio paulista. Não perdoava. As respostas eram altivas, olhando de cima para baixo, quando não ferinas e sarcásticas, conforme o caso.

De uma feita, acusaram o Cons. Rodrigues Alves de haver tolerado no Estado de São Paulo a intervenção do Ministro italiano, que teria ousado impor um certo regulamento sôbre imigrantes, determinando o modo e o processo que devia ser adotado para introdução de imigrantes italianos no Estado.

O Senador Alfredo Ellis, diante da injúria assacada ao seu conterrâneo e amigo, que era uma injúria a São Paulo, defendeu-o veementemente no Parlamento, afirmando: “Não, Sr. Presidente, não devemos esquecer, mesmo nas lutas mais acirradas, que descendemos de velhos bandeirantes e que nós, paulistas, não toleraríamos em ocasião alguma, em qualquer emergência, uma insultante intervenção que significasse ofensa, por leve que fôsse, aos nossos brios, à nossa dignidade, e representasse um ultrage à nossa soberania”.

★

Finalmente, e por último, vamos focalizar aqui uma das causas de desentendimento entre São Paulo e a União, em que o Senador Alfredo Ellis teve papel de destaque. Queremos referir-nos ao problema da “intervenção federal”, prevista no art. 6.º da Constituição federal de 1891.

Eram os paulistas, ontem como hoje, contrários à intervenção, a não ser em caso de perturbação da ordem interna. E embora, entre 1891 e 1930, jamais houvesse intervenção em São Paulo, a não ser em 1924, por ocasião da revolução que os paulistas não fomentaram, nem desejaram, sempre se bateu São Paulo contra o intervencionismo federal, achando-se sempre na estacada, discursando, aparteadando e agindo o Senador Alfredo Ellis.

Assim foi, para citar apenas um exemplo, o caso da intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro, em 1910 e 1911, sob os governos de Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca.

No ano de 1910, nas eleições para a presidência dêsse Estado, a vitória foi reclamada por ambos os concorrentes, que tentaram assumir o poder, sendo que um era amigo de Nilo Peçanha e o outro seu adversário político.

E Nilo Peçanha que, quando governara o Estado do Rio, alegara intervenção indébita de Rodrigues Alves, porque êste enviara uma guarda de 20 homens para salvaguardar os depósitos de monazita do Rio de Janeiro, agora pretendia aplicar o dispositivo da intervenção, violando os legítimos direitos estaduais.

Tal intervenção foi combatida veementemente pelos paulistas, tendo à sua frente o Senador Alfredo Ellis, que proferiu diversos discursos atacando a medida que, a seu ver, constituia uma evidente violação do art. 6.º da Constituição. Chegou a citar até um caso ocorrido nos Estados Unidos, onde um governador, legítimamente eleito na Louisiana, havia sido deposto, logo após a Guerra Civil, por ato ilegal de um juiz, e o govêrno federal decidiu não interferir, embora o ato do magistrado não lhe parecesse digno e certo. O princípio da “não intervenção” causou a melhor impressão nos Estados Unidos, dado que o momento era de ódio e de paixões oriundas do após-guerra, e com muito maior lógica aqui devia ser aplicado.

Quase todos os Estados, entre 1891 e 1930, sofreram uma ou mais vêzes, a aplicação do dispositivo constitucional que permitia a intervenção federal. E, de tôdas as vêzes, no combate à aplicação da medida, sempre se destacou, impertêrrito, destemido e sobranceiro, o Senador Alfredo Ellis.

★

Meus senhores:

O Senador Alfredo Ellis, como acabamos de ver, foi um lutador de rija têmpera. Defendeu brava e estôicamente, paulista que era, os legítimos interêsses de sua terra. Porém, servindo a São Paulo, servia ao Brasil, como sempre o fizeram os paulistas, que tudo deram e fizeram por sua terra. Desbravando sertões e alargando as “fronteiras” da nação na época colonial, com os legendários bandeirantes; fautores da independência e sustentáculos do Império, com José Bonifácio, Feijó e outros; propagandistas da República e seus consolidadores, com Prudente de Moraes, Campos Salles, Rodrigues Alves e tantos outros; os paulistas foram, em todo tempo, tão brasileiros como os que mais o foram.

Ainda há poucos dias, a neta do homenageado, em impressionante conferência, afirmou que o exemplo deixado pelo Senador Alfredo Ellis há de frutificar, para que São Paulo continue a ser o que tem sido até agora e para que seja justificado o famoso lema: “*Non ducor duco*”.

Não há dúvida que lhe assiste tôda a razão. Mas, tantos e tais foram os serviços prestados pelo Senador Alfredo Ellis ao Brasil, através de São Paulo, durante a sua longa e frutuosa vida pública, que desejaríamos lembrar aqui — e sem espírito de regionalismo ou bairrismo — êsse admirável escudo paulista, aparecido em 1932, quando da Revolução Constitucionalista.

Na verdade, o escudo, com a côr vermelha apontando o caminho da glória, a côr de prata, símbolo do espírito constitucionalista, os ramos de café a indicar a fonte da nossa riqueza, e o lema "Per Brasilia fiant eximia", sintetiza bem o que foi a vida, a obra e os feitos do insigne varão, paulista, porém bem brasileiro — o Senador Alfredo Ellis.

XI - ATIVIDADES DAS CADEIRAS (*) E DEPARTAMENTOS

(*) Esta parte é constituída pelos relatórios enviados pelos Senhores Professôres, que aqui foram transcritos, apenas com as modificações indispensáveis à unidade e disposição regular da matéria.

As Cadeiras que aqui não figuram, deixaram de enviar relatório.

ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO COMPARADA

Professor: José Querino Ribeiro.

Assistentes: Maria José Garcia e Carlos Corrêa Mascaro (substituto).

Auxiliar de ensino: Maria de Lourdes Santos Machado.

Auxiliar técnica: Vera Maria Fontana Beltrão.

BIBLIOTECA

A Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada possui uma biblioteca especializada, ainda em formação.

O acervo da biblioteca consta de duas partes: a primeira compreende as publicações da antiga cadeira de Administração Escolar do Instituto de Educação da Universidade de S. Paulo; a segunda, os poucos livros comprados, no único ano em que recebemos verba para isso (1948) e as demais publicações doadas.

A herança do Instituto de Educação foi de 106 livros. Essas obras acham-se devidamente tombadas e tratadas biblioteconômicamente. Na segunda parte da biblioteca, encontram-se 59 livros, uma coleção de leis e decretos do Estado de S. Paulo, compreendendo o período de 1889 a 1949, revistas e publicações em geral.

A biblioteca não possui assinaturas de revistas devido ao fato de nem sempre ter verba. Recebe, porém, gratuitamente, números da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Boletim da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI), Documentário do Ensino da Editora Brasileira S/A (EBSA) e Atualidades Pedagógicas. Possui, ainda, uma coleção da revista "Educando", órgão da Associação dos Professores Primários de Minas Gerais, alguns números da revista "Educação", órgão do Departamento de Educação do Estado de S. Paulo, da revista "IDORT", da Revista de Estatística, publicações do Ministério de Educação, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, da Secretaria da Educação do Estado de S. Paulo, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e, ainda, publicações oficiais de vários países.

Devido à pobreza do acervo da biblioteca, o professor da Cadeira pôs à disposição dos alunos, muitos de seus livros, que estão depositados em secção separada na biblioteca. Tais livros podem, também, ser consultados pelos alunos, em condições idênticas às demais obras.

Rege a biblioteca da Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada um regulamento, aprovado pela Diretoria da Faculdade.

Segue-se o Regulamento da Biblioteca:

“Art. 1.º — O acesso à B.C.A.E.E.C. é facultado a todos os interessados.

“Art. 2.º — As leituras na própria sala poderão ser feitas todos os dias úteis, exceto aos sábados, no horário das 9 às 12 e das 13 às 16 horas.

“Art. 3.º — Todos os consulentes deverão, a partir desta data, preencher uma ficha de identificação individual, na sua primeira consulta.

“Art. 4.º — A retirada de livros ou outras publicações só será permitida, a juízo do professor da Cadeira e às pessoas que pagarem, no ato da primeira retirada, uma taxa de Cr\$ 5,00.

“Art. 5.º — As retiradas terão o prazo de três dias e poderão ser renovadas sempre que não houver outro pedido para a mesma publicação.

§ 1.º — Os atrasos de devolução obrigarão ao pagamento da multa de Cr.\$ 1,00 por dia.

§ 2.º — Se o atraso for superior a seis dias, o inscrito perderá o direito a qualquer nova retirada.

“Art. 6.º — Será escriturada, em livro próprio, a arrecadação das taxas e multas que serão aplicadas integralmente nos serviços da biblioteca, ou na aquisição de novas obras”.

Êste Regulamento vigora desde 1 de abril de 1950.

PESQUISAS E OUTROS TRABALHOS NÃO DOCENTES

A Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada, desde março de 1948 sob a direção do Prof. J. Querino Ribeiro, sempre se preocupou em completar suas atividades didáticas com trabalhos de pesquisa e investigação. A Cadeira não possui, propriamente, um laboratório, sendo as pesquisas antes um alargamento de funções docentes. O número de funcionários é, por isso, reduzido: além do professor e do assistente, trabalham somente duas auxiliares.

de ensino, todos em regime de tempo parcial. O professor e o assistente encarregam-se da parte docente, e o professor orienta e dirige o trabalho dos auxiliares de ensino, que se dedicam à pesquisa, à biblioteca e aos trabalhos de rotina.

Os trabalhos de pesquisa têm sido orientados no sentido de procurar estudar e investigar alguns dos problemas mais interessantes da administração escolar e também oferecer aos alunos oportunidades de aprendizagem da técnica de pesquisa.

1) *Trabalhos de pesquisa:*

- a) Pesquisa sobre os resultados do concurso de ingresso ao magistério secundário e normal do Estado de S. Paulo, em 1949. Todas as atividades de pesquisa da Cadeira, de agosto de 1949 a julho de 1950, centralizaram-se em torno deste trabalho que exigiu um esforço constante e intenso para a análise de 2.260 casos, submetidos a vários tratamentos, de acordo com as variáveis mais significativas apresentadas. Esta tentativa já foi bem sucedida porque tendo então a Cadeira mais uma auxiliar, pôde, sem prejuízo do trabalho docente, levar a cabo o plano estabelecido. Entretanto, ainda pela impossibilidade de concentração de esforços, o tempo gasto para ultimá-la está excedendo à expectativa, só podendo ficar pronta, provavelmente, no decorrer de 1951, para publicação no primeiro boletim da Cadeira.

A pesquisa visa a estudar, especialmente, a posição obtida pelos licenciados na competição. E, dentre os licenciados, a posição especial dos que o foram pela nossa Faculdade. Aproveitando-se o material e as oportunidades de sua elaboração, estudaram-se também outros aspectos como o dos interinos e não interinos e o panorama geral das provas.

A Cadeira recebeu da Comissão de Pesquisas Científicas da Universidade, a quantia de Cr.\$ 4.500,00 (quatro mil e quinhentos cruzeiros), que serviram para custear as despesas de impressão e preenchimento das fichas.

- b) Pesquisa sobre candidatos inscritos em mais de uma matéria (inscrição múltipla).

Esta pesquisa, feita com dados sobranes da pesquisa mais ampla citada no item anterior, está sendo realizada à parte, pela auxiliar de ensino, D. Maria de Lourdes Santos Machado. Seu relatório será, também, incluído no primeiro boletim da Cadeira, a ser publicado.

2) *Outros trabalhos:*

- a) 1.º Congresso de Antigos Alunos.

Considerando a conveniência de um exame da situação dos egressos desta Casa, a Cadeira propôs à Congregação, a realização de um 1.º Congresso de Antigos Alunos. Aceita a proposta, organizou-se uma Comissão Executiva, da qual participou o Professor da Cadeira. Essa Comissão planejou e realizou o Congresso que se coroou de pleno êxito.

- b) Conferências feitas no interior do Estado, sob o patrocínio do Departamento de Cultura da Reitoria da Universidade de S. Paulo.

A convite do Departamento de Cultura da Reitoria da Universidade de S. Paulo, o professor da Cadeira realizou uma série de conferências no interior do Estado, sobre assuntos escolhidos pelos patrocinadores locais dos trabalhos.

Em cada uma delas, o professor fez uma exposição geral sobre o tema escolhido, seguindo-se a abertura dos debates por parte do auditório que, de acordo com o previsto e preparado, estava constituído de pessoas diretamente interessadas no assunto. Os temas foram os seguintes: Em Jaú - "Participação da iniciativa privada no desenvolvimento do sistema das escolas públicas". Em Limeira - "Organização do sistema escolar brasileiro atual". Em Campinas - "Os grandes problemas da organização escolar moderna".

- c) Trabalhos de colaboração com a Assembléia Legislativa do Estado:

Várias consultas, a pedido do Presidente da Comissão de Educação e Cultura da Assembléia Legislativa, sobre problemas de concurso de ingresso e remoção do magistério secundário e normal.

Ante-projeto do Instituto Pedagógico, a pedido e em colaboração com o Deputado Presidente da Comissão de Educação e Cultura. Revisão do mesmo ante-projeto, participando da Comissão nomeada pela Diretoria desta Faculdade.

- d) Congressos científicos:

X Conferência Nacional de Educação, realizada no Rio de Janeiro, em que a Cadeira colaborou a convite da Associação Brasileira de Educação e apresentou um trabalho "Auxílio do Estado em matéria de ensino".

Congresso de Organização Científica do Trabalho, realizado pelo IDORT, em que a Cadeira apresentou tese sobre a "Direção das Unidades Escolares".

- e) Em viagem à França, o Professor da Cadeira visitou, para estudar, escolas médias de Paris, conforme um programa organizado pelo C.I.E.P. de Sèvres.
- f) Ainda, em França, a convite do I.N.O.P., dirigido pelo Prof. Henri Wallon, o Professor da Cadeira proferiu uma palestra sôbre "Problemas da Educação no Brasil".

DIDÁTICA GERAL E ESPECIAL

Professor: Onofre Arruda Penteado Junior.

Assistentes: Rafael Grisi, Amélia Americano Franco D. de Castro.

Auxiliares de ensino: Aída Costa, Berenice Corrêa Gonçalves, Rail Gebara.

BIBLIOTECA

A biblioteca especializada da Cadeira consta de 220 volumes e uma centena de folhetos diversos, sobre assuntos pedagógicos, de administração, coleção de programas da escola secundária, etc. Até certa época a Cadeira estava recebendo regularmente as seguintes revistas:

1. Esprit
2. La Pensée
3. Teachers College Record
4. The Journal of Educational Psychology
5. Educational Administration and Supervision
6. Journal of Educational Research
7. California Journal of Secondary Education
8. The Journal of Education
9. Education
10. Progressive Education
11. The Journal of Higher Education
12. The High School Journal.

Dessas revistas, as assinaturas de quase tôdas já se venceram. Apenas está a Cadeira recebendo três delas, cujas assinaturas estão para terminar.

A biblioteca é circulante e serve à consulta de alunos da Faculdade em geral e em especial aos alunos de Didática.

COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS

Cada grupo de alunos, conforme a divisão acima, chefiado e orientado pelo professor encarregado, realiza semanalmente seminários sô-

Sobre aulas assistidas e dadas, tendo havido, no ano de 1950, aulas dadas por alunos praticantes: 361, e seminários nos diversos grupos: 318. Além disso, há um seminário semanal realizado pelos assistentes, auxiliares de ensino, alunos interessados, sob orientação e direção do Professor Catedrático, no qual são ventilados assuntos referentes aos trabalhos da Cadeira, bem como tratados assuntos doutrinários dentro do campo da pedagogia geral. A Profa. Rail Gebara realizou num desses seminários, uma palestra subordinada ao tema "Aprendizagem pela auto-atividade". Foi iniciado e debatido o seguinte tema: "A filosofia idealista como fundamento da educação". O horário deste seminário foi das oito ao meio dia, tôdas as sextas-feiras úteis.

CURSOS EXTRAORDINÁRIOS

O Prof. Onofre Arruda Penteado Júnior ministrou dois cursos extraordinários a grupos de alunos de Didática e Pedagogia, sôbre os seguintes assuntos: "Introdução ao estudo do teste de personalidade de Roschach" e "Psicologia do caráter".

TÍTULOS

Durante êste ano o segundo assistente da Cadeira, Amélia Americano Franco D. de Castro defendeu tese de doutoramento, apresentando o trabalho: "Princípios do método no ensino da História", tendo-lhe sido conferido o título de doutor em pedagogia. (14.10.50).

COLABORAÇÃO COM INSTITUIÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Associação dos Diretores do Ensino Particular Primário do Estado de São Paulo, no seguinte trabalho: "A liberdade do ensino".

Faculdade Nacional de Filosofia do Paraguai, pelo envio que lhe foi feito, a seu pedido, de todos os programas referentes à Didática Geral e às várias Didáticas Especiais, e à Pedagogia, cadeira lecionada no terceiro ano de nosso Curso de Pedagogia.

TRABALHOS PUBLICADOS

Aída Costa:

"Primeiro Livro de Português", Editora do Brasil, 1.^a edição, 1950.

"Segundo Livro de Português", Editora do Brasil, 1.^a edição, 1950.

“Terceiro Livro de Português”, Editora do Brasil, 1.^a edição, 1950.

“Quarto Livro de Português”, Editora do Brasil, 1.^a edição, 1950.

“Português para Admissão ao Ginásio”, Editora do Brasil, 2.^a edição, 1950.

“Primeiro Livro de Latim”, Editora do Brasil, 6.^a edição, 1950.

“Segundo Livro de Latim”, Editora do Brasil, 5.^a edição, 1950.

“Terceiro Livro de Latim”, Editora do Brasil, 5.^a edição, 1950.

“Quarto Livro de Latim”, Editora do Brasil, 4.^a edição, 1950.

CONFERÊNCIAS

O Prof. Onofre Arruda Penteado Jr. realizou, em julho de 1950, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, duas conferências sôbre:

“A psicologia da mentira infantil”,

“O estudo da categoria (relação)”.

ECONOMIA POLÍTICA E HISTÓRIA DAS DOCTRINAS ECONÔMICAS

Professor: Paul Hugon.

Assistentes: Helio Schlittler Silva, José Francisco Camargo e Zenith
Mendes da Silveira.

Auxiliar de ensino: Maria Suzana Eliezer de Barros.

PESQUISAS E TRABALHOS

Além dos estudos sôbre teoria e doutrinas econômicas complementares das matérias ministradas nos cursos de 1.º, 2.º e 3.º anos, realizaram-se pesquisas e estudos especiais no conjunto dos trabalhos de preparação das teses de doutoramento e de livre-docência, orientadas pelo professor da Cadeira.

As teses em preparo referem-se aos seguintes assuntos:

Doutoramento:

Origens e características da doutrina do liberalismo econômico brasileiro — assistente Zenith Mendes da Silveira.

Legislação do trabalho no Brasil e conseqüências econômicas — Alaíde Taveiros.

Problemas da evolução industrial brasileira — Diva Benevides Pinho.

A moeda escritural na economia brasileira — José de Barros Pinto.

Salários e flutuações econômicas — Nuno Figueiredo.

Acordos de compensação no comércio exterior do Brasil — José Fernando Martins Bonilha.

O cooperativismo e a formação dos preços — Lenita Corrêa Camargo.

Livre-docência:

Cooperativismo e economia brasileira — assistente José Francisco de Camargo.

Comércio exterior do Brasil (1918-1950) — assistente Helio Schlittler Silva.

Uma grande parte desses trabalhos ocupa-se, pois, da economia do Brasil. Compreendem estudos e análises científicas dos principais problemas, instituições e doutrinas da economia brasileira.

Tendendo ao mesmo objetivo, encontra-se em elaboração há dois anos uma bibliografia sobre a economia brasileira, que provavelmente será dada à publicação no próximo ano.

COLABORAÇÃO COM INSTITUIÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Efetua-se a colaboração com universidades nacionais e estrangeiras, sob a forma de intercâmbio de trabalhos, e, sempre que possível, por contactos diretos por ocasião de conferências ou de viagens, para pesquisas.

São principalmente as seguintes as universidades e instituições com as quais a Cadeira de Economia Política colabora nesse sentido:

No Brasil:

Universidade do Rio de Janeiro (Faculdade Nacional de Filosofia, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, Centro de Estudos da Fundação Getúlio Vargas), Universidade de Pôrto Alegre, da Baía e de Pernambuco.

Na América do Norte:

Universidades de Harvard, Columbia, Yale, Princeton, Chicago e Berkeley, nos Estados Unidos; de Montreal, Quebec e Vancouver, no Canadá.

Na Europa:

London School of Economics, Universidades de Glasgow, Edimburgo, Oxford e Cambridge na Inglaterra.

Universidades e principais Institutos de Economia Política da França.

Universidades de Lisboa e de Coimbra.

Na América do Sul e Central:

Universidades de Santiago, Lima, Buenos-Aires, Montevideú e México.

EXCURSÕES

Realiza-se anualmente uma excursão com os alunos das diversas séries, afim de que possam os mesmos observar "in loco" os mais variados aspectos da atividade econômica brasileira. Assim, em 1950, foi visitada a Usina Siderúrgica de Volta Redonda.

ETNOGRAFIA BRASILEIRA E LÍNGUA TUPI-GUARANI

Professor: Plínio Marques da Silva Ayrosa.

Assistente: Carlos Drumond.

Auxiliares de ensino: J. J. Philipson e Maria de Lourdes Joyce.

A Cadeira de Etnografia e Língua Tupi-guarani, tendo lutado longos anos com várias dificuldades, provenientes da falta de espaço para suas instalações, acha-se agora em condições perfeitamente razoáveis para o desenvolvimento de seus trabalhos. Dispõe, não só de salas de estudo para o Professor e para os Assistentes, como também do material bibliográfico e equipamento técnico indispensável. O breve relato dará idéia do quanto possuímos e do que dispomos neste ano de 1950:

BIBLIOTECA E ARQUIVO

A biblioteca da Cadeira possui 1.080 obras diferentes; 710 separatas e publicações avulsas; 72 coleções diferentes de revistas; 250 diapositivos; 1.000 fotografias etnográficas e 40 mapas.

Revistas assinadas e em permuta:

Southwestern Journal of Anthropology
International Journal of American Linguistics
Révue de Géographie Humaine et d'Ethnologie
Revista del Instituto Etnologico Nacional (Colombia)
America Indigena (Mexico)
Boletin Indigenista (Mexico)
Boletin de Filología (Uruguai)
Runa (Argentina)
Journal de la Société des Américanistes de Paris
Viking Fund Publications in Anthropology (U.S.A.)
Journal of the Royal Anthropological Institute (Inglaterra)
Man (Inglaterra)
Communications from the School of African Studies (África do Sul)
Anales del Instituto Etnico Nacional (Argentina)
Anales de Arqueología y Etnología (Argentina)

Revista del Instituto de Antropología (Argentina)
 Memoirs of the Peabody Museum of Archaeology and Ethnology (U.S.A.)
 Anales del Instituto de Lingüística (Argentina)
 Bulletin de la Société de Linguistique
 Acta Linguística
 Etnologiska Studier
 Revista del Museo de la Plata (Extractos de Antropología)
 Acta Venezolana
 Folk-Lore (Inglaterra)
 Acta Americana
 Boletín de Arqueología (Colombia)
 Indians at Work
 Archivos del Museo Etnográfico (Buenos Aires)
 Travaux et Mémoires de L'Institut d'Ethnologie (Paris)
 Revista de Folklore (Colombia)
 Revista do Arquivo Municipal de São Paulo
 Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal de São Paulo
 Revista do Museu Paulista
 Anais da Biblioteca Nacional
 Revista de História
 Actas Ciba
 Boletim Geográfico
 Boletim Paulista de Geografia
 Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
 Verbum
 Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
 Sociologia.

Movimento das consultas:

A biblioteca funciona das 9 às 18 horas, exclusivamente para os alunos, professôres e assistentes da Faculdade. Os livros não podem ser retirados a não ser em casos excepcionais, a critério do Professor da Cadeira, ou por ordem do Sr. Diretor.

A Biblioteca da Cadeira possui praticamente quase tudo o que se publicou versando o tupi-guarani, destacando-se entre outras, as obras de: Anchieta, Montoya, Figueira, Restivo, Betendorf, Pe. Araujo, Yapuguai, etc. Possui também, em microfímes e fotocópias, preciosa coleção de obras manuscritas existentes no Museu Britânico e nos Arquivos de Portugal. Destas últimas destacam-se as obras de Yapuguai, Bolaños, Simão Bandini, Insaurralde; o Vocabulário na Língua Brasilica (cópia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa), etc. Tôdas as obras microfilmadas estão sendo objeto de estudos pelo Professor da Cadeira e seus Assistentes, e serão publicadas em Boletins da Faculdade.

MUSEU

Anexo à Cadeira há um Museu Etnográfico, contendo aproximadamente 1.600 peças, as quais, hoje devidamente numeradas e classificadas, foram adquiridas pela Faculdade e em parte doadas por particulares.

Das diversas coleções que compõem o acervo do Museu, salientam-se as dos Índios Canelas Orientais, Tucanos, Macuxés, Borôros Orientais, Carajás, etc.

Ganha destaque, igualmente, uma coleção de cerâmica tupi-guarani, constituída na sua maioria por objetos encontrados em escavações na Praia Grande (São Paulo), bem como um magnífico "Trocano" de índios do Rio Negro, além de diversas máscaras para dança de caráter religioso, pertencentes aos Tucanos e Canelas Orientais.

TRABALHOS PUBLICADOS

Prof. Plínio Ayrosa:

1. *Orações e Diálogos da Doutrina Cristã na Língua Brasília* — Ed. F.F.C.L., Bol. CVI, São Paulo, 1950.
2. *Nomes dos membros do corpo humano e outros designativos na língua Brasília* — Ed. F.F.C.L., Bol. CXIV, São Paulo, 1950.

Ass. Carlos Drumond:

3. *A carta de Diogo Nunes e a migração tupi-guarani para o Peru* — in Revista de História, n.º 1, São Paulo, 1950.
4. *Notas sobre Cerâmica Brasília* — Ed. F.F.C.L., Bol. CVII, São Paulo, 1950.

A Cadeira promoveu, ainda em 1950, a publicação da obra "Les Langues de la Famille Tupi-Guarani", do Prof. Cestmir Loukotka, in Boletim CIV.

TRABALHOS ELABORADOS EM 1950, AGUARDANDO PUBLICAÇÃO

Prof. Plínio Ayrosa:

1. Manual da Língua Tupi-guarani — gramática, textos e vocabulário.
2. Os guaianás de Piratininga — aspectos etnográficos e lingüísticos.

3. Poesias em tupi-guarani do séc. XVIII.
4. Vocabulário brasílico, seg. Ms. do Museu Britânico.
5. Vocabulário brasílico, seg. Ms. da Ac. das Ciências de Lisboa.
6. Apontamentos para a Bibliografia da Língua Tupi-guarani, 2.º vol..

FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUÊSA

Professor: Francisco da Silveira Bueno.

Assistente: Dinorah Silveira Campos Pecoraro.

Auxiliares de ensino: Albertino Piason, João Lellis Cardoso.

BIBLIOTECA

Em organização.

Revistas assinadas:

România

Revista Portuguesa de Filologia

LABORATÓRIO DE FONÉTICA EXPERIMENTAL

Em montagem. Conta com um assistente técnico: João Lellis Cardoso.

PESQUISAS E TRABALHOS

Francisco da Silveira Bueno:

"A Língua Portuguesa do Brasil" — Saraiva, São Paulo, 1950.

"História da Língua Portuguesa" — Saraiva, São Paulo, 1950.

"Debates do Idioma" — Saraiva, São Paulo, 1950.

"Linguística Portuguesa" — Saraiva, São Paulo, 1950.

"A Língua de Machado de Assis" — Saraiva, São Paulo, 1950.

"Questões de Português" — Saraiva, São Paulo, 1950.

"O Português Comercial" (Curso técnico) — Saraiva, São Paulo, 1950.

“Páginas Floridas” — Saraiva, São Paulo, 9.^a edição, 4 vs. em 2 tomos, 1950.

“Tratado de Semântica Geral” — Saraiva, São Paulo, 2.^a edição, 1950.

“Cartas esquecidas” — Saraiva, São Paulo, 3.^a edição, 1950.

“História da Literatura Luso-brasileira” — Saraiva, 3.^a edição aumentada, São Paulo, 1950.

“Manual de Califasia, Calirritmia e Califonia” — Saraiva, ed. aumentada, São Paulo, 1950.

FILOLOGIA ROMÂNICA

Professor: Theodoro Henrique Maurer Junior.

Assistente: Isaac Nicolau Salum.

CURSOS — A Cadeira ministrou os seguintes cursos: a) 3.^a série de Letras Clássicas e Neolatinas — cursos sôbre a formação das Línguas Românicas, vista da gramática do latim vulgar e estudo comparativo geral da fonética e da morfologia românicas; b) 4.^a série — curso sôbre os fatores da unidade românica ocidental.

PESQUISAS — As pesquisas realizadas pelo Professor da Cadeira sôbre a gradação latina, a conjugação românica, o infinito pessoal não puderam vir a público durante o ano. Sairão em 1951, em publicações nacionais e estrangeiras. Estudos sôbre o caráter e a reconstrução do latim vulgar forneceram material para trabalho especial a vir a público em 1951. O assistente continuou pesquisas sôbre a influência lingüística do Cristianismo no latim e através deste, nas línguas românicas, para elaboração da tese de doutoramento.

BIBLIOTECA — Vem sendo organizada desde 1948. Além dos livros adquiridos com a verba do ano, recebeu alguns volumes de doação dos alunos, em movimento espontâneo, sob a orientação da aluna Wilma Velloso.

Entre as obras preciosas já adquiridas pela Cadeira destaca-se o "Archivio Glottologico Italiano" (coleção completa até 1942).

Revistas especializadas: *Lingua* (1949 e 1950); *Romania* (1944-1950); *Revista Portuguêsa de Filologia* (1947-1950); *Vox Romanica* (1950).

FILOSOFIA

Professôres: João Cruz Costa e Gilles Gaston Granger.
Assistente: Laerte Ramos de Carvalho.

BIBLIOTECA

A Cadeira de Filosofia vem tentando, há alguns anos, organizar uma pequena biblioteca, com o objetivo de servir aos alunos.

Em 1950, dispunha a biblioteca de 296 volumes, devidamente fichados e catalogados. Entre êsses volumes contam-se alguns doados pelo dr. Rivadavia de Barros, em fins de 1949.

A biblioteca está à disposição de todos os alunos e professôres.

Os livros podem ser retirados pelo prazo de oito dias, exigindo-se apenas dos consulentes que sejam membros do Corpo Docente ou Discente desta Faculdade.

Não foi possível à biblioteca, por falta de verbas, assinar revistas especializadas. Dispõe, no entanto, de vários números de algumas revistas estrangeiras, entre as quais a "Rêvue de Cours et Conférences", números de 1928, 1929 e 1930.

PESQUISAS E OUTROS TRABALHOS

1. *Pesquisas*: O professor Gilles Gaston Granger realizou, com a colaboração dos alunos de Estética, uma pesquisa, sob o título: "Contributions à l'étude des réactions esthétiques d'enfants brésiliens", a ser publicada na revista "Études Philosophiques", de Paris.

2. *Outros trabalhos*:

Conferências:

- a) — Foram realizadas as seguintes conferências: René Poirier: "Determinismo e Causalidade", 2 conferências. O conferencista foi apresentado pelo professor João Cruz Costa.
- b) — Ernesto Grassi: "O fundamento existencial das ciências" e "O problema da primazia das ciências do

espírito ou da natureza”. Estas duas conferências foram realizadas na Faculdade, sob o patrocínio da cadeira de Filosofia.

- c) — João Cruz Costa: “Impressões de Viagem”, conferência realizada na “União Cultural Brasil-Estados Unidos” e publicada posteriormente em “O Estado de São Paulo”.
- d) — Gilles Gaston Granger: “Iniciação à Estética”, ciclo de conferências realizado no Museu de Arte Moderna.
- e) — Laerte Ramos de Carvalho: Conferências sobre “A Filosofia do Renascimento”, a “Filosofia de Bacon” e duas conferências sobre a “Filosofia de Kant”, todas realizadas no Museu de Arte Moderna.

Artigos e publicações:

Foram publicados os seguintes artigos e trabalhos:

João Cruz Costa: “Augusto Comte e as origens do positivismo”, duas primeiras partes de um trabalho publicado nos números 3 e 4 da “Revista de História”.

João Cruz Costa: “Europa — esta Grécia aumentada”, artigo publicado em “O Estado de São Paulo”.

Gilles Gaston Granger: “A Propósito da Comicidade”, série de quatro artigos publicados em “O Estado de São Paulo”.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO AMERICANA

Professor: Astrogildo Rodrigues de Mello.
Assistente: Deusdád Magalhães Motta.
Auxiliar de ensino: Rozendo Sampaio Garcia.

A Cadeira de História da Civilização Americana desenvolveu normalmente as suas atividades durante o ano de 1950, tendo registrado, especialmente, o afastamento temporário de seu catedrático, Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello que, designado para representar a Seção de História da Faculdade, no Congresso Internacional de História, realizado em Paris em 1950, foi, preliminarmente, substituído pela livre-docente, Dra. Alice Piffer Canabrava, tendo esta, igualmente, se afastado, para uma viagem de estudos aos Estados Unidos, sendo substituída pelo Dr. Odilon de Araujo Grellet, também livre-docente da Cadeira, a quem coube conduzir os trabalhos docentes até o fim do ano letivo.

Foram, em síntese, as seguintes as principais atividades da Cadeira, no decorrer de 1950:

BIBLIOTECA

A Biblioteca da Cadeira de História da Civilização Americana, durante o ano de 1950, continuou a ser enriquecida com a aquisição de novas obras didáticas e de consulta, permitindo a ampliação dos estudos realizados pelos estudiosos, bem como pelos alunos, que possuem novas e melhores fontes de consulta. Atingiu, assim, a Biblioteca a cifra dos 500 volumes, dentre os quais cumpre ressaltar a importância dos seguintes:

Las Casas, D. Balthazar — *La découverte des Indes Occidentales par les Espagnols et les moyens dont ils se sont servis pour s'en rendre maîtres* — Paris, 1701, Chez Pierre Debats.

Harrissen, Henry — *Christophe Colomb* — Paris, 1884, E. Leroux.

Bosch Gimpera, D. Pedro — *Las Razas Humanas* — Barcelona, 1945, Inst. Gallach de Libreria.

Ingram Priestley, Herbert — *A History of the American Life*, 1929, Macmillan C.º.

Il Gazzetiere Americano — Italia, 1763.

Adams, J. Truslow — Dictionary of American History — N. York, 1940, C. Scribner's Sons.

MAPOTECA

A coleção de mapas da Cadeira continua a ser enriquecida com a colaboração do pessoal técnico da Cadeira e dos alunos, o que permitiu a ampliação de mapas de grande importância para a elucidação dos temas tratados em aula. Possui, assim, a Cadeira cerca de 40 mapas especializados, referentes aos assuntos mais importantes da História Americana.

FONTES PRIMÁRIAS DE ESTUDO

Neste campo inesgotável de pesquisa, que a História Americana apresenta para o estudioso, cumpre salientar que esta Cadeira possui um extraordinário manancial de estudo, constituído pelas Atas Capitulares do Cabildo do Paraguai que, pela massa dos documentos, que abrangem cerca de três séculos de História, interessa não apenas à própria Cadeira, mas, igualmente, à sua co-irmã, a Cadeira de História da Civilização Brasileira. Os estudos que se procederam nessa direção durante o ano de 1950 e que serão ampliados no decorrer de 1951, exigirão ainda largas investigações por vários anos para que se possa concluir obra duradoura e imperecível, capazes de honrar o Instituto Universitário a que estamos ligados.

PESQUISAS

Dada a importância do documentário de que nos ocupamos anteriormente, vêm sendo as pesquisas deste Gabinete orientadas no sentido de obter o maior rendimento futuro de tão preciosa fonte de informação histórica que, esperamos, possa atingir em breve ao objetivo que colimamos.

COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS

Além dos trabalhos normais da Cadeira, prejudicados em parte pela ausência do professor catedrático, afastado para representar a Faculdade no Congresso Internacional de História de Paris, depois de terminada a sua gestão à frente da Diretoria da Escola, cumpre assinalar que se realizaram colóquios e seminários, com a colaboração dos

assistentes, que procuraram desenvolver o campo dos estudos americanos abrangidos por esta Cadeira.

TÍTULOS E DISTINÇÕES

Coube a esta Cadeira a honra insigne de representar a Secção de História da Faculdade, no Congresso Internacional de História, realizado em Paris, em 1950.

TRABALHOS ESCOLARES

As atividades didáticas da Cadeira, que se projetam pelos 2.º, 3.º e 4.º Anos de Geografia e História, decorreram normalmente, havendo os alunos, particularmente os dos últimos anos, apresentado pesquisas originais, projetadas em articulação com os demais setores de estudos históricos desta Faculdade, evitando-se-lhes assim o acúmulo de trabalho e o gasto inútil de energia.

ATIVIDADES CULTURAIS

Dentre as mais importantes atividades culturais desenvolvidas por esta Cadeira, é mister salientar a importância da participação no Congresso Internacional de História, realizado em Paris, em 1950, onde a natureza e o valor das questões debatidas permitiram-nos uma extensão de conhecimentos de extraordinário valor para o campo das atividades a que nos dedicamos com particular interesse.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL

Professor: Eurípedes Simões de Paula.

Assistente: Pedro Moacyr Campos.

Auxiliar de ensino: Aldo Janotti.

BIBLIOTECA

A Cadeira possuía, em 31 de dezembro de 1950, 710 volumes. Revistas e coleções importantes não eram regularmente adquiridas, deixando-se tal função a cargo da Biblioteca Central. A biblioteca da Cadeira é circulante, *exclusivamente* para os alunos e pessoal docente.

TRABALHOS

Os principais trabalhos realizados por iniciativa do Prof. Dr. E. Simões de Paula, foram a fundação da "Sociedade de Estudos Históricos" e da "Revista de História", da qual o Prof. Simões é Diretor e proprietário. A permuta de publicações com instituições nacionais e estrangeiras é feita por intermédio da "Revista de História", publicação trimestral, da qual saíram os 4 números regulares em 1950.

TÍTULOS

No decorrer de 1950, foram os seguintes os títulos e distinções conferidos ao pessoal docente da Cadeira:

- a) — Em junho, o Prof. Simões de Paula foi eleito e designado Diretor da Faculdade de Filosofia, função que exerce atualmente.
- b) — Em novembro, o 1.º assistente, Dr. Pedro Moacyr Campos, tornou-se, por Concurso de títulos e provas, Livre-docente da Cadeira.
- c) — Em dezembro, o Dr. Pedro Moacyr Campos foi designado pelo Magnífico Reitor, representante da Universidade jun-

to à Academia Goetheana de São Paulo, para tratar dos cursos a que se devem submeter os estudantes paulistas, candidatos a bôlsas de estudo na Alemanha.

- d) — Em setembro, o licenciado Aldo Janotti foi nomeado auxiliar-técnico, para prestar serviços à Cadeira.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Professor: Émile G. Léonard.

Assistente: Eduardo d'Oliveira França.

PESSOAL DOCENTE — Durante o ano de 1950, a Cadeira de História Moderna e Contemporânea esteve sob a responsabilidade do Prof. Émile G. Léonard, contratado na França (Escola Prática de Altos Estudos — Ciências Religiosas — Cadeira de História da Reforma e do Protestantismo). Foi seu assistente o lic. Eduardo d'Oliveira França.

TRABALHOS ESCOLARES — Foram ministrados cursos monográficos a alunos do 2.º, 3.º, 4.º anos e de Especialização sôbre os seguintes assuntos: *Ordens e classes sociais na França no século XVIII* (2.º ano), *As guerras, o exército e a opinião pública na Europa Ocidental da Guerra dos Sete Anos à Queda de Napoleão* (3.º ano), *A questão religiosa e as Igrejas na França, de Henrique IV à Revolução* (2.º, 3.º e 4.º anos) e *História Econômica da Europa no século XVII* (2.º ano).

Os trabalhos escolares versaram sôbre História da Europa e da América no século XIX (3.º ano) e História da Europa e da América no século XVII (2.º ano). Êsses trabalhos foram realizados em colaboração com a Cadeira de História da Civilização Americana (Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello). Os alunos de 4.ª série e Especialização fizeram pesquisas sôbre temas de livre escôlha.

BIBLIOTECA — A Biblioteca da Cadeira dispõe atualmente de cerca de 300 obras. E' circulante, para uso dos alunos, e funciona no horário regular das aulas. No ano de 1950, foram, entre outras, adquiridas obras sôbre o século XVII português e que se destinam a constituir o futuro acervo de fontes de pesquisa histórica.

Entre essas obras merecem referência:

Laet, Joannes de — *Hispania sive regis Hispaniae regnis et opibus*. Lugd. Batav., Ex officina Elzeviriana.

Birago, G. Bat. — *Historia della desunione del regno de Portogallo dalla corona di Castiglia...* Amsterdam, Apresso Niculau Van Ravesteyn, 1647.

Brandano, Alexandro e Francesco — *Historia delle guerre di Portogallo, succedute per l'occasione della separazione di quel regno della*

corona cattolica. . . 3 vols., Venezia, Paolo Baglioni, 1689, 2.º vol. 1716 e 3.º vol. 1724.

Conestaggio, Jeronimo di Franchi — *Dell'unione del regno di Portogallo alla corona di Castiglia*. Genova, Girolamo Bartoli, 1585.

Guzman Soares, Vicente de — *Lusitania Restaurada, dirigida a seu restaurador, el rei Dom João o Quarto*. Lisboa, Lourenço de Anveres, 1641.

Passarello, Cajetano — *Bellum lusitanum ejusque regni separatio a regno castellensi*. . . Lugduni, Apud Anissonios, Joan Posuel & Claud. Rigaug, 1684.

Pinto Ribeiro, João — *Preferência das letras às armas*. Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1645.

Sôbre essa época dispõe ainda a Biblioteca, mercê das aquisições anteriores, das seguintes obras:

Pinto Ribeiro, João — *Obras várias sôbre vários casos*. . . Coimbra, Joseph Antunes, 1729.

Govea, Fr. Velasco de — *Justa aclamação do serenissimo rei de Portugal*. R. João IV. 2.ª ed., Lisboa, Typ. Fenix, 1846.

Lôbo, Roque Ferreira — *História da Feliz Aclamação do Senhor Rei D. João, o Quarto*. Of. de Simão Thadeu, Lisboa, 1803.

Moreli, Juan Baptista — (aliás Frei Fulgêncio Leitão, Dicc. 3.º, 101) — *Reduccion y Restitucion del Regno de Portugal a la Sereníssima Casa de Bragança en la Real Persona de D. Juan IV*. . . En Turin. Juannetin Pennoto, 1648 (ed. princeps).

As coleções mais importantes de que dispõe a pequena Biblioteca da Cadeira são duas: A Cambridge Modern History (8 vols., Cambridge University Press, 1934) e a Cambridge History of the British Empire (8 vols., Macmillan Co., University Press, 1929).

PESQUISAS E PUBLICAÇÕES — Realizou a Cadeira pesquisas sôbre a História do Protestantismo no Brasil (Prof. Émile Léonard), parcialmente publicadas no exterior: *L'église presbyterienne du Brésil et ses expériences ecclésiastiques*, in *Études Évangéliques*, n.º 1, janeiro-março, 1949. (Publ. da Fac. de Teologia Protestante de Aix-en-Provence). Devem, no ano próximo de 1951, ser publicadas na "Revista de História". Pesquisa sôbre a História Portuguêsa no século XVII (Prof. Eduardo d'Oliveira França) a ser oportunamente publicada.

O Prof. Émile G. Léonard publicou ainda uma pequena *Histoire du Protestantisme* (Paris, Presses Universitaires, 1950. Col. "Que sais-je") e a *Histoire de la Provence* no "recueil" *Visages de la Provence* (Paris, Horizons de France, 1950); e diversos artigos entre os quais: *Le protestantisme français de la Révocation à la Révolution*, in "Information Historique", 1950, *Brasil, terra de História*, de cuja tra-

dução se encarregou seu assistente, in “Revista de História”, n.º 2, 1950.

O Prof. Eduardo d’Oliveira França publicou o artigo *O conhecimento do presente em História*, in “Ecos Universitários”, n.º 14, 1950 (publ. da Fac. de Filosofia Sedes Sapientiae).

Os professôres da Cadeira deram ainda sua colaboração, como redatores, à Revista de História do Prof. E. Simões de Paula, da Cadeira de História Antiga e Medieval.

COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS — Entre os alunos da Cadeira, realizaram-se seminários semanais regulares. Os seminários de 1950 versaram sôbre a *História Social do século XVI* (2.º ano) e a *Sociedade européia no século XIX*.

Nesses seminários, inicialmente, tiveram os alunos exposições do assistente sôbre Técnica do Trabalho de História; depois, do Prof. Émile G. Léonard sôbre a História da Provença, como exemplo de estudo de História Regional, e finalmente, os próprios alunos passaram a fazer exposições orais sôbre os temas previstos.

Participaram ainda os professôres da Cadeira dos debates de fundação da Sociedade de Estudos Históricos, destinada a promover discussões e estudos de História.

TÍTULOS E DISTINÇÕES — Durante o ano 1949-1950, o prof. Émile G. Léonard foi encarregado de um curso de conferências de Sociologia Religiosa no Instituto de Estudos Políticos de Paris. Foi também escolhido para membro do Comité da “Société Internationale d’Histoire des Religions” de Amsterdam.

O assistente Eduardo d’Oliveira França, além de ter sido convidado ao Congresso Internacional de História a que não pôde comparecer, foi, pelo Prof. Luis Romero, convidado a colaborar em uma História da América a ser editada na Argentina. Pronunciou ainda, em fins de 1949, a convite da Casa de Portugal, em sessão comemorativa no Teatro Municipal, uma conferência sôbre: “O homem português de 1640”, e outra sôbre o “Sentido do Ensino da História”, paraninfando uma turma de licenciandas pela Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae” da Universidade Católica.

COMENTÁRIO — Aproveita-se do presente relatório para sugerir a conveniência de algumas providências que possam contribuir para maior eficiência dos cursos e das pesquisas:

- 1.º a organização de um Departamento de História, em moldes semelhantes ao Departamento de Geografia, para melhor coordenação das atividades escolares e das pesquisas;
- 2.º a aquisição de coleções de documentos impressos, destinadas a servir de fontes de pesquisa, pois que sômente familiarizando-se com elas se pode formar o historiador;

- 3.º coordenação entre as várias cadeiras de História, para melhor distribuição dos trabalhos escolares, evitando-se sobrecarga de exigências aos alunos, presentemente obrigados a grande dispersão de esforços, com prejuízo do rendimento efetivo;
- 4.º o envio de estudantes de post-graduação ao exterior ou a arquivos e centros de estudos de outros Estados, não somente para seguirem novos cursos e observarem outras civilizações, mas também com o encargo de copiarem documentos que possam constituir material para futuros estudos das Cadeiras de História.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Professor: Alfredo Ellis Junior.

Assistente: Mafalda Zemella.

Auxiliar de ensino: Myriam Ellis.

BIBLIOTECA

A Biblioteca especializada da Cadeira conta com 396 livros devidamente catalogados. Presentemente não se assinam revistas, porém a Cadeira possui coleções quase completas das seguintes publicações periódicas:

Atas da Câmara Municipal de São Paulo (S. Paulo, Arquivo do Estado)

Anais do Museu Paulista

Anais da Biblioteca Nacional

Cartas de Datas de Terra (S. Paulo, Depto. de Cultura da Prefeitura Municipal)

Documentos Históricos (Rio, Arquivo Nacional)

Documentos Interessantes (S. Paulo, Arquivo do Estado)

Inventários e Testamentos

Registro Geral da Câmara de São Paulo

Revista do Arquivo Municipal (S. Paulo, Depto. de Cult. da Prefeitura Municipal)

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e outras.

As consultas são feitas no Gabinete de História da Civilização Brasileira, no seguinte horário: das 8 às 11,30 hs. e das 13 às 17 hs. O movimento de consultas tem sido considerável.

Quanto ao movimento de permuta de livros temos a dizer que a Cadeira sistematicamente envia seus Boletins, assim que saem do prelo, a todas as instituições culturais do Estado e de outras Capitais nacionais e estrangeiras, bem como a intelectuais de renome na especialidade. A Cadeira recebe, também, regularmente, publicações variadas do país e do estrangeiro.

PESQUISAS E TRABALHOS

Vários trabalhos de pesquisa foram realizados pelo pessoal da Cadeira, no Arquivo do Estado de São Paulo (quando êle se achava funcionando), no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, na Secção de Documentos da Biblioteca Municipal de São Paulo, no Arquivo Público Mineiro. Dentro do Gabinete de História da Civilização Brasileira também foram realizadas pesquisas, graças às coleções de documentos publicados que possuímos, tais como: Inventários e Testamentos; Documentos Históricos; Documentos Interessantes.

No setor das pesquisas, interessantes trabalhos foram realizados pela auxiliar da Cadeira, D. Myriam Ellis, os quais passamos a discriminar:

“Estudos sôbre alguns tipos de transporte no Brasil Colonial”, Revista de História, n.º 4 e no Boletim n.º 115 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e n.º 11 da Cadeira de História da Civilização Brasileira.

“Pesquisas sôbre a existência do ouro e da prata no Planalto Paulista, nos séculos XVI e XVII”, publicado na Revista de História, n.º 1, e no Boletim anteriormente citado.

Ainda no mesmo setor, importante pesquisa foi realizada pela 1.^a assistente da cadeira, D. Mafalda Zemella, nos Arquivos de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, para a elaboração de sua tese de doutoramento, subordinada ao tema “O Abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII”, trabalho êsse que está no prelo. Ainda no terreno da investigação histórica, esta Cadeira se orgulha de ter desvendado importantes setores da História Econômica de São Paulo, restaurando dois ciclos econômicos que jaziam no esquecimento: o ciclo do m̄yar e o pequeno ciclo do açúcar paulista. Como resultante de pesquisas em t̄orno d̄esses assuntos, surgiu o Boletim n.º 11 da Cadeira e vários artigos publicados pelo Prof. Dr. Alfredo Ellis Jr., na “Revista de História”, e em outras publicações.

No terreno da divulgação histórica, a Cadeira publicou até hoje 11 Boletins, sendo que 10 d̄eles de autoria do Professor da Cadeira e um de autoria do Prof. Thomaz Oscar Marcondes de Souza. Todos êles contêm grandes inovações no terreno da História do Brasil, pois se baseiam em pesquisas, raciocínio lógico, modernas concepções históricas. Presentemente dois Boletins da Cadeira estão no prelo.

No terreno da divulgação, a Cadeira, através de seu Professor e auxiliares, realizou várias conferências na Capital e no Interior, em várias cidades, como Rio Claro, Campinas, Araraquara, São Paulo.

COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS

Semanalmente, acompanhando a matéria lecionada, a Cadeira realiza seminários com os alunos, onde os assuntos são debatidos e documentos são examinados e discutidos demoradamente.

COLABORAÇÃO COM INSTITUIÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

A Cadeira tem colaborado com várias instituições culturais, através da remessa de suas publicações e colaborações, oferecendo sua adesão e apoio sempre que se fez necessário.

EXCURSÕES

Em 1950, a Cadeira promoveu uma excursão à região do antigo Guairá, no Estado do Paraná.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Professor: Lívio Teixeira.
Assistente: João Cunha Andrade.
Auxiliar de ensino: Lineu Schutzer.

Foram realizados, durante o ano de 1950, os seguintes cursos nesta Cadeira:

PARA OS 1.ºS ANOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E PEDAGOGIA:

Um curso sôbre Platão, pelo prof. Lívio Teixeira (3 aulas semanais).

Um curso sôbre a Filosofia Antiga, em geral, a cargo do prof. João Cunha Andrade (3 aulas semanais).

PARA O 2.º ANO DE FILOSOFIA:

Um curso sôbre Platão, pelo prof. Lívio Teixeira (3 aulas semanais).

Um curso sôbre a "Crítica da Razão Pura" de Kant, pelo mesmo professor (3 aulas por semana).

PARA OS 1.ºS ANOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E PEDAGOGIA:

Um curso sôbre a Filosofia Grega, pelo prof. João Cunha Andrade (3 aulas semanais).

As notas de aproveitamento foram dadas pela apresentação de trabalhos escritos e argüição oral de seus autores feita pelo professor.

Vários alunos apresentaram trabalhos que revelaram bastante interêsse pela matéria, bem como boa capacidade de elaboração pessoal.

No segundo semestre foram realizados seminários na 2.^a série, com discussão de textos e exposições feitas pelos alunos.

LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

Professor: Pedro de Almeida Moura.

Assistente: Sylvia Barbosa Ferraz Dirickson.

Tendo sido renovado, em Abril de 1947, o contrato do Prof. Dr. Pedro de Almeida Moura para regência da Cadeira de Língua e Literatura Alemã, que vinha exercendo a contento da Faculdade desde 1940, a Cadeira deu prosseguimento à sua tarefa, apresentando novos programas de ensino, melhorando-os de conformidade com o que a experiência foi ditando, de modo a proporcionar sempre aos alunos, crescentes possibilidades de se familiarizarem com a língua e com a literatura alemã, a despeito das deficiências que trazem do curso ginásial, em que essas matérias não constam do programa. Persistiu, assim, a Cadeira em dividir o ensino em aulas de língua e de literatura. Nas aulas de língua eram realizados com assiduidade, exercícios de conversação e de gramática e nas de literatura desenvolvia-se o gosto pelo conhecimento através da crítica literária e de pesquisas, que eram apresentadas pelos alunos, sob forma de monografia, fazendo jus à nota semestral de aproveitamento. Os resultados foram plenamente satisfatórios. De dois anos a esta parte, a Cadeira, a título de experiência, suprimiu o ensino de literatura no primeiro ano, visando incentivar o conhecimento do idioma. O resultado tem-se revelado animador, como veremos adiante, no ítem referente ao 4.º ano e Especialização.

FILOLOGIA GERMÂNICA

Esta matéria foi lecionada primeiramente no 3.º ano, passando depois para o programa do 4.º ano, em vista do 1.º ano ter ficado somente com o ensino de língua, como vimos acima. O ensino dêsse importantíssimo estudo continua sendo feito com tãda a regularidade, e é recebido com geral agrado por parte dos alunos. Como a biblioteca da Cadeira ainda não dispõe dos necessários elementos para a realização do programa, o Professor vem fornecendo livros especializados de sua biblioteca particular, aos alunos, afim de facilitar o estudo e as pesquisas recomendadas em aula.

4.º ANO E ESPECIALIZAÇÃO

Êstes dois cursos têm funcionado com tôda a regularidade e com real proveito para os alunos, razão pela qual devem continuar fazendo parte do programa. A Cadeira tem adotado o sistema de, em cada comêço de ano letivo, propor aos alunos uma série de autores e de assuntos a serem estudados. A turma que vai seguir o curso escolhe o assunto, que é então desenvolvido, de modo que os alunos não só aprendam, como tomem parte ativa na pesquisa dos pontos que despertem maior interêsse. Os resultados têm-se revelado esplêndidos, principalmente depois da Cadeira, de dois anos a esta parte, ter adotado por praxe dar, em língua alemã, todo o curso do 4.º e 5.º anos, sendo as provas escritas também redigidas em alemão.

Com grande aproveitamento pelos alunos já foram ministrados Cursos de Especialização, para diferentes turmas, versando o estudo de Nietzsche, Schiller, Goethe e Lessing.

DOUTORAMENTOS

Além de atividades extra-letivas ligadas à Cadeira, como sejam tomar parte em banca examinadora de professôres para o ensino secundário e examinar candidatos a tradutores juramentados pela Junta Comercial do Estado, o Prof. Dr. Pedro de Almeida Moura foi, em 1950, Presidente de duas bancas examinadores para o Doutorado de Assistentes desta Faculdade, a saber: Doutorado de sua ex-aluna e depois Assistente D. Sylvia Barbosa Ferraz Dirickson, cuja tese, feita sob orientação da Cadeira, versou assunto da epopéia palaciana alemã, ou seja "A Lenda de Tristão e Isolda, suas várias transformações através do tempo e do espaço e a versão de Gottfried von Strassburg", tese essa longamente debatida e aprovada com distinção, constituindo motivo de grande satisfação para o Professor, que vê uma de suas ex-alunas, formada pela Cadeira, ganhar êsse honroso título.

Outro doutoramento foi o do Assistente da Cadeira de Língua e de Literatura Inglêsa, Sr. Hygino Aliandro, que defendeu com brilho seu ponto de vista sôbre John Donne, poeta metafísico inglês, sendo plenamente aprovado em sua honrosa conquista.

EXCURSÃO CULTURAL

De 23 a 31 de Outubro de 1950 o Professor da Cadeira acompanhou uma turma de alunos do Curso, em excursão cultural a Belo Horizonte, onde foram recebidos com as maiores demonstrações de aprê-

ço, não só pelas autoridades da Universidade, como também pela sociedade mineira: não pouparam atenções e gentilezas para com os universitários paulistas. A impressão que nos deixaram foi excelente. Na Capital mineira, no dia 28 daquele mês, proferiu o Prof. Almeida Moura uma conferência sobre “A Canção Popular Alemã”, no salão nobre da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Do êxito alcançado por essa conferência falam dois ofícios dirigidos a esta Faculdade, um do M. Reitor, outro do Diretor da Faculdade de Belo Horizonte, agradecendo a contribuição cultural ali prestada.

Luiza

ESTUDOS SEMANAIS DE CULTURA LITERÁRIA

Tôdas as sextas-feiras, de onze ao meio dia, o Professor da Cadeira faz uma preleção para tôdas as séries do Curso conjuntamente, versando um assunto qualquer de interêsse geral de cultura, de preferência literatura alemã. Tão logo esteja organizada a discoteca que está sendo preparada pela Cadeira, essas preleções serão ilustradas com audição de música. A entrada é franca, não havendo registro de frequência para os alunos.

BIBLIOTECA DA CADEIRA

A biblioteca da Cadeira está instalada na Sala do Professor, no prédio da Rua Maria Antonia, 258, 2.º andar. Está em vias de receber boa quantidade de livros, mas já conta para mais de 250 volumes, na maioria em língua alemã, sobre os mais variados assuntos de literatura e língua. O serviço de empréstimo está a cargo de uma das assistentes da Cadeira. Não há horário especial para frequência, sendo os interessados atendidos a qualquer momento, no período de aulas.

Dentre as obras de valor que merecem destaque, quer pela raridade, quer pelo seu valor intrínseco, constam da Biblioteca as seguintes:

Goethes Sämtliche Werke-Jubiläums-Ausgabe — Obras completas de Goethe, da famosa “Edição do Jubileu”, em 40 volumes. Edição da J. G. Cotta’sche Buchhandlung Nachfolger-Stuttgart u. Berlin. Coleção muito rara, difícil de ser encontrada no Brasil.

Schillers Sämtliche Werke-Säkular-Ausgabe — Obras completas de Schiller, da famosa “Säkular-Ausgabe”, em 16 volumes. Edição da J. G. Cotta’sche Buchhandlung Nachfolger-Stuttgart u. Berlin. Coleção rara e valiosa.

Winckelmann und seine Zeitgenossen, von Carl Justi. Edição de F.C.W. Vogel-Leipzig-1898. 3 volumes. Obra rara e valiosa, a me-

lhor que se produziu, até hoje, sobre o grande esteta e historiador da Arte da Antiguidade.

Hölderlin Sämtliche Werke — Edição preciosa da reputada firma Propyläen Verlag-Berlin-1923 — 6 volumes. Uma das mais belas coleções publicadas de obras completas do grande poeta.

Literaturgeschichte des achtzehnten Jahrhunderts, von Herman Hettner. Famosa história da Literatura do séc. XVIII, em 6 grandes volumes, bela edição. Verlag Fried. Vieweg & Sohn-Braunschweig 1913.

Jacques Pirene-Die Grossen Strömungen in der Weltgeschichte — 2 volumes ricamente ilustrados, em ótimo papel. Verlag Hallwag Bern 1944.

Geschichte der deutschen Dichtung-von Hermann Schneider — 2 volumes — Athenäum - Verlag - Bonn 1949. Magnífica obra moderna sobre Literatura Alemã.

Benzigers Illustrierte Weltgeschichte, von Emil Spiess — Editora Verlagsanstalt Benziger & Co. A. G. Einsiedeln. 3 volumes ilustrados sobre história universal.

Geschichte der deutschen Literatur, von Ernst Alker — Moderna história da literatura alemã, da morte de Goethe até os nossos dias. 2 volumes, Editora J. G. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger — Stuttgart 1949.

Die deutsche Literatur des 19. u. 20. Jahrhunderts, von Richard Meyer. 2 volumes. Editora Georg Bondi — Berlin 1921.

Eckermanns Gespräche mit Goethe — Vollständige Ausgabe — Edição completa das famosas "Conversas" de Eckermann com o gênio de Weimar. Editora Verlag Birkhäuser — Basileia 1945 — 2 volumes, preparados por Ernst Merian Genast.

Goethe, von Hermann Grimm — Famosa biografia do poeta. Preparada por Wilhelm Hausen. Edição completa da Maximilian Verlag — Detmold — Hiddesen — 1948.

Die Neugestaltung Europas im 16. Jahrhunderts, von Gerhard Ritter. A reestruturação da Europa no séc. XVI. Verlag des Druckhauses Tempelhof. Berlin 1950. 1 vol.

DISCOTECA

A Cadeira já recebeu uma vitrola e está em vias de receber boa coleção de discos alemães, que servirão para aulas de canções e de folclore alemão.

SALA DO PROFESSOR

A Cadeira não é de tempo integral. Mesmo assim, atende aos alunos todos os dias, fora das obrigações letivas, sendo necessário apenas combinar previamente a hora.

PESQUISAS E MONOGRAFIAS

De preferência o aluno escolhe um tema, dentre os assuntos estudados em aula e desenvolve um trabalho de pesquisa. A qualidade prevalece sobre a quantidade. Os trabalhos com nota acima de nove podem ser aprovados para publicação. A monografia tem de ser datilografada com dois espaços. A entrega é marcada para data fixa, com três a quatro meses de prazo, para elaboração do trabalho. A nota atribuída para a pesquisa entra na contagem da nota de aproveitamento, de sorte que o aluno que não fizer pesquisa obtém zero, prejudicando a média.

EXAMES

Nos exames de primeiro e de segundo anos, não é permitido consultar apontamentos, livros ou fichas. Do terceiro ano em diante, os alunos têm livre escolha do tema de exame em literatura, dentro do programa, e ampla liberdade de consulta de livros, apontamentos ou fichas. Cada um é obrigado a *apresentar uma pesquisa própria*, não podendo repisar ou repetir, simplesmente, o que foi dado em aula, sobre determinado assunto. Este processo tem dado ótimos resultados na prática. Evita a "cola", estimula o gosto pela pesquisa e dá oportunidade para uma crítica pessoal em torno da matéria dada. Quanto à execução da prova, a Cadeira recomenda a maior síntese possível na explanação, sem que fique prejudicado o assunto, dando mais valor à qualidade, que à quantidade, de modo que fique sempre evidenciada a vantagem da contribuição pessoal na pesquisa.

AULAS

No horário atual o Professor dá aulas para todas as séries do Curso. Na primeira, língua somente. Na segunda e terceira, literatura. Na quarta, literatura e Filologia Germânica; na quinta, literatura. A Assistente dá apenas aula de língua para os três primeiros anos, completando a tarefa com o ensino de canto de pequenas canções alemãs ou ensaiando pequenas peças de teatro em alemão, como contribuição ao Teatro Universitário. A Auxiliar-técnica de Ensino encarregada do serviço da Biblioteca da Cadeira, também é aproveita-

da, suplementarmente, para algumas aulas e substitui eventualmente a Assistente. Todo o serviço é feito com permanente e ininterrupta supervisão da Cadeira.

PUBLICAÇÕES DA AUTORIA DO PROF. DR. PEDRO DE ALMEIDA MOURA
QUE INTERESSAM DIRETAMENTE À CADEIRA DE LÍNGUA E
LITERATURA ALEMÃ.

Livros Publicados

“Perfil de Goethe” — Biografia, Crítica e Traduções-Edições Melhoramentos. 120 fls. — S. Paulo, 1950.

“Goethe” — Discurso da autoria de Albert Schweitzer — Introdução e tradução. Edições Melhoramentos. 35 fls. — S. Paulo, 1950.

No prelo

“Bibliografia Goethiana Brasileira” — Em colaboração com o Instituto Hans Staden, pelo seu diretor Dr. C. Fouquet. Coleção Goethiana. Edições Melhoramentos.

Em revistas

“Prometeu” — Poesia de Goethe. Tradução. Revista da Universidade de São Paulo. Fls. 163-164. Ano I. Janeiro a Março de 1950. N.º 1.

“Solenidades comemorativas de Bach, na cidade de Göttingen, no corrente ano”. Artigo sobre as comemorações de Bach. Revista “Intercâmbio”. Fls. 52-53. Rio-São Paulo. 8.º Ano — N.ºs 4-6. Abril-Junho de 1950.

“O Arquivo Central de Arte Musical Suíça em Zurique” — Artigo de Robert Oboussier, tradução. Revista “Intercâmbio” — fls. 16-18 — 8.º Ano. N.º 7-9. Julho-Setembro de 1950.

“A Colaboração Suíça na Unesco” — fls. 20 — Artigo. Na mesma Revista.

“Divagação sobre o mundo musical suíço” — Tradução de um artigo de Rudolf Dumont du Voitel. Na mesma Revista, fls. 21-23.

“Suíços ilustres no Brasil” — Artigo. Na mesma Revista, fls. 23-25.

“Literatura Medieval na Suíça Alemã” — Tradução e Comentários Filológicos, de um estudo de Wilhelm Altwegg — Fls. 57-62. Na mesma Revista.

Aguardando publicação

“Goethe e a personalidade” — Conferência proferida em 5.8.1946, a convite do Centro Acadêmico da Escola de Enfermagem da Universidade de S. Paulo.

“D. Quixote e Fausto — poesia e realidade”, conferência proferida em 30.9.1947 na Biblioteca Municipal, perante a Colônia Espanhola e autoridades brasileiras, na qualidade de Representante da Universidade de São Paulo, nas comemorações do 4.º Centenário de Cervantes.

Cinco conferências sobre Lessing — “O Laocoonte” — ou sobre os limites da pintura e da poesia. Proferidas no “Museu de Arte” de São Paulo, em 12, 18 e 26 de Novembro e 3 e 10 de Dezembro de 1947.

“Goethe, o homem e o artista” — Conferência proferida na Sala João Mendes Junior, da Faculdade de Direito de S. Paulo, sob o patrocínio da Academia de Letras, daquela Faculdade, em 7 de Junho de 1949.

“Goethe, o homem e o artista” — 2.ª Série — proferida na Faculdade de Filosofia C. e Letras da Universidade Católica de São Paulo, na cidade de Campinas em 18.8.1949.

Conferência sobre Goethe e a filosofia da vida, na abertura da Exposição comemorativa do Bicentenário do poeta, no “Museu de Arte” de São Paulo, em Setembro de 1949, conferência essa repetida, a pedido, na “Sociedade Marililândia”, na cidade de Marília, neste Estado, em 27-10-1949.

“As conversas de Eckermann com Goethe” — Estudo crítico dessa obra, de renome universal.

“Amynthas” — Elegia de Goethe. Tradução.

“À lua” — Poesia de Goethe. Tradução.

“Lenda” — Poesia de Goethe. Tradução.

“Canção do Harpista” — Poesia de Goethe. Tradução.

“Grande é a Diana dos Efésios”. Poesia de Goethe. Tradução.

“Fronteiras da Humanidade”. Poesia de Goethe. Tradução.

“Prometeu”. Teatro de Goethe. 2 Atos. Tradução.

LÍNGUA E LITERATURA ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

Professor: Luis Amador Sánchez.
Assistente: Ennio Sandoval Peixoto.
Auxiliar de ensino: Lucy Ribeiro de Moura.

BIBLIOTECA

A Biblioteca da Cátedra é circulante, podendo os alunos dispor dos volumes, retirando-os da biblioteca com um comprovante para a sua devolução, assim que terminem a leitura ou consulta.

A Cátedra dispõe de uns 200 volumes. Instalou-se a biblioteca com uma verba concedida pela Faculdade em 1947, efetuando-se um pedido de livros à Argentina, assim especificado por Coleções editoriais:

- 78 da Editora Espasa-Calpe Argentina, col. Austral;
- 14 da Editora Losada de Buenos Aires;
- 23 da Editora Angel Estrada de Buenos Aires.

A Biblioteca foi aumentando posteriormente com a compra dos Dicionários de Espanhol, com seis volumes doados pelo Professor e 50 doados pelo primeiro Assistente, e outros vários recebidos especialmente da UNESCO, de Paris. Foi organizada com um fichário bibliográfico especial. A retirada dos livros é feita mediante o preenchimento de uma ficha da qual constam o autor, título da obra, data da retirada e rubrica do retirante.

Por falta de verba, não há assinatura de revistas, mas estas nos são enviadas por pedido feito às Universidades americanas, pelo sistema de intercâmbio; outras são espontaneamente remetidas pelos respectivos Centros. Segue uma lista das que dispõe este Departamento:

- Revista "ATENEA" da Universidade de Concepción, Chile.
- Revista da Universidade Pontifícia Bolivariana, Medellín, Colombia.
- Revista da Universidade de Antioquia. Medellín, Colombia.
- REVISTA HISPÁNICA MODERNA, de Washington.
- REVISTA CUBANA, do Ministério de Educação. La Habana, Cuba.

ANALES DE LA UNIVERSIDAD HISPALENSE, Sevilha, Espanha.

REVISTA NACIONAL DE CULTURA, Caracas, Venezuela.

Revista de FILOLOGIA do Instituto de Filologia Românica de Buenos Aires.

Revista da FACULDADE DE HUMANIDADES Y CIENCIAS Montevideo.

INDICE CULTURAL ESPAÑOL da Direção Geral de Relações Culturais de Madrid.

Boletim Bibliográfico Mexicano. México D.F..

GUIA QUINCENAL da Comissão Nacional de Cultura de Buenos Aires.

Publicações do Permanent International Committee of Linguists Brussels.

REVISTA DE LAS INDIAS de Bogotá (cedida pelo Professor).

Coleção da Revista REALIDADE de Buenos Aires (Idem).

Revista ARBOR do Conselho de Investigações Científicas de Madrid.

Revista SANTA CRUZ da Universidade de Valladolid, Espanha.

Revista TRIVIUM de Monterrey, México.

Revista ARMAS Y LETRAS de León, México.

REVISTA CUBANA DE FILOSOFIA, La Habana.

HISPANIC AMERICAN REPORT de Stanford University.

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS de Madrid (cedida pelo Professor).

Revista CULTURA do Ministério de Educação, Buenos Aires.

Revista LAS ESPAÑAS do México.

ANALES da Universidade de Santo Domingo.

BOLETIN DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA, La Coruña, Espanha.

Revista CAUCE de Torreón, México.

Revista UNIVERSIDAD de Zaragoza, Espanha.

Esta lista aumenta dia a dia ou renova-se, pois algumas deixam de ser enviadas por tempo indeterminado, recebendo-se outras. As Revistas também podem ser retiradas para consulta.

E' variavel o movimento de consultas. A média é de sessenta durante os cursos, dentro do horário regulamentar das aulas da Faculdade: de manhã, à tarde e à noite.

Nesta data a Cátedra está promovendo a obtenção de coleções importantes, como as Obras Completas de Marcelino Menéndez y Pelayo e de Ramón Menéndez Pidal, o grande Dicionário da Academia Espanhola, as Coleções de Obras Completas da Editora Aguilar de Madrid, os Boletins da Academia Espanhola, Histórias da Literatura Espanhola de Fitzmaurice-Kelly, de Cejador y Franca, de Juan Hurtado e J. de la Serna, a edição comentada do QUIJOTE de CERVANTES por R. Marin, as obras de Rufino Cuervo, o Manual de Foulché-Delbosc, as obras de Bonilla San Martin e Gramáticas históricas espanholas de Pidal, de Lapesa e a Filosófica editada em Madrid em 1910.

PESQUISAS E TRABALHOS

Este capítulo, para uma Cátedra de Espanhol no Brasil, sem acesso aos arquivos espanhóis e com deficiência de recursos, tem de se limitar ao trabalho dos alunos em classe, com a orientação dos Professores. Estes trabalhos, referentes aos múltiplos temas de Literatura Espanhola e Hispano-americana, temas de crítica de livros e estudos biográficos de autores, supõem um labor constante anual, com uma média não inferior a **SESSENTA TESES** escritas cada ano e que formam Arquivo especial no Departamento. Os temas referem-se especialmente ao Século de Ouro da Literatura Espanhola, ao Romantismo, ao Teatro, à Literatura Hispano-americana desde o Romantismo até nossos dias e sobre Literatura Contemporânea Espanhola. Os alunos do quinto ano de especialização produzem, também, trabalhos sobre Civilização Espanhola, especialmente sobre Arte.

Na Cadeira de Espanhol começou-se, em 1950, um trabalho especial para a realização de um **DICIONÁRIO ESPANHOL-PORTUGUÊS** e **PORTUGUÊS-ESPANHOL**, com a colaboração dos alunos e cujo primeiro tomo ficará terminado possivelmente em 1951. Pela importância que tem essa obra e pela sua significação cultural para a Cátedra de Espanhol desta Faculdade, damos em seguida, a relação dos nomes dos alunos colaboradores até esta data:

Nilza Pereira da Silva, Cacilda de O. Camargo, Maria Alice Ferreira, Helly Caserta, Genia Wajtman, Anezia Giachetto, Maria Teresa de Queiroz Guimarães, Maria Floriscena Tanara Giraldes, Wilson Pereira Borges, Neusa dos Santos Alves, Ada Natal, Maria Pacheco de Paula, Maria Alice Leite Prado, Sarah Ortiz, Lucia Cotrim Cobra, Antonio Lázaro de Almeida Prado, Neyde Antunes Mattos, Neyde Rocha, Maria Lucia Matos, Altaní Lara Nogueira, Fernando Willy, Lucia Eneida, Leonor Lopes, Celina Pimentel Rizzo, Teresa Josephina dos Reis, America Moral, Jessy Pereira, Teresa Maria Rangel Pestana, Maria José Duarte, Aracy Micucci, Vera Braga Franco, Eunice Navajas Carneb, Theresinha dos Santos, Nilza Pereira da Silva, Carmen Barbagalo, Wilma Veloso da Silveira, Suad Saad, Maria Isabel Alves Ferreira,

Maria Dulce Castelli de Almeida, Ivonne Gonçalves, Maria Candida Rezende, Celia P. Aranha Ricardo, Mercedes Passarelli, Uydad Nassar, Clara Laginha, Nicia Maria Machado, Maria de Lourdes B. da Silva, Décia Livia Teixeira, Maria de Lourdes Rodrigues, Alice Trindade Pereira, Olga Pigosso, Maria M. Laginha Reines, Yedda Barcelos, Maria Helena Costa, Salime Kfourri, Nilza Antunes Lemos, Maria Luiza Medeiros.

Posteriormente ter-se-á que acrescentar a esta lista outros nomes de alunos que continuam o trabalho realizado até aqui.

COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS

Nos colóquios e seminários desenvolvem-se pesquisas e trabalhos realizados por motivação de temas orientados em classe, além da série de exercícios escritos sobre LÍNGUA ESPANHOLA, com temas de versão e tradução, que normalmente realizam os alunos dos diversos anos.

PUBLICAÇÕES

Artigos — Nos últimos dez anos, o Professor tem publicado uns dois mil artigos periodísticos, abrangendo temas de política internacional, de sociologia, de arte, de crítica literária, de filosofia, de direito, de folclore espanhol, de história. Na impossibilidade de uma relação completa, fêz-se uma seleção muito rigorosa, com alguns títulos aparecidos em diários brasileiros, artigos traduzidos em português. Não se incluem os publicados na imprensa da Argentina, México, Venezuela, Estados Unidos, etc.. Segue-se a relação dos artigos publicados em 1950:

“O êxodo de Espanha”, FOLHA, 6/1. — “Uma coroa real empenhada”, TRIBUNA, 8/1. — “Universidades alemãs”, FOLHA, 27/1. — “A última mensagem de Arthur Ramos”, FOLHA, 14/1. — “Os idiomas da Bíblia”, DIÁRIO, 8/1. — “A Celestina”, Id., 29/1. — “O cidadão de 1950”, TRIBUNA, 11/1. — “A Índia, esperança da Ásia”, Id. 12/1. — “Aonde nos leva a ciência”, Id. 7/2. — “A Unesco e a América Latina”, TRIBUNA, 4/3. — “Universidade e Unesco”, DIÁRIO 12/3. — “O último Azorín”, Id. 2/4. — “Espanha é um problema”, FOLHA, 14/4. — “Leo Blum”, TRIBUNA, 14/4. — “Os refugiados”, Id., 12/4. — “O rei negro e a rainha branca”, Id. 30/4. — “Uma medida para a democracia”, Id. 10/4. — “Itália no renascimento da paz”, Id. 2/5. — “O sonho do Imperador Carlos V”, Id. 2/5. — “O porvir do Japão”, Id. 28/5. — “O canal de Suez”, Id. 2/6. — “O amor à prova”, Id. 11/6. — “Inglaterra e Egito”, Id. 3/6.

Artigos literários — “Uma coroa real em prenda”, TRIBUNA DE SANTOS, 8/1. — “Universidade alemã”, 26/1. — “Mensagem de

Arthur Ramos”, “FOLHA DA MANHÃ, 14/1. — “O tratado de Madrid”, “TRIBUNA, 13/1. — “Ciência e nacionalismo”, Id. 8/2. — “Espiritismo ou agonia”, Id. 25/2. — “Em torno do autor de uma obra prima”, DIÁRIO DE SÃO PAULO, 19/2. — “A tradução dos clássicos”, FOLHA, 5/5. — “Universidade e Museu”, DIÁRIO, 12/3. — “Larra e Acuña”, Id. 9/4. — “Superstições da Semana Santa”, TRIBUNA, 23/4. — “Caminho de Florença”, FOLHA, 11/5. — “O preço de uma correspondência”, TRIBUNA, 19/4. — “Museografia”, DIÁRIO, 30/4. — “As duas Espanhas”, FOLHA DA MANHÃ, 25/5. — “Undurraga, poeta”, DIÁRIO, 4/6. — “A Conferência da Unesco”, TRIBUNA, 18/6. — “Touros, damas e campeões”, FOLHA DA MANHÃ, 17 e 19 de julho. — “Estrada-Larreta”, DIÁRIO, 30/6. — “O professor Jiménez Asúa”, FOLHA, 18/6. — “Sartre e a poesia negra”, TRIBUNA, 30/7. — “Periodismo em ação”, FOLHA, 18/8 e 22/8. — “A propósito de um pintor espanhol”, DIÁRIO, 6/8. — “A novelística social”, TRIBUNA, 20/8. — “O esplendor (crítica bibliográfica)”, TRIBUNA, 27/8. — “A música espanhola”, DIÁRIO, 27/8 e 3/9. — “A clarividência de San Martín”, TRIBUNA, 25/8. — “O centenário de Bach”, Id. 24/9. — “O caminho de Santiago”, FOLHA, 20/9. — “Bach e Casals”, DIÁRIO, 24/9. — “Balzac”, TRIBUNA, 1/10. — “Lope de Vega”, DIÁRIO, 29/10, 12/11 e 26/11. — “A atualidade de Colombo”, TRIBUNA, 29/10. — “Os intelectuais espanhóis na América”, FOLHA, 6/10. — “Gustavo da Suécia”, TRIBUNA, 5/11. — “A universidade e a paz”, FOLHA, 7/11. — “As mulheres na História”, TRIBUNA, 26/11. — “A árvore da primavera”, TRIBUNA, 24/12. —

CONFERÊNCIAS

O Professor da Cadeira proferiu uma palestra radiofônica na Rádio Cultura de São Paulo, em programa da Reitoria da Universidade, sobre “A Unesco”, em 2/11/50.

Não se incluem nesta Bibliografia as obras que estão no prelo, como a que aparecerá no Rio, editada pela casa Vecchi, sobre pintura.

LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA

Professor: Alfred Bonzon.

Assistente: Marlyse M. Meyer.

Ao lado de seus cursos regulares, a Cadeira de Língua e Literatura Francesa vem desenvolvendo um grande esforço afim de pôr os alunos em contacto com as últimas manifestações culturais e artísticas da França.

Em agosto, o professor da Cadeira, Prof. Alfred Bonzon, organizou uma série de conferências, feitas pelo Prof. Robert Garric, então em viagem cultural no Brasil. Essas conferências foram realizadas na Faculdade, tendo tido grande repercussão. Consistiram em duas palestras sobre Péguy e duas outras sobre métodos de crítica literária. O Prof. Bonzon pôs o Prof. Garric em contacto com a Alliance Française, tendo sido realizada uma quinta conferência sob os auspícios da Alliance e do Museu de Arte Moderna.

Foram igualmente organizadas no Gabinete de Francês, reuniões fixas de grupos de alunos, que, sob a orientação de antigos alunos e da Assistente da Cadeira, discutem, em francês, assuntos variados e por eles escolhidos. Os últimos jornais e revistas literárias fornecem geralmente o tema da conversação, que, às vezes, também, se concentra em torno de um só autor. Gravuras e reproduções de grandes artistas estão também à disposição dos alunos, sendo que um grupo deles organizou no próprio Gabinete de Francês uma pequena exposição sobre Utrillo, com reproduções coloridas, acompanhadas de legendas explicativas, resultantes da pesquisa do próprio aluno. Emprestou também sua amável colaboração a estas reuniões, a Sra. Irma Forjas, diplomada pela Universidade de Paris.

Foram também dadas algumas audições de música de compositores franceses contemporâneos, bem como de canções folclóricas, tendo sido os discos emprestados pelo Serviço Francês de Informações, por intermédio do seu diretor, Sr. Paul Sylvestre.

Numa tentativa de organizar um departamento de teatro, algumas alunas do 2.º e 3.º anos ensaiaram uma farsa de Molière, "La jalousie du Barbouillé", que foi levada à cena por ocasião de um espetáculo promovido em conjunto pelas Secções de Letras, em outubro de 1950, no palco do Colégio Visconde de Pôrto Seguro, muito amavelmente cedido pelo seu diretor. Tal iniciativa das Cadeiras de Francês, Italiano e Alemão, foi assinalada pelo crítico teatral d'"O

Estado de São Paulo”, conforme consta no boletim mensal, publicado naquela data pela Faculdade.

Em outubro, o Professor da Cadeira fez parte da banca examinadora da tese de doutoramento do Licenciado Segismundo Spina, intitulada “Fenômenos Formais da Poesia Primitiva”.

BIBLIOTECA

Dado que muitos livros franceses e de crítica faltam à Biblioteca Central, o Professor da Cadeira colocou à disposição dos alunos, no Gabinete de Francês, uma série de textos e obras críticas a êle pertencentes. A biblioteca possui, ao lado dêsses livros de estudo, várias obras de ficção de grandes autores, geralmente donativos, e que, devidamente fichadas, constituem uma biblioteca circulante. Uma aluna do 3.º ano é a bibliotecária, sendo responsável pela entrada e saída de livros, cujo fichário mantém sempre em dia.

Em 1950, o Gabinete de Francês recebeu um valioso donativo do Govêrno da França, por intermédio do diretor do “Institut Français de Hautes Études Brésiliennes”, Dr. Paulo Duarte. Tal donativo consta de várias obras de referência — entre outras, da grande Histoire de France, dirigida por G. Hanotaux e, principalmente, dos 40 volumes da preciosa edição ilustrada das Obras de Balzac, publicadas por Marcel Bouteron, editadas por Conard, e da série completa de “À la Recherche du Temps Perdu” de Proust.

Estão ainda sendo esperados vários livros, doados pelo Serviço Cultural da Embaixada Francesa.

LÍNGUA E LITERATURA GREGA

Professor: Aluizio de Faria Coimbra.

Assistente: José Lazzarini Junior.

Auxiliares de ensino: Hilda Penteadó de Barros e Gilda Maria Reale.

ENSINO

No ano de 1950 foram ministrados, pelo Professor da Cadeira e seus Auxiliares, os seguintes cursos:

1.º ano: Cinco aulas semanais de Morfologia Nominal e Verbal.

2.º ano: Uma aula semanal de verbos em mi,

” ” ” ” ” ” ómega.

” ” ” ” língua.

Em conjunto com o 3.º ano, aulas de literatura sôbre os poetas elegíacos gregos, Canto I da Ilíada, de Homero, e Anábise de Xenofonte.

3.º ano: Aulas de literatura sôbre as Olímpicas de Píndaro, além das ministradas em conjunto com o 2.º ano. Uma aula semanal de sintaxe.

4.º ano: Curso sôbre Antigôna, de Sófocles.

5.º ano: Curso sôbre Agamenão, de Sófocles.

BIBLIOTECA

Está em organização. Além de doações feitas pelo Professor e pela auxiliar de ensino, Hilda Penteadó de Barros, a biblioteca foi acrescida das seguintes obras:

Bailly, A. — “Dictionnaire Grec-Français”.

Platão — “República”, 3 vols., texto e tradução. Édition Les Belles Lettres.

Humbert, J. — “Sintaxe Grecque”.

Riemann, O. — “Sintaxe Latine”.

Luciano — “Dialogues”, 5 vols., com tradução inglesa por A. M. Harmon. Loeb Classical Library.

Homero — “Odisséia”, 2 vols, com tradução inglesa por A. T. Murray. Loeb Classical Library.

TRABALHOS PUBLICADOS

Aluizio de Faria Coimbra

SÔBRE UMA ODE ANACREONTÉIA. Coimbra, 1950. Separata de “Humanitas”, órgão do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. Vol. III, pp. 3-10.

SÔBRE A CRONOLOGIA DA ANÁBASE DE CIRO E IDADE DE XENOFONTE. S. Paulo, 1950. Separata da “Revista de História”, S. Paulo, n.º II, pp. 141-150.

EROS CERIOCLEPTA. S. Paulo, 1950. Separata do Anuário da Faculdade “Sedes Sapientiae” da Univ. Católica de S. Paulo, 1949-1950, pp. 61-66.

“ANDRADE” E “ANDRADA”. S. Paulo, 1950. 16 pp.
FORMAS CONSONÂNTICAS DA VOGAL REDUZIDA. S. Paulo, 1950. Boletim n.º 113 da FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 38 pp.

Hilda Penteado de Barros

LES POÈMES HOMÉRIQUES ET L'HISTOIRE GRECQUE. (Crítica literária do livro do Sr. Émile Mireau). S. Paulo, 1950, “Revista de História”, N.º 2.

Gilda Maria Reale

HESÍODO E A EVOLUÇÃO RELIGIOSA NA GRÉCIA ANTIGA. S. Paulo, 1950, separata da “Revista de História”, n.º 1, pp. 19-42.

TÍTULOS E PRÊMIOS

A auxiliar de ensino, D. Hilda Penteado de Barros, foi contemplada, em 1950, com uma Bôlsa de Estudo pelo Governo Francês. Passou 8 meses em Paris, onde frequentou os cursos de Língua e Li-

teratura Grega e de Filologia Grega da Sorbonne, do Institut Catholique e os cursos de Paleografia Grega e de Filologia Grega da École des Hautes Études.

Foi recebida como membro da Association Guillaume Budé e da Association d'encouragement des Études Grecques de France. Fêz parte do cruzeiro de estudos "Initiation à la Grèce Antique", patrocinado pela Association Guillaume Budé, realizado em agosto de 1950. Tomou parte, como membro, no I Congresso Internacional de Letras Clássicas que, sob o patrocínio da UNESCO, se realizou em Paris, em agosto-setembro de 1950.

LÍNGUA E LITERATURA INGLÊSA E LITERATURA ANGLO-AMERICANA

Professor: John Francis Tuohy.
Assistente: Hygino Aliandro.

Em virtude do término do contrato do Prof. Geoffrey Wile, em dezembro de 1949, e pelo fato de ainda estarem em processamento os trâmites legais para contrato do atual Professor, a Cadeira de Inglês foi regida, interinamente, pelo Assistente Hygino Aliandro, desde o comêço do ano letivo de 1950, até 31 de julho.

Ao assumir a Cadeira de Inglês, em agôsto de 1950, o Prof. Tuohy fêz, imediatamente, a distribuição das 21 aulas semanais das cinco séries do Curso. Couberam-lhe 11 aulas semanais e 10 ao assistente.

Eis a distribuição dessas aulas por série:

Série	Prof. Tuohy	Prof. Aliandro
1. ^a	2	3 (+ 1 extra)
2. ^a	3	2
3. ^a	3	2
4. ^a	2	1
5. ^a	1	1
	—	—
Total	11	10

No *primeiro ano* procurou-se dar cunho prático ao ensino do inglês, a fim de que os alunos ficassem preparados para as conferências sôbre literatura, que começam no 2.º ano. Nessa série adotaram-se dois livros para exercício de leitura em voz alta, explicação do vocabulário, questionário sôbre a lição dada, sumário e paráfrase do texto, pelos alunos e professor. Procurou-se, com isso, dar ao aluno confiança em si próprio, para se desembaraçar no idioma, e perder aquêlo mêdo tão comum entre os estrangeiros adultos, no expressar os pensamentos.

O Assistente, nas 3 aulas, normalmente explica as partes gramaticais do programa, dá exercícios, discute erros comuns e fixa temas para debate, exposição, ou conversação; na aula extraordinária, os alunos procuram expor as dúvidas que têm a respeito de questões fora do programa.

No *segundo ano* começa o curso sôbre Literatura Inglêsa. Aqui, além das conferências (duas por semana), sôbre os autores, ministrou o Prof. Tuohy um curso de composição (1 aula semanal). O Prof. Aliandro, nas 2 aulas a seu cargo, ministrou a parte gramatical da série e reviu a parte de literatura exposta pelo Prof. Tuohy.

No *terceiro ano*, as aulas de Literatura continuam e um curso mais profundo de composição e pontos gramaticais mais difíceis é ministrado; nesta série 3 aulas estão a cargo do Prof. Tuohy e 2 a cargo do Assistente.

No *curso de especialização*, i.e., no 4.^o e 5.^o anos, o programa consta de: a) Literatura Inglêsa; b) Literatura americana; c) Filologia (para a 4.^a série sômente).

As aulas de Literatura Inglêsa e de Filologia são dadas pelo Professor e as de Literatura Norte-americana pelo Assistente.

As notas de aproveitamento se obtêm por meio dos ensaios e provas escritas.

PROGRAMA

Apesar da irregularidade escolar verificada pela greve dos estudantes, que, por cêrca de dois meses afastou os alunos das aulas do Curso, o programa foi, com algumas exceções, executado quase que na sua totalidade. Note-se, porém, que não houve profundidade em tôdas as exposições.

PUBLICAÇÕES

John Francis Tuohy:

“A métrica inglêsa”, in “Cultura Magazine” (órgão da Sociedade Brasileira de Cultura Inglêsa), São Paulo, 1950.

“Uncle George” (cont.), Penguin New Writing, 1950.

Conferências (2) sôbre “O desenvolvimento da métrica inglêsa e o conto inglês”, no Museu de Arte Moderna, São Paulo, 1950.

Hygino Aliandro:

“John Donne no movimento literário metafísico”, tese de doutoramento, mimeografada pelo autor e defendida em maio de 1950.

Tradução do poema de William Wordsworth "Tintern Abbey", in "Diário do Povo" (Mansão Literária), Campinas, 11-10-1950.

Conferências (2) sôbre Edgar Allan Poe e William Wordsworth, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas.

TRABALHO REALIZADO NA CADEIRA:

Cursos sôbre a literatura da época isabeliana, poesia do século XVIII, os poetas românticos ingleses e o romance da época vitoriana.

TÍTULO

Ao Assistente da Cadeira foi conferido o título de Doutor em Letras, pela defesa da tese "John Donne no movimento literário metafísico", realizada em maio de 1950.

LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA

Professor: Italo Bonfim Bettarello.

Assistente: Vera Tonetti.

CURSOS

Além dos cursos gerais sobre Língua e Literatura Italiana, foram realizados, em 1950, um curso monográfico sobre a “Literatura Moderna: século XX”, no 1.º ano; um curso sobre “De Croce à poética da palavra”, para os alunos de especialização; um curso sobre “Ugo Foscolo”, em colaboração com o Prof. Edoardo Bizzarri, n. 2.º e 3.º anos.

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A convite da Cadeira e na qualidade de professor visitante, o *Prof. Francisco Flora*, da Universidade Bocconi de Milão, deu um curso de extensão sobre Leopardi”, com a duração de 3 meses.

PUBLICAÇÕES

Prof. Italo Bonfim Bettarello:

“Fragmento de tese para uma poética”, in Boletim de Língua e Literatura Italiana: n.º 1 — São Paulo, 1950. Tese defendida no 1.º Congresso Brasileiro de Poesia, realizado em São Paulo em 1949 e aprovada por unanimidade.

“A Lógica Poética de Foscolo”, in Boletim de Língua e Literatura Italiana: n.º 1 — São Paulo, 1950. Tese defendida e aprovada por unanimidade no 1.º Congresso Brasileiro de Filosofia (março de 1950) e publicada nos Anais do mesmo.

“A poética de Foscolo”, in Boletim de Língua e Literatura Italiana: n.º 1 — São Paulo, 1950.

“A poesia e a poética de Leopardi”, in Boletim de Língua e Literatura Italiana; n.º 1 — São Paulo, 1950.

“Apresentação de Francesco Flora”, in Boletim de Língua e Literatura Italiana: n.º 1 — São Paulo, 1950.

“Il maestro di color che sanno”, in Revista de História, n.º 2, abril-junho — 1950.

“Virgilio e Dante” in Boletim de Língua e Literatura Italiana, n.º 2 (em impressão).

“Lineamenti della poesia contemporanea italiana” — tese de doutoramento defendida na Universidade de Turim e que constituirá o Boletim de Língua e Literatura Italiana, n.º 3 (em preparação).

Prof. Edoardo Bizzari:

“Il Magnifico Lorenzo” — Ed. Mondadori, Milão, 1950.

CONFERÊNCIAS

“Introdução à poesia italiana”, no Museu de Arte Moderna, pelo Prof. Bettarello.

“O pensamento político de Dante a Machiavelli”, na Escola de Sociologia e Política, pelo Prof. Bizzari.

“Poesia contemporânea italiana”, no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, pelo Prof. Flora.

“O Futurismo”, no Museu de Arte, pelo Prof. Flora.

“Últimos aspectos da poesia italiana contemporânea”, em Santos e Campinas, pelo Prof. Flora.

LÍNGUA E LITERATURA LATINA

Professor: Urbano Canuto Soares.

Assistente: Armando Tonioli.

No decurso do ano letivo de 1950 orientaram-se os trabalhos desta Cadeira de acôrdo com os programas dos vários cursos que ela abrange. Uma das aulas semanais assumia a forma de seminário, tendo como principal escopo a interpretação, o comentário filológico de textos e a análise rítmica, quando se estudavam poetas latinos. Nêstes colóquios debatiam-se problemas de vária ordem relativos à Gramatica Histórica, à Métrica e à História da Língua Latina. Idêntico caráter tinham as aulas do Assistente — aulas práticas cuja finalidade era consolidar e desenvolver os conhecimentos dos alunos no tocante à morfologia, sintaxe e aquisição de vocabulário, por meio de exercícios de tradução, versão e análise gramatical.

No curso especial do 4.º ano realizaram-se pesquisas sôbre o texto catuliano, em especial sôbre os fragmentos 2, 2b e 14b; estudaram-se problemas lexicais e semânticos especiais; iniciaram-se os candidatos à especialização na investigação das fontes para o estudo dos contemporâneos de Catulo aos quais êle alude nas suas líricas, e dentre êstes muito particularmente o orador e poeta Licínio Calvo.

Os alunos sob a orientação do Professor elaboraram dissertações sôbre temas de Filologia e Literatura Latina, que foram discutidos em seminários especiais.

CURSO DE GLOTOLOGIA CLÁSSICA

No decorrer dêste ano letivo trataram-se os seguintes assuntos sob a forma de conferências ou seminários:

1.º Semestre

I — Conceito de Filologia na Antiguidade e nos tempos modernos. Crítica das definições dos autores do século XIX. Filologia *lato sensu e stricto sensu*. Filologia, Glótica, Glotologia e Lingüística. Valor dêstes termos. Glotologia Clássica: Definição do Professor da Cadeira.

Histórico da Glotologia. O método histórico. O descobrimento do sânscrito. Coeurdoux e W. Jones. Fred. de Schlegel e a obra "Über die Sprache und Weisheit der Indier" — 1808. O nexos comparativo. As duas classes de línguas do mundo lingüístico de Schlegel. A classificação tripartida de G. Schlegel. Divisão das línguas flexionais em dois grupos. A obra deste autor — "Observations sur la langue et la littérature provençale" — 1818. Os três grandes nomes da lingüística dos princípios do século XIX. Rask e o fenômeno da metafonía.

Aproximação das línguas germânicas do grego, latim e celto-eslavo tentada por Rask. Grimm e o estudo dos dialetos germânicos. A Gramática Alemã deste autor — 1822. Leis fonéticas. Humboldt e os aspectos psicológicos da linguagem. *Enérgeia* e *érgon*.

Bopp e a Gramática comparativa. A sua grande obra publicada em 1849. Crítica dessa obra.

Aug. Schleicher e a trilogia hegeliana. Significação e relação. A classificação lingüística de Schleicher.

Simbólica da frase nas línguas de cada grupo. As três classes de Schleicher representam, segundo este autor, fases sucessivas do desenvolvimento lingüístico. Max Müller e Whitney, vulgarizadores desta classificação. Razões da popularidade da classificação de Schleicher. Nenhuma correlação entre o desenvolvimento lingüístico e o grau de civilização. Críticas a esta classificação. As classificações lingüísticas de Steinthal, Fr. Müller e Misteli. A classificação genealógica. Fundamentos. O indo-europeu e a família indo-européia.

II — Consonantismo grego. Enfraquecimento da articulação na passagem do indo-europeu para o grego. Líquidas e nasais. O *r* inicial. Prótese vocálica — fenômeno comum ao armênio. Semi-vogais. O *i**. Tratamento deste fonema em posição inicial e em posição intervocálica. O *i* precedido de oclusiva dental ou gutural, surda ou sonora. Os grupos *ani*, *ari*, *oni*, *ori* em grego. O fenômeno da propagação. Modificações que se verificam nas mesmas condições com os timbres *e*, *i*, *u*. Grupos *-mi-* e *-li-*. O digama. Sua história através dos dialetos gregos. Grupos que contêm este fonema. Conseqüências da queda do digama.

2.º Semestre

Tratamento do digama. Tratamento do *s*. Os grupos — *us* e *rus*.

III — *Morfologia Comparativa*. O verbo greco-latino. Generalidades. Características do verbo indo-europeu. Variedade de formações. Sua independência. As categorias de *tempo* e de *aspecto*.

O *tempo* nas línguas indo-europeias e a sua expressão. As desinências e a expressão do número. Aposição do pronome pessoal à forma verbal. A 3.^a pessoa e o emprego do sujeito. Verbos impessoais.

A categoria da voz nas línguas indo-européias e fora dêste grande grupo lingüístico. A voz em grego e em latim. Processo evolutivo da voz *média* em *passiva* no grego. O ponto de partida desta inovação. A voz passiva em latim. O verbo latino. Desinências do *Infectum*. O pretérito do *Infectum*. As desinências. Origem indo-européia.

LITERATURA BRASILEIRA

Professor: Mário Pereira de Souza Lima.

Assistente: José Aderaldo Castello.

ATIVIDADES ESCOLARES

O curso de Literatura Brasileira é ministrado aos alunos do 2.º e 3.º ano de Letras Clássicas e de Letras Neolatinas, além do 4.º ano e Curso de Especialização, em que a Cadeira de Literatura Brasileira, como as demais, é optativa. O programa foi elaborado levando-se em consideração a seriação indicada; de modo geral, estudaram-se no 2.º ano questões de metodologia e os principais aspectos da Literatura Colonial; no 3.º ano, também os principais aspectos da Literatura Brasileira do século XIX, reservando-se para o 4.º ano e Especialização o estudo do modernismo (século XX).

Exigiu-se dos alunos a leitura de obras fundamentais, além da elaboração de trabalhos escritos sobre temas previamente indicados, um no primeiro, outro no segundo semestre letivo.

Destacamos, em 1950, a presença do estudante americano Arthur Sugerman que, na qualidade de bolsista, freqüentou regularmente os cursos de Literatura Brasileira e, sob a orientação da Cadeira, escreveu a tese *Os aspectos sociais e os problemas doutrinários no romance de Érico Veríssimo*, com a qual pretende obter, em universidade americana, o "Master's Degree". O trabalho, escrito originalmente em inglês, será divulgado, em tradução portuguesa, por uma de nossas revistas literárias.

PROF. MÁRIO PEREIRA DE SOUZA LIMA

Além da orientação dos cursos regulares, exerceu as seguintes atividades:

Membro, por designação do Conselho Nacional de Educação, da Comissão Examinadora do Concurso de Português, realizado em junho e julho de 1950, no Colégio Pedro II, para escolha de professor catedrático; membro das Comissões Examinadoras do doutoramento em Literatura Portuguesa do licenciado Segismundo Spina e do doutora-

mento em Literatura Brasileira do licenciado José Aderaldo Castello, sendo que foi o orientador da tese dêste último.

ASS. JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Doutor em Letras, com defesa de tese realizada nesta Faculdade, em 7 de Outubro de 1950.

Trabalhos escritos e publicados:

Apontamentos para a história do simbolismo no Brasil, in *Revista da Universidade de São Paulo*, ano 1, Jan.-Fev. de 1950, n.º 1.

A introdução do romantismo no Brasil, São Paulo, 1950. (Mimeografada). Tese de doutoramento apresentada à Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

BIBLIOTECA

O número de volumes, existentes em 1950, na Biblioteca da Cadeira de Literatura Brasileira, é de 347. Foram adquiridos em 1947, com verba especial. Posteriormente, isto é, até 1950, não se fêz mais nenhuma aquisição, em virtude da falta de verba.

Destaca-se, na Biblioteca da Cadeira, uma coleção, do volume I ao LX, da *Revista da Academia Brasileira*.

A Biblioteca é circulante e privativa dos alunos; os consulentes são atendidos no período da manhã.

LITERATURA PORTUGUÊSA

Professor: Fidelino de Figueiredo.

Assistente: Antônio Augusto Soares Amóra.

Auxiliar de ensino: Segismundo Spina.

BIBLIOTECA

A biblioteca da Cadeira é, na verdade, ainda muito pequena; cêrca de 300 volumes de obras de consulta mais freqüente; e não tem havido empenho em aumentá-la, porque a Biblioteca Central da Faculdade e várias bibliotecas públicas locais suprem as necessidades do curso de bacharelado e em parte às do curso de especialização. Para trabalhos de pesquisas e para estudos especiais, o acervo dessas bibliotecas é completado com o das bibliotecas particulares do pessoal da Cadeira e com microfilmes.

São assinadas pelo pessoal da Cadeira as principais revistas de literatura: "Rêvue de littérature comparée", "Eramus", "Symposium", "Books abroads", "Revista da Faculdade de Letras" (Lisboa), "Bro-téria", "Vértice", "Gil Vicente", etc..

PESQUISAS E TRABALHOS

Além do curso normal, o Professor da Cadeira realizou os seguintes trabalhos:

a) Com o curso de Especialização: Seminário de pesquisa sôbre pontos escolhidos de entre uma lista de temas referentes à poesia épica;

b) Individualmente: *A Épica portuguesa no século XVI* (Subsídios documentares para uma teoria geral da epopeia), in *LETRAS*, n.º 6, São Paulo, F.F.C.L., 1950, 408 pgs.

Ainda a épica portuguesa (Nótulas de autocrítica), in *Revista de História*, n.º 5, São Paulo, 1951.

Balzac le cor (Variações sôbre a crítica da "Comédia Humana"), a pedido da Universidade de Cuyo, Argentina, para uma homenagem internacional à memória do romancista, no primeiro centenário

de sua morte; in *LETRAS*, n.º 7, São Paulo, F.F.C.L., 1951, pgs. 123-144.

Retroversão e revisão do estudo *Viagem através da Espanha literária* (Apontamentos de 1928), ainda inédito em português; in *LETRAS*, n.º 7, São Paulo, F.F.C.L., pgs. 155-240.

Rumos novos da ciência da literatura, in "O Estado de S. Paulo", 29-10-50; in *LETRAS*, n.º 7, São Paulo, F.F.C.L., 1951, pgs. 145-150.

Prólogo à edição argentina dos *Lusíadas*, in Colección Austral (no prelo).

Estudos de literatura (5.ª série: 1947-1950), *LETRAS*, n.º 7, São Paulo, F.F.C.L., 1951.

Divulgação de estudos do Prof. Johann Hankiss sobre relações literárias de Portugal na obra de Florian.

Pequenos escritos, na imprensa portuguesa, brasileira e estrangeira, sobre temas circunstanciais, e resenhas de livros em revistas especializadas.

Dos trabalhos realizados pelo assistente e pelo auxiliar de ensino merecem especial referência os seguintes:

ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMÓRA — (Livre-docente e assistente da Cadeira): Estágio de quatro meses em Portugal (dezembro de 49 — março de 1950), com bolsa de estudo oferecida pela Federação das Associações Portuguesas do Brasil, para trabalhos de investigação. No correr do ano de 1950, além dos trabalhos docentes, em colaboração com o Professor da Cadeira estudou a documentação histórica e literária trazida de Portugal, particularmente os manuscritos de Manuel Pires de Almeida (crítico seiscentista da obra de Camões) e os inéditos de nossas academias setecentistas. A propósito de Manuel Pires de Almeida iniciou a elaboração de sua tese de concurso. Fora do âmbito da Universidade proferiu alguns cursos e várias conferências, destacando-se nessa atividade o seguinte:

Camões, o poeta lírico das redondilhas, conferência na Sessão Solene em comemoração ao Dia de Camões, promovida pelo Departamento Municipal de Cultura e pela Casa de Portugal (9-6-1950);

Evolução da literatura brasileira (Problemas e aspectos), curso em 5 conferências proferido na União Cultural Brasil-Estados Unidos (maio de 1950).

SEGISMUNDO SPINA — (Auxiliar de ensino): Doutor em Letras. Tese: "Fenômenos formais da poesia primitiva", defendida em 28-10-1950. Fora a docência na orientação dos trabalhos práticos da disciplina, vem preparando sua tese de livre-docência.

PSICOLOGIA

Professôra: Annita de Castilho e Marcondes Cabral.

Assistentes: Carolina Martuscelli e Natalia Voinoff.

Auxiliar de ensino: Maria da Penha Pompeu de Toledo.

À III.^a Cadeira cumpre ministrar cursos de Psicologia às três primeiras séries do Curso de Filosofia e à segunda série do Curso de Ciências Sociais, à qual lhe cabe lecionar Psicologia Social. Além desses cursos ordinários básicos, cabe à Cadeira dar cursos a alunos da quarta série, que a escolhem em seu curso de bacharelado ou licenciatura, bem como aos candidatos à especialização em Psicologia.

Cada uma das três primeiras séries de Filosofia recebe anualmente pelo menos dois cursos de Psicologia, dentro do plano adotado pela Cadeira desde 1946, que é o seguinte:

- 1.^a Série: I) Introdução à Psicologia.
II) Escolas e Sistemas Contemporâneos de Psicologia.
- 2.^a Série: I) Psicologia Social.
II) Psicologia Diferencial.
- 3.^a Série: I) Psicologia da Personalidade.
II) Psicologia Gestáltica e Topológica.

No ano de 1950, o curso de Psicologia da Personalidade, que deveria explorar o campo da personalidade de maneira geral, foi substituído por um curso especial sobre Psicanálise.

Os cursos da quarta série e o de especialização seguem um plano de combinação de aulas expositivas, sobre um programa endereçado a todos os inscritos, e de seminários de leituras especializadas, orientadas conforme os interesses particulares de cada estudante.

A Cadeira dispõe de uma pequena biblioteca especializada e de um princípio de laboratório.

BIBLIOTECA

Número de volumes existentes em 1950: 383 (inclusive 50 doações do Departamento de Estado de Washington).

Sòmente em 1945 começou a Cadeira de Psicologia a oferecer aos seus alunos uma pequena biblioteca especializada, constituída por livros emprestados da biblioteca particular do Prof. Otto Klineberg e de seus assistentes. Em 1946 começaram a ser adquiridos livros pela Faculdade, sendo de se notar que durante a estadia do Prof. Klineberg o Departamento de Estado norte-americano ofertou-lhe vários volumes. Em 1947, havendo o Prof. Klineberg vendido a uma livraria da cidade os livros que trouxera para seu uso dos Estados Unidos, alunos e assistentes de Psicologia sugeriram que êsses livros fòssem adquiridos para permanecerem na biblioteca, o que foi feito. Seguiram-se alguns anos (1948-1950) em que as aquisições feitas pela Cadeira foram poucas em virtude da escassez de verbas para êsse fim. Entretanto, professor e alunos têm-se cotizado para prover a Cadeira de algumas obras mais necessárias. Cabe salientar especialmente que a Cadeira não dispòs, até 1950, de uma única coleção de revista especializada, havendo agora sérias esperanças de que esta grave lacuna comece a ser sanada a partir de 1951.

Dispondo o professor de Psicologia apenas de dois assistentes e de nenhum auxiliar-técnico ou datilógrafa, e devendo desincumbir-se de número relativamente elevado de aulas, a biblioteca da Cadeira é apenas circulante, abrindo-se sòmente para retirada e devolução de livros, em dias marcados, geralmente três vèzes por semana, salvo nos meses de exame, em que funciona diàriamente para êsse fim, sendo, então, bastante grande seu movimento. Pelas mesmas razões acima mencionadas, a biblioteca empresta unicamente a alunos da Cadeira e a professòres e assistentes da Faculdade. Seria desejável que oferecesse possibilidades, senão de empréstimo, pelo menos de consulta a um público maior; não possui ainda, entretanto, nem local nem funcionário para servir a essa finalidade.

LABORATÓRIO

Foi também com a vinda do Prof. O. Klineberg, em 1945, que o ensino, nesta Cadeira, começou a ter uma orientação científico-experimental. Antes, recebia o ensino da materia a orientação filosófica que lhe imprimia o Prof. J. Mangué, cuja atuação foi brilhante e sólida dentro de sua limitação aos interêsses filosóficos, mas inteiramente alheia à experimentação. Conseqüentemente, só em 1945 foi pela primeira vez concedida à Cadeira uma verba de quinze mil cruzeiros, que se repetiu em 1946 e 1947, sendo encomendados os primeiros aparelhos. As dificuldades de abastecimento conseqüentes à guerra, nos países exportadores, aliadas à inexistencia de fornecedores locais de aparelhos psicológicos, tornaram moroso e incompleto o trabalho de importar o material solicitado. Por outro lado, a rescisão, em 1947, do contrato do professor norte-americano deixou em meio

o trabalho iniciado, com prejuízo para a organização do futuro laboratório. Os anos de dificuldade orçamentária para o Estado resultaram, a seguir, em penúria completa para a Cadeira. No momento atual, há intensa expectativa e geral interêsse do professor, assistentes e alunos para que o laboratório de Psicologia venha em breve a ser realidade, e a dispor de local e equipamento adequados, que possibilitem seu uso para as aulas práticas e pesquisas experimentais.

A partir de 1948, a Cadeira tem ensaiado, utilizando principalmente material improvisado, introduzir aulas práticas de Psicologia. Algo tem sido possível quanto a testes (de inteligência e personalidade), campos em que as últimas turmas que passaram pelo Curso de Filosofia — em que se enquadrou até o presente a Psicologia — têm sido chamadas a cumprir uma aula prática semanal.

Desde 1945, o curso de Introdução à Psicologia tem-se orientado para vir a constituir um verdadeiro curso de Psicologia Experimental, e as lições colhidas destas tentativas vão-se acumulando, sendo de se esperar que, em 1951, com a colaboração do Prof. F. M. Urban, proposto para professor-visitante, afim de ministrar um curso de Psicologia Experimental, receba um novo impulso a organização e a utilização de um autêntico laboratório de Psicologia. De se esperar é, também, que êsse laboratório possa exercer atividade não apenas nos campos tradicionais da experimentação sensorial ou no dos chamados testes, mas igualmente em outros modernamente reconhecidos como importantes, como por exemplo, no desenvolvimento de uma Psicologia Social Experimental.

Não se duvida, nos países adiantados nos domínios da Psicologia, que a formação de psicólogos deve repousar sôbre um sólido treino experimental. Em nosso meio começa a generalizar-se esta opinião, o que, por sua vez, se reflete na atenção com que principiam a ser recebidas as propostas relativamente aos trabalhos de laboratório, os quais, entretanto, exigem pessoal e aparelhamento de que, até agora, a Cadeira ainda não pôde dispor, por motivos vários.

PESQUISAS E TRABALHOS

A Cadeira efetuou, no ano de 1949, os seguintes trabalhos de investigação, publicados no Boletim CXIX, N. 3 de Psicologia, em 1950.

- 1) Sôbre aceitação de grupos nacionais, “raciais” e regionais — Carolina Martuscelli.
- 2) Ensaio de elaboração de uma técnica para o estudo psicanalítico quantificado dos documentos pessoais e protocolos de testes projetivos — M. P. Pompeu de Toledo.

3) Conceitos morais e preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros — Dante Moreira Leite.

São todos trabalhos versantes sôbre uma área psicológica que se poderia, de maneira ampla, designar como de atitudes, área essa de interêsse particular da Psicologia Social e da Personalidade. A idéia que norteou tanto essas pesquisas, como outras em andamento, é a de aplicar e desenvolver técnicas adequadas ao estudo das atitudes e valôres que configuram o caráter nacional brasileiro. Assim, C. Martuscelli, usando a técnica de Bogardus, aplicou-a a uma amostra representativa dos estudantes de escolas superiores do Estado de São Paulo. Já D. Moreira Leite e M. P. Pompeu de Toledo procuraram abordar o estudo das atitudes por meio de análises do conteúdo de obras literárias, em ambos os casos a literatura didática infantil, os chamados "livros de leitura" das escolas primárias. Ambos estes pesquisadores elaboraram, qualitativamente o material escolhido, havendo Moreira Leite investigado um assunto estudado quantitativamente por Martuscelli, o dos preconceitos contra grupos raciais. Pompeu de Toledo procurou elaborar qualitativamente e quantitativamente seu material, segundo técnica própria, e utilizando as hipóteses psicanalíticas.

O campo para o qual se voltou o interêsse da Cadeira foi selecionado atendendo a que, na enorme variedade dos problemas que cabem no âmbito de suas preocupações — que é todo o domínio da ciência psicológica — aquêle cujo centro é o velho tema do caráter nacional, preocupação absorvente de tôdas as tentativas da Psicologia Social brasileira no passado, pareceu ser o que melhor poderia unir os esforços do reduzidíssimo pessoal à disposição para as pesquisas.

E' um fato que o pesquisador isolado quase nada pode fazer na Ciência, em nossos dias. Isto também é verdade para a Psicologia. Em São Paulo, onde quase tudo está para ser feito no tocante a pesquisas psicológicas puramente científicas, seria sem sentido e completamente estéril a existência de pesquisadores isolados em campos completamente distintos e distantes. Por outro lado, impõe-se, numa universidade, a formação de pesquisadores que sejam verdadeiros cientistas, capazes não apenas de executar tènicamente uma pesquisa, mas igualmente capazes de pensamento original e de planejamento das próprias investigações. Essa formação é demorada e requer cuidados individuais. Dessas considerações resultou a solução ensaiada pela Cadeira: orientar pesquisas sôbre assuntos estreitamente ligados, em campo de interêsse relevante, planejadas e realizadas individualmente por seus assistentes e alunos adiantados.

Entretanto, parece dispensável notar que a escôlha do problema das atitudes e do caráter nacional foi uma solução de necessidade, sendo da máxima conveniência que a ciência psicológica e a Cadeira

de Psicologia venham a dispor de maiores recursos humanos e materiais para que campos igualmente importantes, tanto teórica como praticamente, possam receber a devida atenção. Neste sentido são também intensas as expectativas de todos os que trabalham na Cadeira para que o meio-século a iniciar-se assista, desde o início, a uma nova fase da Psicologia na Universidade, caracterizada por um permanente, não esporádico, desenvolvimento de seus trabalhos de investigação.

PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Professôra: Noemy da Silveira Rudolfer, que até o mês de novembro esteve comissionada no Instituto Brasileiro de Psicanálise, do Rio de Janeiro.

Primeiro Assistente e Professor-substituto da Profa. Noemy da Silveira Rudolfer, durante seu impedimento, até o mês de novembro: Arrigo Leonardo Angelini.

Segundo Assistente: Maria José de Barros Fornari de Aguirre.

Terceiro Assistente: Odette Lourenção.

Auxiliar de ensino: Maria Dulce Nogueira Garcez.

Assistentes sem atribuição de aulas:

Eulália Alves de Siqueira (Instituto de Educação) — aplicação de testes; pesquisas.

Beatriz de Freitas Wey (Instituto de Educação) — desenho técnico; traduções.

Nilontina Gonçalves (Instituto de Educação) — biblioteca; arquivo.

CURSOS

Realizaram-se, durante o ano de 1950, os seguintes cursos: Pedagogia, abrangendo 1.º, 2.º e 3.º anos; Curso Especial de Didática para os alunos de tôdas as secções, matriculados no 4.º ano; Curso de Especialização em Psicologia Educacional, abrangendo 1.º e 2.º anos.

Distribuição da matéria nos diversos cursos.

- 1 — Curso de Pedagogia: Êste curso foi realizado rotativamente para o 1.º e 2.º anos, tendo sido desenvolvidos os seguintes assuntos: Psicologia Educacional e História da Psicologia Educacional. No 3.º ano foi desenvolvido um programa de Psicologia da Aprendizagem.
- 2 — Curso Especial de Didática: Considerando que êste curso se destina a todos os alunos das várias secções da Faculdade, elementos que apresentam formação e especialização bastante diferenciadas, e atendendo, também, ao fato de que muitos dêles

se encaminham para o magistério secundário, procurou-se dar um conteúdo que atendessem a tais condições e interesses, bem como uma orientação psicológica e educacional. Por esse motivo, foram desenvolvidos os seguintes ramos da Psicologia Educacional: Psicologia da Adolescência e Psicologia da Aprendizagem.

- 3 — Curso de Especialização em Psicologia Educacional: Criado pela Portaria Ministerial n.º 328, de 13 de maio de 1946, destinado a alunos que terminaram o curso regular de Pedagogia, este curso confere o diploma de Especialista em Psicologia Educacional. Dada a quantidade de sub-divisões da matéria e a grande afluência de alunos matriculados, este curso tem sido dado de forma rotativa, desenvolvendo as seguintes disciplinas: Psicologia da Aprendizagem, Psicologia do Anormal, Psicologia do Adolescente, Psicologia da Criança, Psicologia das Matérias Especiais, Psicologia Social, Psicologia da Personalidade, Psicologia Diferencial e Seminário de Métodos. Dentre estas, figuram no programa de 1950 as seguintes: Psicologia da Personalidade, Psicologia da Criança, Psicologia das Matérias Especiais, Psicologia do Adolescente e Seminário de Métodos.

Distribuição das aulas.

- 1 — Curso de Pedagogia: De acordo com o Regulamento da Faculdade, foram dadas três aulas semanais para cada uma das três séries deste curso, sendo que no 1.º e 2.º anos, duas eram de Psicologia Educacional e uma de História da Psicologia Educacional.
- 2 — Curso Especial de Didática: As aulas neste curso eram em número de três semanais: duas de Psicologia da Adolescência e uma de Psicologia da Aprendizagem.
- 3 — Curso de Especialização em Psicologia Educacional: Foram dadas duas aulas semanais em cada uma das disciplinas deste curso. Computando-se o total de aulas semanais a cargo da Cadeira de Psicologia Educacional, verifica-se que foram dadas 19 (dezenove) aulas por semana, correspondendo a 76 (setenta e seis) aulas mensais.

Número de alunos.

Foi grande o número de alunos que assistiram aos cursos de Psicologia Educacional durante o ano de 1950, distribuídos da seguinte forma: 1 — Curso de Pedagogia; 1.º ano — 42; 2.º ano — 26; 3.º ano — 13; total — 81. 2 — Curso Especial de Didática: Na im-

possibilidade de se obter o número de alunos matriculados neste curso, registramos apenas os que o freqüentaram regularmente e que corresponde a 128. 3 — Curso de Especialização em Psicologia Educacional: alunos matriculados — 19.

Os alunos distribuídos por todos êsses cursos perfazem o total geral de 227.

BIBLIOTECA FRANCISCO DE PAULA RIBEIRO

1. Número de volumes existentes em 1950:

Possui esta biblioteca 651 volumes, classificados pelo sistema decimal, combinado com a classificação Cutter. À disposição dos consulentes existe um fichário (catálogo dicionário). A Biblioteca teve início em 1933, quando a Cadeira pertencia ao antigo Instituto de Educação. Não houve assinatura de revistas em 1950 por falta de verba.

2. Relação de revistas especializadas existentes em 1950:

- a) The American Psychologist.
- b) Arquivos de assistência a psicopatas.
- c) Arquivos do Instituto de Educação.
- d) Bulletin de l'Institut National d'Orientation Professionnelle.
- e) Educação.
- f) Escola Nova.
- g) Enciclopédia Brasileira de Educação.
- h) L'Education.
- i) Idort.
- j) The Educational Record.
- k) The Journal of Abnormal and Social Psychology.
- l) The Journal of Applied Psychology.
- m) The Journal of Educational Psychology.
- n) The Journal of Educational Research.
- o) Journal of Experimental Psychology.
- p) The Journal of General Psychology.

- q) The Journal of Social Psychology.
- r) Occupations.
- s) Psychological Abstracts.
- t) Psychological Bulletin.
- u) Psychological Review.
- v) Revista do Arquivo Municipal.
- w) Revista de Educação.
- x) Revista do Ensino.
- y) Revista de Educação Pública.
- z) Reader's Digest.
- a') School and Society.

Não existe, mantido pela Biblioteca da Cadeira, movimento de permuta com outras instituições congêneres. Houve, durante o ano de 1950, 734 empréstimos de livros. A biblioteca é circulante, havendo, não obstante, consultas no próprio local, sempre que necessário ou preferível. Funciona diariamente, das 14 às 17 horas, excepto aos sábados, para o movimento de consulta, retirada e devolução dos livros. E' franqueada aos alunos, ex-alunos, e professôres da Faculdade.

PESQUISAS E TRABALHOS

Foram efetuadas a colheita e o tratamento dos dados obtidos para a pesquisa sôbre "Cólera, Mêdo e Afeição entre os adolescentes estudantes da cidade de São Paulo", objeto da tese de doutoramento do 2.º assistente da Cadeira.

COLABORAÇÃO COM OUTRAS INSTITUIÇÕES

Ministério da Educação: Curso no Departamento Nacional de Educação, pelo Professor catedrático.

Ministério da Guerra: Na Diretoria de Ensino, pelo Professor catedrático, sôbre matérias da sua especialidade, Psicologia Diferencial e Psicologia Educacional, foram realizados os cursos: "Formação de Especialistas em Seleção de Pessoal" e "Curso de Aperfeiçoamento para Instrutores e Professôres", desenvolvidos pelo Ministério, para formação de oficiais.

Secretaria da Educação: Colaboração com o Serviço de Medidas e Pesquisas Educacionais do Departamento de Educação, na Secção de Psicologia, pelo 1.º assistente da Cadeira.

EXCURSÕES

Durante o mês de Janeiro, estiveram no Chile, realizando cursos de férias na Universidade daquele país, com bôlsas de estudo, o 1.º assistente da Cadeira, Arrigo Leonardo Angelini, a auxiliar de ensino, D. Maria Dulce Nogueira Garcez, o 3.º assistente da Cadeira, D. Odette Lourenção, ex-alunos da Secção de Pedagogia desta Faculdade e mais alguns estudantes do Rio de Janeiro, somando ao todo 14 pessoas, que viajaram sob a chefia do 1.º assistente. Êsse grupo representou o Brasil naqueles cursos, que são realizados anualmente, e têm caráter inter-americano.

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA GERAL

Professor: André Dreyfus.

Assistentes: Rosina de Barros, Crodowaldo Pavan e Antônio Brito da Cunha.

Auxiliares de ensino: Elisa do Nascimento Pereira, Edmundo Ferraz Nonato e Newton Freire Maia.

Cabe a êste Departamento o ensino de Biologia Geral na secção de História Natural, de Fundamentos Biológicos da Educação e Higiene Escolar na Secção de Pedagogia e ainda Fundamentos Biológicos da Educação para o curso de Didática.

O Departamento proporciona, também, 2 cursos para alunos do curso de especialização; um dos cursos é dedicado aos alunos da Secção de História Natural, sendo, no presente, dado sôbre "Bases genéticas de evolução", "Ecologia de *Drosophilas* brasileiras" e "Citogenética". O outro curso de especialização é sôbre Biologia Geral e é oferecido a alunos de quaisquer secções com exceção dos de História Natural e de Pedagogia.

Além do ensino, o Departamento realiza pesquisas. O principal objetivo das pesquisas do Departamento é a genética de populações, citogenética e taxionomia de espécies brasileiras do gênero *Drosophila*.

Trabalham nessas pesquisas o Prof. Dr. André Dreyfus, Drs. Rosina de Barros, Crodowaldo Pavan, Antônio Brito da Cunha, Newton Freire Maia, Edmundo Ferraz Nonato, Licenciada Sra. Elisa N. Pereira Knapp e Sra. Marta Erps Breuer.

O Departamento teve o privilégio de receber em 1943, por sete meses, e em 1948 por um ano, a visita de um dos mais famosos geneticistas contemporâneos, Prof. Theodosius Dobzhansky, da Columbia University de New York. Em colaboração com o Prof. Th. Dobzhansky foi conduzido um vasto plano de pesquisas de genética e ecologia das populações de *Drosophilas* brasileiras.

O Departamento é atualmente um dos principais centros de Genética da América do Sul, e, certamente, o principal centro para genética de *Drosophilas*. Graças à cooperação da Fundação Rockefeller e da Universidade de São Paulo, o Departamento tem podido receber biólogos do país e do estrangeiro, seja como bolsistas, seja como professores contratados.

A partir de Julho de 1951, teremos a visita do Prof. Hampton L. Carson, da Washington University de St. Louis, Missouri, que,

além de um curso especializado sobre Citogenética, trabalhará com elementos do Departamento em problemas de especiação e citogenética de *Drosophila* e *Sciara*s brasileiras.

Em 1950, fez cursos de especialização, no Departamento, o bolsista Licenciado Juan Nacur Pereira, de Santiago, Chile.

A Fundação Rockefeller concedeu bolsa de estudos, por um período de 1 ano e meio, (1949-50) ao Dr. Antônio Brito da Cunha, para estágio e viagens de estudo nos Estados Unidos.

O Departamento tem também recebido auxílio da Fundação Rockefeller e de particulares para a compra de equipamento e financiar as pesquisas. As doações da Fundação Rockefeller já se elevam a cerca de 15.000 dólares em equipamentos, no período compreendido entre 1944-1950. Recebeu também doações dos Srs. Fábio Prado, 6.000,00 cruzeiros; Américo Capone, 38.000,00 cruzeiros; Ignacio Calfat, 15.000,00 cruzeiros; Charles Gutmann 2.000,00 cruzeiros; Th. Dobzhansky, 16.000,00 cruzeiros; Da. Lourdes Prado, 10.000,00 cruzeiros; Francisco Matarazzo Sobrinho, 25.000,00 cruzeiros.

Para o desenvolvimento de seu plano de pesquisas conta o Departamento com três estações experimentais localizadas em propriedades particulares, em diferentes regiões do Estado: dada a gentileza da Família Guimarães, proprietária da Fazenda Baguaçu, em Pirassununga; dos proprietários da Fazenda Sta. Cruz, em Vila Atlântica e da Família Pavan, proprietária da Fazenda Sta. Elisa, em Mogi das Cruzes; nessas três localidades são feitas coletas cada 45 dias aproximadamente, para o estudo de *Drosophila*, o grau de polimorfismo cromossômico de algumas delas e outros trabalhos de ecologia desses insetos.

Além dessas três estações experimentais, elementos do Departamento têm feito excursões a outras regiões do Brasil e contado com a maior boa vontade das pessoas com que têm entrado em contacto e de que têm necessitado auxílio.

Assim, várias vezes, elementos do Departamento de Biologia estiveram sediados no Instituto Agrônomo do Norte, em Belém do Pará, de cujo diretor, Dr. Felisberto de Camargo, têm recebido as maiores facilidades quanto à utilização de laboratórios, condução e pessoal daquele Instituto.

Em Goiás foram utilizadas algumas vezes as instalações da Fazenda Cooperativa Rural de Monjolinho, onde sempre tiveram à sua disposição a casa de propriedade do Dr. Haroldo Levy e a extrema dedicação e boa vontade de outros diretores da referida Cooperativa.

Nos Estados de Amazonas, Baía, Goiás, Território Federal do Acre, Rio Branco, Guaporé e Iguaçú, as vezes que necessitamos, tivemos auxílios tanto de repartições oficiais, como de particulares.

Muito se tem utilizado o Departamento, da Força Aérea Brasileira, dada a gentileza e compreensão dos problemas por nós estudados, mostradas pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, que sempre se pron-

tificou a nos fornecer passagens em aviões da FAB, para os mais distantes rincões do Brasil.

O trabalho de laboratório está principalmente focalizado na questão da genética de populações e mecanismos de evolução verificados em *Drosophilas* tropicais. É a primeira vez que se tenta um estudo dessa envergadura, que só pode ser realizado por uma equipe de trabalhadores como a que acaba de ser citada. Para realizar êsse estudo, baseado principalmente na frequência de gens letais e na frequência de inversões cromosômicas, observadas em diversas espécies de *Drosophila* de várias regiões do Brasil, foi necessário realizar viagens a tôdas as zonas ecológicas da América do Sul. Foram colhidas amostras provenientes dos territórios de Guaporé, Acre, Rio Branco e Iguaçú, Baía, Goiás, Pará, Maranhão, Paraná, Rio Grande do Sul e Distrito Federal e em São Paulo amostras repetidas (aproximadamente oito por ano) de Pirassununga, Mogi das Cruzes, Praia Grande (Vila Atlântica). Os resultados dêsse trabalho estão sendo publicados em revistas especializadas, brasileiras, americanas e inglêsas, como se pode ver na referência bibliográfica. A magnitude dêsse trabalho faz com que as experiências prossigam.

Além dêsse trabalho, ainda são feitas no laboratório pesquisas referentes à cito-genética de várias espécies de *Drosophila*, a cromossomas salivares e de outros órgãos de *Rynchosciaras* e finalmente estão sendo iniciadas pesquisas sôbre os levedos naturais, que servem de alimento às várias espécies de *Drosophila*.

A Biblioteca do Departamento de Biologia Geral é especializada e conta com a biblioteca particular do Prof. A. Dreyfus. Dispõe de 5.210 volumes e uma coleção de separatas de 4800 trabalhos catalogados. A maioria dos trabalhos diz respeito à genética, histologia e embriologia. As principais revistas assinadas pelo Departamento, são: *The American Naturalist*, *American Scientist*, *Annals of Eugenics*, *Biological Abstracts (Section A)*, *Evolution*, *Genética*, *Genetics*, *Hereditas*, *Heredity*, *The Journal of Genetics*, *Journal of Heredity*, *Proceedings of the National Academy of Sciences*, *The Quarterly Review of Biology*, *Science*, *Stain Technology*, *Ciencia y Investigación*, *Ciência e Cultura* e *Revista Brasileira de Biologia*. A organização exemplar da Biblioteca muito deve à dedicação e eficiência da bibliotecária, Da. Candida de Paula Souza.

TRABALHOS PUBLICADOS EM 1950

BARROS, Rosina de

A new species of the Genus *Drosophila*, mercatorum sub-group, with discussion about speciation in that sub-group.

Rev. Bras. de Biologia, v. 10, 3:265-278.

BLACK, G. A., Th. Dobzhansky e C. Pavan

Some attempts to estimate the species diversity and population density of trees in Brazilian forests.

Botanical Gazette, v. 3; 4:413-425.

BREUER, Marta Erps e C. Pavan

Genitalia de *Drosophila* (Diptera) e grupo *annulimana*.

Rev. Bras. de Biologia, v. 10, 4:469-488.

BURLA, Hans, A. B. da Cunha, A. G. L. Cavalcanti, Th. Dobzhansky e C. Pavan

Population density and dispersal rates in Brazilian *Drosophila willistoni*.

Ecology, v. 31, pg. 393-404.

CUNHA, A. Brito da, H. Burla and Th. Dobzhansky

Adaptive chromosomal polymorphism in *Drosophila willistoni*

Evolution, v. 4; 212-235.

DOBZHANSKY, Th., H. Burla and A. Brito da Cunha

A comparative study of chromosomal polymorphism in sibling species of the *willistoni* group of *Drosophila*.

The American Naturalist, v. LXXXIV; 229-246.

DOBZHANSKY, Th. and C. Pavan

Local and seasonal variations in relative frequencies of species of *Drosophila* in Brazil.

Journal of Animal Ecology, v. 19; 1:1-14.

DREYFUS, André

O Conceito de Espécie.

Ciência e Cultura, v. 2:92-99.

MAIA, Newton Freire

Variação intra-específica e evolução das espécies.

Ciência e Cultura, 2:1 pg. 37-38.

MAIA, Newton Freire

Eugenia e Genética de Populações.

Cultus, v. 2; 1:1-9.

PAVAN, Crodowaldo

Espécies brasileiras de *Drosophila* II.

Bol. da Fac. Fil. Cien. e Letras da Univ. de S. Paulo, Biologia Geral n. 8, pg. 1-37.

PAVAN, Crodowaldo

A variabilidade genética e sua importância na Evolução. *Ciência e Cultura*, v. 2; 3:170-183.

PAVAN, Crodowaldo, Th. Dobzhansky e Hans Burla

Diurnal behavior of some neotropical species of *Drosophila*. *Ecology*, v. 31; 1:36-44.

PAVAN, Crodowaldo e Juan Nacur

Duas novas espécies de *Drosophila* do grupo *annulimana*. *Duzenia*, v. I; pg. 263-274.

DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA

Professor: Felix Rawitscher.

Assistentes: Mário G. Ferri, Mercedes Rachid e Aylthon Brandão Joly.

Auxiliar de ensino: Berta Lange de Morretes.

ATIVIDADES CURRICULARES: Além das atividades rotineiras de ensino do curso básico, foram ministrados os seguintes cursos de especialização:

4.º Ano

1 — Ecologia vegetal: Prof. Felix Rawitscher.

2 — Culturas puras de Fungos e Bactérias: Dra. Berta Lange de Morretes.

3 — Sistemática: Dr. Aylthon Brandão Joly.

Êsses cursos (com horário flexível) têm a finalidade de estimular os alunos a fazer trabalhos independentes, acostumando-os a se utilizar da biblioteca e de outros recursos do laboratório, usando o próprio discernimento.

ATIVIDADES EXTRA-CURRICULARES:

Janeiro: Instalação da Sociedade Botânica do Brasil. Nessa reunião realizada na Universidade Rural, tomaram parte: Prof. F. Rawitscher, Drs. Mario G. Ferri, A. B. Joly e B. L. de Morretes.

Fevereiro: Exames vestibulares. A Dra. Berta Lange de Morretes fez parte da Banca Examinadora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e o Dr. A. B. Joly, da Escola Paulista de Medicina.

Abril: Excursão para coleta de material em Ilhabela. Defesa de tese de doutoramento de A. B. Joly.

Maior: O Prof. F. Rawitscher realizou, a convite da Sociedade de Biologia, duas conferências em Porto Alegre.

Julho: O Prof. F. Rawitscher representou a Universidade de São Paulo, a Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Botânica do Brasil, no Congresso Internacional de Botânica, em Stockholm, Suécia. Realizou 5 conferências na Alemanha e mais 2 pelo rádio.

O Dr. A. B. Joly realizou duas excursões para coleta de material, sendo uma a Angra dos Reis e outra a Ilhabela.

Agosto: A Dra. Mercedes Rachid, que se encontrava nos Estados Unidos, em viagem de estudos, obteve prorrogação por mais 6 meses, de uma bolsa de estudo, que lhe foi concedida pela Rockefeller Foundation, em 1949.

Setembro: Instalação da Secção Regional de São Paulo, da Sociedade Botânica do Brasil. Foi eleito Diretor dessa Secção o Dr. Mario G. Ferri.

Novembro: Excursão ao litoral Paranaense. Participantes: Drs. Mario G. Ferri, A. B. Joly e Berta L. de Morretes.

O Prof. F. Rawitscher fez parte da Banca Examinadora para livre docência do Snr. Ralph Hertel, em Curitiba.

2.^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Participaram dessa reunião, o Prof. F. Rawitscher e os Drs. Mario G. Ferri, A. B. Joly, Berta L. de Morretes e Maria Inez Rocha e Silva. O Prof. F. Rawitscher presidiu ao Simpósio sobre Reflorestamento e o Dr. Mario G. Ferri presidiu à Secção da Sociedade Botânica do Brasil. Excursão a Vila Velha compartilhada por todo o "staff" do Departamento.

Dezembro: O Dr. A. B. Joly excursionou a Peruibe para coleta de material. Realizou também excursões de curta duração a Santos, São Vicente, Vila Atlântica e Emas (Pirassununga). O Prof. Felix Rawitscher proferiu uma conferência intitulada "Viagem de um botânico através da Europa", na qual relatou as impressões da viagem que teve oportunidade de realizar em julho, como delegado da Universidade de S. Paulo ao VII Congresso Internacional de Botânica.

VISITAS: — Em agosto visitou este Departamento o Prof. H. Tamimiya, da Universidade de Tóquio. Mais recentemente recebemos as visitas do Dr. A. Ducke do Instituto Agrônomo do Norte, do Dr. Ryan da Columbia University e de vários outros cientistas.

COLÓQUIOS DE BOTÂNICA: Desde 1947 vem este Departamento realizando palestras quinzenais durante o ano letivo. Em 1950 foram realizadas as seguintes:

- 20/4 - Mario G. Ferri: Luz, riboflavina e auxina em fenômenos de crescimento.
- 4/5 - K. Silberschmidt: O fotoperiodismo das plantas à luz de pesquisas recentes.
- 25/5 - A. B. Joly: Deficit de saturação de plantas dos desertos.
- 15/6 - H. Hauptmann: Pesquisas recentes sobre o mecanismo químico da fotossíntese.
- 14/8 - H. Tamiya: Origem do oxigênio libertado na fotossíntese.
- 14/9 - A. A. Bitancourt: Comentários sobre o Congresso Internacional de Botânica em Estocolmo, Suécia.
- 28/9 - F. Rawitscher: Considerações sobre as florestas européias.
- 12/10 - A. B. Joly: Auxina e absorção de água.
- 26/10 - M. Krammer: Inibidores de plantas.

LIVRO DIDÁTICO: O Prof. F. Rawitscher publicou a 2.^a edição do livro "Elementos Básicos de Botânica Geral", ampliada pela inclusão de um capítulo sobre Fitogeografia histórica e outro sobre Fitogeografia ecológica.

PATRIMÔNIO DO DEPARTAMENTO: Foi enriquecido com a doação, pela Fundação Rockefeller, de uma geladeira, de duas balanças de torção, de um potenciômetro para medição de pH. A coleção de pranchas didáticas foi muito ampliada com a confecção, pela desenhista do Depto., Dna. Maria José Guimarães, de várias pranchas. O Herbário do Dep.o., agora sob os cuidados do Dr. A. B. Joly, está se enriquecendo rapidamente, tendo sido incorporada a êle uma secção especial para algas. Para os trabalhos do Herbário, o Depto. tem contado com a colaboração de especialistas do País e do Exterior, entre outros, do Instituto de Botânica do Estado, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, do Instituto de Botânica Darwinion (Argentina), do Dr. Lorenzo Parodi (Buenos Aires), do Museo de La Plata, do Dep.o. de Botânica (Argentina), do Depto. de Botânica da Universidade de Michigan.

TRABALHOS PUBLICADOS:

Joly, A. Brandão — "Estudo fitogeográfico dos campos de Butantã". Bol. Fac. Fil. Ciênc. e Letras. Botânica n.º 8.

- Rawitscher, F. e Schubart, O. — “Notas sôbre o movimento de água subterrânea de Emas, Pirassununga”. Bol. Fac. Fil. Ciênc. e Letras. Botânica n.º 8.
- Ferri, Mario G. e Camargo, L. Vieira — “Influence of growth substances on the pulvini of the primary leaves of bean plants”.
- Ferri, Mario G. — “Síntese, natureza química, modo de ação e inativação dos fito-hormônios”. *Rodriguesia*, 24, 3 (18).
- Ferri, Mario G. — “Riboflavina e fototropismo das articulações das folhas de feijão”. *Ciência e Cultura*, II, n.º 3.
- Ferri, Mario G. — “Fluorescence and Photoinactivation of Indoleacetic acid”. *Archiv. of Biochemistry*. No prelo.
- Rawitscher, F. — “Klimax und Pseudoklimax-Vegetation in den Tropen (Sued-Amerika)”. Contribuição para o Congresso de Estocolmo, em julho de 1950.
- Rawitscher, F. — “Elementos básicos de Botânica” (Introdução ao Estudo da Botânica). Cia. Melhoramentos.
- Ferri, Mario G. — “Photoinactivation of the plant hormone indoleacetic acid by fluorescent substances. *Nature*. No prelo.

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA

I.^a CADEIRA DE ESTATÍSTICA

Professor: Eduardo Alcântara de Oliveira.

Assistentes: Geraldo dos Santos Lima Filho e Nagib Feres.

II.^a CADEIRA DE ESTATÍSTICA

Professor: Milton da Silva Rodrigues (Diretor do Departamento).

Assistentes: Lindo Fava, José Severo de Camargo Pereira, Judith Hallier, Maria Conceição Almeida Dias Baptista.

BIBLIOTECA

Dispondo o Departamento de Estatística de uma única biblioteca, que resultou da fusão das duas bibliotecas anteriormente existentes (uma para cada Cadeira), os livros, revistas e aparelhos de que dispõe a 1.^a cadeira de Estatística são os mesmos arrolados para a 2.^a cadeira.

I.^a CADEIRA DE ESTATÍSTICA

BIBLIOTECA

N.º de volumes (livros, revistas e separatas) existentes: 1039.
Relação das revistas cujas assinaturas são permanentemente mantidas:

The Annals of Mathematical Statistics

Biometrica

Journal of the Royal Statistical Society

Estadística

Revista Brasileira de Estatística

Bulletin de l'Institut International de Statistique
Sankhyā
Journal of the American Statistical Association

Total: 8.

Coleções de revistas existentes: 36.

N.º de volumes (livros, revistas e separatas) doados à Biblioteca: 21.

N.º de separatas existentes: 229.

TRABALHOS

Foi concluído pelo prof. Eduardo Alcantara de Oliveira um trabalho de divulgação sobre "Noções elementares de Matemática", destinado aos principiantes em estatística. (Esse trabalho já se encontra no prelo).

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

Além dos cursos normais, foram ministrados os cursos abaixo, todos destinados aos alunos do curso de especialização em Estatística Analítica.

- 1 — Pelo prof. Eduardo Alcantara de Oliveira, um curso sobre "Estimação Estatística".
- 2 — Pelo assistente Geraldo dos Santos Lima Filho: a) curso sobre Análise Matemática; b) curso sobre "Matrizes e formas quadráticas".

OUTRAS INFORMAÇÕES

1. O prof. Eduardo Alcantara de Oliveira foi designado para integrar a banca examinadora de doutoramento do Licenciado José Severo de Camargo Pereira, não lhe tendo, todavia, sido possível comparecer aos trabalhos.

2. O prof. Eduardo Alcantara de Oliveira foi convidado para membro da "Econometric Society", de Chicago.

II.^a CADEIRA DE ESTATÍSTICA

PESQUISAS (*)

Houve desenvolvimento das pesquisas em andamento. Não se completou ou publicou nenhuma pesquisa que envolvesse, neste ano, a colaboração dos participantes nos trabalhos da Cadeira.

TRABALHOS

Milton da Silva Rodrigues “A Estatística e o Método Indutivo” — in “Ciência e Cultura”, Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. II, n.º 4.º, São Paulo, 1950.

José Severo de Camargo Pereira “Sobre alguns problemas das interpolações parabólicas pelo método dos mínimos quadrados. Tese de doutoramento, 1950, São Paulo.

“A Psicopatologia da Vida Quotidiana”. No prelo, in *Filosofia, Ciências e Letras*, n.º XIII.

“Da Dificuldade dos Exames de Admissão ao Ginásio”. Pesquisa realizada pelo Serviço de Medidas e Pesquisas Educacionais do Estado, no prelo, in *Revista de Educação*.

“A Educação na Antiguidade Clássica”, a ser publicado na *Revista de História*.

(*) — Aqui não se incluem as pesquisas de caráter pessoal.

DEPARTAMENTO DE FÍSICA

FÍSICA GERAL E EXPERIMENTAL

Professor: Marcelo Damy de Souza Santos.

Assistentes: Romulo Ribeiro Pieroni, Flávio Aurélio José Pucci.

Auxiliar de ensino: Aristóteles Orsini.

FÍSICA TEÓRICA E MATEMÁTICA

A Cadeira esteve, neste ano, sob a responsabilidade do Prof. Oscar Sala, contratado para ministrar o *Curso de Física Nuclear*.

Assistentes: Walter C. Schützer, Paulo Leal Ferreira e Paulo Saraiva de Toledo.

Auxiliares de ensino: Hans Albert Meyer, Andrea Wataghin e George Schwachhein.

MECÂNICA RACIONAL E MECÂNICA CELESTE

Professor: Mario Schenberg (em licença).
Abrahão de Moraes (substituto).

Assistentes: Jayme Tiomno, Paulo Sérgio Magalhães Macedo.

FÍSICA GERAL E EXPERIMENTAL

CURSOS

Os cursos desenvolvidos pela Cadeira de Física Geral e Experimental, durante o ano de 1950, foram os seguintes:

- 1.º ano, a cargo do Dr. Romulo Ribeiro Pieroni.
- 2.º ano, a cargo do Prof. Marcelo Damy de Souza Santos.
- 3.º ano, a cargo do Prof. Marcelo Damy de Souza Santos.

Curso de Física para as Secções de Ciências Naturais e Química, a cargo do Prof. Aristoteles Orsini.

Curso de Física Nuclear, a cargo do Prof. Oscar Sala, adjunto da Cadeira de Física Geral e Experimental (4.º ano da Secção de Física).

ATIVIDADE DA CADEIRA

Durante o ano de 1950, foi terminada a montagem do Bétatron de 30 milhões de electron-volts, instalado no Laboratório de Física Nuclear, na Cidade Universitária. Durante êsse período foram realizados os seguintes trabalhos com o referido aparelho:

1. Determinação da freqüência de ressonância do Bétatron.
2. Determinação do fluxo de dispersão do transformador triplicador de freqüência e ajuste de sua neutralização.
3. Estudo das variações radiais e azimutais do campo magnético do Bétatron, durante o ciclo de aceleração.
4. Localização da posição da órbita de equilíbrio.
5. Montagem do sistema de vácuo para a câmara de aceleração dos electrons.

Êsses trabalhos foram realizados com a colaboração dos Srs. José Goldenberg e Elly Silva e serão publicados oportunamente.

Os trabalhos da construção do gerador Van de Graaff, a cargo do Prof. Oscar Sala, prosseguiram normalmente, tendo sido iniciada a construção da fonte de ions.

ESTAGIÁRIOS

Durante o ano de 1950, foram realizadas, pelos estagiários, algumas pesquisas sôbre Física Nuclear, que constituirão objeto de próximas publicações.

- a) Eng.º Admar Cervellini (1.º Assistente da Escola Agrícola Luís de Queirós) — Medidas da energia da radiação beta, por métodos de absorção.
- b) Farmacêutica Rachel Gevertz (1.º assistente de Física da Faculdade de Farmácia e Odontologia) — Difusão de neutrons lentos e de ressonância em um meio moderador hidrogenado.

- c) Eng.^o Raphael de Menezes Selling (1.^o assistente da Cadeira de Físico-química da Universidade da Baía) — Preparação do UX1, MsTh2 e RaD+RaE, a partir de fontes naturais.

FÍSICA TEÓRICA E MATEMÁTICA

A Cadeira esteve, neste ano, sob a responsabilidade do Prof. Oscar Sala, contratado para ministrar o Curso de Física Nuclear aos alunos do 4.^o ano.

PARTE DIDÁTICA

Os cursos da Cadeira foram distribuídos do seguinte modo:

Curso de Física Matemática (3.^o ano):

- 1.^o semestre: Eletrodinâmica clássica, por Paulo Sérgio de Magalhães Macedo, 3 horas semanais; equações da Física Matemática, por Abrahão de Moraes, 2 horas semanais.
- 2.^o semestre: Relatividade restrita, por Paulo Sérgio de Magalhães Macedo, 3 horas semanais; equações da Física Matemática, por Abrahão de Moraes, 2 horas semanais.

Curso de Física Teórica (3.^o ano):

- 1.^o semestre: Elementos de Mecânica Estatística e Teoria Cinética, por Paulo Saraiva de Toledo, 4 horas semanais.
- 2.^o semestre: Introdução à Mecânica Ondulatória, por Paulo Sérgio de Magalhães Macedo (até Setembro) e Abrahão de Moraes (de Setembro a Novembro), 2 horas semanais.

SÔBRE O PESSOAL DA CADEIRA

A Cadeira esteve, durante o ano de 1950, sem titular, ficando, todavia, sob a responsabilidade do Prof. Oscar Sala, por indicação do Sr. Diretor da Faculdade. O Prof. Sala ministrou um curso de Física Nuclear aos alunos do 4.^o ano.

O Sr. Paulo Leal Ferreira foi comissionado pela Faculdade para trabalhar na Universidade de Roma, com o Prof. P. Caldirola. O

Sr. Paulo S. de Toledo deixou seu cargo de assistente em Julho. O Sr. Walter Schützer foi nomeado primeiro assistente da Cadeira em outubro.

TRABALHOS PUBLICADOS E TRABALHOS EM ANDAMENTO

W. Schützer — “Singularidades da Matriz S e causalidade”. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade.

P. Leal Ferreira — Sob a orientação do Prof. Schenberg, trabalhou sobre um tema de eletrodinâmica quântica, o da formulação de uma eletrodinâmica regularizada, partindo da idéia de fixar a posteriori as massas das partículas. Também em Roma o Snr. Paulo L. Ferreira trabalhou sobre a teoria quântica geral dos campos de onda e interação de mesons.

Hans A. Meyer, Andrea Wataghin e G. Schwachhein. — Realizaram duas experiências sobre a absorção de partículas de enxames penetrantes de grande e pequena abertura angular. Fizeram estudo teórico sobre os erros estatísticos em experiências de determinação da secção de choque para absorção, quando o fenômeno é selecionado de maneira invariante. Realizaram duas experiências preliminares sobre a investigação da produção múltipla de mesons no choque nucleon-proton.

MECÂNICA RACIONAL E MECÂNICA CELESTE

PARTE DIDÁTICA

Os cursos da Cadeira foram distribuídos do seguinte modo:

1. *Cálculo Vectorial* (1.º ano das secções de Física e de Matemática).
 - 1.º semestre: Paulo Sérgio de Magalhães Macedo;
 - 2.º semestre: Hans Albert Meyer (parte teórica) e Andrea Wataghin (exercícios).

Foram dadas duas horas de aula por semana, durante o primeiro semestre e três no segundo semestre.

2. *Mecânica Racional* (2.º ano das secções de Matemática e Física): Walter de Camargo Schützer (parte teórica, 3 horas semanais) e Hans Albert Meyer (exercícios, 2 horas semanais).
3. *Mecânica Analítica e Mecânica Celeste* (3.º ano das secções de Física e Matemática): Abrahão de Moraes (3 horas semanais).

4. *Mecânica Quântica* (4.º ano da secção de Física): Walter de Carmargo Schützer (3 horas semanais).

MOVIMENTO DE PESSOAL

Em março de 1950, o professor Mário Schenberg, catedrático da Cadeira, licenciado pela Faculdade, foi à Europa, para a Universidade de Bruxelas. Na mesma época, foi indicado para substituí-lo o professor Abraão de Moraes.

Em outubro de 1950, chegou dos EE.UU., onde esteve comissionado por dois anos e sete meses, beneficiado com uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, o Dr. Jaime Tiomno, que esteve na Universidade de Princeton, trabalhando com os Professores J. A. Wheeler, E. P. Wigner e P. Bargmann e obteve o título de doutor por essa Universidade.

Em Setembro de 1950, deixou a Cadeira, o Sr. Walter de Carmargo Schützer, que passou para a de Física Teórica e Física Matemática, e o Sr. Paulo Sérgio de Magalhães Macedo, que deixou a Faculdade.

TRABALHOS PUBLICADOS

1. M. Schenberg: Mechanism of the loss of energy by Collisions in a Material Medium (Bulletin de l'Université de Bruxelles, n.º 20, agosto de 1950).
2. J. Tiomno: Reflection Properties of Spin 1/2 Fields and a Universal Fermi Type Interaction (Em colaboração com C. N. Yang, Phys. Rev., 79, 495, 1945).
3. J. Tiomno: Theories of Neutrino and the Double - Decay; Princeton Dissertation, outubro de 1950 (tese de doutoramento aprovada pela Universidade de Princeton).
4. W. Schützer e J. Tiomno: Sobre a conexão das matrizes de difusão e derivada com a causalidade (Anais da Academia Brasileira de Ciências, 22, 348 a, 1950).

PESQUISAS EM ANDAMENTO

O Prof. M. Schenberg continuou suas pesquisas sobre a Mecânica Quântica e, em particular, sobre a teoria das perturbações.

O Prof. W. Schützer continuou suas pesquisas sobre a teoria da Matriz S. Parte dessas pesquisas já foram publicadas em sua tese de doutoramento.

O Dr. Tiomno continuou suas pesquisas sôbre as partículas elementares.

Enquanto esteve na Faculdade, o Sr. Paulo Sérgio de Magalhães Macedo fêz pesquisas sôbre a Electrodinâmica Quântica.

DEPARTAMENTO DE FISIOLOGIA GERAL E ANIMAL

Professor: Paulo Sawaya.

1.º Assistente: Erasmo G. Mendes.

2.º Assistente: Domingos Valente.

3.º Assistente: M. Dolores P. Gonzales.

Auxiliares de ensino:

Gertrudes S. Alterthum.

Antonieta Bruno.

João Eufrosino.

TRAÇOS GERAIS

O Departamento de Fisiologia Geral e Animal está instalado, juntamente com o Departamento de Zoologia, no segundo andar do edifício principal das instalações da Faculdade, situadas à Alameda Glette, 463. Possui também algumas dependências no sub-solo do referido edifício. Os Departamentos de Fisiologia Geral e Animal e Zoologia possuem biblioteca em comum e valem-se do mesmo material didático, confeccionado nos anos em que ambos os Departamentos funcionavam como Cadeiras sob a denominação geral de Departamento de Zoologia. Estão, também, os dois Departamentos articulados quanto ao plano de ensino. Os alunos que passam a frequentar, a partir do 3.º ano, aulas no Departamento de Fisiologia Geral e Animal, aí encontram uma orientação de ensino que, embora de cunho forçosamente fisiológico, condiz com a dos ensinamentos zoológicos adquiridos nos dois anos anteriores, nas aulas dadas no Departamento de Zoologia, em que se dá ênfase aos aspectos morfológicos, sistemáticos e ecológicos da Zoologia.

As aulas do curso fundamental de Fisiologia Geral e Animal são dadas em duas manhãs e uma tarde em cada semana, sendo a maior parte do tempo empregada na realização de exercícios práticos. De quando em quando, são efetuadas excursões para a colheita de material de estudo, no campo ou em pontos do litoral paulista. Na última semana de cada mês, realiza o Departamento um Seminário com a participação de membros de seu "staff", dos alunos e demais interessados. Nesses seminários são relatados e discutidos trabalhos de interesse recém-aparecidos na literatura mundial ou resultados de tra-

balhos efetuados no próprio Departamento. Frequentemente, são convidados, para relatores de tais seminários, cientistas de outros institutos de pesquisa locais, de outros estados e até do estrangeiro. Os alunos têm, nos seminários, a oportunidade de se familiarizarem com a pesquisa bibliográfica e a leitura de trabalhos científicos originais, podendo eventualmente participar dos mesmos como relatores. Os cursos de especialização (4.º ano) têm, pela sua própria natureza, horário variável, de acordo com escolha dos estudantes, recursos dos laboratórios e aprovação dos respectivos professores. Nos cursos de especialização, sempre que possível, o aluno tem a oportunidade de participar das investigações em curso no Departamento, o que o credenciará para, em ocasião propícia, realmente funcionar como co-autor numa pesquisa original.

MODALIDADES DE TRABALHO E EQUIPAMENTO TÉCNICO

O Departamento de Fisiologia Geral e Animal acha-se equipado para trabalhar em diversos sectores da Fisiologia, particularmente aqueles referentes à respiração e ao metabolismo de Invertebrados e Vertebrados. Assim dispõe de macro-respirômetros de vários tipos e dos indispensáveis aparelhos para análise de gases, tais como o de Haldane e o de van Slyke. No tocante à análise de pequenas quantidades de gases, dispõe da pipeta de Krogh-Jordan, de um respirômetro de Warburg-Barcroft e do recentíssimo micro-respirômetro de Scholander-Edwards. Dedicase também o Departamento ao estudo do conteúdo mineral do meio interno de Invertebrados e Vertebrados e das águas naturais, dispondo para tanto de vários aparelhos centrifugadores (um dos quais com possibilidade de se converter em ultra-centrifugador), do colorímetro foto-elétrico de Klett-Summerson e de um colorímetro portátil tipo E.E.L. Acha-se também equipado para dosagem de gases em líquidos, particularmente o oxigênio na água (método de Winkler) e cloretos da água do mar. Dispõe ainda o Departamento de dispositivo para a medida da excitabilidade (cronaxímetro) e de boa parte do indispensável à realização do curso prático administrado aos alunos.

Desde sua criação como Cadeira, o Departamento de Fisiologia Geral e Animal vem procurando imprimir às suas pesquisas uma feição que se coaduna realmente com a sua finalidade didático-científica, ou seja, o estudo comparativo, em bases fisiológicas, dos animais em geral. Particular ênfase tem sido dada ao estudo morfo-fisiológico, ou simplesmente fisiológico, de animais tipicamente nacionais ou que no país ocorrem caracteristicamente. Assim, foram já estudados ou estão em curso de estudo os seguintes animais: o protocordado *Balanoglossus*, a pirambóia amazônica (*Lepidosirem*), duas espécies de *Gymnophiona* (*Siphonops annulatus* e *Typhlonectes compressicauda*)

e a preguiça (*Bradypus*). Problemas de ordem geral, todavia, não têm fugido à sua atenção e os membros do Departamento já publicaram inúmeros trabalhos referentes a diversos tópicos da Fisiologia, tais como: a) excreção, b) composição mineral do sangue, c) mecânica da respiração, d) regulação respiratória, e) transição entre respiração aquática e respiração aérea, f) pigmentos respiratórios (hemoglobina, clorocruorina e hemocianina), g) "efeito de grupo", h) mudança de cor nos animais (fisiologia e controle hormonal dos cromatóforos), i) mecânica da circulação (particularmente a intra-cardíaca), j) transmissão química do impulso nervoso, etc. Sobretudo em estudos sobre a composição mineral do meio interno de vários animais e a das águas naturais, tem o Departamento contado com a colaboração do Dr. Rubens Salomé Pereira, Professor-Adjunto na Reitoria e designado para o Departamento de Parasitologia Médica e Zoologia da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade. Estabeleceu-se, assim, entre os dois Departamentos das duas Faculdades, cordial intercâmbio.

ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO EM 1950

A realização de maior importância do Departamento, em 1950, foi, sem dúvida, o curso de Fisiologia, dado no mesmo, pelo Prof. Carl A. F. Pantin, professor de Zoologia Experimental no Balfour Zoological Laboratory da Cambridge University. O curso versou sobre "As Bases Fisiológicas Comparativas do Comportamento Animal" e teve o condão de despertar grande interesse entre os seus participantes, bem como o de oferecer a oportunidade de tomada de contacto com um sem número de técnicas modernas de investigação, no setor da Fisiologia Nervosa e Muscular. Aproveitando a estada, entre nós, do Prof. Pantin, que é também um excelente zoólogo de campo, pôde o Departamento realizar inúmeras excursões a pontos do litoral e do interior, bem como um Simpósio de Fisiologia, sob os auspícios do Departamento de Cultura e Ação Social da Reitoria, da Sociedade de Biologia de São Paulo e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Contou esse simpósio com a colaboração do Instituto Oswaldo Cruz, do Instituto de Biofísica do Rio de Janeiro, do Instituto Biológico e da Faculdade Nacional de Medicina. O programa foi o seguinte: dia 20, às 10 hs., à al. Glette 463: Prof. Pantin, "Sobre a atividade espontânea e os fenômenos de facilitação na rede nervosa"; Prof. Carlos Chagas Filho, "Fenômenos nervosos e elétricos na descarga elétrica"; às 16 hs., no Instituto Biológico: Dr. Mario Viana Dias, "Considerações sobre os processos convulsivos"; Dr. Maurício Rocha e Silva, "Sistema nervoso e agentes farmacológicos" e Dr. Aristides Pacheco Leão, "Atividade elétrica da córtex cerebral". O Departamento também participou da 2.^a Reunião Anual

da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, realizada em Curitiba, onde seus membros relataram cêrca de 4 trabalhos. Entre os estagiários acolhidos, contam-se o Dr. Adiel Leme Zanith, da Escola Superior de Agricultura "Luís de Queirós", e o Dr. Bento Magalhães Neto, Assistente da Faculdade de Medicina de Recife.

Participação do Departamento no Boletim "Zoologia n. 15", editado pela Faculdade, em 1950:

1. Sawaya, P. and Carvalho, J. de P. — On the *Branchiostoma (Amphioxus)* of the Coast of S. Paulo.

2. Soares, B. A. M. — Sôbre o coração, o sistema nervoso estômato-gástrico e a circulação cardíaca nos escorpiões do gênero *Tityus* C. L. Koch, 1836.

Entre outras contribuições do Departamento podem ainda ser citadas:

1. Ao Congresso de Química de Gratz: Rubens Salomé Pereira — Determinação fotométrica do ácido oxálico.

2. Às "Publicazione della Stazione Zoologica Di Napoli", v. XXII, f. 3 (1950): Erasmo G. Mendes — "On the Respiratory Function of Chlorocruorin".

Finalmente, o Prof. Paulo Sawaya, no decurso de 1950, esteve colaborando com o Dr. N. Ambache (do Ophthalmological Research Unit, Institute of Ophthalmology, University of London), em pesquisas sôbre o órgão elétrico da raia denominada Treme-Treme (*Narcine brasiliensis*), que dentro em breve serão publicadas.

OUTROS TRABALHOS

SAWAYA, Paulo — Respiração dos Vertebrados. *Cultus*, n.º 2, pp. 1-3. S. Paulo.

SAWAYA, Paulo — Reencontro de *Balanoglossus gigas* Fr. Muller no litoral brasileiro. *Bol. Inst. Paul. Oceanografia*, v. 1, n. 1, pp. 135-138. São Paulo.

SAWAYA, Paulo & CARVALHO, J. de Paiva — Achegas ao Dicionário dos animais do Brasil, de Rodolpho von Ihering.

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA FÍSICA

Professor: João Dias da Silveira.

Assistente: Elina de Oliveira Santos.

Auxiliares de ensino: Maria de Lourdes P. Radesca, Aziz Nacib Ab'Sáber e João Soukup.

GEOGRAFIA DO BRASIL

Professor: Aroldo de Azevedo.

Assistente: José Ribeiro de Araujo Filho.

Auxiliar de ensino: Antonio Rocha Penteado.

GEOGRAFIA HUMANA

Professor: Ary França.

Auxiliares de ensino: Renato da Silveira Mendes e Nice Lecocq-Müller.

BIBLIOTECA

O Departamento de Geografia possui cêrca de 1.000 volumes (livros e publicações avulsas), distribuidos em uma Biblioteca Geral (que contém as coleções de revistas e as obras de Geografia Regional) e em três Bibliotecas Especializadas (correspondentes às três cadeiras que constituem o Departamento: Geografia Física, Geografia Humana e Geografia do Brasil).

O Departamento possui as obras de maior importância dentro do campo da Geografia, convindo destacar a existência da coleção completa da "Géographie Universelle" de Vidal de La Blache e Lucien Gallois.

Entre as revistas de que o Departamento dispõe de coleções (completas ou incompletas), cumpre destacar: "Revista Brasileira de Geografia", "Boletim Geográfico", "Boletim Paulista de Geografia", "I.G.G.", "Observador Econômico e Financeiro", "Revista de Histó-

ria”, “Mineração e Metalurgia”, “Conjuntura Econômica”, “Revista Brasileira de Economia”, “Revista Brasileira de Estatística”, “Revista Industrial de São Paulo”, “Bragantia”, “Arquivos do Museu Paranaense”, “Arquivos de Higiene e Saúde Pública”, “Revis'a Florestal”, “Revista do Arquivo Municipal”, entre as nacionais; e “Annales de Géographie”, “Geographical Review”, “Economic Geography”, “Geographical Journal”, “Les Cahiers d’Outre-Mer”, “Annals of the Association of American Geographers”, “Canadian Geographical Journal”, “Révúe de Géographie Alpine”, “Revista Geografica Italiana”, “Révúe de Géographie Humaine et d’Ethnologie”, Révúe Tunisienne”, “Bulletin de l’Institut Français d’Afrique Noire”, “Bolletino della Società Geográfica Italiana”, “Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa”, “New Zealand Geographer”, “Bulletin de la Société Neuchateloise de Géographie”, “Revista Geográfica Americana”, “National Geographic Magazine”, entre as estrangeiras.

Entre as 12 e as 18 horas, exceto aos sábados, os livros e revistas do Departamento ficam à disposição dos que desejarem consultá-los, não sendo permitida a retirada de volumes. No período da manhã, de 8 às 12 horas, as Bibliotecas podem ser consultadas todos os sábados; noutros dias, quando houver assistente de plantão no Departamento.

MAPOTECA

Possui o Departamento dois armários especialmente construídos para a guarda de mapas: um localizado na Biblioteca Geral e outro no gabinete de Geografia Humana.

O total de mapas existentes no Departamento eleva-se a 1530, em que se incluem as melhores cartas nacionais (gerais e regionais), e coleções de cartas referentes à França e aos Estados Unidos.

Entre os mapas nacionais, destacam-se: Carta Internacional ao Milionésimo, Fôlhas Topográficas do Estado de São Paulo, Fôlhas Topográficas do Estado de Minas Gerais, Mapa Aerofotogramétrico do Município de São Paulo, Cartas dos Municípios Paulistas, etc. Entre os mapas estrangeiros, queremos destacar as Cartas do Estado-Maior da França e as fôlhas referentes ao continente americano da “World Aeronautical Chart”, além de fôlhas concernentes aos Estados-Unidos, à França, à Itália, etc.

PESQUISAS E TRABALHOS DE CAMPO

No decorrer do ano de 1950, o Departamento de Geografia concentrou a atenção dos alunos sôbre a região de *Cotia*, até onde foram realizadas numerosas excursões didáticas e de pesquisas. Além disso,

os membros do Departamento levaram a efeito trabalhos de campo nas seguintes áreas: *Baixada do Ribeira* (Prof. João Dias da Silveira), *Baixada do rio Itanhaém* (Prof. J. R. Araujo Filho), *Ilha de São Sebastião* (Prof. Ary França), *Região de Sorocaba* (Profa. Elina Oliveira Santos), *Região de Santa Isabel* (Prof. Aziz Nacib Ab'Saber), *Região de Bragança Paulista* (Prof. Antonio Rocha Penteado), *Região de Olímpia* (Profa. Ely Goulart Pereira de Araujo) e *Vale do Itapecuru e São Luís do Maranhão* (Prof. Aroldo de Azevedo).

COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS

No segundo semestre de 1950, os membros do Departamento, sob a direção do Prof. Louis Papy, titular da cátedra de Geografia Humana, realizaram reuniões destinadas à discussão do conceito de *Região Tropical*. Além disso, no decorrer do ano, tiveram lugar as habituais aulas de seminário (leitura e interpretação de cartas, interpretação de gráficos, orientação metodológica e bibliográfica), a cargo de cada uma das Cadeiras do Departamento.

TÍTULOS E DISTINÇÕES

Em junho de 1950, defendeu tese e obteve o título de *Doutor em Ciências* (Geografia) o prof. José Ribeiro de Araujo Filho, 1.º assistente da Cadeira de Geografia do Brasil. Em dezembro, concorreu à cátedra de Geografia Física e obteve o título de *Professor Catedrático* o Prof. Dr. João Dias da Silveira, que já era seu titular interino.

Por outro lado, foram eleitos *sócios efetivos* (geógrafos) da Associação dos Geógrafos Brasileiros os Profs. Antonio Rocha Penteado, Aziz Nacib Ab'Sáber, José Ribeiro de Araujo Filho e Nice Lecocq-Müller, auxiliares de ensino do Departamento.

COLABORAÇÃO COM OUTRAS INSTITUIÇÕES

Os membros do Departamento continuaram, em 1950, a prestar sua estreita colaboração à *Associação dos Geógrafos Brasileiros*, quer tomando parte nas reuniões bimensais de sua Secção Regional de São Paulo e nas reuniões anuais de sua Assembléia Geral, quer realizando palestras, colaborando no "Boletim Paulista de Geografia" e figurando em cargos de sua direção.

Além disso, o Departamento continuou mantendo relações com o *Conselho Nacional de Geografia*.

EXCURSÕES

No decorrer do ano de 1950, os membros do Departamento tomaram parte em numerosas excursões, nas seguintes áreas:

a) *Excursões de caráter didático*: Itaquera, Cotia, Santos, Baixada do Ribeira e região de Botucatu;

b) *Excursões de pesquisas*: Belo Horizonte, Barão de Cocais, maciço do Caraça, Baixada do Ribeira, Baixada de Itanhaém, ilha de São Sebastião, região de Sorocaba, região de Santa Isabel, região de Bragança Paulista, Serra do Mar e Baixada do Cubatão, região de Olímpia, Teresina, vale média e inferior do rio Itapecuru (Maranhão), São Luís do Maranhão e Fortaleza (Ceará).

TRABALHOS PUBLICADOS

- Ab'Sáber (Aziz Nacib) — *Contribuição ao estudo do sudoeste goiano* (em col. com Miguel Costa Júnior), in "Boletim Paulista de Geografia", n.º 4, março.
- Ab'Sáber (Aziz Nacib) — *A Serra do Mar e a Mata Atlântica em São Paulo: comentários às fotografias aéreas de Paulo C. Florençano* — in "Boletim Paulista de Geografia", n.º 4, março.
- Ab'Sáber (Aziz Nacib) — *Bases geoeconômicas da indústria siderúrgica brasileira* — in "Suplemento econômico d'"O Estado de São Paulo".
- Araújo (Ely Goulart Pereira de) — *Alguns aspectos da paisagem rural no município de Olímpia*, in "Boletim Paulista de Geografia", n.º 5, julho, S. Paulo.
- Araújo Filho (José Ribeiro de) — *O caiçara na região de Itanhaém*, in "Paulistânia", n.º 32, janeiro-fevereiro, S. Paulo.
- Araújo Filho (José Ribeiro de) — *O homem e suas atividades econômicas num trecho do litoral paulista: a baixada de Itanhaém* (I. Uma vida econômica modesta), in Suplemento Comercial e Industrial de "O Estado de São Paulo", agosto, São Paulo.
- Araújo Filho (José Ribeiro de) — *A "vila" de Itanhaém*, in "Boletim Paulista de Geografia", n.º 6, outubro. São Paulo.
- Araújo Filho (José Ribeiro de) — *O homem e suas atividades econômicas num trecho do litoral paulista: a baixada de Itanhaém* (II. A cultura da banana), in Suplemento Comercial e Industrial de "O Estado de São Paulo", novembro, São Paulo.

- Azevedo (Aroldo de) — *Recôncavo da Bahia* (Estudo de geografia regional), in “Revista da Universidade de São Paulo”, ano I, n. 1, janeiro-fevereiro, São Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *O Professor*, in “Atualidades Pedagógicas”, ano I, n. 1, janeiro-fevereiro, São Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *O ensino da Geografia no curso primário*, in “Atualidades Pedagógicas”, ano I, n. 2, março-abril, São Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *Brasil Central* (A proposito de um artigo e de uma opinião), in “A Gazeta”, 14 de junho, São Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *Brasil Central* (Desfazendo uma injustiça pelo bem da verdade), in “A Gazeta”, 7 de julho, São Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *Os Sertões e a Geografia*, in “Boletim Paulista de Geografia”, n.º 5, julho, S. Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *São Paulo, metrópole moderna* (comentários a fotografias aéreas), in “Boletim Paulista de Geografia”, n. 5, julho, São Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *Regiões climático-botânicas do Brasil*, in “Boletim Paulista de Geografia”, n. 6, outubro, São Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *Concurso de Geografia para o magistério secundário do Estado de São Paulo*, in “Atualidades Pedagógicas”, ano I, n. 6, novembro-dezembro, São Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *Juazeiro e Petrolina, cidades gêmeas*, in “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, vol. XLV, S. Paulo.
- Azevedo (Aroldo de) — *Geografia Humana do Brasil* — obra destinada à 3.^a série colegial. 268 pp. — Cia. Editora Nacional. São Paulo.
- França (Ary) — *Novas diretrizes em Geografia Humana*, in “Boletim Paulista de Geografia”, n.º 5, julho. São Paulo.
- Mendes (Renato da Silveira) — *Paisagens culturais da Baixada Fluminense* — in Boletim n. CX (Geografia n. 4), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- Papy (Louis) — *Os sistemas de culturas e suas modalidades* — in “Boletim Paulista de Geografia”, n. 6, outubro.
- Penteadó (Antônio Rocha) — *Paisagens do Tietê* (comentários a fotografias aéreas), in “Boletim Paulista de Geografia”, n. 6, outubro, S. Paulo.

Silveira (João Dias da) — *Baixadas litorâneas quentes e úmidas* —
Tese de concurso à Cadeira de Geografia Física da Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA

ANÁLISE MATEMÁTICA

Professor: Omar Catunda.
Assistente: Elza Furtado Gomide.

ANÁLISE SUPERIOR

Professor: Edison Farah.

GEOMETRIA ANALÍTICA, PROJETIVA E DESCRITIVA

Professor: Benedito Castrucci.
Assistente: Geraldo dos Santos Lima Filho.

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO

Número de volumes da biblioteca: 6.753.

Revistas assinadas: *Mathematical Reviews*, *Transactions of The American Mathematical Society*, *Bulletin of the A. M. S.*, *American Journal of Mathematics*, *Duke Mathematical Journal*, *Journal de Mathématiques Pures et Appliquées*, *Annales de l'École Normale Supérieure*, *Proceedings of the London Mathematical Society*, *Journal of the London Mathematical Society*, *Quarterly Journal of Mathematics*, *Mathematische Annalen*, *Mathematische Zeitschrift*, *Commentarii Mathematici Helvetici*, *Acta Mathematica*.

Revistas existentes: coleções completas de: *Mathematical Reviews*, *Transactions of the A. M. S.*, *Bulletin of the A. M. S.*, *Annales de l'École Normale Supérieure*, *Jahrbuch über die Fortschritte des Mathematik*, *Zentralblatt für Mathematik*, *Atti della Reale Accademia dei Lincei*, *Mathematische Annalen*, *Acta Mathematica*, *Rendiconti del Circolo Matematico di Palermo*, *Commentarii Mathematici Helvetici*, *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. Coleções parciais de: *American Journal of Mathematics*, *Fundamenta Mathematicae*, *Annali di Matematica*, *Annali dell'Istituto Veneto*, *Atti della Società Italiana per il Progresso della Scienza*, e outras diversas publicações de universidades italianas, etc.

Obras Raras:

Possuímos a coleção da "Encyclopädie der Mathematischen Wissenschaften, até 1934, da qual temos também alguns exemplares da edição francesa. Além disso, possuímos as obras completas de vários autores, destacando-se as de Galileu, Huyghens, Gauss, Jacobi, Weierstrass, W. Thompson Hermite, Riemann, Kronecker, Klein, G. Birkhoff, Schwarz.

A biblioteca está aberta durante o dia todo e à noite, no horário do Curso Noturno. Os alunos e pessoas conhecidas dos professôres são autorizados a retirar livros com prazo que varia entre 3 e 7 dias ou um mês. Está aberta ao público.

ANÁLISE MATEMÁTICA

TRABALHOS

Em 1950 a assistente Elza Gomide terminou a elaboração de uma tese intitulada "Sôbre o teorema de Artin-Weil", com a qual obteve o grau de doutor em Ciências Matemáticas.

Foi também terminado o livro de Matemática para o 2.º ciclo, 3.ª série, da Editora do Brasil, do qual uma parte foi escrita pelo professor da Cadeira, Dr. Omar Catunda.

Foram publicados na Revista "Trópicos", do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, dois artigos sob o título "Notas de Matemática", de Omar Catunda.

CURSOS

O Prof. Dr. Omar Catunda desenvolveu para os alunos de Física e Matemática, do 4.º ano, um curso livre sôbre "Funções Especiais".

ANÁLISE SUPERIOR

PESQUISAS E TRABALHOS

Sôbre a medida de Lebesgue. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para doutoramento em Ciências (Matemática), 30/12/1950.

Sôbre uma desigualdade para as L-integrais das funções com valores complexos. Trabalho apresentado à Sociedade de Matemática de São Paulo, em dezembro de 1950.

Matemática, 3.^a Série Colegial — Edit. do Brasil S/A, 1950. (Em colaboração).

TÍTULOS

Doutor em Ciências (Matemática) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 30-12-1950.

Membro da banca examinadora de Doutorado em Ciências (Matemática) da Profa. Elza Furtado Gomide, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Novembro de 1950.

Presidente da Banca Examinadora de Matemática no Concurso de Ingresso no Magistério Secundário e Normal Oficial do Estado de São Paulo, realizado em 1950.

GEOMETRIA ANALÍTICA, PROJETIVA E DESCRITIVA

PUBLICAÇÕES

1. Apostilas do Curso de Geometria Projetiva da Escola Politécnica, 1949-1950.
2. Capítulos de Geometria Elementar e Geometria Analítica do livro MATEMÁTICA, 3.^a Série Colegial — Editora do Brasil S/A, 1950.
3. Caderno n.º 16 da Escola Politécnica — Exercícios de Geometria Projetiva, redação dos assistentes João Batista Castanho e Miguel Oliva Feitosa, 1950.
4. Considerações sôbre o Teorema de Euler — Revista "Cultus", Ano II, n.º 5, 1950.

OUTRAS ATIVIDADES

1. No Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizado em Curitiba, no período de 5 a 12 de novembro de 1950, apresentou uma nota sôbre "Cálculo da ordem do Grupo das Homografias do Espaço Projetivo N-dimensional, sôbre

um corpo de ordem $q = p^n$ ", e fez uma palestra sobre o "Ensino da Matemática".

2. Foi examinador nos doutoramentos de Elza Furtado Gomide, João Batista Castanho e Edison Farah, em 1950.

PROF. GERALDO DOS SANTOS LIMA FILHO

Como assistente deu as aulas de Exercícios da Cadeira, bem como o Curso de Geometria Descritiva para o segundo ano. Além disto, preparou a tese: "Sobre Projetividades Planas sobre o Corpo Primo de Característica 2".

DEPARTAMENTO DE MINERALOGIA E PETROGRAFIA

Professor: Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama.
Assistentes: Rui Ribeiro Franco, William G. Rolim de Camargo e José Moacyr Vianna Coutinho.

Durante o ano de 1950, o Departamento de Mineralogia e Petrografia prosseguiu em seu programa de trabalho traçado em anos anteriores. Algumas pesquisas foram concluídas e outras tiveram início. Houve sensível acréscimo de material de pesquisa e material didático e intensificou-se o intercâmbio de material de estudo com o estrangeiro, principalmente com os Estados Unidos (U. S. National Museum), Inglaterra (British Museum) e Itália (Istituto di Mineralogia, Real Università di Roma). A biblioteca teve suas coleções aumentadas.

A revista técnica, "Mineração e Metalurgia", que vinha sendo impressa em São Paulo, sob a direção técnica de Rui Ribeiro Franco (diretor técnico) e Sergio Estanislau do Amaral (secretário), desde junho de 1947, foi novamente transferida para o Rio de Janeiro, em agosto de 1950.

CORPO DOCENTE

O Prof. Dr. Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama — diretor do Departamento — esteve afastado da direção por se achar comissionado junto à Escola Superior de Guerra, na Capital Federal, desde junho de 1950. Durante o ano de 1950, foi distinguido por duas sociedades norte-americanas, tornou-se membro da American Geophysical Union e *fellow* da Geological Society of America.

O Dr. Rui Ribeiro Franco — assistente e diretor interino do Departamento — regressou dos Estados Unidos em julho de 1950, onde com bolsa de estudo oferecida pelo United States Geological Survey, Departamento of the Interior, Washington, D.C. e pelo Departamento de Estado, realizou trabalhos de especialização no U.S. Geological Survey e no Geophysical Laboratory (Carnegie Institution of Washington).

De agosto a setembro de 1949, praticou com Miss Jewell J. Glass, do United States Geological Survey, os métodos norte-americanos usados na determinação de minerais por meio do método de imersão.

Com ela estudou alguns minerais da região de Serroete, Estado de São Paulo, tendo sido verificada a existência de um fosfato novo. Os resultados dessa pesquisa estão sendo coordenados para breve publicação.

De setembro de 1949 a abril de 1950, trabalhou no Geophysical Laboratory, Carnegie Institution of Washington, D. C., como pesquisador visitante. Aí, com J. F. Schairer trabalhou no sistema térmico entre feldspatos sintéticos. Os resultados serão publicados em "The Journal of Geology", vol. 59, N.º 3, May 1951, 259-267, sob o título "Liquidus temperatures in mixtures of the feldspars of soda, potash, and lime". Com N. L. Bowen, do mesmo Laboratório, trabalhou no sistema anortita-feldspato potássico-água, para a verificação da existência de soluções sólidas entre os dois feldspatos. Essa pesquisa será terminada pelo Prof. Dr. Bowen. Enquanto nos Estados Unidos, publicou um artigo sobre o Geophysical Laboratory, que saiu no n.º 84, vol. XIV, março-abril de 1950, da revista técnica "Mineração e Metalurgia".

Em novembro de 1949, assistiu ao Congresso Anual de Geologia, patrocinado pela American Geological Society, na cidade de El Paso.

De maio a junho de 1950, viajou pelo Estado da Califórnia, tendo feito parte do grupo de geólogos norte-americanos que estudava as formações geológicas da região de Redding, Califórnia, para o aproveitamento das jazidas de cobre de origem hidrotermal.

Em novembro de 1950, foi eleito *fellow* da Mineralogical Society of America. Neste mesmo mês, durante o IV Congresso de Geologia da Sociedade Brasileira de Geologia, em Ouro Preto, foi eleito secretário da Sociedade. Foi eleito, ainda, em 1950, presidente da Associação dos Ex-Alunos de História Natural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O Dr. William Gerson Rolim de Camargo — assistente — está trabalhando atualmente em sua tese de livre-docência, trabalho que versará sobre texturas de ex-solução em minerais opacos de várias jazidas brasileiras (Morro Velho, Dom Bosco, Ipanema e Apiaí). Introduziu novas técnicas no polimento de minerais opacos.

O Lic. José Moacyr Vianna Coutinho — assistente — terminou, em outubro de 1950, sua tese de doutoramento, a qual será defendida em março de 1951. O trabalho versará sobre "Geologia e Petrografia da Região de São Roque, São Paulo".

Lic. Sergio Estanislau do Amaral — auxiliar da revista técnica "Mineração e Metalurgia".

ESTAGIÁRIO

O Eng.º Agrônomo Armando Guidetti Zagatto — assistente da Escola Superior de Agricultura "Luís de Queirós" — frequentou, duran-

te o ano de 1950, o Departamento de Mineralogia e Petrografia, como estagiário.

EXCURSÕES

O Departamento de Mineralogia e Petrografia participou do IV Congresso Brasileiro de Geologia, realizado em novembro de 1950, na cidade de Ouro Preto, Estado de Minas Gerais.

DEPARTAMENTO DE QUÍMICA

QUÍMICA GERAL E INORGÂNICA E QUÍMICA ANALÍTICA

Professor: Heinrich Rheinboldt.

Assistentes: Paschoal Senise, Ernesto Giesbrecht, Madeleine Perrier.

Auxiliares de ensino: Marco Antonio Cecchini, Luís Roberto Moraes Pitombo.

QUÍMICA ORGÂNICA E BIOLÓGICA:

Professor: Heinrich Hauptmann.

Assistentes: Jandyra França Barzaghi, Marcello Moura Campos, Lucy Lacerda Nazario.

Auxiliar de ensino: Blanka Wladislaw.

FÍSICO-QUÍMICA E QUÍMICA SUPERIOR

Professor: Simão Mathias.

Assistente: Astréa Mennucci Giesbrecht.

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO

A biblioteca é essencialmente um órgão de consulta que se destina aos trabalhos de pesquisa do corpo docente. É, porém, frequentemente consultada por pessoas pertencentes a outras Faculdades da Universidade, a instituições estaduais e à indústria particular. Se bem que as séries das revistas originais sejam ainda muito incompletas, os léxicos e as séries das revistas de relatórios possibilitam encontrar a informação literária, a partir do ano 1848, de modo que assim se pode procurar o trabalho original em outra biblioteca (p. e. microfilme). Esperamos, porém, poder completar lentamente as séries das revistas mais importantes e preencher as lacunas causadas pela última guerra.

<i>Número de volumes existentes em 1950:</i>	revistas	1065
	livros	503
		<hr/>
	T o t a l =	1568

RELAÇÃO DAS REVISTAS ASSINADAS

Chemical Reviews, Annales de Chimie, Annalen der Chemie, Chemical Abstracts, Analytical Chemistry, Helvetica Chimica Acta, Chemisches Zentralblatt, Gazzetta Chimica Italiana, Journal of Polymer Science, Journal of Chemical Physics, Journal of Organic Chemistry, Annual Review of Biochemistry, Journal of Chemical Education, Journal of the Chemical Society, Journal of Biological Chemistry, Berichte der Chemischen Gesellschaft, Industrial and Engineering Chemistry, Zeitschrift fuer Anorganischen Chemie, Zeitschrift fuer Physikalische Chemie, Journal of the American Chemical Society, Recueil des Travaux Chimiques des Pays-Bas, Annual Report on the Progress of Chemistry, Journal of Physical and Colloidal Chemistry, Transactions of the Faraday Society, with Discussions, Bulletin de la Société Chimique de France - Mémoires et Documentation.

COLEÇÕES DE REVISTAS EXISTENTES

- Berichte der Deutschen Chemischen Gesellschaft — 126 volumes
Ano — 1869 a 1911
- Zeitschrift für angewandter Chemie — 24 volumes
Ano — 1895 — 1897 a 1900 — 1902 a 1904 — 1909 —
1911 a 1915 — 1936
- Acetylen in Wissenschaft und Industrie — 3 volumes
Ano — 1901 a 1903
- Chemisches Zentralblatt — 164 volumes
Ano — 1873 a 1934 — 1942
- Química e Indústria — 1 volume
Ano — 1933-1934
- Journal of Chemical Education — 31 volumes
Ano — 1924 a 1949
- Jahresbericht die Fortschritte der Chemie — 103 volumes
Ano — 1847 a 1910
- Die Chemische Fabrik — 4 volumes
Ano 1932 a 1936
- Stahl und Eisen — 2 volumes
1936
- Zeiss-Nachrichten — 1 volume
Ano 1932 — 1936

E. Merck's Jahresbericht — 3 volumes

Ano — 1934 a 1936

Annual Reports on the Progress of Chemistry — 14 volumes

Ano — 1934 a 1941 — 1944 a 1949

Annual Review of Biochemistry — 20 volumes

Ano — 1932 a 1948 — 1950

Zechmeister L. Fortschritte der Chemie Organischer Naturstoffe —
2 volumes

Ano — 1938 — 1939

Biochemische Zeitschrift — 22 volumes

Ano — 1906 a 1909

Helvetica Chimica Acta — 39 volumes

Ano — 1918 a 1940 — 1942 a 1949

Recueil des Travaux Chimiques des Pays-Bas — 4 volumes

Ano — 1938 — 1939

Journal of the Chemical Society — 86 volumes

Ano — 1914 a 1940 — 1941 a 1943 — 1945 a 1949

Gazzetta Chimica Italiana — 10 volumes

Ano — 1938 — 1939 — 1941 a 1948

Chemical Reviews — 15 volumes

Ano — 1940 — 1941 — 1943 a 1949

Journal of Organic Chemistry — 13 volumes

Ano — 1936 a 1949

Journal für Praktische Chemie — 38 volumes

Ano — 1910 a 1940

Annalen der Chemie (Justus Liebig) — 17 volumes

Ano — 1934 a 1940 — 1950

Zeitschrift für Physiologische Chemie — 12 volumes

Ano — 1935 — 1937 a 1939

Zeitschrift für Anorganische und Allgemeine Chemie — 9 volumes

Ano — 1935 a 1940

Journal of the American Chemical Society — 71 volumes

Ano — 1918 a 1949

The Journal of Biological Chemistry — 56 volumes

Ano — 1939 a 1949

- Chemical Abstracts — 46 volumes
Ano — 1936 a 1949
- Industrial and Engineering Chemistry — Ind. Edition — 15 volumes
Ano — 1940 — 1941 — 1943 a 1949
- Industrial and Engineering Chemistry — Anal. Edition — 20 volumes
Ano — 1929 a 1941 — 1943 a 1949
- Chemical and Engineering News — 2 volumes
Ano — 1943
- Zeitschrift für Physikalische Chemie — Abteilung A — 2 volumes
Ano — 1935
- Zeitschrift für Physikalische Chemie — Abteilung B — 2 volumes
Ano 1935
- Zeitschrift für Physikalische Chemie — 19 volumes
Ano — 1913 a 1916 — 1918 a 1923
- Bulletin de la Société Chimique de France — 13 volumes
Ano — 1938 — 1939 — 1941 — 1944 — 1948 — 1949
- Mikrochemie vereinigt und Mikrochimica Acta — 2 volumes
Ano — 1937 a 1939
- Annales de Chimie — 6 volumes
Ano — 1941 a 1943 — 1947 — 1948
- Bulletin de la Société de Chimie Biologique — 3 volumes
Ano — 1941 a 1943
- Transactions of the Faraday Society — 9 volumes
Ano 1945 a 1949
- The Journal of Chemical Physics — 3 volumes
Ano — 1945 — 1946 — 1949
- Zeitschrift für Elektrochemie und Angewandte Physikalische Chemie
— 1 vol.
Ano — 1937
- Revista da Sociedade Brasileira de Química — 1 volume
Ano — 1940
- Anais da Academia Brasileira de Ciências — 4 volumes
Ano — 1946 a 1949
- Journal of Physical and Colloid Chemistry — 2 volumes
Ano — 1947 — 1949

Journal of Polymer Science — 3 volumes
Ano — 1947 a 1949

Fiat Review — 22 volumes
Ano — 1939 — 1946

QUÍMICA GERAL E INORGÂNICA E QUÍMICA ANALÍTICA

CURSOS

No ano letivo de 1950, foram dados os seguintes cursos:

Química Analítica I. — Curso prático de 26 horas semanais com um seminário quinzenal. Instrução na técnica do laboratório. Química analítica dos elementos sódio, potássio e do radical amônio; de magnésio, cálcio, estrôncio e bário; de cobalto, níquel, manganês, zinco, ferro, alumínio e cromo. Reconhecimento analítico de todos os ácidos. Execução de 25 análises com separações dos membros de cada grupo analítico e dos diversos grupos um do outro, junto com o reconhecimento dos diversos anions coexistentes.

Química Analítica II. — Curso prático de 32 horas semanais com um seminário quinzenal. Continuação do curso I tratando a química analítica dos elementos prata, mercúrio, chumbo, cobre, cádmio, arsênico, antimônio e estanho. Execução de 9 análises do conjunto desses elementos. Química analítica dos elementos raros. Execução de 6 análises totais e de 12 análises de produtos industriais, de minerais e minérios. Análise final. Começo de análise quantitativa com 9 exercícios.

Química Analítica III. — (Continuação do curso II). Curso prático de 28 horas semanais com um seminário quinzenal. Análise quantitativa gravimétrica e volumétrica, colorimetria, eletroanálise. Execução de 30 tarefas de determinações e separações quantitativas, aplicadas também a produtos industriais e minerais.

Desses cursos participaram os assistentes Dr. P. Senise e Dr. E. Giesbrecht e os auxiliares de ensino M. Cecchini e R. M. Pitombo.

O ensino de todos os cursos práticos é de caráter esritamente individual, tendo-se esta forma, ao contrário do "ensino em série" cu em turmas, revelado a mais eficiente sob o ponto de vista pedagógico.

Aula de Química Superior. — Duas aulas semanais, dando no 1.º semestre um suplemento da Aula experimental de Química Inorgânica, e tratando no 2.º semestre da química dos compostos de ordem superior, de sua teoria, constituição e isomerias. Esta aula é acompanhada de grande número de experiências e de demonstrações (Assistente das experiências, Dra. M. Perrier).

Durante os períodos das férias, foi dada aos três melhores alunos do 3.º ano a oportunidade de trabalhar no laboratório de pesquisa, para se exercitarem na prática da química preparativa.

ATIVIDADE CIENTÍFICA — Todo o grupo docente dedicou-se à pesquisa. Durante o ano de 1950, apareceram as seguintes publicações:

H. Rheinboldt e E. Giesbrecht: Selenenyl Selenocyanates, *J. Am. Chem. Soc.* 72, 866 (1950).

H. Rheinboldt e M. Perrier: Thiocyanates d'acides séléniques aromatiques. I., *Bull. Soc. Chim. France* (5) 17, 245 (1950).

H. Rheinboldt: Cinqüentenário da Reação de Grignard, *Ciência e Cultura*, 2, 131 (1950).

H. Rheinboldt e E. Giesbrecht: Selenenylthiolate, *Liebigs Ann.* 568, 197 (1950).

H. Rheinboldt e H. Vieira de Campos: Triphenylmethyl Selenocyanate, *J. Am. Chem. Soc.* 72, 2784 (1950).

H. Rheinboldt e M. Perrier: Thiocyanates d'acides séléniques aromatiques. II. Réaction avec l'acétone, *Bull. Soc. Chim. France* (5) 17, 759 (1950).

H. Rheinboldt: Robert Bunsens Vorlesung über Allegemeine Experimentalchemie, *CHYMIA* (Philadelphia), III, 223 (1950).

H. Rheinboldt: Fifty years of the Grignard reaction, *J. Chem. Education* 27, 476 (1950).

H. Rheinboldt: Jöns Jacob Berzelius. A vida. *SELECTA CHIMICA* 9, 1 (1950).

No decorrer do ano, foi composto o manuscrito de um Boletim que conterà 18 trabalhos executados com assistentes e doutorandos da Cadeira, e entregue à tipografia em novembro. Na composição desse manuscrito colaborou a Dra. M. Perrier.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA — No Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Curitiba (5-11 de novembro), foi proferida uma conferência sobre: "A tese de doutoramento de Jorge Tibiriçá (Zurich, 1879)" e fez-se relato sobre "Os problemas do ensino universitário da Química" (*H. Rheinboldt*). Foram apresentados os seguintes trabalhos:

E. Giesbrecht: Sistemas binários de benzoato de fenilo, tiobenzoato e selenobenzoato de fenilo.

M. Perrier: Sobre a possibilidade de substituição isomorfa do cianogruppo pelos halogênios em compostos orgânicos.

M. A. Cecchini: Sôbre a possibilidade da substituição isomorfo-gênea do oxigênio ou enxofre pelo imino ou metileno-grupo.

Ver: *Ciência e Cultura*, 2, 291-292 (1950).

Também apresentaram trabalhos os drs. *F. Berti* e *G. Cilento*.

O *Dr. P. Senise*, 1.º assistente da Cadeira, foi comissionado, a partir de 1.º de novembro, para aperfeiçoar-se durante um ano nos métodos analíticos, em diversas Universidades dos Estados Unidos.

Por esta razão, foi contratado em março o bacharel *L. R. M. Pitombo*, para, depois de um período de instrução, poder substituí-lo na supervisão do curso analítico do 2.º ano.

Na banca do exame vestibular da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo, tomou parte o auxiliar de ensino *M. A. Cecchini*.

Em outubro uma turma de 30 alunos dos 2.º e 3.º anos fizeram uma excursão à Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda.

Dedicaram-se ao trabalho experimental de suas teses de doutoramento os snrs. *M. A. Cecchini* e *L. R. M. Pitombo*.

A Cadeira recebeu da Comissão de Pesquisa Científica da Universidade de S. Paulo uma doação de 9.200 cruzeiros, que foi aproveitada na aquisição de alguns aparelhos e especialmente de drogas especiais, necessárias para a continuação dos trabalhos de pesquisa em andamento. Uma coleção de drogas, concedida, já no comêço do ano anterior, pela Rockefeller Foundation, New York, ainda não chegou ao país, fato que paralisou a terminação de certos trabalhos.

QUÍMICA ORGÂNICA E BIOLÓGICA

PESQUISAS

As pesquisas executadas na Cadeira datam já de 1939, ano em que se iniciaram estudos sôbre a parte não saponificável do café; mais tarde estenderam-se tais pesquisas a outros produtos dos reinos vegetal e animal, e iniciaram-se os estudos sôbre compostos sulfurados.

Em 1950 continuaram-se as pesquisas sôbre compostos orgânicos sulfurados, especialmente as que dizem respeito à ação de metais sôbre êstes compostos, e sôbre as reações entre mercaptais e mercaptanas.

As pesquisas foram executadas em colaboração, por todo o pessoal da Cadeira, inclusive os doutorandos.

VERBAS

No ano de 1950, a quantia de Cr\$ 9.200,00 foi usada no prosseguimento das pesquisas sôbre os compostos sulfurados.

Ainda êste ano, foram desfrutadas as vantagens de uma subvenção da Fundação Rockefeller, concedida no ano de 1947, por dois anos.

COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS

Desde o ano de sua instalação, a Cadeira mantém um seminário quinzenal, sendo as reuniões realizadas às têrças feiras, às 17,30 horas. Nessas reuniões são relatadas as publicações importantes da literatura internacional de Química, e quando é oportuno, os resultados obtidos nas pesquisas efetuadas no laboratório de Química Orgânica e Biológica.

Até fins de 1949, foram realizados 106 seminários.

Durante os seminários de 1950, contamos com a colaboração da "Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência", que nos proporcionou o ensejo de ouvir cientistas estrangeiros de renome, quando em visita ao Brasil.

O número de pessoas que tomam parte nos seminários tem crescido constantemente, tendo-se elevado a 100 na sessão em que falaram os Profs. Deutsch e Young.

Assuntos relatados em 1950:

21-3-50 — 107.º seminário

"Metabólicos esteroídicos encontrados na urina" — Prof. Dr. José Ribeiro do Vale.

3-4-50 — 108.º seminário

"Acetonaxalato de etila: constituição do acetol e o éster enólico" — Sr. Marco Antonio Cecchini.

25-4-50 — 109.º seminário

"Estrutura e síntese do Cloro-anfenicol (Cloromicetina)" — Sr. Ney Galvão da Silva.

9-5-50 — 110.º seminário

"Influência da temperatura e catalisadores na substituição em anéis aromáticos" — Dr. Alfredo Levy.

23-5-50 — 111.º seminário

"Metabolismo dos amino-ácidos" — Sr. Rainer Fried.

20-6-50 — 112.º seminário

“Novas experiências sôbre o papel do ácido cítrico no ciclo de Krebs” — Prof. Dr. Heinrich Hauptmann.

7-8-50 — 113.º seminário

“Methods of Preparative Electrophoresis” — Prof. Dr. H. Deutsch.

“The influence of Hormones on Enzyme Systems” — Prof. Dr. F. G. Young.

14-8-50 — 114.º seminário

“Chemical Constitution and Immunological Specificity” — Prof. Dr. Michael Heidelberger.

29-8-50 — 115.º seminário

“Problemas do metabolismo dos lipídios” — Dr. Ernesto Annau.

19-9-50 — 116.º seminário

“Ressonância e estrutura de compostos orgânicos” — Dr. Paulo Krumholz.

10-10-50 — 117.º seminário

“Sôbre o problema: estrutura química — ação biológica” — Dr. Klaus Neisser.

17-10-50 — 118.º seminário

“Cytochemical studies of the protein metabolism of the cancer cell” — Prof. Torbern Casperson.

31-10-50 — 119.º seminário

“Sôbre o mecanismo de formação da ligação peptídica” — Sr. Rainer Fried.

TÍTULOS E PRÊMIOS

Em 1950 foi concedida, ao Dr. Marcello de Moura Campos, uma bolsa de estudo, pela Fundação Rockefeller, para efetuar pesquisas na Universidade de Minneapolis.

O titular da Cadeira recebeu um convite para a Universidade de Indiana, para relatar, em conferência, os trabalhos executados pela Cadeira, em tórno da ação dos metais sôbre compostos de enxofre num simpósio que terá lugar naquela Universidade, em fins de agosto de 1951.

COLABORAÇÃO COM OUTRAS INSTITUIÇÕES

Quanto à colaboração com outros institutos universitários, cumpre mencionar, primeiramente, aquela prestada pela Escola Politécni-

ca e desenvolvida pelos Profs. Teodoreto de Souto, de Tecnologia, e Paulo Guimarães da Fonseca, de Química Industrial, que ministraram o ensino desta última especialidade aos alunos do curso de especialização.

Estreita colaboração, também, tem sido mantida com os Profs. Drs. Franklin Moura Campos e Alberto da Silva Carvalho, da Cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina. Esta colaboração consiste em uma pesquisa realizada em conjunto com os referidos professores, pelo Sr. Rainer Fried, que está executando experiências bioquímicas, para elaboração de sua tese de doutoramento, nos laboratórios daquela Cadeira.

TRABALHOS PUBLICADOS

Prof. Heinrich Hauptmann

The action of Raney nickel upon sulfur compounds: Mercaptals, Mercaptols and Disulphides. *J. Am. Chem. Soc.* 72, 707 (1950).

The action of Raney nickel on sulfur compounds. Aromatic thioesters. *J. Am. Chem. Soc.* 72, 6710 (1950).

Some mercaptols of simple cyclic Ketones. *J. Am. Chem. Soc.* 72, 1405 (1950).

Some constituents of the leaves of *Cassia alata* L. *J. Am. Chem. Soc.* 72, 1492 (1950).

The preparation of Demerol-N-methyl-C¹⁴ by reductive methylation. *J. Am. Chem. Soc.* 72, 5126 (1950).

The utilization of the Branched Chain of Isobutyric Acid Studied with C¹⁴. *Experientia* 6, 430 (1950).

Dr. Marcello de Moura Campos

Some mercaptols of simple cyclic ketones. — e H. Hauptmann — *J. Am. Chem. Soc.* 72, 1405 (1950).

Mercaptais, Mercaptóis e Tioenoléteres. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1950.

Reação entre Mercaptóis e Mercaptanas. Trabalho apresentado na 2.^a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Curitiba, Novembro de 1950.

Dra. Lucy Lacerda Nazario

Some Constituents of the leaves of *Cassia Alata* L. — e H. Hauptmann. *J. Am. Chem. Soc.* 72, 1492 (1950).

Ação de Níquel de Raney sobre compostos de Enxofre. Trabalho apresentado na 2.^a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Curitiba, Novembro de 1950.

Dra. Blanka Wladislaw

Action of Raney Nickel upon Sulfur Compounds. II. — e H. Hauptmann. J. Am. Chem. Soc. 72, 707 (1950).

Action of Raney Nickel upon Sulfur Compounds. III — e H. Hauptmann. J. Am. Chem. Soc. 72, 710 (1950).

Ação de Níquel de Raney sobre compostos de Enxofre. Trabalho apresentado na 2.^a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Curitiba, Novembro de 1950.

CONFERÊNCIAS

Proferidas pelo Prof. Heinrich Hauptmann:

“O uso dos isotopos na pesquisa da fotossíntese”, proferida no Seminário de Botânica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Instituto Biológico.

“O papel do ácido cítrico no ciclo de Krebs”, proferida no Seminário de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

“Estudo com isotopos de Carbono”, proferida na 2.^a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Curitiba, Novembro de 1950.

FÍSICO-QUÍMICA E QUÍMICA SUPERIOR

NÚMERO DE AULAS SEMANAIS: teóricas — três.
de exercícios — uma.

TRABALHOS PUBLICADOS

Dr. Simão Mathias:

- 1 — “Sobre as Relações entre a Refractividade e a Estrutura Molecular”, *Selecta Chimica*, 9, 39 (1950).
- 2 — “Um Regulador de Pressão”, *Ciência e Cultura* 2, 61 (1950).
- 3 — “Refractivity and Molecular Structure”. III. “Isomeric Propyl and Butyl Mercaptans”, J. Am. Chem. Soc. 72, 1897 (1950).

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

SOCIOLOGIA

(II Cadeira)

Professor: Fernando de Azevedo (Diretor do Departamento).
Assistentes: Antonio Candido de Mello e Souza e Florestan Fernandes.

SOCIOLOGIA

(I Cadeira)

Professor: Roger Bastide.
Assistente: Gilda Rocha de Mello e Souza.

POLÍTICA

Professor: Charles Morazé.
Assistente: Lourival Gomes Machado.
Auxiliar de ensino: Paula Beiguelmann.

ANTROPOLOGIA

Professor: Emilio Willems.
Assistente: Egon Schaden.
Auxiliar de ensino: Gioconda Mussolini.

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO

Número de volumes existentes em 1950: 1.211. A Biblioteca conta com coleções incompletas das seguintes revistas:

Man

La pensée

Sociologia

Social Forces

Rural Sociology

Annales Sociologiques

Révue de Psychologie des Peuples

The American Journal of Sociology

Revista Mexicana de Sociologia.

É circulante e destinada aos professôres e alunos da Faculdade. Não tem horário pré-fixado, e registrou, durante o ano de 1950, 376 consultas.

SOCIOLOGIA

(II Cadeira)

TRABALHOS PUBLICADOS

Prof. Fernando de Azevedo

“Um trem corre para o Oeste”, Livraria Martins Editora, S. Paulo, 1950, 375 pgs. (Estudo sôbre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional).

“Brazilian Culture”, traduzido pelo Prof. William Rex Crawford, The Macmillan Company, New York, 1950, 562 pgs.

“A Sociologia na América Latina e, especialmente, no Brasil”, ensaio publicado na Revista de História.

Ass. Florestan Fernandes

“Considerações sôbre a aplicação dos conhecimentos sociológicos às relações internacionais”, separata de *Sociologia*, vol. XII.

“O significado das Ciências Sociais no mundo moderno”, publicação mimeografada.

“Cantigas de ninar paulistanas”, in *Trópico*, Ano I.

“Considerações sôbre um Comentário de têrmos tupis em “A organização social dos Tupinambá”, separata da Revista de História, n.º 2.

PESQUISAS

Antonio Candido de Mello e Souza

a) investigação e colheita de dados em escolas e ginásios da capital para um estudo sôbre as relações sociais na escola; b) no mesmo sentido e ainda com vistas às relações entre a escola e o meio social, dirigiu pesquisas dos alunos de 2.º, 3.º e 4.º anos de Pedagogia, resultando em trabalhos sôbre a estrutura dos grupos sociais escolares, comunidades imigrantes, bandos infantis, famílias imigrantes, sete dos quais serão publicados brevemente.

Florestan Fernandes

a) em colaboração com a I Cadeira de Sociologia, orientou a pesquisa organizada por solicitação da UNESCO, sôbre o preconceito racial contra os pretos em S. Paulo, encetada e devendo concluir-se ainda êste ano; b) pessoalmente, pesquisou a reação à conquista, num estudo dos efeitos destribilizadores dos contactos dos Tupinambá com os brancos, através da documentação quinhentista e seiscenista, tendo sido fichado quase todo o material utilizável; c) ainda, pessoalmente, prosseguiu nos trabalhos sôbre a aculturação dos sírios em S. Paulo, pesquisa de campo iniciada em 1944 e em andamento.

COLÓQUIOS E SEMINÁRIOS

Não funcionou êste ano o Seminário do Departamento de Sociologia e Antropologia, que reúne, quinzenalmente, especialistas de São Paulo e de fora para exposições e debates.

Nos seminários anexos aos cursos do Professor da Cadeira, os Assistentes realizaram os seguintes: *Antonio Candido de Mello e Souza*: 2.º, 3.º e 4.º anos de Pedagogia: A pesquisa em relação com o curso de Estrutura Social da Escola, a seu cargo, e cujos resultados foram acima referidos; 2.º ano de Ciências Sociais: no 1.º semestre, leitura de textos de Max Weber.

Florestan Fernandes: 2.º e 3.º anos de Ciências Sociais, sôbre Max Weber (*Economia e Sociedade*). Para a 1.ª Cadeira de Sociologia, 4.º ano de Ciências Sociais, sôbre as relações entre a Sociologia e a Psicoanálise (Freud, Adler, Malinowski, Wardiner, Reik, Roheim, Jung, Dollard e Miller, Hollitscher, Bastide).

TÍTULOS E DISTINÇÕES

O Professor Fernando de Azevedo foi convidado para a reunião constitutiva da Associação Internacional de Sociologia, em Oslo, e pa-

ra o I Congresso da mesma em Zurich, sendo neste eleito Vice-Presidente, com Georges Davy (França) e Morris Ginsberg (Inglaterra). Foi ainda eleito Presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia, reestruturada e filiada à entidade internacional.

O Assistente Antonio Candido de Mello e Souza foi relator da seção de Literatura Moderna do Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, de Washington, tendo apresentado trabalho a ser publicado nos respectivos anais. Foi eleito para o Conselho Fiscal da Sociedade Brasileira de Sociologia e, ainda, convidado para um Curso de Férias na Universidade de Minas Gerais, onde deu seis aulas sobre problemas de sociologia educacional.

O Assistente Florestan Fernandes foi convidado oficialmente para o Congresso Internacional de Sociologia, de Zurich, tendo contribuído para o mesmo com um trabalho sobre a aplicação da sociologia ao estudo das relações internacionais, acima referido.

COLABORAÇÃO COM INSTITUIÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

A Cadeira colaborou com a Sociedade Internacional de Sociologia, a Sociedade Brasileira de Sociologia, a UNESCO e a Universidade de Minas Gerais.

SOCIOLOGIA

(I Cadeira)

Roger Bastide

LIVRO

“Sociologie et Psychanalyse”, Paris, Presses Universitaires, 1950.

ARTIGOS PUBLICADOS

- 1 — “A educação dos educadores”, in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, maio-agosto de 1948 (publicada apenas em 1950).
- 2 — “Naissance d’une poésie africaine du Brésil”, in *Présence Africaine*, n. 7.

- 3 — “Sociologia do Folclore Brasileiro”, série de artigos in *O Estado de S. Paulo*.
- 4 — “A cozinha dos Deuses”, in *Cultura e Alimentação*, 1 Rio.
- 5 — “Os cadernos de Levy Bruhl”, in *O Estado de S. Paulo*.
- 6 — “O segredo dos Servas”, in *Cadernos da Bahia* Salvador.
- 7 — “Chronique des livres du Brésil”, in *Mercure de France*, Paris.
- 8 — “Les Noirs de l’Amérique du Sud”, in *Présence Africaine*, 89.
- 9 — “Turismo e férias remuneradas”, in *Trópico*, agosto-setembro de 1950.
- 10 — “Le Messianisme de les Noirs du Brésil”, in *Le Monde Non-Chrétien*, 75, Paris.
- 11 — “Interpénétration des civilisations et psychologie ethnique”, in *Révue de Psychologie des Peuples*, julho-setembro, Le Havre.
- 12 — “Medicina e Magia dos Candomblés”, in *Boletim Bibliográfico*, São Paulo.
- 13 — “Rêves des Noirs”, in *Psyché*, 49, Paris.
- 14 — “As estruturas elementares do parentesco”, in *Anhembi*, 1.
- 15 — “Le Folklore brésilien”, in *Révue de Psychologie des Peuples*, Le Havre.

CONFERÊNCIAS

Em janeiro de 1950, em Paris, o Prof. Roger Bastide teve oportunidade de realizar as seguintes conferências, tôdas relacionadas com as pesquisas que a Cadeira vem realizando: “Le syncrétisme religieux du Brésil” e “Chevaux des Saints”, na École des Hautes Études e “La pensée, l’art et la littérature du Brésil d’aujourd’hui”, no Musée de l’Homme. Realizou, ainda no “Centre International de Sociologie”, um curso sobre “Introduction à l’étude des interpénétrations des civilisations”.

PESQUISAS

Estudo estatístico da distribuição dos doentes mentais em São Paulo. Pesquisa sobre o espiritismo de Umbanda em São Paulo. Pes-

quisa sobre a classe média dos negros e mulatos em São Paulo. Estes três tipos de pesquisa serão continuados em 1951.

DISTINÇÕES

O Prof. Roger Bastide foi escolhido pela Prefeitura para membro do júri do Concurso de Folclore Nacional de 1950; colaborou com a Comissão Nacional de Folclore, Secção de São Paulo; colaborou com o 1.º Congresso Nacional do Negro Brasileiro (Rio de Janeiro), pronunciando um discurso na Sessão de Abertura e contribuindo com dois trabalhos, sobre a criminalidade, segundo as côres e sobre os sonhos dos negros paulistas.

Gilda de Mello e Souza

Doutorou-se em Ciências, em 20 de junho de 1950, com a tese "A moda no século XIX".

POLÍTICA

PESQUISAS E TRABALHOS

- a) Estudo das eleições de janeiro de 1947, visando levantar a Carta Política do Município de São Paulo.
- b) Estudo evolutivo da demografia eleitoral, nos diversos Estados da União, a partir de 1920.
- c) Estudo da campanha eleitoral de 1950, realizado através da imprensa, nos diversos Estados da União (estudo em andamento).

EXCURSÕES

Excursões aos municípios de Jundiaí, Campinas, Amparo, Socorro, Serra Negra, Bragança, Atibaia e Juqueri, afim de colhêr informes elucidativos sobre as eleições de 3 de outubro de 1950.

ANTROPOLOGIA

Emilio Willems

Acha-se, a convite da Vanderbilt University, desde 1949, nos Estados Unidos, como professor visitante, a ministrar cursos de sua es-

pecialidade, no Instituto de Estudos Brasileiros mantido pela referida Universidade.

Em março de 1950, a convite da Washington University, em St. Louis, fêz duas conferências sôbre raças e culturas no Brasil.

Em março e maio de 1950, fêz duas conferências, na Fisk Univ. (Nashville), sôbre "Atitudes e Relações Raciais no Brasil".

Em outubro de 1950, participou do Colloquium Luso-Brasileiro em Washington, patrocinado pela Biblioteca do Congresso dos U.S.A. e pela Vanderbilt University, apresentando um trabalho sôbre a cultura portuguêsa no Brasil.

PRÊMIO

Em 1950, foi contemplado com uma "Guggenheim Fellowship" para 1951 a fim de realizar trabalhos sôbre Personalidade e Cultura.

LIVRO

"Dicionário de Sociologia", Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1950.

ARTIGOS PUBLICADOS

"Einwanderungsprobleme Brasiliens", *Kiklos*, *Révue Internationale de Sciences Sociales*, Vol. LV, 1950, Fasc. 1.

"Zu Professor Geigers Aufsatz: Über Soziometrik und ihre Grenzen", *Kölner Zeitschrift für Soziologie*, Ano 2, 1949-50, Fasc. 2.

TRABALHOS CONCLUÍDOS, AGUARDANDO PUBLICAÇÃO

1. "Immigrants and their Assimilation", in *Brazil: Portrait of Half a Continent*. Ed. by T. Lynn Smith e Alexander Marchant, Dreyden Press, New York.

2. "Caboclo Cultures in Southern Brazil", trabalho apresentado ao XXIX Congresso Internacional dos Americanistas. Nova York, 1949.

3. "Portuguese Culture in Brazil", apresentado no Colloquium Luso-Brasileiro realizado em Washington, outubro de 1950. Vanderbilt University Press.

4. “Sambaquis e crânios de Sambaquis”, (em colaboração com Egon Schaden), *Revista do Museu Paulista*.

5. “Buzios Island”, (em colaboração com Gioconda Mussolini).

TRABALHOS EM PREPARAÇÃO

1. “The Manioc Complex in Tropical South America”, (em colaboração com Carlos Borges Schmidt).

2. “Latin American Institutions”, (em colaboração com Leonard). Dreyden Press, New York.

Egon Schaden

Em virtude do afastamento do Prof. Emilio Willems, a Cadeira de Antropologia vem sendo regida pelo Prof. Egon Schaden, desde o 2.º semestre de 1949.

CURSOS — Durante o ano de 1950, ministraram-se os seguintes cursos:

“Introdução à Sociologia Primitiva”, para o 1.º ano de Ciências Sociais, II Cadeira de Sociologia; “Introdução à Antropologia Física”, para o 2.º ano de Ciências Sociais e 1.º de Geografia e História; “Introdução à Antropologia Cultural”, para o 1.º ano de Geografia e História; e “Antropologia do Índio Brasileiro”, para o 2.º ano de Ciências Sociais.

PESQUISAS — Em fins de 1950, ambos os Professôres ultimaram a elaboração de um estudo antropométrico sôbre uma coleção de crânios de sambaquis pertencente ao Museu Paulista. O trabalho, que é precedido de um ensaio geral sôbre os problemas antropológicos relacionados com os sambaquis brasileiros, já se encontra no prelo e será publicado no volume quarto da “Revista do Museu Paulista” (nova série).

Egon Schaden iniciou a redação de um estudo monográfico da cultura guarani, material e não-material, especialmente do ponto de vista da aculturação. A monografia se refere a grupos guarani (Nhandeva, Mbyá e Kaiová) localizados no sul de Mato Grosso e nos estados meridionais do Brasil.

EXCURSÃO — De acôrdo com um plano de colaboração estabelecido com a Secção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios, Egon Schaden realizou, em julho de 1950, uma excursão antropológica ao sul de Mato Grosso, onde trabalhou entre os Nhandeva e os

Panambi. Além dos estudos *in loco*, reuniu uma coleção ergológica da cultura Kaiová para o museu do Serviço de Proteção aos Índios, colheu amplo documentário fotográfico e fez o registro sonográfico de canções religiosas e profanas e textos míticos da tribo estudada.

CONFERÊNCIAS — Em 1950, a Cadeira de Antropologia prestou a sua colaboração também à Divisão de Difusão Cultural (Departamento de Cultura e Ação Social) da Reitoria da Universidade de São Paulo. Accedendo ao convite dessa entidade, Egon Schaden se incumbiu de conferências e cursos de extensão universitária sôbre problemas de antropologia brasileira nas cidades de Piracicaba, Marília, Jaú, Limeira e Campinas.

PUBLICAÇÕES

1. “O pensamento antropológico de Arthur Ramos”. *América Indígena*, v. X, n. 2. México, 1950.

2. “A origem dos homens, o dilúvio e outras histórias kaingang”. *Paulistânia*, n. 34, maio-junho. São Paulo, 1950.

3. “Recentes contribuições à Antropologia Brasileira”. *Boletim Bibliográfico*, publicação da Biblioteca Municipal de São Paulo, v. XIV, pp. 75-84. São Paulo, 1950.

4. “As origens do homem americano”. *Boletim Bibliográfico*, v. XV, pp. 81-83. São Paulo, 1950.

Gioconda Mussolini

Como auxiliar de ensino, desempenhou, em virtude do afastamento do Prof. Emilio Willems, a função de 1.º Assistente da Cadeira, em substituição ao Dr. Egon Schaden.

Em 1950 ultimou, com o Prof. Emilio Willems, um trabalho sôbre a Ilha dos Búzios, elaborado com material colhido em 1947. Este trabalho será publicado nos Estados Unidos.

Prosseguiu na elaboração de sua tese de doutoramento sôbre a Ilha de São Sebastião.

TRABALHOS

“Os pasquins do litoral norte de São Paulo e suas peculiaridades na Ilha de São Sebastião”. — *Rev. do Arquivo Municipal*, São Paulo, vol. CXXXIV, 1950.

SEMINÁRIOS

2.º ano de Ciências Sociais (duas vezes por semana):

1.º Semestre — “História da teoria antropológica: evolução e filiação”.

2.º Semestre — “Contactos raciais e culturais”.

1.º ano de Ciências Sociais (uma vez por semana):

2.º Semestre — “A Organização Social dos Povos Primitivos”.

1.º ano de Geografia e História (uma vez por semana):

1.º Semestre — “Introdução à Antropologia”.

2.º Semestre — “Problemas de Antropologia Cultural”.

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Professor: Ernesto Marcus.

Assistentes: Michel P. Sawaya, Marta Vannucci e Diva Diniz Corrêa.

ENSINO

O ano de 1950 foi dedicado ao ensino dos Vertebrados à 1.^a e 2.^a séries. Foram ministradas 40 aulas teóricas, seguidas das correspondentes aulas práticas, durante as manhãs das 2.^{as} e 3.^{as} feiras. O curso de especialização foi ministrado ao único candidato inscrito e constou de: a) embriologia descritiva; b) mecânica do desenvolvimento; c) zoogeografia; d) faunística. (Docentes: Dr. Michel Pedro Sawaya, Dra. Diva Diniz Corrêa).

PUBLICAÇÕES

Foi publicado o Boletim de Zoologia n.º 15, contendo os seguintes trabalhos:

1. Prof. Ernesto Marcus — Turbellaria brasileiros (8).
2. D. Eveline Du Bois - Reymond Marcus — A New Loxomatid from Brazil.
3. Dra. Diva Diniz Corrêa — Sobre Ototyphlonemertes do Brasil.
4. Prof. Paulo Sawaya e Sr. J. Paiva Carvalho — On the Branchiostoma (Amphioxus) of the Coast of São Paulo.
5. Dr. Benedito A. M. Soares — Sobre o coração, o sistema nervoso estômato-gástrico e a circulação cardíaca nos escorpiões do gênero Tityus.

Também foram dados à publicidade mais os seguintes trabalhos:

- a) D. Eveline du Bois - Reymond Marcus — A Marine Tubific from Brazil. Nas Com. Zool. Mus. Hist. Nat. Montevideu, v. 3, n.º 59, Uruguai.

- b) Dr. Michel Pedro Sawaya — *Anoplodactylus aragãoi*, n. sp. e outros Pantópodos da viagem do navio Hidrográfico “Rio Branco”, nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, tomo 47, fasc. 1-2, Rio de Janeiro.
- c) Dra. Marta Vannucci — Resultados científicos do cruzeiro do “Baependi” e do “Vega” à Ilha da Trindade. Hydrozoa. No Bol. Inst. Paul. de Oceanografia, vl. n.º 1.

DISTINÇÕES

Durante o ano de 1950, foram eleitos como membros da Society of Systematic Zoology, com sede em Washington, U.S.A., os seguintes docentes: Prof. Dr. Ernesto Marcus, Dra. Marta Vannucci e Dr. Michel Pedro Sawaya.

LIVROS E REVISTAS

À Biblioteca do Departamento foram acrescentados, em 1950, aproximadamente 200 livros e 50 revistas, em parte por doações, em parte por compra e ainda por permuta.

XII - INTERCÂMBIO CULTURAL

PROFESSÔRES EM MISSÃO CULTURAL

No sentido de incrementar o intercâmbio cultural com as demais Instituições Universitárias do País, e com as do Exterior, o Corpo Docente da Faculdade vem desenvolvendo, anualmente, importantes atividades.

No ano de 1950, cumpre destacar a atuação altamente honrosa para a Universidade de São Paulo, dos Drs. Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama e Noemy da Silveira Rudolfer, no Ministério da Guerra, Capital Federal; Emilio Willems, nos Estados Unidos da América do Norte, e Prof. Ítalo Bonfim Bettarello, na Itália.

O *Prof. Dr. Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama*, diretor do Departamento de Mineralogia e Petrografia, desde junho de 1950 está comissionado na Escola Superior de Guerra, do Ministério da Guerra, como Adjunto da Divisão de Assuntos Nacionais do Departamento de Estudos, função da mais alta responsabilidade no País.

A *Profa. Dra. Noemy da Silveira Rudolfer*, professora catedrática de Psicologia Educacional, a convite da Diretoria do Ensino do Ministério da Guerra, desde fevereiro de 1950, encontra-se na Capital Federal lecionando as matérias de sua especialidade, Psicologia Diferencial e Psicologia Educacional, no curso de "Formação de Especialistas em Seleção de Pessoal" e "Curso de Aperfeiçoamento para Instrutores e Professôres", desenvolvidos pelo Ministério, para formação de oficiais.

Além desta função, que honra profundamente a Universidade de São Paulo, a *Prof.^a Dra. Noemy da Silveira Rudolfer*, juntamente com dois outros professôres universitários brasileiros, foi distinguida com um convite do Instituto Brasileiro de Psicanálise para se tornar psiquiatra analista, ficando sob a direção do Prof. Werner Kemper, Diretor do Instituto de Psicoterapia de Berlim e Analista didata do Instituto.

O *Prof. Dr. Emilio Willems*, professor contratado de Antropologia, a convite da Vanderbilt University, Nashville, Tennessee, encontra-se, desde 1949, como professor visitante nessa Instituição, sob os auspícios do Departamento de Estado de Washington.

Dando cumprimento à finalidade de sua permanência nos Estados Unidos, o Prof. Willems está desenvolvendo cursos de Antropologia no Instituto de Estudos Brasileiros, mantido pela Vanderbilt University, junto ao seu Departamento de Sociologia e Antropologia.

Além dos cursos e seminários sobre o Brasil, o Prof. Willems, em outubro de 1950, também representou a Faculdade e a Universidade de São Paulo no Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, organizado pela Biblioteca do Congresso de Washington.

Para esse congresso foi convidado a apresentar um trabalho, que versou sobre o tema "A Cultura Portuguesa no Brasil".

Em 21 de julho, por iniciativa da Delegação do Brasil junto à Organização dos Estados Americanos, o Prof. Willems visitou o Departamento de Assuntos Culturais da União Panamericana. No transcurso da visita manteve longa palestra com o Dr. Jorge Basadre, diretor do referido Departamento. Entre os vários aspectos e problemas de cooperação cultural inter-americana abordados pelo Prof. Willems e pelo Dr. Basadre, merece relêvo o relativo a uma série de monografias, projetadas pelo mencionado Departamento, sobre os principais centros e institutos de cultura latino-americana, no campo dos estudos sociais.

A pedido do Dr. Basadre, o Prof. Willems aceitou a incumbência de inaugurar a aludida série, mediante um estudo sobre a presente situação das instituições brasileiras de ensino, dedicadas às ciências sociais, com especial atenção pelos trabalhos e realizações da Faculdade de Filosofia e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

O Instituto de Estudos Brasileiros da Vanderbilt University, é o único existente no gênero na América do Norte e, tendo-se tornado, desde 1947, um centro de primeira ordem de atividades didáticas e científicas relacionadas exclusivamente com o Brasil, quase desnecessário se torna salientar que a colaboração de professores brasileiros, como a desenvolvida pelo Prof. Willems, é do mais alto interesse, tanto para a Universidade de São Paulo, como para o Brasil.

O Prof. *Italo Bonfim Bettarello*, da Cadeira de Língua e Literatura Italiana, em maio de 1950, foi comissionado para a Itália, onde, até fins de 1950, se encontrava desempenhando missão cultural de elevada importância, a convite dos Profs. Flora e Abbagnano.

O Prof. Flora, da Universidade Bocconi de Milão, através de seu Reitor, Prof. Giovanni Demaria, convidou o Prof. Bettarello a continuar e aprofundar, sob sua direção, os estudos de Literatura Italiana; o Prof. Abbagnano, em nome da Universidade de Turim, convidou-o a realizar algumas palestras sobre as relações da Literatura Italiana com a Brasileira.

O Prof. Bettarello freqüentou cursos nas Universidades de Turim, Florença e Perugia, preparou sua tese de doutoramento e realizou pesquisas na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Laurenziana e na Marciana de Florença.

Proferiu conferências na Universidade de Turim, sobre a Literatura Brasileira, procurando salientar, em constantes comparações com a Literatura Italiana, as influências que a nossa sofreu e a diversi-

idade de problemas que ambas tiveram de resolver através dos tempos. Do seu contacto com o Governo Italiano, com os escritores, críticos e professôres da Península, aguarda-se, para o ano de 1951, importantes ajustes.

PROFESSÔRES VISITANTES

Como professôres visitantes, estiveram na Faculdade, durante o ano de 1950, os Profs. Jean Delsarte, de Matemática, Carl F. A. Pantin, de Zoologia e Francesco Flora, de Literatura Italiana.

PROF. JEAN DELSARTE

Incluindo-se o trabalho dêste ano, é esta a terceira colaboração que o Prof. Delsarte já prestou à Faculdade de Filosofia. Da primeira vez (1948), aqui esteve como professor contratado da Cátedra de Análise Superior, no Departamento de Matemática.

Doutor em Ciências Matemáticas em 1928, professor da Faculdade de Ciências de Nancy desde 1937, é o Prof. Delsarte, atualmente, deão da referida Instituição. Nasceu em 19 de outubro de 1903.

O Prof. Delsarte destacou-se, primeiramente, por uma série de trabalhos sôbre as transformações ortogonais no espaço de Hilbert, que pertencem ao grupo de Fredholm. Em seguida ocupou-se do problema de Einstein, isto é, da pesquisa e do estudo de soluções especiais, efetivas das equações da relatividade generalizada; graças à consideração dos ds^2 , que êle chamou "binários", conseguiu encontrar soluções novas para êsse difícil problema.

Uma terceira série de trabalhos profundos e originais, refere-se a um conjunto de importantíssimos problemas, relativos aos desenvolvimentos em séries, que seguem funções não ortogonais, às generalizações variadas das funções quase periódicas, e às fórmulas somatórias.

Estabeleceu um princípio inteiramente novo de generalização das funções quase periódicas, no meio de equações às derivadas parciais, que desenvolvem a exemplo das funções, por êle designadas "quase periódicas J": são as funções que comportam desenvolvimentos em funções de Bessel, perfeitamente idênticos aos desenvolvimentos das funções de Bohr, em série de exponenciais. Esta teoria, por outro lado, deu origem a um exemplo de transformação, de um tipo inteiramente novo, entre equações diferenciais e susceptíveis de se generalizarem às equações às derivadas parciais.

Recentemente, o Prof. Delsarte iniciou o estudo de um campo tão vasto quanto inexplorado, a teoria dos sistemas hipercomplexos contínuos, e obteve um teorema idêntico ao primeiro teorema de Lie. Também aplicou, de maneira original, a teoria das funções quase pe-

riódicas ao estudo de certas funções da Teoria dos Números, e em outros trabalhos generalizou a definição de algumas destas funções, de maneira a resolver diversas questões da teoria enumerativa dos grupos abelianos.

Vê-se, portanto, que o Prof. Delsarte tem produzido trabalhos originais e importantes em vários ramos da Matemática, e abriu novos rumos em pesquisas bastante prometedoras. Êstes trabalhos todos tornaram o Prof. Delsarte um dos mais notáveis matemáticos franceses.

Êste ano, nos meses de agosto, setembro e outubro, realizou o Prof. Delsarte, no Departamento de Matemática da Faculdade, um curso sôbre “Teoria da Integração”.

PROF. CARL F. A. PANTIN

O Prof. Pantin possui os graus de “Master of Arts” e “Science Doctor” pela Universidade de Cambridge, e é professor de Zoologia dos Invertebrados na mesma Universidade. De 1922 a 1929 foi fisiologista do “Marine Biological Laboratory” de Plymouth. E’ “fellow” da “Royal Society” desde 1937, e coeditor da importante revista *Quarterly Journal of Microscopical Science*.

Nasceu em Londres em 30 de março de 1899.

E’ bastante apreciável a produção científica do Prof. Pantin. A maioria dos assuntos abordados versa sôbre o sistema nervoso dos Invertebrados e suas funções, especialidade dêste reputado cientista.

A biblioteca dos Departamentos de Zoologia e Fisiologia Geral e Animal da Faculdade possui 21 trabalhos do Prof. Pantin.

Durante a sua permanência na Faculdade, o Prof. Pantin realizou no Departamento de Fisiologia Geral e Animal um curso sôbre “As Bases Fisiológicas Comparativas do Comportamento Animal”. Êsse curso, que despertou grande interêsse entre seus participantes, também proporcionou oportunidade para tomada de contacto com um sem número de técnicas modernas de investigação no setor da Fisiologia Nervosa e Muscular. Aproveitando, ainda, a estadia do Prof. Pantin, que é também um excelente zoólogo de campo, pôde o mesmo Departamento realizar inúmeras excursões a pontos do litoral e do interior, bem como um simpósio de que participaram elementos desta Faculdade, da Faculdade de Medicina, do Instituto Biológico, do Instituto Oswaldo Cruz e do Instituto de Biofísica da Faculdade Nacional de Medicina.

PROF. FRANCESCO FLORA

O Prof. Flora, professor de Literatura Italiana, na Universidade de Bocconi, em Milão, conta, entre outros significativos títulos, com

os de Membro do Conselho Superior da Instrução Pública, Diretor Geral das Relações Culturais com o Estrangeiro, no Ministério das Relações Exteriores da Itália, e Membro da Comissão Nacional Italiana da Unesco.

O Prof. Flora representa hoje na Itália, depois de De Sanctis, a figura mais importante da historiografia literária, tendo realizado na sua monumental "Storia della litteratura italiana" a mais densa síntese a que chegou o atual pensamento da península.

Esta obra, que lhe conquistou o "Premio Fila", como maior professor humanista, é o fruto mais maduro de uma larga vida de escritor, poeta, crítico, filólogo, ensaísta e historiador.

Durante sua permanência entre nós, em setembro e outubro de 1950, o Prof. Flora desenvolveu um curso sobre Leopardi junto à Cadeira de Língua e Literatura Italiana. Realizou, também, várias conferências.

Sobre o trabalho que realizou na Faculdade, assim se expressou o ilustre professor italiano, em entrevista concedida ao vespertino "Diário da Noite", desta Capital, em 16/10/50:

"De modo particular impressionou-me o clima receptivo que encontrei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para o meu curso sobre Leopardi. Os acadêmicos revelaram grande interesse pelas aulas, acompanhando-as com atenção, não obstante a complexidade, por vezes, da temática tratada. Evidentemente esse clima tão favorável para a recepção é uma decorrência dos esforços dos professores que me precederam na Cátedra de Literatura Italiana da Universidade paulista, cabendo-me a mim a suprema ventura de ter encontrado tão fecunda seara.

Isto tudo quer dizer: se alguém precisa ser premiado pelo clima de receptividade às manifestações culturais italianas em São Paulo, esse alguém é o prof. Italo Bonfim Betarello, que há tantos anos se vem dedicando seriamente ao estudo de nossa literatura e à difusão de seus mais expressivos valores. Na mesma senda tem prosseguido o Prof. Edoardo Bizzarri, o incansável adido cultural ao Consulado Italiano.

Finalmente, não posso deixar de agradecer tôdas as manifestações de simpatia e de hospitalidade das autoridades universitárias de São Paulo. Uma vez na Italia, escreverei uma série de artigos, em que procurarei traduzir minha experiência brasileira nestes breves meses de contacto mais íntimo com pessoas, coisas e idéias deste grande país".

PROFESSORES E OUTRAS PERSONALIDADES QUE COLABORARAM COM A FACULDADE, NO DECORRER DO ANO

A Faculdade recebeu, em 1950, a visita de diversos professores nacionais e estrangeiros, e de outras personalidades ilustres, no cam-

po da Ciência e das Letras, muitas das quais colaboraram com os trabalhos de seminário, realizados pelos diversos Departamentos, ou proferiram conferências patrocinadas por esta Instituição, contando quase sempre com o apôio e a cooperação do Departamento de Cultura e Ação Social da Reitoria da Universidade.

A seguir são relacionados os nomes dos visitantes e o lugar de procedência:

Alemanha — Ernesto Grassi da Universidade de Munich.

Brasil — Agesislau A. Bittancourt do Instituto Biológico.

Aristides Pacheco Leão da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil.

Carlos Chagas Filho da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil.

Ernest Annau da Fundação Andrea e Verginia Matarazzo.

H. Moussatche do Instituto Oswaldo Cruz.

José Ribeiro do Valle da Escola Paulista de Medicina.

Klaus Neisser da Fundação Andrea e Verginia Matarazzo.

Mauricio Rocha e Silva do Instituto Biológico.

M. Kramer do Instituto Biológico.

Mario Viana Dias do Instituto Oswaldo Cruz.

Paulo Krumholz, Diretor da Orquima S/A.

Chile — Amador Meghme da Universidade do Chile.

Dinamarca — O. Winge da Universidade de Copenhagen.

Estados Unidos da América do Norte — Ernst Moritz Manasse da Universidade de North Caroline.

Francis T. Rogers da Universidade de Harvard.

Francis Ryan da Universidade de Columbia.

Harold Deutsch da Universidade de Winsconsin.

Hans Molitor do Instituto de Pesquisas Merck.

Michael Heidelberger da Universidade de Columbia.

Randolph Major do Instituto de Pesquisas Merck.

França — Alfred Métraux da Unesco.

André Piganiol da Sorbonne.

René Poirier da Sorbonne.

Robert Garric do Collège de France.

Inglaterra — N. Ambache do University College (Londres).

F. C. Young da Universidade de Cambridge.

Japão — H. Tamy da Universidade de Tóquio.

Suécia — Torbern Casperson da Universidade de Stockholm.

A realização dos concursos e doutoramentos proporcionou excelente oportunidade à Faculdade para receber, também, a visita de figuras altamente representativas da cultura brasileira, cuja relação vem em seguida:

Affonso de Escragolle Taunay, antigo professor da Faculdade.

Alice P. Canabrava, Professora de História Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo.

Alypio Leme de Oliveira, Diretor do Instituto Astronômico e Geofísico do Estado.

Antonio Cesarino Junior, Professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Antonio de Paula Assis, Professor da Faculdade de Filosofia de São Bento.

Aureliano Leite.

Beda Kruse (D.), da Faculdade de Filosofia de São Bento.

Eremildo Luiz Vianna, Professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Ernesto Leme, Professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Francis Ruellan, Professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Francisco Isoldi.

Fritz Ackermann.

G. D. Leoni, das Faculdades de Filosofia "Sedes Sapientiae" e Mackenzie.

João Augusto Breves Filho, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

João Mehlmann (D.), da Faculdade de Filosofia de São Bento.

Joaquim Alfredo Fonseca, da Faculdade de Filosofia de São Bento.

Joaquim Franco de Toledo.

José Leite Lopes, da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

José Verissimo da Costa Pereira, do Conselho Nacional de Geografia.

J. P. Leite Cordeiro.

- Karl Silberschmidt, do Instituto Biológico.
- Klaus Neisser, da Fundação Andrea e Verginia Matarazzo.
- Leonard S. Downes, da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa.
- Mario Wagner Vieira da Cunha, Diretor do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo.
- Mathias G. de Oliveira Roxo, Diretor do Departamento Nacional da Produção Mineral.
- Moacyr do Amaral Lisboa, da Escola Nacional de Minas e Metalurgia, de Ouro Preto.
- Paulo Guimarães da Fonseca, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Paulo Ribeiro de Arruda, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Plinio Corrêa de Oliveira, da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae".
- Plinio de Lima, do Instituto Geológico e Geográfico do Estado de São Paulo.
- Raul de Andrada e Silva, da Faculdade de Filosofia do Mackenzie.
- Sergio Buarque de Holanda, Diretor do Museu Paulista.
- Sergio Milliet, Diretor da Biblioteca Municipal.
- Tito Livio Ferreira, da Faculdade de Filosofia de São Bento.
- Zeferino Vaz, da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo.
- Wilfred L. Stevens, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo.

CONFERÊNCIAS E SEMINÁRIOS REALIZADOS PELOS VISITANTES, NA FACULDADE

- Maio, 4 — Karl Silberschmidt — "O fotoperiodismo das plantas à luz de pesquisas recentes", sob os auspícios do Departamento de Botânica.
- Agosto, 7 — Prof. Dr. Frank George Young — "Metabolismo dos hidratos de carbono", sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Agosto, 7 — Prof. Dr. Frank George Young — "The influence of Hormones on Enzyme Systems", sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.

- Agosto, 7 — Prof. Dr. Harold Deutsch — “Methods of Preparative Electrophoresis”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Agosto, 14 — Prof. Dr. Michael Heidelberger — “Chemical Constitution and Immunological Specificity”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Agosto, 14 — Prof. Dr. H. Tamiya — “Origem do oxigênio libertado, na fotossíntese”, sob os auspícios do Departamento de Botânica.
- Agosto, 16 — Prof. Dr. Robert Garric — “La Critique Littéraire et l’Histoire”, sob os auspícios da Cadeira de Língua e Literatura Francêsa.
- Agosto, 17 — Prof. Dr. Robert Garric — “Péguy: Le Combat pour la justice”, sob os auspícios da Cadeira de Língua e Literatura Francêsa.
- Agosto, 25 — Prof. Ernest Moritz Manasse — “Problemas da História da Filosofia”, sob os auspícios das Cadeiras de Filosofia e História da Filosofia.
- Agosto, 26 — Prof. Dr. Francis M. Rogers — “A organização de uma Universidade Americana e financiamento da Educação Superior nos Estados Unidos”, sob os auspícios da Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada.
- Agosto, 28 — Prof. Dr. Francis M. Rogers — “Treinamento Profissional nos Colégios e Universidades Americanas”, sob os auspícios da Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada.
- Agosto, 29 — Prof. Dr. Francis M. Rogers — “Problemas de Currículos nos Colégios Americanos”, sob os auspícios da Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada.
- Agosto, 29 — Dr. Ernesto Annau — “Problemas do metabolismo dos lipídios”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Setembro, 14 — A. A. Bittancourt — “Comentários sôbre o Congresso Internacional de Botânica em Estocolmo, Suécia”, sob os auspícios do Departamento de Botânica.
- Setembro, 19 — Dr. Paulo Krumholz — “Ressonância e estrutura de compostos orgânicos”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.

- Setembro, 19 — Prof. Dr. Ernesto Grassi — “O Fundamento Existencial das Ciências”, sob os auspícios da Cadeira de Filosofia.
- Setembro, 20 — Prof. Dr. Ernesto Grassi — “O problema da primazia das ciências do espírito ou da natureza”, sob os auspícios da Cadeira de Filosofia.
- Outubro, 10 — Dr. Klaus Neisser — “Sôbre o problema: estrutura química - ação biológica”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Outubro, 17 — Prof. Torbern Casperson — “Cytochemical studies of the protein metabolism of the cancer cell”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Outubro, 20 — Prof. Carl F. A. Pantin — “Sôbre a atividade espontânea e os fenômenos de facilitação na rede nervosa”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal, do Instituto Oswaldo Cruz, do Instituto de Biofísica do Rio de Janeiro e do Instituto Biológico.
- Outubro, 20 — Prof. Dr. Carlos Chagas Filho — “Fenômenos nervosos e elétricos na descarga elétrica”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal, do Instituto Oswaldo Cruz, do Instituto de Biofísica do Rio de Janeiro e do Instituto Biológico.
- Outubro, 21 — Dr. H. Moussatche — “Utilização do músculo dorsal da holotúria como método de ensaio biológico”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal, do Instituto Oswaldo Cruz, do Instituto de Biofísica do Rio de Janeiro e do Instituto Biológico.
- Outubro, 23 — Prof. N. Ambache — “Aspectos atuais dos músculos lisos”, sob os auspícios do Departamento de Química.
- Outubro, 23 — André Piganiol — “Alguns aspectos da Historiografia Romana”, patrocinada pela Faculdade.
- Outubro, 24 — André Piganiol — “Alguns aspectos da Historiografia Romana”, patrocinada pela Faculdade.
- Outubro, 23 — Prof. René Poirier — “Indeterminismo e Liberdade”, patrocinada pela Faculdade.
- Outubro, 25 — Prof. René Poirier — “Indeterminismo e Liberdade”, patrocinada pela Faculdade.
- Outubro, 26 — M. Kramer — “Inibidores de plantas”, sob os auspícios do Departamento de Botânica.

- Outubro, 30 — Drs. R. T. Major e Hans Molitor — “Vitamina BL² e Cortisone”, sob os auspícios da Cadeira de Química Geral e Inorgânica, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e da Associação dos Antigos Alunos de Química.
- Novembro, 29 — Prof. Moacyr do Amaral Lisboa — “A Geobotânica na Geologia”, sob os auspícios do Departamento de Geologia.
- Dezembro, 6 — Dr. Gilberto Vilela — “Dosagem microbiológica de vitaminas”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.

BOLSISTAS

RELAÇÃO DOS ASSISTENTES E AUXILIARES DE ENSINO DA FACULDADE CONTEMPLADOS COM BÔLSAS DE ESTUDO E COMISSIONADOS EM UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS

Antonio Brito da Cunha

3.º Assistente da Cadeira de Biologia Geral.

Bôlsa da Fundação Rockefeller (1-9-49 a 31-10-50. Prorrogada por mais seis meses).

Estágio na Universidade de Columbia.

Pesquisas no laboratório do Prof. T. H. Dobzhansky, sobre a cultura da *Drosophila*.

Carolina Martuscelli

1.º Assistente da Cadeira de Psicologia.

Bôlsa do “Institute of International Education” para a “New School of Social Research”, em New York (6-2-50 a 5-2-51. Prorrogada por mais um ano).

Cursos especializados de Psicologia da Personalidade e Psicologia Experimental.

Hilda Penteado de Barros

Auxiliar de Ensino da Cadeira de Língua e Literatura Grega.

Bôlsa do Governo Francês. (20-1-50 a 31-10-50).

Cursos de literatura grega na “Faculté des Lettres” da Universidade de Paris e no “Institut Catholique”.

Representante do Brasil no I Congresso da Federação Internacional de Estudos Clássicos, patrocinado pela Unesco, em setembro de 1950, em Paris.

Excursão à Grecia, em agosto de 1950, promovida pela "Association Guillaume Budé".

Jayme Tiomno

1.º Assistente da Cadeira de Mecânica Racional e Mecânica Celeste.

Bôlsa da Fundação Rockefeller (1-2-48 a 30-1-50. Prorrogada até 30-9-50).

Especialização em Física Teórica, na Universidade de Princeton, com os Profs. E. P. Wigner, J. A. Wheeler, e P. Bargmann.

"Master of Arts" pela mesma Universidade.

Maria José Garcia

1.º Assistente da Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada.

Bôlsa do Governo Francês (14-10-49 a 14-10-50. Prorrogada por mais 1 ano).

Estudos e pesquisas sobre orientação educacional no Instituto Nacional de Orientação Profissional.

Curso de Pedagogia na Sorbonne.

Mercedes Rachid

2.º Assistente da Cadeira de Botânica.

Bôlsa da Fundação Rockefeller (1-8-49 a 31-7-50. Prorrogada até 31-5-51).

Pesquisas na "Division of Plant Nutrition" da Universidade da Califórnia.

Paulo Leal Ferreira

3.º Assistente da Cadeira de Física Teórica e Matemática.

Comissionado para trabalhar na Universidade de Roma. (25-1-50 a 25-12-50. Comissionamento prorrogado por mais um ano).

Pesquisas, sob a direção do Prof. Caldirola, na Universidade de Pavia; em Bruxelas sob a direção do Prof. Schenberg; em Roma sob a direção do Prof. B. Ferretti.

Rui Ribeiro Franco

Diretor-interino do Departamento de Mineralogia e Petrografia.

Bôlsa do United States Geological Survey, Department of the Interior, Washington (24-7-49 a 14-7-50).

Trabalhos de especialização no United States Geological Survey e no Geophysical Laboratory (Carnegie Institution of Washington).

Selembrino Petri

Assistente da Cadeira de Geologia e Paleontologia.

Bôlsa do "United States Geological Survey" (31-10-49 a 30-11-50).

Membro do Congresso Anual da "Geological Society of America", realizado em Washington de 16 a 18 de Novembro.

Trabalhos e pesquisas no "Cushman Laboratory for Foraminiferal Research", em Massachussets; posteriormente no U. S. National Museum, Washington e na Scripps Institution of Oceanography, em La Jolla, Califórnia.

BÔLSA CONCEDIDA PELA REITORIA

Com bôlsa de estudo concedida pela Reitoria da Universidade de São Paulo, fêz cursos de especialização, no Departamento de Biologia, o Licenciado Juan Nacrur Pereira, da Universidade de Chile, Santiago.

ESTAGIÁRIOS

Um dos aspectos interessantes do intercâmbio cultural, desenvolvido pela Faculdade, é o recebimento de diplomados por outras faculdades, do Estado ou do País, para estágio em seus diversos laboratórios.

Durante o ano de 1950, a Faculdade acolheu 6 estagiários, assim distribuídos:

Departamento de Mineralogia e Petrografia - Eng.º Agrônomo Armando Guidette Zagatto — Assistente da Escola Superior de Agricultura "Luís de Queirós".

Cadeira de Física Geral e Experimental - Eng.º Admar Cervellini 1.º Assistente da Escola Superior de Agricultura "Luís de Queirós".

Farmacêutica Raquel Gevertz - 1.º Assistente de Física da Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Eng.º Rafael de Menezes Selling - 1.º Assistente da Cátedra de Físico-química da Universidade da Baía.

Departamento de Fisiologia Geral e Animal — Dr. Adiel Paes Leme Zanith, da Escola Superior de Agricultura “Luís de Queirós”.

Dr. Bento Magalhães Neto - Assistente da Faculdade de Medicina de Recife.

XIII - CONGRESSOS CIENTÍFICOS

Durante o ano de 1950, a Faculdade participou de três congressos científicos, nos quais houve excelente oportunidade para que, através da sua secção de Ciências, efetuasse importantes trabalhos.

VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE BOTÂNICA

De 12 a 20 de julho, realizou-se em Stockholm, na Suécia, o VII Congresso Internacional de Botânica, no qual a Faculdade e a Universidade de São Paulo estiveram representadas pelo Prof. Felix Rawitscher, Diretor do Departamento de Botânica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. "A grande importância dessa reunião ressalta do fato de ter sido — escreveu o Prof. Rawitscher em seu relatório, transcrito a seguir — realizado o Congresso anterior em setembro de 1935, em Amsterdam, de maneira que nesses 15 anos os botânicos não tiveram ocasião de entrar em amplo contacto.

A organização do Congresso coube ao Prof. Carl Skottzberg, de Goeteborg, que é um dos botânicos de maior projeção, não só na Suécia, mas também no mundo internacional, sendo muito conhecido em nosso hemisfério por seus trabalhos sobre fitogeografia e sistemática da vegetação antártica. O presidente foi secundado por três vice-presidentes, um secretariado presidido pelo Dr. E. Aberg (Upsala) e um tesoureiro, Prof. C. Malmstroem. Como a preparação do Congresso foi iniciada com muita antecedência, os trabalhos correram na melhor ordem possível.

O Congresso devia começar oficialmente no dia 12 de julho, mas desde o dia 7 até o dia 11 já se reunia a Secção de Nomenclatura, que devia discutir as propostas para modificação das regras internacionais de nomenclatura, e também a Secção de Botânica da União Internacional de Ciências Biológicas. Sessões sobre "Palynologia", como é chamada hoje em dia a análise polínica, tiveram lugar nos dias 10 e 11. Esses dias serviram também para a recepção e matrícula dos Congressistas.

O Congresso foi aberto pelo seu Presidente, na quarta-feira, dia 12 de julho, numa sessão solene na qual tomou parte — tendo também falado — o Príncipe herdeiro da Suécia. Visto como os 1500 membros compareceram na sua quase totalidade, a grande sala do "Konserthuset" estava repleta. Na tarde do mesmo dia começaram as reuniões científicas.

As Sessões — Em vista do grande número de contribuições (mais de 600), a apresentação destas foi distribuída por várias secções (a princípio 15, das quais algumas tiveram que ser desdobradas no de-

curso dos trabalhos). As reuniões foram preparadas com muita antecedência pelo trabalho de coordenação dos “recorders” e dos presidentes. Da relação seguinte depreende-se que todos êsses organizadores eram homens da maior projeção científica internacional.

<i>Secções</i>	<i>“Recorders”</i>	<i>Presidentes</i>
Botânica Agrônômica	E. Akerberg	F. T. Wahlen Washington
Citologia	A. Levan	C. D. Darlington Hertford — Inglaterra
Ecologia Experimental	L. G. Romell	W. H. Pearsall Londres
Taxonomia Experimental	G. Turesson	T. H. Goodspeed Berkeley
Botânica Florestal	E. Björckman	D. V. Baxter
Genética	A. Muentzing	O. Winge Copenhague
Morfologia e Anatomia	F. Fagerlind	A. J. Eames Cornell University
Micologia e Bacteriologia	N. Fries	J. Ramsbottom Londres
Nomenclatura	N. Hylander	E. D. Merrill, Harvard Th. A. Sprague, Cheltenham
Paleobotânica	R. Florin	H. Hamshaw Thomas Cambridge
Fitogeografia (com Ecologia comparada)	G. E. du Rietz	C. Troll Bonn
Fitopatologia	K. Bjoerling	E. C. Stakman Minnesota
Fisiologia Vegetal	H. Lundegardh	F. G. Gregory Londres
Taxonomia	J. A. Nannfeldt	F. E. Fritsch Cambridge

Taxonomia	E. Hultén	H. J. Lam
Fanerógamas		Leiden
“Palynologia”		F. Firbas Goettingen

O trabalho em tôdas essas secções foi muito intensivo devido não só ao grande número de colaborações, como também à numerosa assistência, de maneira que os membros de uma secção muitas vêzes se viram impossibilitados de assistir a reuniões fora de sua especialidade principal. Por isso os resultados dos trabalhos das várias secções não podem ainda ser avaliados e no momento só se pode dizer que as discussões foram freqüentemente muito vivas e cheias de sugestões valiosíssimas. Como nos Congressos precedentes, tôda a utilidade da grande reunião vai-se materializar dentro de certo tempo, quando os “relatórios” forem impressos e quando as relações agora iniciadas cu reatadas produzirem os seus resultados. O valor extraordinário dêsse Congresso consistiu justamente em reunir pela primeira vez, desde as grandes perturbações políticas e sociais dos últimos decênios, os botânicos de quase todo o mundo. Foram representados quase todos os países europeus e americanos, bem como a maior parte dos países orientais, como o Japão, a Índia, os Estados Malaios, o Egito, etc. Interêsse especial despertou o aparecimento de uma delegação russa, que chegou inesperadamente, quando o Congresso já estava em andamento e para a qual foram preparadas sessões especiais. Esta delegação era composta pelos Profs. Glyschenko, Suchov, Turbin, Stoletov, Baranov, Soukatchev, Henkel. A maior atenção concentrou-se na sessão da noite do dia 17 de julho, quando, entre outros, devia falar o Sr. Glyschenko sôbre hibridização de plantas como consequência de enxertia, assunto êsse tão discutido entre os adeptos de Lysenko (teoria oficializada pelos russos) e a genética ensinada pelos outros povos. Como os russos só falaram no seu idioma nacional, empregando para tradução um intérprete que não era competente em Biologia, ficou claro desde o comêço que a discussão não podia chegar a um resultado positivo. Do Brasil havia os seguintes representantes presentes: Dr. I. Beckman (Bagé, Rio Grande do Sul), Dr. A. A. Bittancourt (São Paulo), Dr. J. T. Amaral Gurgel (Piracicaba), Dr. F. Rawitscher (São Paulo), Dr. K. Silberschmidt (São Paulo).

As reuniões sociais permitiram maior e mais livre contacto entre todos os membros, mas mesmo assim não foi possível a muitos participantes conversar com todos os colegas que sabiam presentes e com os quais não puderam entrar em contacto. Entre essas reuniões devem ser mencionadas, especialmente, a visita ao Palacio Real e ao Teatro de Drottningholm, na tarde de 12 de julho, durante a qual os Congressistas foram recebidos pelo Principe herdeiro; a excursão ao Arquipélago de Stockholm, que durou tôda a quinta-feira, dia 12, e

que foi feita em dois grandes navios; a visita ao Instituto de Pesquisas Florestais, ao Museu de História Natural e ao Jardim Botânico "Bergius" (no sábado, dia 15); uma excursão de 1 dia a Upsala (no domingo, dia 16) e um banquete final no "Stadthuset". Uma série de reuniões menores, como um jantar oferecido pelo Prof. R. E. Fries em sua casa, e um almôço dado pela Prefeitura no recinto magnífico do "Stadthuset", congregou alguns membros selecionados.

A sessão *final oficial* realizou-se na tarde do dia 20, quando várias resoluções propostas, preparadas nas secções, foram sancionadas em sessão plenária. Dessas resoluções interessa especialmente a da Comissão encarregada de preparar a 8.^a Reunião Internacional (comissão na qual o abaixo-assinado tomou parte, e que resolveu aceitar o convite francês para a realização dessa reunião em 1954, em Paris).

Os Congressistas tiveram, durante sua estadia na Suécia, diversas ocasiões para conhecer de perto as *Instituições suecas que tratam de Botânica e de Genética*, como em Stockholm, o Instituto de Botânica Fisiológica, chefiado por M. G. Stalfelt, o de Botânica Morfológica, dirigido por Folke Fagerlind, o de Genética (G. Bonnier), o Departamento de Botânica do Museu Sueco de Ciências Naturais (E. Holtén); impressão inesquecível deixou, especialmente, a visita ao Museu Paleobotânico do Prof. Florin, que contém uma das coleções mais imponentes de plantas fósseis. Falando de impressões memoráveis, naturalmente não se deve esquecer a visita á casa histórica de Linnéu, em Upsala. Também em Upsala: o Instituto de Botânica Sistemática com Jardim e Museu, onde além de Nannfeldt trabalham os Profs. H. Skuja e N. Hylander; o Instituto de Botânica Fisiológica do Prof. E. Melin; o Instituto de Sistemática e Genética do Prof. G. Turesson; o Instituto de Ecologia Vegetal, de G. E. du Rietz; o Instituto de Fisiologia (H. Lundegardh).

O Congresso foi precedido e seguido por várias *excursões botânicas*. Entre as primeiras, deve ter sido muito interessante a dos geneticistas, para Svalof, sob a condução de A. Muentzing e Akerberg, na qual não pude tomar parte. Acabado o Congresso, houve várias excursões, entre as quais os participantes podiam escolher. Tomei parte numa excursão fitogeográfica, que nos conduziu, sob a orientação de T. Arnborg e G. E. du Rietz, através de tóda a Suécia Septentrional até o Norte da Lapônia, em Abisko, onde tivemos ocasião de ver o desaparecimento paulatino de tódas as espécies de árvores florestais até o limite da floresta, onde as últimas Bétulas constituem a transição para a tundra. Esta excursão durou de 21 de julho até 6 de agosto. Em tóda a excursão, como durante todo o Congresso fomos alvo da mais generosa hospitalidade por parte de todo o povo sueco e cada vez mais pudemos admirar o alto nível que se observa não só nos Institutos científicos, como em tódas as outras instituições, como escolas, edifícios públicos, hotéis, vendo-se em tóda parte tratar-se de um povo de elevada cultura e de modelar educação.

A ida e a volta deram-me oportunidade para ver a França meridional, a Suíça e a Alemanha. Neste último país, tive ocasião de fazer algumas conferências com demonstrações fotográficas do Brasil, que foram recebidas com grande interesse”.

Felix Rawitscher

IV CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA

Em Ouro Preto, de 4 a 11 de novembro, efetuou-se o IV Congresso Brasileiro de Geologia, no qual a Faculdade esteve representada pelos professores Viktor Leinz, Josué Camargo Mendes e Ruy Ozorio de Freitas, do Departamento de Geologia, e Rui Ribeiro Franco e Sérgio S. do Amaral, do Departamento de Mineralogia. A esse Congresso apresentou o Dr. Ruy Ozorio de Freitas duas teses: “Ensaio sobre a tectônica moderna do Brasil” e “Areias recentes da Praia Grande”. Procedida a eleição da nova diretoria da Sociedade Brasileira de Geologia, a escolha do presidente recaiu na pessoa do Prof. Viktor Leinz, Diretor do Departamento de Geologia da Faculdade; outros dois elementos desta Faculdade foram eleitos para essa diretoria: o Dr. Rui Ribeiro Franco, como Secretário e o Dr. Josué Camargo Mendes, como Diretor de Publicações.

II REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

A II Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em Curitiba de 5 a 12 de novembro, compareceram 258 congressistas de vários Estados, do Uruguai e da Argentina; foram apresentados 168 trabalhos, incluindo-se as conferências de caráter geral, bem como realizados quatro simpósios sobre reflorestamento, energia ao serviço do Homem, antibióticos, fermentação e genética de micro-organismos. A essa reunião compareceu a Faculdade pelos seus Departamentos de Biologia, Botânica, Geologia, Química, Física e Matemática. Dos 168 trabalhos apresentados, 42 o foram por elementos pertencentes à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, ou que com ela colaboraram, o que representa, sem dúvida, elevada proporção. Cumpre registrar os trabalhos apresentados pelos elementos ligados a este Instituto Universitário:

1. R. Fried e A. Carvalho da Silva: “Contribuição ao estudo do metabolismo intermediário de triptofano no gato”.
2. Berta L. Morretes: “Observações sobre a coesão da água em vasos lenhosos”.

3. Mario G. Ferri: "Foto-inativação de auxina por compostos fluorescentes".
4. André Dreyfus: "Raças humanas, genética e eugenia" (conferência).
5. F. Rawitscher: "Problemas do reflorestamento em regiões tropicais".
6. Josué C. Mendes: "Problemas de evolução nos invertebrados fósseis".
7. C. F. Pantin: "Comportamento dos animais inferiores" (conferência).
8. H. Hauptmann: "Estudos com isótopos radioativos do carbono (conferência).
9. M. Damy de S. Santos: "Energia nuclear e sua utilização em benefício do homem".
10. H. Rheinboldt: "A tese de doutoramento de Jorge Tibiriçá Piratininga (1879)".
11. M. A. Cecchini: "Sôbre a possibilidade da substituição isomorfogênea do oxigênio ou enxofre pelo amino ou metileno-grupo".
12. Madeleine Perrier: "Sôbre a substituição isomorfogênea do ciano-grupo pelos halógenos em compostos orgânicos".
13. E. Giesbrecht: "Sistemas binários de benzoato de fenilo, tiobenzoato de fenilo e selenobenzoato de fenilo".
14. L. M. Zitti e F. A. Berti: "A preparação de N-tricloracetanilidas com o emprego de oxi-clreto de fósforo como agente condensante".
15. Paulo Sawaya e Antonieta Bruno: "Conteúdo mineral do sangue do Treme-Treme (*Narcine brasiliensis*)".
16. Diva D. Corrêa: "Observações e experiências sôbre a alimentação dos nemertinos".
17. Maria D. P. Gonzales; A. Bruno e P. Sawaya: "Sôbre a respiração das larvas da broca do café".
18. Alzira Sawaya: "Sôbre as hidras de S. Paulo".
19. C. Pereira e Maria P. de Castro: "Sôbre a artificialidade dos conceitos de Anacotricha, Diacotricha e Monotricha (Acari: Sarcotiformes-Acaridae)".

20. C. Pavan: "Genética de micro-organismos" (palestra).
21. A. P. Leme Zamith: "Sôbre o epitélio esofágico dos peixes".
22. H. Hauptmann: "Sôbre derivados sulfurados de esteróides".
23. S. Mathias: a) "Refratividade de disulfetos alifáticos", b) "Momento dipolar das mercaptanas propílicas e butílicas isômeras".
24. M. de Moura Campos: "A reação entre mercaptóis e mercaptanas".
25. Blanka Wladislaw: "Ação do níquel de Raney sôbre compostos de enxofre".
26. R. Salomé Pereira e M. Rabinovitsch: "Contribuição ao método para determinação do fósforo inorgânico, segundo Deniges, modificado por R. S. Pereira".
27. Lucy L. Nazário: "Ação de reativos enolizantes sôbre ácido dehidrocólico".
28. Erasmo G. Mendes: "Sôbre o cromógeno vanádico dos tunicados".
29. Paulo Sawaya: "Sensibilidade do músculo da Holotúria à acetilcolina".
30. Mario G. Ferri: "Mecanismo da foto-inativação do ácido 3-indolil-acético por substâncias fluorescentes".
31. F. A. Berti, B. H. G. Rieckmann, C. Perego, H. W. Rzeppa e L. M. Zitti: "Síntese de compostos para experimentação na lepra humana e murina".
32. O. P. Rapp, F. A. Berti, H. W. Rzeppa, B. H. Rieckmann: "A produção em grande escala de sulfonas anti-lepróticas pela seleção de produtos quimioterápicos do Instituto Butantã".
33. C. Perego, F. Berti, H. W. Rzeppa e B. H. Rieckmann: "Tentativas de dosagem e purificação de 4,4'-diaminodifenil-sulfona-N,N'-bis-metilenosulfoxilato de sódio — preparação e estudo de derivados hidrossolúveis da 4,4'-diamino-difenil-sulfona".
34. F. Furquim de Almeida: "Uma demonstração da lei de reciprocidade quadrática".
35. Chaim S. Hönig: "Grupos abelianos como Z-módulos".
36. Candido L. da Silva Dias: "Sôbre os funcionais analíticos não lineares".

37. Benedito Castrucci: "Cálculo da ordem do grupo das homografias do espaço projetivo N-dimensional sôbre um corpo de ordem $q=p$ ".

38. G. Cilento: "Comportamento recíproco de alguns cancerígenos e esteróides biliares".

39. Heinrich Rheinboldt: "O ensino da Química".

40. Paulo Sawaya: "O ensino da Zoologia".

41. Felix Rawitscher: "O ensino da Botânica".

42. Milton Rodrigues: "O ensino da Estatística".

De outros congressos participou ainda a Faculdade, através de seus Departamentos e Cadeiras, cujos titulares foram, pessoalmente, convidados. Sôbre as atividades por êles desenvolvidas, as referências encontram-se no capítulo "Atividades dos Departamentos e Cadeiras".

XIV - PUBLICAÇÕES

BOLETINS

A coleção de *Boletins*, iniciada em 1938, e da qual foram publicados 115 volumes até 1950, representa um dos mais importantes trabalhos realizados pela Faculdade, como publicação que é das numerosas pesquisas e estudos que Professôres e Assistentes realizam em suas diversas Cadeiras e Departamentos.

Distribuidos às mais importantes instituições científicas do país e do estrangeiro, constituem os *Boletins* o mais valioso elemento para a projeção, já internacional, da Faculdade. De sua distribuição tem resultado grande movimento de permuta com as mais notáveis publicações científicas da atualidade.

Em 1950 foram publicados 13 volumes dos *Boletins*, que aqui se relacionam, pela ordem alfabética das Cadeiras, e com os respectivos sumários:

- BIOLOGIA — n.º (Boletim CXI) — *Pavan, Crodowaldo* — Espécies brasileiras de *Drosophila* (II).
- BOTÂNICA — n.º 8 (Boletim CIX) — *Joly, Aylthon Brandão* — Estudo fitogeográfico dos campos do Butantã (São Paulo).
Schubart, Otto — *Rawitscher, Felix* — Notas sôbre o movimento de água subterrânea de Emas-Pirassununga.
to de água subterrânea de Emas-Pirassununga.
- ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI — n.º 16 (Boletim CIV) —
Loukotka, Cestmir — Les langues de la famille tupi-guarani.
- ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI — n.º 17 (Boletim CVI) — Orações e diálogos da doutrina cristã na língua brasílica (Mss. do século XVIII, transcritos e anotados por Plínio Ayrosa).
- ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI — n.º 18 (Boletim CVII) —
Drumond, Carlos — Notas sôbre cerâmica brasílica.
- ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI — n.º 19 (Boletim CXIV) — Nomes dos membros do corpo humano e outros designativos na língua brasílica (Mss. do século XVIII, transcritos e anotados por Plínio Ayrosa).
- GEOGRAFIA — n.º 4 (Boletim CX) — *Mendes, Renato da Silveira* — Paisagens culturais da Baixada Fluminense.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — n.º 11 (Boletim 115) — *Ellis Junior, Alfredo* — *Ellis, Myriam* — A economia paulista no século XVIII.

LETRAS — n.º 6 (Boletim CI) — *Figueiredo, Fidelino de* — A épica portuguesa no século XVI: subsídios documentares para uma teoria geral da epopéia.

LÍNGUA E LITERATURA GREGA — n.º 2 (Boletim 113) — *Coimbra, Aluizio de Faria* — Formas consonânticas da vogal reduzida.

LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA — n.º 1 (Boletim CVIII) — *Bettarello, Italo* — Estudos de poesia e poética.

PSICOLOGIA — n.º 3 (Boletim CXIX) — *Cabral, Anita de Castilho e Marcondes* — A Psicologia no Brasil. *Martuscelli, Carolina* — Uma pesquisa sôbre aceitação de grupos nacionais, "raciais" e regionais, em São Paulo. *Toledo, Maria da Penha Pompeu de* — Ensaio de elaboração de uma técnica para o estudo psicanalítico quantificado de documentos pessoais e protocolos de testes projetivos. *Leite, Dante Moreira* — Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros. *Leite, Dante Moreira* — Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros.

ZOOLOGIA — n.º 15 (Boletim CXII) — *Marcus, Ernesto* — Turbellaria brasileiros (8). *Marcus, Eveline du Bois-Reymond* — A new Loxosomatid from Brazil. *Corrêa, Diva Diniz* — Sôbre Ototyphlonemertes do Brasil. *Sawaya, Paulo* — *Carvalho, J. P.* — On the Branchiostoma of the Coast of São Paulo. *Soares, B. A. M.* — Sôbre o coração, o sistema nervoso estômato-gástrico e a circulação cardíaca nos escorpiões do gênero *Tityus* C. L. Koch, 1836.

BOLETIM DE INFORMAÇÕES

A partir de outubro de 1950, a Secretaria da Faculdade iniciou a publicação de um boletim mensal de informações, com o objetivo de divulgar as principais atividades da instituição, em todos os seus Departamentos. Surgiu da necessidade, por todos reconhecida, de aproximar as diversas secções, que, em geral, trabalham isoladas, sem o conhecimento recíproco, indispensável à criação e preservação do verdadeiro espírito universitário.

SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES

No segundo semestre de 1950, foi organizada, na Faculdade, a *Secção de Publicações*, serviço há muito reclamado e por diversas

vêzes planejado, com o objetivo de atender a uma das maiores necessidades da Faculdade, em consequência de seu próprio desenvolvimento. Conta com a colaboração dos Licenciados Dr. Manoel Cerqueira Leite e Edna Chagas Cruz, e em seu plano de trabalho inclui-se a publicação do Guia, do Anuário, do Boletim de Informações, das coleções "Textos e Documentos" e "Cursos e Conferências", além de outras que forem julgadas de interêsse cultural.

**XV - ASSOCIAÇÕES DE ALUNOS E ANTIGOS
ALUNOS**

RELATÓRIO DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DE QUÍMICA DA FACULDADE

I — CONFERÊNCIAS

Foram realizadas as seguintes conferências:

- 22-5 — Palestra realizada pelo Prof. Dr. Heinrich Hauptmann, catedrático de Química Orgânica e Biológica da F.F.C.L., sobre “Impressões de minha recente viagem aos Estados Unidos”.
- 30-10 — Duas conferências realizadas em conjunto com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. A primeira sobre “Cortizone” proferida por Dr. Randolph T. Major, vice-presidente da Merck & Co., e a segunda sobre “Vitamina B-12” proferida pelo Dr. Hans Molitor, diretor do Instituto de Pesquisas da Merck & Co., em Rahway.
- 6-12 — Conferência sobre “Dosagem microbiológica de Vitaminas” proferida pelo Dr. Gilberto G. Villela, diretor do Departamento de Bioquímica do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

II — DEBATES SÔBRE O ENSINO DA QUÍMICA NO CURSO SECUNDÁRIO

A Associação, em conjunto com a Sociedade Brasileira Para O Progresso da Ciência, realizou duas sessões, a 14 e 15 de abril, onde foi debatido o assunto seguinte: “O Ensino da Química no curso secundário”. Tomaram parte nesse debate os seguintes professores do curso secundário: Dr. Waldemar Saffioti, Adail Freitas Julião, Albertino Manente, Simão Faiguenboin.

III — II CONGRESSO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

Nesse Congresso, realizado de 5 a 12 de novembro, em Curitiba, a Associação tomou parte ativa, patrocinando duas sessões especializadas e uma conferência sobre “Recentes Pesquisas com Carbono Isotópico”, proferida pelo Prof. Dr. H. Hauptmann.

IV — BÔLSAS DE ESTUDO

Durante o ano de 1950, foram mantidas pela Associação dois bolsistas, no curso de Química.

V — ATIVIDADES SOCIAIS

Foram realizadas também atividades sociais, como pic-nic, coquetéis, etc..

VI — ATUAL DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO

Presidente: Ney Galvão da Silva
 Secretário: Marco Antonio Cecchini
 Tesoureiro: Geraldo Camargo Carvalho.

I CONGRESSO DE EX-ALUNOS DA FACULDADE

SÚMULA DOS TRABALHOS E CONCLUSÕES

Os trabalhos do I Congresso de Ex-Alunos da Faculdade, iniciados no dia 3 de julho, às 10 horas, foram encerrados dia 8, às 15 horas. No dia 3 realizou-se a sessão preparatória para aprovação do regimento interno, constituição da mesa diretora dos trabalhos, secretaria geral e comissões, que ficaram assim constituídas: *Mesa do Congresso*: Presidente, Antenor Romano Barreto; 1.º Vice-Presidente, Mário Wagner Vieira da Cunha; 2.º Vice-Presidente, Décio Grisi; 1.º Secretário, José Querino Ribeiro; 2.º Secretário, Edna Chagas Cruz; 3.º Secretário, Antônio Carlos de Andrada e Silva. *Secretaria Geral*: Carlos Corrêa Mascaro (secretário), Mozart César, Stela Cardoso de Melo Tucunduva e Berta Galender (auxiliares). *Comissão de Redação*: J. B. Damasco Pena, Raul de Moraes, Bruna Rossi, Alfredo Palermo, Paulo Cretela, Carlos Drumond, Luciano P. do Amaral e Antônio Cândido de Melo e Souza, eleitos pelo Plenário; Oswaldo Sangiorgi, Ary França, J. Ribeiro de Araujo Filho, Mário Wagner e Plínio Ribeiro, como presidentes das Comissões Técnicas; Carlos Corrêa Mascaro, como secretário geral, J. Querino Ribeiro e Edna Chagas Cruz como membros da mesa. *Comissão de Divulgação*: Antônio da Rocha Penteadó, Deusdá Magalhães Mota, Mafalda Zemella, Adir Ferraz Viana, Gioconda Mussolini, Laerte Ramos de Carvalho e Antônio Cândido de Melo e Souza. *Comissões Técnicas*: *Problemas da Pesquisa*: Ary França, João Batista Castanho, Berta Lange de Morretes, José Severo

Camargo Pereira, Erasmo Mendes e Waldemar Saffioti. *Problemas da Docência*: J. Ribeiro de Araujo Filho, Matilde Brasiliense, Uacury de Assis Bastos, Reinaldo Dias, Augusta Barbosa Ribeiro, e Waldemar Saffioti. *De Administração Escolar*: José Querino Ribeiro, Alfredo Gomes, Achilles Archero Junior, Luiza Marcelino Branco, Mário Wagner Vieira da Cunha, José Alves de Almeida Feo e Welman Galvão de França Rangel. *De Remuneração do Magistério*: Oswaldo Sangiorgi, Olga Pantaleão, Waldemar Panadés, Ênio Sandoval Peixoto, Otacílio Dias, Lucy Ribeiro de Moura, Maria Tereza Vergueiro, Hélio Ornelas Borges, Tagea Bjornberg e Alfredo Gomes. *De Assuntos Gerais*: Plínio Ribeiro, Rail Gebara, Rubens de Aquino, Maria Cândida S. C. Pereira, Vicente C. Quaglia e Horacina Ramos.

Na tarde do dia 3 teve lugar a recepção oferecida pela Congregação aos ex-alunos, tendo falado o Prof. Fernando de Azevedo, saudando os congressistas e o dr. Romano Barreto agradecendo. À noite deu-se a instalação solene dos trabalhos, tendo usado da palavra o Lic. Welman Galvão de França Rangel.

Foram efetuadas visitas ao Departamento de Física da Faculdade, na Cidade Universitária, aos professores das diversas Cadeiras da Faculdade e ao Museu de Arte Moderna.

As seguintes comissões executaram os trabalhos preparatórios do Congresso: Comissão Organizadora: Eurípedes Simões de Paula, José Querino Ribeiro, Aroldo de Azevedo, João Dias da Silveira e Edgard Radesca; Hospedagem: Alfredo Gomes, Antônio A. Soares Amóra, Maria Cândida S. de Camargo Pereira, Tereza Seixas e Ophelia Ferraz do Amaral; de Credenciais: Eduardo Alcântara de Oliveira, Erasmo Mendes, João Dias da Silveira e Odilon Nogueira de Matos; de Protocolo: Antenor Romano Barreto, Jandira Fourniol Rebêlo e Otacílio Dias.

Através de cinco sessões plenárias realizadas nos dias 5, 6, 7 e 8, o Congresso aprovou as conclusões relacionadas a seguir:

A) — DA COMISSÃO DE PESQUISA

1. — Que os antigos alunos se interessem pela intensa propaganda do objetivo primordial das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, a *pesquisa científica desinteressada*, em virtude de seu grande alcance cultural, e para facilitar o desenvolvimento dessas atividades na Faculdade, pois elas ainda não são bem compreendidas, nem aceitas em várias camadas sociais.

2. — Que a propaganda se faça através da participação, que os antigos alunos têm, como professores de cursos secundários, na formação da mentalidade dos jovens que se destinam à Universidade.

3. — Que os licenciados cujas especialidades comportem investigações nos ambientes em que trabalham, elaborem e executem planos de pesquisas regionais ou locais, solicitando, se necessário, a orientação e auxílio das cadeiras da Faculdade.

4. — Que os professôres da Casa apoiem a iniciativa de pesquisa dos alunos, elaborando planos para os licenciados do interior.

5. — Que a Diretoria da Faculdade promova facilidades administrativas indispensáveis à consecução dos trabalhos de pesquisa e auxilie sua publicação.

6. — Que a Diretoria e o Corpo Docente facilitem aos antigos alunos a freqüência aos laboratórios, bibliotecas departamentais e demais instalações, no período de férias.

7. — Que se facilite aos antigos alunos o empréstimo de livros durante o período letivo, uma vez que não lhes é possível a freqüência às bibliotecas nesse período.

8. — Solicitar da Congregação não sejam tornados obrigatórios os cursos de especialização aos licenciados que se inscreverem ao doutoramento, pois tal obrigação limitaria o tempo disponível para as pesquisas da tese a ser elaborada ou determinaria prejuízos em carreiras como as do magistério, além de impossibilitar de se doutorarem os licenciados que não pudessem permanecer na Capital.

B) — DA COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

1 — Apoiar a separação, dentro da Secretaria da Educação, dos serviços do ensino primário, do secundário e normal e do industrial, sendo entretanto radicalmente contrários à subordinação dos Ginásios, Colégios e Escolas Normais às Delegacias de Ensino.

2 — Pleitear dos poderes competentes sejam os cargos de direção dos estabelecimentos de ensino secundário e normal providos exclusivamente por licenciados por Faculdades de Filosofia, tendo preferência os licenciados em Pedagogia.

3 — Solicitar a revogação do ato n.º 55, da Secretaria da Educação, sôbre acumulação de cargos.

C) — DA COMISSÃO DE REMUNERAÇÃO DO MAGISTÉRIO

1) — Pleitear a equiparação da remuneração dos professôres secundários à dos advogados, médicos e engenheiros do Estado.

2) — Solicitar se considere para efeito de remuneração os serviços docentes dos professores e assistentes da Faculdade que ministrarem aulas nos cursos de férias.

D) — DA COMISSÃO DE PROBLEMAS DA DOCÊNCIA

1 — Manifestar-se contra os cursos de férias tais como os realizados pelo Departamento de Educação, uma vez que visem conferir pontos a candidatos a concursos; solicitar que somente sejam válidos os cursos de férias patrocinados pelo Departamento de Educação e pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, cabendo a esta a responsabilidade da orientação didática, designação de professores e organização do currículo; que sejam computados para aferição de títulos apenas os cursos que tenham obedecido ao item anterior e nos quais haja aprovação em exames de aproveitamento.

2 — Solicitar para o título de licenciado a maior cotação de pontos, em todos os concursos do ensino médio e em função dêle a atribuição dos valores dos outros títulos, inclusive certificados de curso de férias.

3 — Remessa aos poderes competentes de sugestões sobre a contagem de pontos para a classificação de professores secundários em concurso de remoção, segundo uma escala como segue: a) diploma de licenciado por Faculdades de Filosofia, 7,5 pontos; b) diploma de especialização por Faculdades de Filosofia, 5 pontos; c) exercício de cátedra como professor efetivo por concurso, 0,15 por mês, até o máximo de 18 pontos; d) certificado de curso de férias, ou de que tenha lecionado nos mesmos, desde que promovidos pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1 ponto por curso até o máximo de 3; e) trabalhos publicados, dentro da seguinte graduação crescente: artigos de jornal, livros didáticos, trabalhos de pesquisa científica, teses de doutoramento e concurso, com aprovação.

E) — INDICAÇÕES DO PLENÁRIO

1 — Solicitar do Congresso Nacional:

- a) a elaboração de uma lei que reserve a exclusividade para inscrição em concurso de ingresso ao magistério secundário e normal, para os licenciados por Faculdades de Filosofia, a partir de 1951;
- b) a rejeição do projeto de lei n.º 367/48, que regulamenta a profissão de economista, por prejudicial aos interesses dos.

licenciados em Ciências Sociais por Faculdades de Filosofia;

- c) a instituição em lei dos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação.

2 — Solicitar da Assembléia Legislativa Estadual:

- a) a aprovação do projeto de criação do Instituto Pedagógico anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade, nos moldes do substitutivo Rubens do Amaral;
- b) a modificação da lei 504, no sentido de estender o comissionamento de professores primários a todos os cursos da Faculdade de Filosofia que, por lei, puderem frequentar, e não somente ao de Pedagogia.

3 — Remeter à Associação dos Antigos Alunos, para as providências que couberem, as indicações, teses e propostas que o Congresso não teve tempo de estudar convenientemente: “Sobre constituição de bancas examinadoras dos concursos de ingresso nos cursos secundário e normal”, “Sobre o ensino de línguas vivas”, “Os problemas dos licenciados e a Associação dos Antigos Alunos”, “Problemas gerais da docência”, “Remuneração de aulas extraordinárias e magistério particular”, “Provimento interino de cargos”, “Dispositivos da Lei 650”, “Vencimentos de Diretores e Vice-Diretores”, “Provimentos de cargo de Diretor e Vice-Diretor”, “Restauração das Congregações de estabelecimentos de ensino secundário”, “Registo de inscrição para provimento interino de cargos no ensino secundário e normal”, “Protesto contra projeto da Assembléia Legislativa efetivando diretores de estabelecimentos municipais ou particulares, sucedidos pelo Estado em sua manutenção”, “Protesto ao Governo do Estado contra a efetivação de professores do ensino normal independente de concurso ou nêles reprovados”, “Protesto contra o projeto de lei n.º 452/50 que autoriza a nomeação para cargo de diretor de estabelecimento de ensino secundário e normal, dos secretários que sejam contadores”, “Constituição de comissões de professores em todos os estabelecimentos da Capital e do Interior para representarem a Associação dos Antigos Alunos e a ela auxiliarem em suas campanhas e na execução das resoluções do I Congresso”.

4 — Publicar nos Anais do Congresso o trabalho do professor Oswaldo Sangiorgi intitulado “Impressões pessoais do ensino da Matemática, desde a última reforma Capanema”.

5 — Colocar uma placa comemorativa do I Congresso no local das sessões e marcar para julho de 1951 a realização do II Congresso, que deverá ser promovido pela Associação dos Antigos Alunos.

F) — MOÇÕES

1 — de saudação aos antigos alunos que se encontram no estrangeiro em missão cultural ou com bolsa de estudo.

2 — de agradecimento à Imprensa e ao Rádio, pela colaboração prestada ao Congresso.

3 — de homenagem à memória de ex-alunos e professôres falecidos.

4 — de homenagem aos ex-professôres da Faculdade.

5 — de aplauso à Congregação da Faculdade, à Comissão Organizadora e ao prof. José Querino Ribeiro, pela promoção do Congresso.

6 — de aplauso à mesa pela maneira com que conduziu os trabalhos.

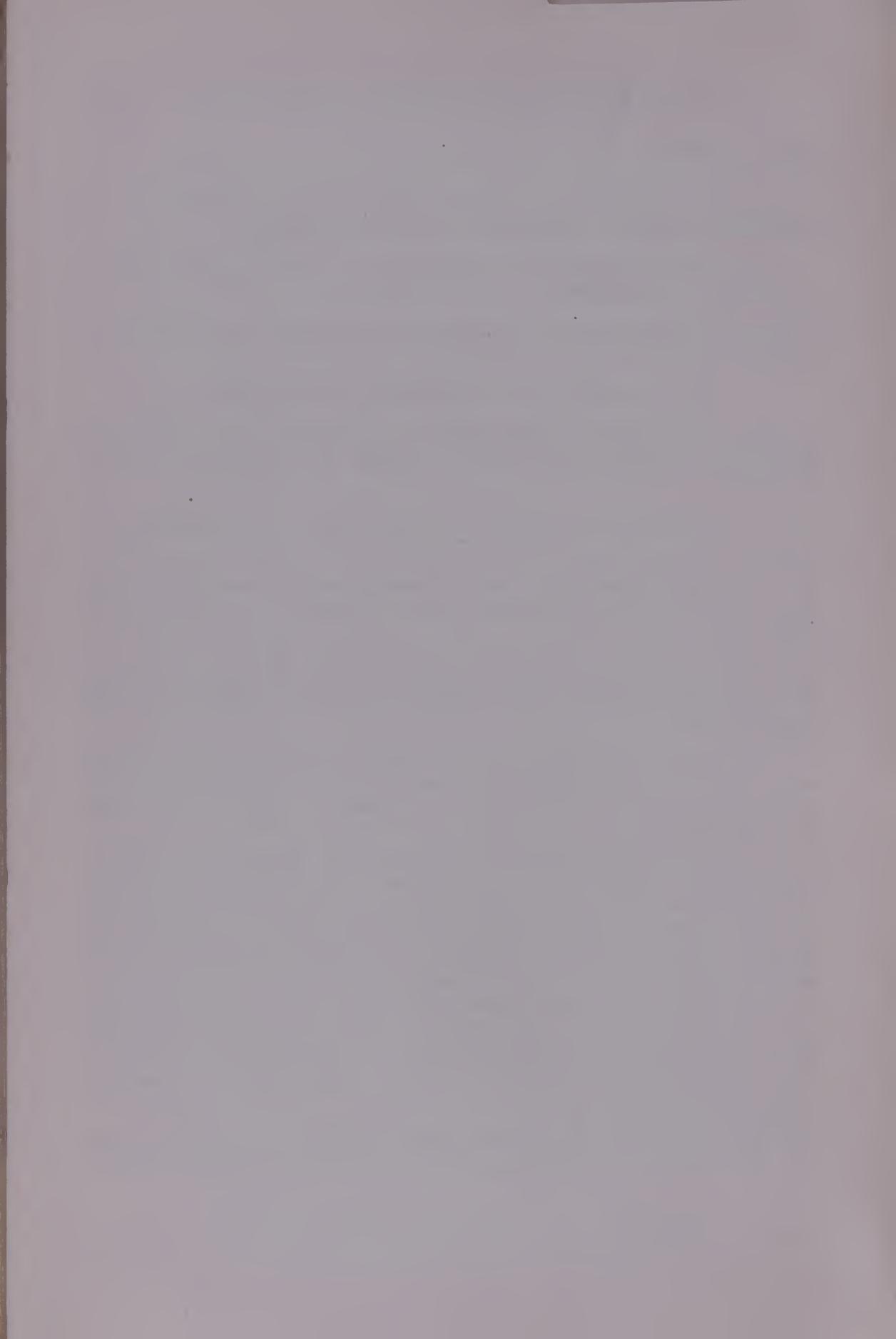
7 — de congratulação com os licenciados da Faculdade de Filosofia de Campinas, pela concentração promovida nos dias 8 e 9 de julho.

8 — de apóio aos licenciados da Faculdade Nacional de Filosofia, na luta que mantêm com a Prefeitura do Distrito Federal, reivindicando direitos.

Na última sessão plenária, ficou resolvido que a mesa redigisse uma “Declaração de Princípios” de acôrdo com os autores de propostas anteriores, e de modo a poder ser inscrita na placa comemorativa do Congresso.

À margem dos trabalhos do Congresso, foi aproveitada a presença de grande número de ex-alunos para a reorganização do quadro social da Associação dos Antigos Alunos, e posse da nova Diretoria, que ficou assim constituída: Presidente, João Dias da Silveira; Vice-Presidente, Erasmo Garcia Mendes; 1.º Secretário, Norman Anawate; 2.º Secretário, Carlos Drumond; Tesoureiro, Pasquale Petrone. Conselho Consultivo: Eurípedes Simões de Paula, Lívio Teixeira, Fernando Furquim de Almeida, Paulo Taques Bittencourt, Paschoal Américo Senise, João Ernesto de Souza Campos, Antônio Cândido de Melo e Souza, Edna Chagas Cruz, Antônio Soares Amóra, Marlyse Madeleine Meyer e José Severo de Camargo Pereira.

Os congressistas deliberaram que a Associação dos Antigos Alunos será a sucessora executiva da mesa diretora dos trabalhos do Congresso.



A P Ê N D I C E



DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA

Quadro comparativo entre a RECEITA e a DESPESA, prevista e realizada, do exercício de 1950.

R E C E I T A

<i>Títulos</i>	<i>Prevista</i>	<i>Realizada (Execução)</i>
Receita Ordinária		
1 — CONTRIBUIÇÕES		
1.1. — Do Estado	18.736.300,00	25.175.378,80
2 — TAXAS E EMOLUMENTOS DIVERSOS		
2.1. — Transferências	300,00	3.600,00
2.2. — Insc. p/ exames, teses e concursos	18.000,00	58.500,00
2.3. — Diplomas, cartas e títulos	14.000,00	36.720,00
3 — INDUSTRIAL		
4.2. — Publicações	500,00	5.350,00
T O T A I S	18.769.100,00	25.279.548,80

D E S P E S A

Pessoal Fixo	19.438.995,20	19.437.537,10
Pessoal Variável	3.665.560,00	3.656.665,20
Material Permanente	663.041,90	662.404,50
Material de Consumo	658.811,30	658.540,30
Despesas Diversas	871.061,60	864.401,70
Sub-somas	25.297.470,00	25.279.548,80
Crédito especial plurienal Decreto n.º 18.573-A de 13-4-1949		
— saldo	650.000,00	
T O T A I S	25.947.470,00	25.279.548,80

AUXÍLIO DA FUNDAÇÃO ROCKEFELLER À FACULDADE

In "The Rockefeller Foundation, Annual Report", 1949, pp. 237-238:
Universidade de São Paulo
Departamento de Química e de Biologia.

A Universidade de São Paulo, Brasil, é uma das instituições líderes na pesquisa e no ensino, na América do Sul. A maioria dos professores e assistentes dos departamentos científicos está sob regime de tempo integral. Esta Universidade vem desenvolvendo um grande número de importantes e promissoras pesquisas, especialmente no campo da Genética. Entretanto, o desenvolvimento dos departamentos científicos está prejudicado pela escassez do dólar e outros créditos estrangeiros, necessários à compra de material e aparelhamento especiais, impossíveis de se obter no Brasil. A Fundação Rockefeller é que tem fornecido à Universidade os fundos necessários às compras no exterior. Ainda em 1949 adiantou a soma de vinte mil dolares, utilizáveis até o fim de junho de 1951. Esta verba é destinada aos Departamentos de Biologia Geral (Genética), Geologia e Paleontologia, Botânica (Ecologia), Mineralogia e Petrografia, Fisiologia Geral e Animal e Química, e ao Departamento de Bioquímica da Faculdade de Medicina Veterinária.

Estes sete departamentos estão entre os membros da Fundação Rockefeller, que gozarão de benefícios dos materiais adicionais.

ALUNOS MATRICULADOS EM 1950

CURSO DE FILOSOFIA

1.º ano

Ailton de Melo Brito
Alfredo Augusto de Carvalho
e Silva Carmo
Angelo De Capua Neto
Antonio Augusto de Aguiar Magano
Ayrton Gomes de Oliveira e Silva
Celso Waak Bueno
Eloy Franco Oliveira
Eunice Martins da Costa

Fabio Carlos Lorenzi
Fernando Heraclio da Silva
Francisco Cimino
Gilda Cardoso
Helena Jardim Moreira
José Aluysio Reis de Andrade
José Arthur Gianotti
José da Conceição Esteves
Leyde Höelz

Nadyr Antonietta Laguna
 Nelson Marcondes do Amaral
 Roberto Cardoso de Oliveira
 Rodolfo Azzi
 Rogerio Duprat

Ruth Bitincof
 Vilma Elias
 Violanda Lomba Guimarães Corrêa
 Walter Hugo Khouri

2.º ano

Francisco Bueno da Costa
 Ivonne Tessin
 João Eduardo Rodrigues Villalobos
 Joaquim Guimarães Pedroso
 Maria Alice Ferraz de Azevedo
 Maria Aparecida Blandy Neves
 Maria Thereza Roubaud Dias
 Mario Leonidas Soares Casanova

Martha Camargo Schutzer
 Nilda Maria Macruz
 Nites Therezinha Feres
 Ruy Afonso da Costa Nunes
 Ruy Mesquita
 Tristão Pereira da Fonseca Filho
 Virgilio Xavier

3.º ano

Adolpho Martinelli
 Albertino Piason
 Ary Ramos Vieira Bastos

Beatriz Alexandrina Pires de Moura
 George Olivier Toni
 Leticia Folgori Carboni

4.º ano

Dante Moreira Leite
 Dinah Rodrigues
 Elza dos Santos Lima
 Geraldo Pinheiro Machado
 Ivo Escobar de Lima

Ilza da Cunha Ferreira
 José Gilberto de Almeida
 Paulina Pistrak Nemirovsky
 Renato Alberto Teodoro Di Dio
 Rubens Nerval Barbosa

CURSO DE MATEMÁTICA

1.º ano

Albino Perez Rodrigues
 Carlos Funari Prospero
 Gita Kukavka
 Ivan Herculino de Oliveira
 José Baptista Gonçalves
 José Murillo Arruda

Lissy Ephraim
 Milton Damato
 Ramisa Jorge
 Rubens Monteiro Lamparelli
 Sylvio Andraus
 Waldyr Muniz Oliva

2.º ano

Alexandre Augusto Martins Rodrigues
 Arnold Presser
 Carlos Renato Rebello Machado
 Conrado de Carvalho Alves
 Francisco Reynaldo de Arruda Camargo
 Lajos Rimai

Michal Lando
 Nelson Pires
 Neydy de Campos Melges
 Octavio Cavalcanti Tamandaré Uchôa
 Ricardo Alfredo von Brewer Ferreira

4.º ano

Abrahão Bloh
Antonio Morales
Carlos Benjamin de Lyra

Flavio Fausto Manzoli
José Barros Neto
Léo Roberto Borges Vieira

CURSO DE FÍSICA

1.º ano

Abraham Szule
Aleardo Pastore
Antonio Marzionna
Antonio Helio Guerra Vieira
Bruno Ulysses Mazza
Darwin Bassi
Fernando Ruiz Dondici
Gianni Ascarelli
João Martins
José de Anchieta Brandão

José Pereira Lima
José Ferreira Lopes
Napoleão Modesto Arraes
Roberto de Godoy Andrade
Rubens Sewaybricker
Ruth Pereira da Silva
Samuel Karlik
Suzana dos Santos Villaça
Wilson Cunha

2.º ano

Celso Maria de Queiroz Orsini
Darcy Pereira
Einih Leiderman
Juraj Suszman
Luiza Curado
Mario Belbusti Filho
Nelson Russo

Newton Bernardes
Nicolau Jannuzzi
Nuncio Roberto Chieffi
Ottavia Adelaide Borello
Persio de Souza Santos
Scipione Di Pierro Neto
Zenonas Stasevskas

3.º ano

Abraham Hirsz Zimmermann
Aaron Kuppermann
Klaus Stefan Tausk

Paulo Alves de Lima
Paulo Roberto de Paula e Silva
Waldir Garlipp

4.º ano

Elly Silva
Jorge Leal Ferreira
José Goldenberg

Roberto Ignazio Maria Guglielmo
Forneris

CURSO DE QUÍMICA

1.º ano

Adhemar de Barros Filho
Dorothy de Felice

Francisca Augusta Pereira Lima
Geraldo Vicentini

Hans Hjalmar Paul Beugger
Konrad Wolfram Werner Guth
Mario Augusto de Andrada e Silva
Milton Moraes Campos

Selma Josefina Woegerer
Yara Tavares
Woldietrich Ernst Erich
Friedrich Wilhelm Borges

2.º ano

Abigail de Albuquerque Maranhão
Adelaide Lopes de Faria
Albert Heinrich Gottfried Pabst
Alexandra Popoff
Angelica Ambrogi
Antonia de Matos
Cýro Marino
Dario Moura de Araujo

Helga Windmüller
Heloisa Pires de Moura
Horst Berl
Jeanne Hortense Villin
Ricardo de Carvalho Ferreira
Vicente Guilherme Toscano
Wilson Ferreira

3.º ano

Alcideo Abrahão
Constancia Pagano
Egle Amore
Ernest Léo Mehlich
Fajga Ruchla Mandelbaum
Francelina Martins Miranda Bouchet
Gerson Rodrigues
José Israel Vargas

Katsunori Wakisaka
Lelia Mennucci
Maria Denise Navarro Lichtenfeld
Nicola Petragnani
Nivia de Barros Waack
Roza Davidson
Zuleika Broniscer
Werner Germano Gallenkamp

4.º ano

Aurora Catarina Giora
Eurico de Carvalho Filho
Haim Jurist
Herbert Cohn

Mario Peña Rocha
Rebecca Carlota de Angelis
Regina Carrão Viana

CURSO DE HISTÓRIA NATURAL

1.º ano

Abeylard de Queiroz Orsini
Abrahão Rosenberg
Attilio Maria Vianello
Bernardo Beiguelmann
Camilo Antonio Mourão
Celia Almeida Cabral
Cleide Severina Mazzarolo
Dalva Amorim Teixeira Coelho
Dirce Brussi Carvalho
Edna Leoni Baptista
Erika Schlenz
Estela Aparecida Pasqualini
Eurico Coelho
Francisco Kazuhiko Takeda

Ida Altgauzem
Leny Cecilia Ribeiro
Luiza Salinas Castanho
Lydia Meneghini
Maria Nilze Cintra
Maria Therezinha Duarte de Almeida
May Cury
Myriam Krasilchik
Murilo Cabral Porto
Nuchem Hirsz Fassa
Reinholt Ellert
Salette Maria Antonia Prado Moons
Zelia Drumond Ortiz

2.º ano

Alfredo José Simon Bjornberg
 Kaoru Hosoe
 Laelia Hoehne
 Luiz Edmundo de Magalhães
 Maria Amelia Braga de Andrade
 Maria Dolores Salinas

Nicia Dulce Sayão Wendel
 Norma Maria Cleffi
 Orlando Gigliotti
 Renato Raul Gonçalves de Oliveira
 Walpurgis Baptistella

3.º ano

Claudio Gilberto Fröhlich
 Eudoxia Maria de Oliveira Pinto
 Helena Villaça

Liliana Forneris
 Neuza Guerreiro

4.º ano

Elza Borges Martins
 Flavio Augusto Pereira
 Juan Nacrur Pereira
 Maria de Lourdes Andrade
 Homem de Montes

Martha Pereira de Castro
 Toshico Fujita
 Wanda Eugenia Neves

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

1.º ano

Aglaé Mendonça Campanha
 Agostinho de Oliveira Falleiros
 Ana Amelia Musa Pessoa
 Angelo de Francisco
 Benedicta Marques Pinho
 Benvenuto Italo Cirenza
 Daisy Ferreira Guimarães
 Edison Naccarati
 Eloá Betet Furlan
 Erothildes Millan
 Esther Rodrigues Pereira
 Georgina Del Bianco
 Gerda Nunes Davanzo
 Cleidy Sabino Fernandes
 Helena Frade
 Ignacio Nobutaka Takeda
 Jarbas Sales de Figueiredo
 José Benedicto de Maio Oliveira
 Julieta Abud
 Lazara de Moraes

Luiz Lisanti Filho
 Luiza Maria Lorena Barbosa
 Maria Aparecida Ciampa
 Maria Conceição Brandão
 Maria Francisca T. Toscano Vergara
 Maria Lellis de Souza
 Maria Luiza Petrilli
 Maria Thereza Schorer
 Marina Pina do Nascimento
 Nylde de Andrade
 Odete Elias
 Oswaldo Brunstein
 Paulo Celestino Vatanabe
 Persio Freitas de Mello
 Therezinha Soares Mascarenhas
 Vera Ferrari
 Vicente Morellato Neto
 Zoé Mendonça Campanha
 Walter José Faustini

2.º ano

Caetano Benito Liberatore

Carlos Latorre

Clelia Dionisia Sansigolo
 Dalia Pacheco Lomba
 Desna Celoria
 Domingas Joana Donato
 Donaldô Erix Pereira
 Ducinéa Camargo
 Eurydes Baptista
 Felícia Montemurro
 Helena Fignatari
 Heloisa Maria Estela Belfort Furia
 José Chalita
 Laura Aparecida Borges Zanetti
 Lina Pereira
 Maiah de Almeida Pinsard
 Maria da Gloria Vieira Nascimento

Maria José Sampaio Costa
 Maria Thereza Guglielmi
 Nazima Buraad
 Nelson Guimarães da Cunha
 Neyde Macedo
 Nobue Myazaki
 Olga de Assumpção Flores
 Presciliana Rodrigues de Moraes
 Raphael Caetano Sansevero
 Regina da Cunha Rodrigues
 Salua Assad Abirad
 Therezinha Rocha Batalha
 Uaded Boraad Yunes
 Vera de Oliveira Conde Sotto
 Zuleide Ruas Gaspar

3.º ano

Alicia Massad
 Beatriz Rodrigues Lessa
 Dyrcceu Teixeira
 Emilia da Costa Nogueira
 Elza Mendonça Carozza
 Francisca Marinho Nunes
 Helena Mendes de Castro
 James Noronha de Souza

João Baptista de Macedo
 Maria Cecilia França
 Maria das Dores Lopes
 Maria da Gloria Alves
 Mariam Abu-Jamra
 Marina Dias de Carvalho
 Myriam Ellis
 Sophia Cardoso de Almeida

4.º ano

Ady Ciocci
 Aldo Janotti
 Aparecida Salles
 Aurora Fernandes Abreu Zaerob
 Daisy Nogueira Santos
 Elizabeth Maria Montiani
 Elza de Abreu
 Francisco Ambrosio de Miranda
 Helena Kohn

José Gori
 Maria Luiza Picena
 Samoel Alves de Mello
 Vera Alice Esteves
 Yvette Judith Riondet
 Waldemar Panadés
 Wanda da Motta Silveira
 Wanda da Silva Brito

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

1.º ano

Alberto Abib Shammas
 Arthur de Moraes Cesar
 Clodomir Santos de Moraes
 Dirce Lagana
 Levon Yacubian
 Maria do Carmo Guimarães Barros

Maria Helena Braga de Andrade
 Nelson Polo
 Regis Duprat
 Tirteo Frimo Geraldo Varoli
 Veridiana do Amaral
 Wilson José de Mello

2.º ano

Alfredo da Costa Pereira

Celia Coelho Pinto de Almeida

Fernando Henrique Cardoso
 Gastão Thomaz de Almeida
 Helena Maria Panizza
 Helvio Meris Pinheiro Lima
 João da Luz Souza
 José Tavares de Mello
 Marialice Mencarini

Maria Neusa Avenia
 Maria Sylvia de Carvalho Franco
 Mary de Moraes Apocalypse
 Octavio Ianni
 Pedro Alfredo Maffei
 Ruth Villaça Corrêa Leite

3.º ano

Altair da Silva Macuco
 Alvaro Marchi
 Lolio Lourenço de Oliveira

Rengto Jardim Moreira
 Rubens Ferreira Guedes

4.º ano

Adelaide Lisboa
 Americo Marques Bronze
 Azis Simão
 Douglas Teixeira Monteiro
 Edna Beltramini
 Glete de Alcantara
 Iva Borsari

Maria Alayde Trani
 Michel Haber
 Muciano Quintães de Castro
 Neusa Amaral
 Oliveiros da Silva Ferreira
 Szmul Jakub Goldberg

CURSO DE LETRAS CLÁSSICAS

1.º ano

Alberto de Barros Rangel
 Antonio Alves da Palma Guimarães
 Filho
 Artur Cogan
 Daphne Cecilia Fasotti
 Flavio Mendes Bernardi
 Gilberta Sampaio De Martino
 Inah Maria Leoni
 Ivanide Wozary
 Jayme Gonçalves Salgado
 Léa Beatriz Insuela
 Leonor Blindo Gomes da Silva

Luis Carlos Rodrigues da Silva
 Maria Edna Gouvêa Prado
 Maria Lindomar Martins Vale
 Milton Campana
 Neusa Aparecida da Costa
 Nida Bulgarelli
 Ramiro Ucha Campos
 Renato Martins Mottosinho
 Reynaldo Canevari
 Sabino Stenico
 Zilah Assef
 Walter Lobo

2.º ano

Abner Lellis Corrêa Vicentini
 Alfredo Augusto Rodrigues
 Antenor Piola
 Antonio Martins Ferreira
 Antonio Poli Lacerda
 Dermal de Camargo Monfré
 Dulce Tristão da Rocha
 Edmundo Benedicto Alves de Mattos

Jayme Kawas
 João de Andrade
 José Benedicto Chiaradia
 José Manuel Novais Arruda
 Manoel Reis
 Manuel Lazaro Pereira
 Maria Aparecida Gaeti
 Maria Edith do Amaral Garboggini

Maria Helena Villela
 Maria Nair Moreira

Moacyr Parise Correia
 Pio Rodrigues de Lima

3.º ano

Geraldo Tabarani dos Santos
 Loth Campos Maia
 Luciana Orfei
 Maria Aparecida Genovez
 Maria Luisa Fernandes

Miguel Salles
 Nilo Domingos Scalzo
 Norma di Grado
 Oclecio Renato Rogano
 Olga de Sá

4.º ano

André Fernandes Romera
 Antonio Pimentel de Almeida Castro
 Dante Tringali
 Edda Ilze Janotti
 Eliana Rosso
 Emir Macedo Nogueira
 Flávio Traballi Camargo
 Francisco Roedas

Maria Helena de Oliveira
 Maria Helena Marques Ribeiro
 Maria Olinda Gandara Fonseca
 Maria Zilah Pereira Aranha
 Mario Franceschini
 Ruth Guimarães Botelho
 Vando Fiorentini
 Vicente Paulo Lemos

CURSO DE LETRAS NEOLATINAS

1.º ano

Angela Gonçalves da Fonseca
 Celly Vieira da Costa
 Celso Guimarães da Fonseca
 Edna Silva
 Elza Monterroso Gonçalves
 Enid Cesar Marques
 Hilda Westin de Cerqueira
 Isabel Sadalla
 José Schmitt Corrêa
 Maria Lucia de Souza Palma
 Maria Lucia Pinheiro de Vasconcellos
 Maria Sabina Kundman

Michel Jorge
 Natalia Ostopoloff
 Niobel Donatz Ribeiro da Silva
 Oclair Rosa
 Olga Ramos Fernandes
 Rita Guilhem
 Thaís de Arruda Lazzari
 Vilma de Katzinsky
 Virginia Nice Villaça
 Yara Moretti
 Wanda Pommé

2.º ano

Ada Natal
 Altaní Lara Nogueira
 America Moral
 Anezia Thereza Giachetto
 Antonio Lazaro de Almeida Prado
 Archalus Tchalikian
 Cacilda de Oliveira Camargo
 Celina Pimentel Rizzo
 Decio de Almeida Prado
 Fernando Willi Bastos Franco
 Genia Waitman

Getulio Vita de Lacerda Abreu
 Helly Caserta
 João Roberto
 Leonor Lopes
 Lucia Cotrim Cobra
 Luzia Eneida Banzato
 Magaly de Azevedo Nogueira
 Maria Alice de Oliveira Faria
 Maria Alice Leite Prado Pinto
 Maria Floriscena Tassara Giraldes
 Maria Lucia Rodrigues de Matos

Maria Thereza Queiroz Guimarães
 Martha Maria Pacheco de Paula Leite
 Myriam Conceição Mattei
 Neusa dos Santos Alves
 Neyde Antunes Mattos

Neyde Gonçalves Rocha
 Sarah Ortiz
 Thereza Josephina dos Reis
 Walter Sergio de Castro
 Wilson Pereira Borges

3.º ano

Alice Trindade Pereira
 Annapaola Ventura
 Aracy Micucci
 Carmella Barbagallo
 Carmen Therezinha dos Santos
 Celia Pereira Aranha Ricardo
 Clara Martins Laginha Reinez
 Decia Livia Teixeira
 Eunice Navajas
 Esther Guimarães Proença
 Flavia Therezinha de Almeida Carvalho
 Ieda Santos Barcellos
 Jessy Pereira Cassiano
 Maria Aparecida Penteadó Cardoso
 Maria Candida Rezende
 Maria Dulce Castelli de Almeida
 Maria Helena Costa
 Maria Isabel Alves Ferreira
 Maria José Duarte
 Maria de Lourdes Bernardes da Silva

Maria de Lourdes Rodrigues
 Maria Luiza Medeiros Pereira
 de Souza
 Maria Martins Laginha Reines
 Marilda de Gouvêa Martins
 Mercedes Passarelli
 Nícia Maria Machado
 Nilza Antunes de Lemos
 Nilza Pereira da Silva
 Olga Pigosso
 Paulo Monte Serrat Filho
 Salimi Kfourri
 Suaad Saad
 Thereza Maria Rangel Pestana
 Uydad Nassar
 Vera Braga Franco
 Yvonne de Felice Gonçalves
 Zaé Mariano Carvalho do Nascimento
 Junior
 Wilma Velloso da Silveira

4.º ano

Adolphina Pereira de Campos
 Alcides Franco
 Carla Inama
 Francisco Daniel Trivinho
 Golda Armel
 Haydée Miguel Frayze
 Iris Borges Fialho
 Ivette Santinho

Izabel de Moraes Oliveira Campos
 Laura Amelia Alves Vivona
 Laura Prestes
 Luiz Geraldo Toledo Machado
 Maria Felicia Martino
 Maria Thereza Emboaba da Costa
 Nelly Corrêa
 Szejndla Armel

CURSO DE LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS

1.º ano

Amelia Kiyoko Suguimoto
 Antonio Martins Moura
 Carlocyllas Barros da Rocha
 Cherubim Bueno de Camargo
 Chloris Casale de Arruda
 Daisy de Miranda Rosa
 Doralice Cristiani
 Emiko Sooma
 Eufelia de Camargo Pupo
 Eva Bella Zilber
 Florentina do Amaral

Hermine Maria do Rosario Safranek
 Ivany Cleide Togonato
 Jenny Paulo Antonio
 Johannes Dietrich Hecht
 José Nelson Tavares de Camargo
 José Rangel de Almeida
 Linda Tonon
 Liselotte Richter
 Manuel Aparecido Medeiros
 Maria Cecilia de Oliva
 Maria Guilhermina Leme

Maria José de Toledo Eiras
 Maria Salomé Ferraz de Arruda
 Maria Therezinha Pinheiro Machado
 Mario Romano
 Myriam de Oliveira Freire

Norman Maurice Potter
 Olga Viotto
 Renato Luiz Pereira de Souza
 Vera Baptista
 Zoé Finhane

2.º ano

Amin Aidar Filho
 Amira Kurban
 Anna Lucy de Albuquerque Jorge
 Anna Maria Zitti
 Clarice Naufal
 Dirce Ferrari De Biasi
 Elide Salim Ferse Nassur
 Elza Dagmar Pinto
 Elza Santos Elias
 Elza Saraiva Monteiro
 Gilda Camargô de Carvalho
 Herbert Hugo Lichtenthäler
 Jamile Abdalla
 Jeannette Chedick
 José Resstel
 Julia Gonçalves Amaro

Lucia de Souza Cambeses
 Lycia Höfling
 Margarida Lenzi Fonseca
 Maria Aparecida Morrone
 Maria de Lourdes Prado
 Maria Haydée Gomes
 Maria Sylvia Ley
 Nair de Carvalho Mattos
 Nancy Zattarelli
 Neusa Jorge Longo
 Neusa Rodrigues
 Scheva Niski
 Victoria Bustamante Rangel de Freitas
 Wangelita Santos Loureiro
 Wilma Pereira Costa

3.º ano

Adelia Purgato Carelli
 Anna Thereza Birkholz Corrêa
 Anna Walderez Ayres Neves
 de Alencar
 Carmen Helene Hildegard Holck
 Clara Fuchs
 Francisca Depari
 Irene De Mori
 João Capez

Lucy de Souza Gitahy Teixeira
 Lys Casale de Arruda
 Maria de Lourdes Gomes
 Nara Monte
 Nelly Reguejo Hernandez
 Perola de Carvalho
 Ruth Arouca
 Wildo João Pinheiro

4.º ano

Cyra Lygia Mazza
 Eidaldea Neomisia Magnani Focchi
 Erwin Theodor Rosenthal
 Heloisa Jardim Moreira
 Iolanda Guimarães Barros
 Jairo Bueno
 Lais Helena Fernandes Lencastre
 Leonore Hanna Schönmann
 Lisette Beatriz Graziani

Maria Aparecida Semeghini
 Maria do Carmo Gregori
 Maria Nazareth Gouveia Gallão
 Maria Therezinha Croce
 Mary Gdansky
 Nilza Norma Brandão
 Ramon Marba Ruiz Filho
 Suzana Claudia Braga de Sousa Kobal
 Teresinha Gomes de Amorim

CURSO DE PEDAGOGIA

1.º ano

Alice Pedro

Altamira Passos

Angelina Cabral de Teves
 Angelina de Lima
 Anna Maria Smith Pimentel
 Berenice Pereira
 Carlos Gomes
 Celeste Freire
 Celia Rodrigues Ferreira
 Claudio Magnani
 Dulce Ribeiro
 Edson Freire
 Eneida Pimentel da Silveira
 Guilhermina Tretalda de Lima
 Ivette Tannus
 José Augusto Dias
 José Ferdinando Ré
 Lia Maria Tassara de Padua
 Lilaz Silva de Paula
 Loyde Amalia Faustini
 Lygia Tammone

Maria do Carmo Bertolazzo
 Maria Elisa de Avila
 Maria de Lourdes Parente Costa
 Maria Nilde Mascellani
 Myriam Dias de Andrade
 Myrtes Alonso
 Nioma Pires Gavião
 Noemia de Godoy Bueno
 Norma Aparecida Silveira Schiavone
 Romeu de Moraes Almeida
 Rosa Pavone
 Sidronia Queiroz Cerqueira
 Stella Moraes
 Vicente Marques Beato
 Zilda Augusta Anselmo
 Zuleika de Campos
 Wilma Colautti
 Wilma Coury Athié
 Wilson de Paula Guimarães

2.º ano

Cecilia Sincorá Orlandi
 Celia Campos Silva
 Elza Corrêa da Silva
 Enny Martins
 Estevam Souza Barros
 Helena Santos Moraes
 Honorato Barros de Souza
 Jorge Rodini Luiz
 Leda de Moura
 Lux Saini
 Margarida Maria Souza Campos
 Maria Antonietta Nicolai

Maria da Gloria Vasco de Toledo
 Maria Enedina Corrêa da Silva
 Maria Helena Prestes Barra
 Maria Lucia Castanho
 Mina Bilinco
 Neyde Rolim de Oliveira Corrêa
 Noemia de Godoy Bueno
 Paulina Nemirovsky
 Ramzia Gattaz
 Ruth Coelho de Souza
 Sarah Rottenberg

3.º ano

Abigail Alvarenga
 Fernanda Maria Sacramento Perpetuo
 Helly Grillo
 José Vidigal
 Maria Thereza Moreira

Myriam Bruck Lacerda
 Thereza Almeida Glasser de Moraes
 Therezinha Ferreira de Camargo
 Yolanda Cerquinho da Silva Prado
 Zulmira Vallim

4.º ano

Alba Carneiro Vidigal
 Amelia Vellini
 Angelica Franco
 Carmela Pascarelli
 Carmen Ferreira Kuchembuck
 Cecilia Maria Domenica Sanioto
 Dina Salvatori
 Dirce Ribeiro de Arruda
 Elmira Sanches
 Elza de Toledo Fonseca

Enid Castello Martins
 Francisca de Medeiros
 Francisco de Paula Ferreira
 Helena de Arruda Ramos
 Hilda de Arruda Toledo
 Irene Cerqueira Cesar
 Jandyra Vianna
 Lair Fontes Pereira
 Lucia Wollet de Mello
 Margarida Lisboa Vieira da Cunha

Maria de Jesus Carreira
 Maria Ferri Soares Veiga
 Maria José Moraes Barros
 Maria Thereza de Barros Santiago
 Maria Thereza Walker de Azevedo
 Maria Udler
 Moysés Brejon
 Neusa Andrade Ferreira

Nilce Mejias
 Oswaldo de Barros Santos
 Ruth Dib Matar
 Ruth Moraes Vasconcellos
 Therezinha de Carvalho Silos
 Vera Tallia
 Wladimir Rehder

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO

Administração Escolar

Amelia Vellini
 Elmira Sanches
 Helena de Arruda Ramos
 Jandyra Vianna
 Maria de Jesus Carreira

Maria José de Moraes Barros
 Maria Udler
 Moysés Brejon
 Wladimir Rehder

Biologia

Juan Nacur Pereira

Botânica

Martha Pereira de Castro

Wanda Eugenia Neves

Estatística Analítica

Antonio Morales
 Elza dos Santos Lima
 Flavio Augusto Manzoli

Iva Borsari
 Michel Haber
 Wilhelm Hoh

Física

Elly Silva
 José Goldenberg

Roberto Ignazio Maria Guglielmo
 Forneris

Geografia

Apparecida Salles
 Berta Galender
 Elisa Alves
 Ilka Bruck Lacerda

Luiza Marcelino Branco
 Pasquale Petrone
 Wanda da Motta Silveira
 Waldemar Panadés

Geologia

Anna Maria Vieira de Carvalho
 Josué Camargo Mendes
 William Gerson Rolim de Camargo

Maria Aparecida Petrechen
 Sergio Stanislaú do Amaral

História

Ady Ciocci
Aurora Fernandes Abreu Zaorob
Daisy Nogueira Santos
Elisabeth Maria Montiani
Emanoel Soares Veiga Garcia
Helena Kohn
Hoolt Gibson Freitas Rocha
José Gori
Jovira Rangel
Julieta Rufino

Maria Celestina Teixeira Mendes
Torres
Maria do Carmo Vidal
Maria Helena Pereira Leite
Maria Henriqueta Fonseca França
Maria Simões
Miguel Costa Junior
Oswaldo Marianno
Samoel Alves de Mello
Vera Alice Esteves

Letras

Adolphina Pereira de Campos
Alcidema Franco
André Fernandes Romera
Carla Inama
Cyra Lygia Mazza
Dante Tringalli
Edda Ilza Janotti
Edna Chagas Cruz
Eduardo Regos Sá de Miranda
Eidaldéa Neomisia Magnani Focchi
Eliana Rosso
Erwin Theodor Rosenthal
Flavio Traballi Camargo
Freda Perla Rosenberg
Giselda Penteado Di Guglielmo
Golda Armel
Haydée Miguel Frayze
Helena Albertini
Heloisa Jardim Moreira
Hildegarda Fontoura Costa
Ida de Souza Fonseca
Iolanda Guimarães Barros
Iris Borges Fialho
Isabel Dantas
Ivette Santinho
Izabel de Moraes Oliveira Campos

Jairo Bueno
José Novazzi
Lais Helena Fernandes Lencastre
Laura Amelia Alves Vivona
Laura Prestes
Leonore Hanna Schönmann
Lizette Beatriz Graziani
Luis Geraldo Toledo Machado
Lygia Alvares Corrêa
Maria Aparecida Semeghini
Maria do Carmo Gregori
Maria Helena de Oliveira
Maria José Dantas do Amaral
Maria Luiza Tross Braga
Maria Nazareth Gouveia Gallão
Maria Therezinha Croce
Mariana Cabral Barroso
Mario Franceschini
Matilde Pettine
Norman Anawate
Ramon Marba Ruiz Filho
Ruth Guimarães Botelho
Suzana Claudia Braga de Souza Kobal
Szejndla Armel
Thereza Lamberti
Therezinha Gomes Amorim

Psicologia

Dante Moreira Leite
Isabel de Ulhoa Cintra

Geraldo Pinheiro Machado
Roque Spencer Maciel de Barros

Psicologia Educacional

Alba Carneiro Vidigal
Carmela Pascarelli
Ermelinda Gerasi
Hebe Canuto da Boa-Viagem

Josephina Darug
Lair Fontes Piedra
Margarida Athayde Machado
Maria Eunice Tross Braga

Maria José Fletcher
 Maria Thereza Welker de Azevedo
 Maud Regos Sá de Miranda
 Nair Abdo

Nilce Mejias
 Odila Barbanti
 Ruth Moraes Vasconcellos
 Vera Maria Fontana Beltrão

Pedagogia

Therezinha de Carvalho Silos

Química

Eurico de Carvalho Filho

Wolfgang Ferdinand Walter

Sociologia

Adelaide Lisboa
 Azis Simão
 Carmen Sylvia Sohn
 Celisa Ulhôa Tenorio
 Douglas Teixeira Monteiro
 Edna Beltramini
 José de Arruda Penteado

Maria Alayde Trani
 Maria Isaura Pereira de Queiroz
 Muciano Quintães de Castro
 Oliveiros da Silva Ferreira
 Szmul Jakub Goldberg
 Wilson Cantoni

MATRÍCULAS ESPECIAIS

Antigos Alunos do Instituto de Educação

Francisca Eugenia Brand Corrêa
 Judith Cossermelli

Maria Aparecida Barbosa
 Olga D. Cataldi

Portadores do "Certificado de Cambridge"

ertrud Oelsner
 Haydée de Azevedo Malzoni
 Josephina Fazio Favero
 Lucía de Moraes Salles
 Maria da Conceição Pacheco

Noemia de Carvalho Aguiar
 Paulo Augusto Garcia de Carvalho
 Renata Rachel Blaustein
 Zelia de Lemos Pereira Lima

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
I - SECÇÕES E CURSOS	11
II - CORPO DOCENTE	17
III - ABERTURA DOS CURSOS	
Saudação ao Prof. Dr. Viktor Leinz	35
Aula inaugural do Prof. Dr. Viktor Leinz	41
IV - ENCERRAMENTO DOS CURSOS	
Relação dos diplomados	53
Discurso do paraninfo, Prof. Dr. Fernando de Azevedo	56
Discurso do orador, Lic. Dante Moreira Leite	70
V - MOVIMENTO ESCOLAR	
Concurso de habilitação	79
Alunos matriculados	80
Comissionamentos	82
VI - CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO E CON- GREGAÇÃO	85
Cursos noturnos	86
Cursos de férias	89
O problema da prática de ensino	92
Comissão de Biblioteca	92
VII - CONCURSOS	
Antecedentes	97
Recurso da Congregação sôbre o concurso de Filosofia	99
Parecer do Conselho Nacional de Educação sôbre o concurso de Filosofia	105
Resolução do Conselho Universitário sôbre os concu- sos de Filosofia e Geografia Física	109

Parecer do Conselho Nacional de Educação sôbre a lei n.º 851	116
Concurso de Geografia Física	121
Concurso para livre-docência de História da Civilização Antiga e Medieval	130
Concurso para livre-docência de Geologia e Paleontologia	133
VIII - DOUTORAMENTOS	137
IX - ELEIÇÃO E POSSE DO DIRETOR E VICE-DIRETOR	161
Discurso do Prof. Dr. André Dreyfus	163
Discurso do Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula ...	166
Discurso do Snr. Tristão da Fonseca Filho, representante dos alunos	169
X - SESSÕES COMEMORATIVAS E HOMENAGENS	
Homenagem a Armando de Salles Oliveira e Theodoro Augusto Ramos	173
Discurso do Prof. Dr. Milton da Silva Rodrigues ...	173
Discurso do Prof. Dr. João Cruz Costa	175
Discurso do Prof. Dr. Paulo Sawaya, na inauguração do retrato de Theodoro Augusto Ramos	177
Centenário do Senador Alfredo Ellis:	
Conferência do Prof. Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello	179
XI - ATIVIDADES DAS CADEIRAS E DEPARTAMENTOS	
Administração Escolar e Educação Comparada	189
Análise Matemática	289
Análise Superior	290
Antropologia	312
Biologia Geral	261
Botânica	266
Didática Geral e Especial	194
Economia Política e História das Doutrinas Econômicas	197
Estatística (1. ^a cadeira)	270
Estatística (2. ^a cadeira)	272
Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani	200
Filologia e Língua Portuguesa	204

Filologia Românica	206
Filosofia	207
Física Geral e Experimental	273
Física Teórica e Matemática	275
Físico-química e Química Superior	306
Fisiologia Geral e Animal	279
Geografia (Física, Humana e do Brasil)	283
Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva	291
História da Civilização Americana	209
História da Civilização Antiga e Medieval	212
História da Civilização Moderna e Contemporânea ..	214
História da Civilização Brasileira	218
História da Filosofia	221
Língua e Literatura Alemã	222
Língua e Literatura Espanhola	229
Língua e Literatura Francesa	234
Língua e Literatura Grega	236
Língua e Literatura Inglêsa	239
Língua e Literatura Italiana	242
Língua e Literatura Latina	244
Literatura Brasileira	247
Literatura Portuguêsa	249
Mecânica Racional e Mecânica Celeste	276
Mineralogia e Petrografia	293
Política	312
Psicologia	251
Psicologia Educacional	256
Química Geral e Inorgânica e Química Analítica	296
Química Orgânica e Biológica	302
Sociologia (1. ^a cadeira)	310
Sociologia (2. ^a cadeira)	307
Zoologia	317

XII - INTERCÂMBIO CULTURAL

Professôres em missão cultural	321
Professôres visitantes	323
Professôres e outras personalidades que colaboraram com a Faculdade, no decorrer do ano	325
Conferências e Seminários	328
Bolsistas	331
Estagiários	333

XIII - CONGRESSOS CIENTÍFICOS

VII Congresso Internacional de Botânica	337
IV Congresso Brasileiro de Geologia	341

II Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o
Progresso da Ciência 341

XIV - PUBLICAÇÕES

Boletins 347
Boletim de Informações 348
Secção de Publicações 348

XV - ASSOCIAÇÕES DE ALUNOS E ANTIGOS ALUNOS

Relatório da Associação dos Ex-alunos de Química da
Faculdade 353
I Congresso de Ex-alunos da Faculdade — Súmula dos
trabalhos e conclusões 354

APÊNDICE

Dotação orçamentária 363
Auxílio da Fundação Rockefeller à Faculdade 364
Alunos matriculados em 1950 364

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Farmácia e Odontologia
BIBLIOTECA

Esta edição de dois mil exemplares, do Anuário de 1950 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi feita pela Secção de Publicações da mesma Faculdade, composta e impressa pela Indústria Gráfica José Magalhães Ltda., Rua Spartaco, 215, São Paulo, e teve sua impressão terminada a 24 de janeiro de 1952

